

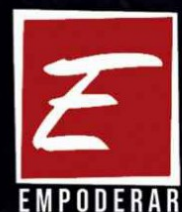
CAROLINE FACTUM

COLECCIONADOR DE ALMAS

Todo homem pode ser um psicopata



Um alerta baseado
em fatos reais



CAROLINE FACTUM

COLECCIONADOR DE ALMAS

Todo homem pode ser um psicopata



Um alerta baseado
em fatos reais



Copyright©2019 by Caroline Factum

Editora Empoderar Editora
Revisão Celine Paz
Diagramação Estefania Cristina
Capa Estefania Cristina

C292c –

Factum, Caroline
Colecionador de Almas / Caroline Factum
2. Ed – Belo Horizonte, MG
ISBN: Colecionador de almas
Todos os direitos desta edição reservados ao autor da obra e a editora.

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira CDD 869.93
2. CDU 821.134.382-3

É proibida a reprodução total e parcial dessa obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa da Editora na pessoa do seu editor (Lei 9610 de 19/02/1998).

Está é uma obra de ficção. Nomes, lugares e acontecimentos são produtos do(a) imaginação do autor(a). Quaisquer semelhanças com nomes e datas é coincidência.



EMPODERAR
— EDITORA —

CAROLINE FACTUM

COLECCIONADOR DE ALMAS

Todo homem pode ser um psicopata

Um alerta baseado
em fatos reais

Carta de apresentação

A razão pela qual este livro deve ser publicado é que em primeiro lugar, não se trata de um livro de entretenimento, e sim de uma obra de interesse nacional e até mesmo mundial, contando com informações legais de um perito criminal federal, dois pós doutorados em direito e uma pós doutorado em psicologia. Abordamos a mente de um psicopata, assim como situações onde, infelizmente por descuido, acabamos contribuindo para possíveis vítimas.

Todos os depoimentos aqui apresentados são de pessoas que sobreviveram aos traumas do abuso e da violência, embora muitos livros abordam atualmente a psicopatia e o tema seja de certa forma comum, poucos livros irão mostrar o que realmente devemos fazer, apontar situações que à primeira vista parecem óbvias e no entanto, nos passam despercebidas.

O livro está dividido em blocos, sendo que o primeiro bloco não faz referência ou se espelha em nenhum caso verídico específico, o mesmo consiste numa junção de vários crimes, tendo acontecido no Brasil ou fora dele.

Bloco 1 – Colecionador de Almas

Bloco 2 – O livro

Bloco 3 – A psicopatia segundo a psicologia

Bloco 4 – Através dos olhos da lei

Bloco 5 – Alguns assassinos na escala 22

Bloco 6 – Assassinos brasileiros

Bloco 7 – Depoimentos reais dos sobreviventes

Bloco 8 – O que você precisa entender

Nota da autora

O objetivo deste livro é mostrar a lógica ilógica mente de um psicopata e

alertar as pessoas de que não existe um logotipo para identificá-los.

Nem todos os homens são psicopatas, mas todo homem pode ser. E eles estão no meio de nós!

O psiquiatra forense Michael Stone, da Universidade de Columbia, criou um “índice da maldade” para ajudar a ciência a entender e prevenir esse tipo de comportamento, classificando cada assassino em uma escala de 1 a 22.

- 1- Matam em legítima defesa e não apresentam sinais de psicopatia. (Pessoas normais)
- 2- Amantes ciumentos que cometeram assassinato, mas que apesar de egocêntricos ou imaturos, não são psicopatas. (Crime passionai)
- 3- Cúmplices voluntários de assassinos: personalidade esquizóide, impulsiva e com traços antissociais.
- 4- Matam em legítima defesa, porém provocaram a vítima ao extremo para que isso ocorresse.
- 5- Pessoas desesperadas e traumatizadas que cometeram assassinato, mas que demonstram remorso genuíno em certos casos e não apresentam traços significantes de psicopatia.
- 6- Assassinos que matam em momentos de raiva, por impulso e sem nenhuma ou pouca premeditação.
- 7- Assassinos extremamente narcisistas, mas não especificamente psicopatas, que matam pessoas próximas a ele.
- 8- Assassinos não-psicopatas, com uma profunda raiva guardada, e que matam em acessos de fúria.
- 9- Amantes ciumentos com traços claros de psicopatia.
- 10- Assassinos não-psicopatas que matam pessoas "em seu caminho", como testemunhas, são egocêntricos, mas não claramente psicopatas.
- 11- Assassinos psicopatas que matam pessoas "em seu caminho".
- 12- Psicopatas com sede de poder que matam quando estão

encurralados.

- 13- Psicopatas de personalidade bizarra e violenta, e que matam em acessos de fúria.
- 14- Psicopatas cruéis e autocentrados que montam esquemas e matam para se beneficiarem.
- 15- Psicopatas que cometem matanças desenfreadas ou múltiplos assassinatos em uma mesma ocasião.
- 16- Psicopatas que cometem múltiplos atos de violência, com atos repetidos de extrema violência.
- 17- Psicopatas sexualmente perversos e assassinos em série: o estupro é a principal motivação, e a vítima é morta para esconder evidências.
- 18- Psicopatas assassinos-torturadores, onde o assassinato é a principal motivação, e a vítima é morta após sofrer tortura não prolongada.
- 19- Psicopatas que fazem terrorismo, subjugação, intimidação e estupro, mas sem assassinato.
- 20- Psicopatas assassinos-torturadores, onde a tortura é a principal motivação, mas em personalidades psicóticas.
- 21- Psicopatas que torturam até o limite, mas não cometem assassinatos.
- 22- Psicopatas assassinos-torturadores, onde a tortura é a principal motivação (na maior parte dos casos, o crime tem uma motivação sexual, mesmo que inconsciente).

Esse livro tratará de um assassino em série que seria classificado na escala 22.

BLOCO I

“Ainda não se pode afirmar, que os ossos encontrados, são de homem ou de mulher e nem a idade aproximada da pessoa a quem eles pertenciam. Nos próximos dias, os ossos serão enviados ao Instituto de Criminalística (IC), em São Paulo, para que exames definam o sexo e a idade aproximada da vítima. A polícia espera que a família da vítima reconheça os seus pertences, pois não há registros de desaparecidos com as características e objetos encontrados.”

Jornal Diário

PREFÁCIO

São Paulo, 1988

Seu sétimo aniversário foi marcado por uma lembrança que carregaria por toda sua vida.

Seu pai havia acabado de bater com uma barra de ferro na cabeça de sua mãe e ela permanecia desmaiada no chão. Não chegou a pensar que ela poderia estar morta, isso era uma rotina quase diária e na maioria das vezes, a mãe fingia desmaiar para que o pai parasse com as agressões.

Na entrada da cozinha, o garoto assistia em silêncio o pai, que agora abaixava as calças e urinava no corpo imóvel de sua mãe, em seguida deu uma sonora gargalhada e apanhou a garrafa que estava em cima da mesa, virando-a de uma só vez na boca.

Ele apertou com força a mão de sua irmã, que se juntara à ele na soleira da porta, espiando com olhos pequenos, procurando algum sinal de movimento no corpo materno.

Seu pai os notou, passou as costas da mão pela boca, depois pigarreando, cuspiu duas vezes no chão, chutou os chinelos para longe e arrancou de vez a calça e a regata, ficando completamente nu, à medida que caminhava em direção a eles, o garoto sentiu seu corpo se petrificar e não saberia dizer por que prendeu a respiração.

Ele ergueu sua irmã pelos cabelos, a ponto de seus pés, vez ou outra, não tocarem o chão, continuou a arrastando pela cozinha enquanto ele permanecia imóvel no mesmo lugar, ouvia os gritos dela e as lágrimas caindo, enquanto era jogada em cima da mesa, onde o shorts e sua camiseta foram facilmente rasgados. O menino segurava com força o batente da porta, como se a qualquer momento ele fosse cair, seus olhos não conseguiam piscar, enquanto hipnotizado, ele observava sua irmãzinha tentando chutar o pai com a força que tinha, mas ele obviamente era mais forte e um único murro foi suficiente para que ela não oferecesse mais resistência.

— Vem aqui, viado! — Seu pai o chamava, mas ele não conseguia se mexer. — Vem aqui, seu viado imundo! Venha aqui aprender como se come uma mulher!

Ele não precisava ir perto para ver seu pai segurando o membro rígido na mão, que logo foi introduzido na garota ainda desmaiada.

— Venha, é sua vez agora, vem mostrar que sabe o que é ser um homem!
O garoto tremia encostado na parede, indeciso se deveria fugir.

Seu pai caminhou até ele rindo de uma maneira grotesca, mostrando seus dentes amarelados pelo cigarro, puxou de uma vez sua calça de moletom, deixando-o nu.

— Está surdo, moleque imundo? Mostra que serve para alguma coisa!

Seu pai deu-lhe um tapa na parte detrás da cabeça, fazendo seu corpo se impulsionar para frente, por pouco não caiu, já que as calças abaixadas diminuíram o movimento das pernas.

— Levanta essa merda! Você é homem ou não é?

Ele tremia, não conseguia entender o que tinha acontecido com seu pai, as surras eram constantes, insultos também, mas chegar ao ponto que chegara, isso foi muito além do que ele poderia imaginar, e agora, além de ser um completo doente, violentando a própria filha de dez anos, esperava que ele fizesse a mesma coisa.

Sentiu seu cabelo sendo agarrado um pouco acima da nuca e sua cabeça tombando para trás, teve sua boca invadida pela garrafa que há pouco seu pai bebera e sentiu o gosto amargo que queimava enquanto escorria por sua garganta, ao mesmo tempo em que parte do líquido entrava pelo nariz.

— Isso é bom! — Seu pai se afastou um passo, voltou a beber e depois continuou. — Mas isso é melhor! — disse apontando para as partes íntimas da filha.

E ele foi empurrado para o meio das pernas de sua irmã, pernas que estavam ensanguentadas, penduradas na borda da mesa. Em meio àquela visão fúnebre, o menino olhou para sua barriga, na qual notou uma respiração leve, ela não estava morta ainda, mas o que aconteceria depois?

— O que está esperando, seu desgraçado?

As lágrimas em seus olhos deixavam sua visão embaçada, não iria fazer a vontade monstruosa dele, então saiu correndo da cozinha, caindo antes mesmo de atingir a porta, tropeçando nas calças que seu pai havia abaixado, ainda enroladas acima dos pés.

Seu pai, furioso, o levantou pelos cabelos, assim como havia feito com a irmã, mas talvez por ele ser menor e mais leve, levantou-o completamente, de

forma que olhando para baixo, o garoto via seus pés dançando sem tocarem o chão. Começou a chutar o ar, lutando o quanto podia, pois sabia que de seu pai podia esperar tudo, depois de ver o que ele havia acabado de fazer à sua irmã.

Foi colocado no chão assim que chegaram de novo até a mesa, onde teve seu pescoço agarrado, mais precisamente em sua garganta. Chegou a pensar que morreria ali mesmo, pois a força era tanta que já estava perdendo o ar, mas logo foi solto e sem conseguir se mexer, tentava puxar o ar, em vão, tentando fazer sua respiração voltar ao normal. Seu pai se afastou para retornar em seguida com um martelo em suas mãos, o mesmo martelo de carne que sua mãe estava usando minutos antes de começarem aquela briga. Seu braço foi puxado de maneira violenta e teve sua mão colocada sobre a mesa, deixando a palma completamente aberta, assim, não foi difícil prever o que viria a seguir, aquele era seu castigo por não ter uma ereção, por não ter sido capaz de fazer sexo com sua própria irmã. O único ruído presente era dos seus ossos sendo quebrados, seu pai fazia pressão em seu punho para que não retirasse a mão enquanto descia com força várias vezes o martelo, pelos dedos e as costas da pequena mão.

Logo o sangue começou a escorrer, mas o agressor não parecia disposto a parar e não demorou muito para ver uma parte branca se destacando em meio ao sangue, seu pai conseguiu afundar a carne ao ponto de se ver os ossos.

CAPÍTULO 1

Delegacia de Guarulhos dia 18 de maio de 2010 5:45 da manhã

Paulo, moreno claro, 1.70 de altura e 110 quilos, era policial civil há dez anos. Naquela manhã, iniciava mais um dia de trabalho, seu turno começaria às seis, mas sempre chegava um pouco antes, pois gostava de tomar o café e fumar seu cigarro antes mesmo de entrar, não é que não tivesse café disponível dentro da delegacia ou não tivesse um lugar reservado aos fumantes, mas essa era uma mania que Paulo tinha desde quando começara a trabalhar ali, chegava mais cedo, passava no bar em frente, comprava seu copo de café e ficava encostado na mureta das escadarias que o levariam à mais um dia.

Há anos, Paulo era inspetor e esteve à frente de perseguições, mas agora estava acima do peso, devido a um desequilíbrio na tireoide, com isso acabou sendo designado a fazer o registro de ocorrências e atender ao telefone, o que não era de todo ruim, embora sentisse falta da ação, não podia se queixar de seu ambiente de trabalho, pois as pessoas ali o tratavam com respeito e gostavam dele. Isso seria algo totalmente natural entre parceiros, defensores da lei, se não fosse pela homossexualidade assumida, nem sempre as pessoas o tratavam da mesma forma quando sabiam de sua condição sexual, mas ali, naquela delegacia, todos, desde os encarregados da limpeza até o delegado, o tratavam com o devido respeito e podia até dizer que era querido.

Paulo deu seu último trago e desceu três degraus para colocar sua bituca no cinzeiro, que estava localizado ao lado da escadaria, em um passeio gramado. Seus olhos foram atraídos para uma caixa de presente branca, com um grande laço azul fixado na tampa, olhou em volta e não viu ninguém, voltou a olhar através das portas da delegacia, onde podia ver dois de seus colegas conversando normalmente. Seu raciocínio foi rápido, não poderia ser uma bomba, primeiro não tinham recebido nenhuma ameaça, depois, não era comum bombas no Brasil e muito menos em Guarulhos, e terceiro, o fundo da caixa estava molhado, o que significava que havia sido colocada ali há um certo tempo, pois estava gariando quando ele saiu de casa, o que aconteceu às 4:30, se tivesse que explodir, já teria explodido. Com esse pensamento,

não pôde deixar de sorrir, às vezes sua imaginação o levava a pensamentos totalmente utópicos, tão contrários da posição realista necessária aos encarregados de cumprir a lei. Embora sua vontade fosse abrir a caixa, o que poderia fazer facilmente, uma vez que era uma daquelas caixas em que a tampa apenas se encaixa na base, algo em seu peito dizia que não deveria, ele havia sido treinado para agir com a razão e lógica, mas nunca deixava de ouvir também seu sexto sentido.

Voltou a subir mais três degraus e assobiou para chamar a atenção de seus colegas, o investigador Roberto Arantes, 49 anos, um corpo muito atlético apesar da idade e poderia se dizer muito bem-apegoado, se não fosse a calvície que o acometera bem antes dos 30, e seu outro colega, também da equipe de homicídio de Arantes,

Guilherme Andrade de 35 anos, era chamado de Mascote, pois não havia nem ao menos três meses que tinha sido transferido do Paraná para São Paulo, ele deveria estar ao final de seu turno, tanto que

Paulo podia vê-lo já sem as roupas do laboratório e com um casaco pendurado em seu braço esquerdo, além de sua mochila nas mãos.

— Bom dia, Paulo!

— Bom dia, Mascote! – Paulo respondeu apertando a mão do colega, para em seguida apertar a mão do outro investigador.

— Tudo certo nesse paraíso? – Paulo perguntou tentando não demonstrar o nervosismo que sentia.

— Tudo em paz, noite tranquila! – respondeu Guilherme.

— Me faltam ainda dois relatórios e já quero ir, ontem não dormi quase nada, minha filha viajou com meu genro e deixou a bebê lá em casa, como chora! Eu já não me lembrava mais de como era cuidar de crianças.

Os três riram e quando Mascote fez menção de se despedir, Paulo os chamou:

— Venham até aqui, vejam isso – disse apontando para a caixa.

Os três se entreolharam.

— Não acho que seja uma bomba, o fundo está molhado – Paulo disse acendendo mais um cigarro.

— Pode não ser uma bomba, mas pode ser algo tóxico – disse o Mascote dando um passo para trás e inclinando o corpo para frente como se procurasse ter uma visão melhor.

Guilherme Arantes, ao contrário de Paulo, que muitas vezes sonhava

acordado, era muito rígido, às vezes até demais, tinha um raciocínio rápido, não era dado a exageros, mas o tinham como um homem muito precavido.

— Ou pode ser só um presente – disse Roberto, bem-humorado, afrouxando a gravata.

— Não temos terroristas em Guarulhos, ao menos não fora dos aeroportos! – falou descontraído. — Vamos pegar logo essa caixa!

— De jeito nenhum! – disse Mascote segurando-o pelo paletó. — Temos que ter certeza!

Embora investigador experiente e condecorado, Roberto não era conhecido pela segurança, ele se arriscava demais e Mascote embora estivesse tão pouco tempo na delegacia, já havia perdido as contas de quantas vezes o havia repreendido por ser tão inconsequente.

— E pretende fazer o quê? Como se o Farias fosse dar permissão para acionar a equipe antibomba por causa de uma caixa de presentes e não endereçada, sem termos recebido qualquer ameaça e sem nenhum caso recente – disse Roberto bem impaciente.

Guilherme pegou o celular e discou um número, esperou alguns toques e assim que foi atendido disse:

— Alguma chance de te tirar dos braços de tua namorada, para vir ver o presente que foi deixado aqui na delegacia?

Ele tentou ser bem-humorado, mas seu semblante não demonstrava tanta tranquilidade assim.

— Mas quanta bobeira! Até esse aí chegar, já vão estar derretidos! – Roberto voltou a falar.

Guilherme e Paulo olharam para ele sem entender.

— Deve ser bombons, que algum admirador te deixou Paulo, você é o único a ficar plantado nesses degraus todo santo dia! E além do mais, foi deixado pouco antes de você chegar – explicou ele dando um bocejo.

— Como sabe?

— Porque eu acompanhei uma senhora que veio prestar queixa contra o marido, isso às 4:40, até o táxi e coloquei uma caixa de chicletes nesse cinzeiro, se essa caixa estivesse aí, eu já teria aberto e teria comido tudo antes de você chegar.

O que Roberto falava não parecia ser tão utópico assim, tinha que admitir que podia ser verdade, embora ninguém soubesse, uma vez havia brigado com um namorado e ele havia deixado uma camiseta embebida com seu perfume favorito na mureta daquela escada, era possível, mas algo lhe dizia

que não eram chocolates que havia naquela caixa.

— Vai para casa, Mascote, e deixa esse tonto aí esperando seu homem antibomba, que eu vou para minha sala!

Roberto subiu as escadas bocejando e Paulo deu de ombros, ele concordava com Guilherme, não deveria se arriscar assim, então ficou imaginando como Roberto podia ser tão bom no que fazia, se às vezes conseguia ser tão relapso.

Paulo atravessou a rua, pegou mais dois copos de café e ficaram por ali conversando, esperando Diego chegar, eles já haviam sido apresentados uma vez em uma operação que Paulo fez no Aeroporto Internacional de Guarulhos, na época que ainda trabalhava em "campo", um caso de uma briga de casal que parecia comum e acabou se tornando algo bem maior, foi descoberto que a tal briga era uma maneira de distrair os seguranças daquele setor enquanto uma quadrilha tentava embarcar com embalagens de cocaína nas solas dos sapatos. Isso não seria motivo para Diego estar presente se não fosse o pacote deixado na entrada do check-in, uma bomba caseira com o intuito de causar ainda mais distração, enquanto um dos cúmplices, funcionário da própria alfândega deixava as "solas brancas" passarem e mais algumas malas com fundos falsos, contendo frascos de LSD líquido, que curiosamente seriam vendidos a cinquenta reais a gota. A operação foi concluída com a prisão de dez pessoas sendo quatro funcionários do aeroporto. Foi nessa ocasião que Paulo conheceu Diego, que fazia parte do esquadrão antibomba e era primo do Mascote, também vindo do Paraná, Diego já morava há mais tempo em São Paulo e embora atuassem em áreas distintas, vez ou outras acabaram se esbarrando, como hoje por exemplo. Diego, funcionário de uma empresa privada, muitas vezes atendia os locais de ocorrência, mas hoje seria apenas um favor, ele parecia ser tão precavido quanto seu primo, onde preferia ter certeza antes de arriscar. Paulo tinha acabado de concluir sua lembrança quando Diego parou alguns metros à frente da delegacia e desceu parecendo um servidor da NASA em uma missão astronáutica. Não pode deixar de rir, nem mesmo no aeroporto ele parecia tão equipado quanto naquele dia, provavelmente porque a hora que o conheceu ele já havia terminado a inspeção e estava com bem menos roupa.

— Acho bom que tenha pelo menos três bombas aí! Eu estava numa boa! — Diego falou sorrindo.

Aparentemente, ninguém levava a sério aquela situação, então qual era o motivo de Paulo estar ainda com aquela sensação horrível?

— Talvez não seja tão sério assim, Diego. – Paulo disse, mas foi interrompido.

— Bobagem! Precisamos prestar atenção, especialmente no Brasil, por acharem que não é um país alvo de terroristas, acaba se tornando exatamente o alvo. Agora, se for uma bomba caseira, pode conter vidro ou um pedaço de cano vedado, por isso, antes que o invólucro seja destruído e projetado, quero que fiquem distantes.

— Preciso estar seguro de que irão evitar as ondas de propulsão, as ondas de choque e a fragmentação.

Diego falava mais para si do que para eles, parecia um daqueles cientistas malucos, que andava e falava ao mesmo tempo.

— E isso, em português, quer dizer o quê? – Paulo perguntou.

— Para ficarmos longe – respondeu Mascote.

Atravessaram a rua e ficaram em frente ao bar, que ainda se encontrava deserto.

— Espero que não exploda seu primo – Paulo tentou brincar.

— Mesmo que seja uma bomba, ele não será atingido, as roupas são feitas com algum produto à base de aramida, apresenta-se satisfatório em termos de blindagem geral, com fibras entrelaçadas, tem placas balísticas que ajudam a dissipar a força e repelir os estilhaços e a fragmentação secundária.

O tempo pareceu demorar horas, mas não havia se passado tanto tempo assim quando Diego acenou para eles, com a caixa nas mãos, se aproximou da escada e colocou o objeto em cima da mureta, dizendo:

— Seja o que for, não vai machucar ninguém!

Ele se despediu somente depois de receber o sincero agradecimento do Mascote e de xingá-lo muito, por tê-lo tirado da cama.

— Vamos logo abrir isso, quero ir para casa de uma vez e se o Roberto estiver certo e isso for chocolate, eu tenho o direito de ficar com metade, já que me segurou aqui por tanto tempo.

Paulo segurou o laço azul que estava bem preso na tampa e o puxou, os dois se curvaram para ver o conteúdo da caixa e não demorou muito para perceberem que Roberto não estava certo, mas que Diego também não, quando dissera que, seja lá o que fosse não machucaria ninguém. Fisicamente não...

Paulo subiu correndo as escadas para chamar o investigador, Guilherme voltou a fechar a caixa e a levou para dentro. Procurou uma sala vazia e avisou um atendente que chamasse o delegado e o encontrasse ali.

— Mas que droga está acontecendo aqui?

O delegado Farias chegou acompanhado de Paulo e do investigador Roberto, Guilherme novamente retirou a tampa e os quatro se debruçaram novamente para olhar.

— Que porra é essa? – perguntou o delegado, mostrando nítido desespero ao passar a mão pelo cabelo.

Roberto colocou as luvas e apanhou um dos itens, todos iguais, três lotes de pequenos ossos amarrados com uma fita azul e em cada lote haviam cinco ossos.

Ele desfez o laço e examinou cada osso por um tempo, enquanto seus colegas, com exceção de Paulo, também colocavam as luvas e examinavam todos os demais, alguns estavam gelados, demonstrando que ao menos alguns deles estiveram em um freezer, outros já estavam em temperatura normal e ainda era possível ver pedaços de carne e cartilagens remanescentes.

— Parecem humanos – disse Guilherme.

— É mais do que isso, são metacarpianos, eu posso reconhecê-los. – Paulo falava rapidamente como se cuspsse as palavras. — Se cada lote for de uma única vítima, temos ao menos três assassinatos.

São dos meninos desaparecidos que temos recebido queixas, o laço azul prova isso!

Paulo estava totalmente fora de controle, era muito emotivo quando o assunto eram crianças, e isso chegava até causar problemas em sua profissão, embora fosse um ótimo policial.

— Vamos colher o sangue das famílias das crianças desaparecidas e fazer um exame de DNA com esses ossos, assim....

— Silêncio!

O delegado Farias estava muito sério e sua voz soou bem mais alta que o normal, fazendo com que Paulo se calasse imediatamente.

— Quanto tempo está atuando como inspetor, senhor Pontes?

Paulo engoliu em seco, o delegado chamava todos pelo sobrenome, mas nunca ele, ele sempre era o Paulo, e se estava sendo chamado assim, ele havia falado demais.

— Não ouviu minha pergunta, senhor Pontes?

— Dez anos, senhor! – Paulo respondeu de forma rápida, como se fosse um soldado do exército batendo continência ao seu superior.

— E presumo que, em dez anos nesse departamento, saiba que uma fita azul seja apenas uma prova circunstancial, certo? Assim como espero que

saiba, que não podemos pedir às famílias uma amostra de DNA, sem termos encontrado material suspeito.

Paulo pensou em dizer que sim, pois acabaram de encontrar material suspeito, mas bastou um olhar de Roberto para não dizer absolutamente nada, permaneceu na postura ereta, olhando para o delegado.

— E para pedirmos a amostra dos supostos pais, teremos que notificá-los da descoberta dos ossos. E não queremos isso, queremos? Precisamos dar mais motivo de angústia para essas famílias, sem termos algo concreto?

Nenhum dos presentes emitiu nenhum som, o delegado deu um suspiro cansado e disse:

— Andrade, Arantes, verifiquem como anda o caso dos garotos desaparecidos e deixem esses ossos em custódia, até que um vento bom sopra pela minha sala. Estão dispensados.

CAPÍTULO 2

No dia seguinte, pela manhã, Paulo praticamente correu a entrada da delegacia como se fosse encontrar outra caixa, mas obviamente não tinha nada naquele lugar. Comprou seu café habitual e fumou seu cigarro calmamente; desde o acontecimento anterior o delegado não falava com ele, além do necessário, entendia a posição do delegado, mas também não achava que teriam que ficar esperando, contando com a sorte, tinha certeza absoluta de que se tratava de um assassino em série, e só de imaginar quantas crianças mais estariam com ele nesse momento, fazia com que um arrepio gelado subisse pela espinha.

"Que o delegado não me escute, mas se eu o pegar, ele não irá para a cadeia." Paulo se remoía, enquanto a maioria pensava a mesma coisa, ele era o único capaz de admitir, pelo menos a si mesmo que esse tipo de psicopata merecia pena de morte e não ficar sendo sustentado pela população, tendo mais privilégios que os pais de família que trabalham o mês todo sem que nunca o salário fosse suficiente.

Não viu nem o Roberto, nem o Mascote, também eles saíram no dia anterior depois do almoço, não teriam a menor condição de voltar ao plantão noturno, provavelmente nem mesmo hoje os veria. Tinha que encontrar uma maneira de entrar nesse caso, ele sabia que poderia ajudar de alguma forma, mas não conseguia pensar em nada que pudesse convencer o delegado Farias. As horas foram passando em sua total normalidade, resolveu mexer nos arquivos dos garotos desaparecidos e ver se algo havia sido deixado para trás, tinham no mínimo dez queixas de desaparecimentos, poucas pistas ou nenhuma, não havia tido ameaça as famílias e muito menos pedido de resgate, todas as investigações terminaram sem muito o que pudessem fazer; embora os casos continuassem abertos, se viam presos no mesmo lugar.

Olhou a foto de um dos garotos, Gustavo, cinco anos, cabelos pretos, pele clara, bochechas bem rosadas; aquele era um caso dos mais estranhos que já havia visto. Os pais alegaram que a criança havia desaparecido de dentro de casa, sem sinais de arrombamento, nem impressões digitais deixadas no local, parecia algo absurdo de se acontecer e, no entanto, Gustavo desaparecera há

seis meses sem deixar rastro. Paulo se assustou e fechou rapidamente o arquivo quando viu o delegado parado em frente a ele, estava tão entretido relendo a história que nem o tinha visto se aproximar.

— Se eu fosse o maníaco da caixa, você já estaria morto, não é Paulo?

O delegado disse muito sério, mas Paulo sabia que aquela forma, principalmente por ter voltado a chamá-lo pelo primeiro nome, era porque já não estava com tanta raiva.

— Tome. — O delegado colocou um copo de café em sua mesa, enquanto bebericava o seu. — É exatamente por isso que eu quero você longe dessa investigação, você se torna desatento e emotivo demais.

— Eu posso ajudar, Farias, de alguma forma...

— Não, você não pode e não falaremos mais nisso. — O delegado saiu, deixando Paulo pensativo.

Será que o delegado sabia o que ele estava olhando? Mais algumas horas se passaram e Paulo ia e voltava até a porta da sala de Farias, tinha que convencê-lo a deixá-lo participar daquela investigação, depois de umas três idas e vindas, resolveu empurrar a porta que estava entreaberta, visualizou o delegado muito sério, segurando uma folha em frente dos olhos, lendo concentradamente.

— Não, eu já disse!

Paulo levou um susto ao ouvir a voz do delegado, ele o havia visto ou sentido, mesmo estando concentrado, ainda assim, ele empurrou a porta e se aproximou mais.

— Eu posso ajudar, Farias, se me manter informado, eu posso ajudar, três cabeças pensam melhor que duas, não? Eu não quero nenhum tipo de remuneração extra e....

O delegado soltou a folha de papel, recolocando-a em meio a uma pasta e acendeu um cigarro dizendo:

— Como se eu tivesse alguma intenção, de pagar do meu próprio salário, por essa "ajuda" extra de qualquer forma – disse abrindo os braços e fazendo o sinal de aspas na palavra ajuda.

— Eu posso ajudar, eu sei que posso!

— E vai ajudar fazendo exatamente o quê? Ou você acha que receberá permissão para deixar suas obrigações e se dedicar a esse caso?

— Eu só quero poder falar.

— Você não precisa da minha permissão para falar, precisa? Não está falando agora? – Farias disse com um leve sorriso. — Me deixe trabalhar,

Paulo, e me avise se não tem o que fazer, que eu providencio algo para mantê-lo ocupado.

Paulo voltou ao seu posto frustrado, mas não chegou a passar uma hora, quando uma ligação muito interessante havia chegado, ele anotou tudo o que disseram e correu para a sala de Farias.

— Eu não acredito que é você de novo, Paulo!

Faria falava de costas, enquanto abria uma gaveta. Paulo não pôde deixar de sorrir, aquele delegado era o que realmente se dizia de uma pessoa com olhos nas costas!

— Farias, o IC acaba de ligar, mandaram outra caixa diretamente para eles. O delegado passou a mão pelo bigode lentamente, digerindo suas palavras.

— Outra caixa? Branca, de laço azul?

— Muito maior do que a que recebemos, senhor, eu falei com o Allan.

— Allan? O Delegado disse levantando as sobrancelhas. Era só o que me faltava, um desequilibrado e um fofoqueiro! Diga de uma vez o que aquele boca aberta contou!

— Não contou muito, Farias – disse sinceramente lamentando. — Mas encontraram partes de corpos na caixa.

O delegado acendeu um cigarro e deu um longo trago, sentou-se novamente e começou a falar sozinho.

— Então, o maluco das caixas está brincando com a polícia, ótimo, um egocêntrico inteligente.

— O que te leva a pensar nisso, Farias?

— Ele não poderia ter certeza que a caixa seria aberta por um de nós, qualquer pessoa poderia tê-la levado embora, e ainda se a abrísssemos, poderíamos tê-la ignorado, mas ele quis deixar claro, mandando o resto do corpo para o IC.

— Na verdade, não é o resto.

— Fale de uma vez o que o Allan disse!

— É um corpo, mas é de um homem adulto, na verdade parte do corpo, só a cabeça e...

— E o quê, Paulo?

Paulo pensou e respondeu:

— Também foram encontrados ligamentos e articulações da pélvis.

— Como é, que é?

— A bunda, senhor.

— Eu sei o que significa ligações da pélvis, Paulo! Pelo amor de Deus! Mande o Andrade e o Arantes para lá imediatamente, quero um relatório completo, e espero que fique claro que, é para os dois irem, e não você!

CAPÍTULO 3

Andrade bateu no volante do carro com raiva, ao encontrar o semáforo fechado, Arantes checava o celular no banco do passageiro e depois falou:

— Não caiu na mídia ainda, vamos ver por quanto tempo teremos sorte.

— O que me preocupa mesmo, é o Paulo – disse Andrade, colocando o carro de novo em movimento. — Nada seria pior para mim, do que prender um amigo.

— E por que acha que terá que prendê-lo?

— Não terei, não se encontrarmos o maníaco antes dele.

— Ele sofreu algum tipo de violência na infância? — perguntou Mascote, olhando para a esquerda ao mesmo tempo em que Andrade, antes de fazerem a curva.

— Se sofreu, nunca comentou, mas isso não tem a menor importância, se o cara das caixas tem ligação com os meninos desaparecidos, ele já fez vítimas demais para fazer um de nós estragar a carreira e a vida!

Dez minutos depois, estacionaram em frente ao Instituto de Criminalística, onde já eram aguardados.

— Ainda bem que chegaram! Eu nunca vi nada igual, cara! O assassino é mesmo um perverso!

— Cala a boca, Allan! – disse Andrade, já mal-humorado e sem nenhuma paciência para com o estagiário, que sempre falava demais, como o Mascote não disse nada, Allan resolveu ficar em silêncio e os acompanhou ao laboratório.

Após o estagiário se retirar, eles cumprimentaram a doutora Ellen.

Ela ajeitou os óculos no rosto e os olhou muito séria.

— Trinta anos e nunca vi algo parecido, me acompanhem. —

Caminhou em direção à porta, descendo até a sala de autópsia.

Pelo lençol esticado na mesa, era possível observar dois volumes, ela se aproximou do maior e retirou o lençol cuidadosamente.

— Um quadril, sem membros inferiores, como podem ver.

Se afastou alguns passos e apanhou uma prancheta.

— Homem caucasiano, aproximadamente sessenta anos, tipo sanguíneo A negativo, pênis removido. — Fez uma curta pausa.

— Uma pena, hoje pela manhã, a Lúcia me disse que estavam em falta de A negativo.

Os investigadores se olharam sem dizer nada e ela continuou:

— Como podem observar, posso afirmar com certeza, que só apresenta o osso ilíaco e o sacro, a vértebra lombar foi serrada com uma serra elétrica, observem o corte preciso.

Ela voltou a olhar a prancheta e continuou:

— Foi encontrado cola no reto e após a amputação dos membros inferiores, foi cessado o sangramento com um ferro em brasa.

Ela, já com as luvas postas, levantou o quadril, mostrando a crosta que se formava onde deveriam estar as pernas

— A parte da cintura, foi estancada ou ao menos foi tentado, com sal grosso. Conseguem enxergar essa forma? Aqui nas nádegas? – perguntou se aproximando novamente, tocando parte do ferimento.

— Parece uma gota, ao menos tem esse formato, foi feito com ferro quente, devido a profundidade, atingiu o tecido subcutâneo. Alguma pergunta? – Ela arrumou novamente os óculos e esperou.

— Como essa coisa chegou aqui? – o Mascote perguntara.

— Por um motoboy, ele já foi levado à delegacia para prestar esclarecimentos, mas já disse que foi contratado e não fazia ideia do que era o presente.

— E só chegou isso? Sem nenhuma pista sobre o resto do corpo? – Foi a vez de Andrade perguntar.

— Não, provavelmente o assassino comeu – respondeu ela, indiferente.

— Comeu? – Os detetives perguntaram juntos.

— Estão preparados para ver a próxima parte?

Ellen se dirigiu à outra ponta da mesa e disse ainda com expressão séria, mas seus olhos puderam mostrar uma leve satisfação.

— Imagino que em vocês, isso pode ser um pouco desagradável!

Ela descobriu a cabeça e automaticamente os detetives levaram ambas as mãos para suas partes íntimas, exatamente como jogadores de futebol fazem quando algum jogador é escalado para marcar uma falta e se forma a barreira do time adversário, Ellen esboçou um leve sorriso de lado. A cabeça tinha a boca aberta e um pênis inserido nela.

— Isso é doentio!

O Mascote dava sinais nítidos de querer vomitar, enquanto Andrade se

mantinha firme, tentando manter o foco.

— Temos fotos?

— Já está sendo providenciada a cópia para vocês – Ellen respondeu se voltando para a cabeça.

— Estão vendo essa marca? É uma mordida humana, provavelmente do assassino, por isso disse que deve ter comido o resto, pois do que era a bochecha, ele levou um bom pedaço.

— Eu já vi o suficiente – o Mascote falou se dirigindo para a saída, Ellen e Andrade o seguiram.

— Quando tivermos os resultados laboratoriais, enviaremos.

Eles deixaram o IC e a caminho da delegacia, o Mascote tentava entender.

— Não deve ser o mesmo caso dos meninos desaparecidos, a menos que o assassino procure qualquer espécie masculina, independentemente da idade!

CAPÍTULO 4

Enquanto isso na delegacia, o delegado colhia o depoimento do motoboy que fora incumbido de entregar a caixa no Instituto Criminalístico, como os investigadores estavam a caminho, manteve o rapaz por algum tempo caso eles quisessem fazer mais alguma pergunta, e Paulo saiu para seu horário de almoço, voltando não mais que vinte minutos depois com uma caixa de tamanho médio. A abriu e instalou o novo telefone em sua sala, jogando o antigo na lata de lixo. Foi apenas terminar de instalar e contemplar o telefone com gosto que notou Farias apoiado ao balcão o observando.

— Trouxe um novo telefone, Farias, aquele estava com defeito – Paulo se apressou em dizer.

— Claro que estava – Farias disse, passando a mão pelos olhos, os esfregando em sinal de cansaço. — E você, ao invés de pedir ao Souza a troca, comprou do seu próprio bolso um telefone sem fio. Acho admirável seu amor ao trabalho, Paulo!

Paulo ficou sem jeito, pois ele esperava que isso passasse despercebido pelo delegado.

— O que eu faço com você, Paulo?

Paulo não respondeu e o delegado continuou:

— Problema teu, se quer gastar dinheiro com um telefone sem fio para poder carregá-lo, enquanto escuta atrás das portas! Não pense que não sei que ouviu ou ao menos tentou escutar o depoimento do motoboy.

Antes que Paulo pudesse argumentar, Arantes e Andrade chegaram e o delegado os acompanhou até a sala em que estava o motoboy, Paulo pegou seu novo telefone e ia acompanhá-los, mas foi barrado por Farias.

— Você está me fazendo perder a paciência, Paulo.

— Me deixe participar, eu posso ajudar!

— Pode me ajudar ficando longe do meu caminho.

Paulo saiu pronto para dar um soco na cara do delegado, sentia uma vontade enorme de gritar. Eles entraram na sala e o delegado saiu fechando a porta. Ambos investigadores se sentaram após cumprimentarem o rapaz e o Mascote iniciou as perguntas, enquanto lia o depoimento.

- Você recebeu essa encomenda de uma enfermeira, correto?
- Sim – respondeu o rapaz já um pouco assustado.
- Você a conhecia, já fez entregas para ela antes? – perguntou Andrade.
- Não, senhor.
- Ela te disse que era enfermeira?
- Não, mas pela roupa branca, acho que deveria ser, ou médica talvez.
- E o que ela disse exatamente?

— Disse que precisava entregar uma encomenda no instituto, me deu o endereço e cem reais pelo serviço.

— E você não achou que era muito dinheiro, para uma só entrega? – O Mascote perguntou, aproximando seu corpo do motoboy.

— Me desculpa, mas eu não acho que é crime receber dinheiro alto, mesmo que seja para uma só entrega.

— Claro que não – disse o Mascote. — Você disse que era uma mulher bem alta, cerca de 1.80, correto? Conseguiu ver os pés dela?

— Sei lá, acho que não.

— Então não sabe me dizer se ela era mesmo alta ou estava de salto alto?

— Estava com uma sapatilha.

— Se não viu os pés dela, como sabe que eram sapatilhas? —O Mascote voltou a perguntar com uma voz mais firme e o rapaz começou a apresentar sinais de nervosismo. Passava a mão pelo cabelo e pelo pescoço, mostrando nítido desespero.

— Aqui, está tudo bem! – disse Andrade fazendo o papel do policial "bonzinho" — Beba um pouco de água, aceita um cigarro?

O rapaz pegou com as mãos trêmulas e disse:

— Olha cara, eu não fiz nada errado! Eu sei que puxaram minha ficha, eu já tive passagem quando era menor, mas eu não faço mais isso, tenho família, saca? Tenho uma bebê pequena, eu não matei ninguém!

Andrade puxou a cadeira mais para perto dele, dizendo com uma voz bem amigável:

— Quantos anos tem sua filha?

— Dez meses.

— Tem uma foto?

O rapaz estranhou, mas depois abriu a carteira mostrando um bebê rosado e risonho, no colo de uma senhora já idosa.

— Ela é minha mãe – informou o rapaz.

— É uma linda menina, eu também tenho uma neta, de seis meses, tem pulmões de tenor! Se gritar em casa, escuto daqui – disse sorrindo, fazendo o rapaz relaxar.

O Mascote, apenas se encostou na cadeira cruzando os braços, estavam acostumados a inverter os papéis, enquanto um fazia a testemunha tremer, o outro as fazia relaxar e assim terem o máximo que conseguissem tirar dela.

— Como chama sua filha?

— Luana.

— Que coincidência! Minha neta também se chama Luana!

O rapaz sorriu animado, enquanto o Mascote sorria de lado da mentira contada pelo colega.

— E como chama a mulher, que te mandou entregar a encomenda?

O rapaz voltou a piscar, mas ainda descontraído respondeu:

— Ela não disse, se é que é mulher mesmo!

As sobrancelhas do Mascote se ergueram, mas Andrade olhou rapidamente para ele, deixando claro em uma conversa silenciosa, que já sabia o rumo que aquela conversa estava tomando.

— Diz isso pela altura? Eu imagino que não seja comum achar mulheres altas assim. Conheci uma vez uma professora de um metro e noventa, ela tinha muita vergonha, sabe, até para falar, ela falava baixo, tínhamos sempre a sensação que ela queria se esconder, não ser notada, entende?

O rapaz assentiu com a cabeça e Andrade continuou:

— Essa enfermeira também mostrava nervosismo na voz, falava baixo?

— Eu não sei, eu não escutei a voz dela.

O Mascote ia abrir a boca, mas um gesto rápido de Andrade fez com que ele esperasse.

— Entendo, acha que ela era surda muda?

— Não sei, acho que estava com uma dessas gripes que inventaram por aí, gripe do galo, gripe do frango, do porco, saca? Ela apenas me entregou o papel com as instruções e deu o endereço com o dinheiro.

— Ela aparentava estar doente?

— Não, mas estava com uma daquelas máscaras, essas brancas que se usa quando se está doente, sabe qual é?

— Claro que sim, você acha que era uma mulher bonita? Mesmo estando de máscara?

O rapaz pensou um pouco e depois colocou a cabeça para trás tomando fôlego.

— Olha doutor, na verdade, eu acho que era um viado, saca? Eu tenho um irmão que é montado, faz ponto, essas coisas, vou ser preso por dizer isso? Prostituição é crime, não é?

Andrade sorriu e balançou a cabeça.

— Garanto que ninguém vai te prender por isso, fique tranquilo.

— Certo rapaz, por acaso saberia me dizer a cor dos olhos dela?

— Não sei não, mas devia ser normal, porque se fosse de uma cor diferente, a gente nota, não é?

Um meio sorriso de Andrade e ele se levantou:

— Acho que é só isso por hoje, meu jovem.

— Caso seja necessário, o chamaremos de novo. – O Mascote falou e o rapaz saiu, apertando somente a mão do Andrade.

Assim que a porta se fechou, ambos se olharam satisfeitos.

O motoboy deixou um novo depoimento, acrescentando os detalhes que haviam sido esquecidos ou não dado a devida atenção, inclusive, parecia ter gostado tanto do investigador Andrade, que prometeu que se a "mulher" aparecesse novamente, iria segurá-la de qualquer forma.

CAPÍTULO 5

Agora Andrade e Arantes estavam sentados olhando atentamente as fotos, juntamente com o depoimento deixado.

— Devemos pedir amostras às famílias e ter certeza de uma vez que a primeira caixa era de um dos meninos.

O Mascote disse, enquanto examinava atentamente uma foto.

— O Farias ainda não quer, mas, eu acredito que sim, estamos lidando com um assassino em série, e embora, não exista nada legal que ligue um homem adulto ao caso dos meninos, tenho quase certeza que é o mesmo assassino.

— Há quanto tempo estamos recebendo queixas de desaparecimentos? — Andrade não esperou pela resposta. — Cerca de três anos, correto?

— Não tivemos nada parecido com esse homem, espero que eles consigam saber quem é, eu já pedi checagem de homens desaparecidos com a idade aproximada — Arantes disse se remexendo na cadeira e tomando água diretamente de uma garrafa.

— Veja bem a tal "gota" que a Ellen disse, ela foi profunda, precisa, o assassino queria nos dizer alguma coisa, ou à vítima — Andrade estendia a foto para o Mascote.

— Algo do tipo, foi a gota d'água? E assim justificaria o assassinato?

— Não tenho certeza, mas acho que...

— Acha o quê, Roberto?

— Em nossa profissão, não devemos trabalhar com suposições, mas...

Paulo abriu a porta trazendo um café para os dois investigadores e o telefone sem fio no bolso da calça. O Mascote que já havia escutado sobre a nova maneira que Paulo arrumara para acompanhar de perto as investigações, não foi capaz de conter o riso.

— Se o Farias te pega, Paulo...

Andrade falou sem tirar os olhos da gota.

— São as fotos? — Paulo perguntou sem esperar pela resposta e começou a olhá-las.

Nenhum dos dois investigadores concordavam com a obstinação de Paulo em ajudar, mas nenhum deles fez nada para impedi-lo de olhar as fotografias.

— O que você acha? – o Mascote perguntou e Paulo demorou para responder, pois não havia se dado conta que a pergunta tinha sido direcionada a ele.

Assim que percebeu os olhos do colega em sua direção, esboçou um sorriso radiante e puxou a cadeira para se sentar. Andrade apenas balançou a cabeça em um gesto de resignação, mas também esperou para ouvir a opinião dele. Paulo pegou a foto que tinha uma gota, olhou por um tempo e depois a devolveu.

— Eu não consigo ver a menor lógica em "tatuá" uma gota com ferro quente, ao ponto de atingir o tecido subcutâneo.

O Mascote falou esfregando os olhos cansados.

— E se essa gota for uma lágrima?

Andrade perguntou:

— E por que teríamos uma lágrima na bunda? – o Mascote perguntou se levantando e indo até a janela.

— Porque o assassino viu seu agressor de costas – Paulo disse.

O Mascote se virou e olhou para ele, Andrade se recostou na cadeira e estava tentando acompanhar o seu raciocínio.

— Deixa eu ver se entendi sua lógica, o assassino foi abusado sexualmente por este homem e à medida que o agressor saía do local da agressão, ele naturalmente ficava de costas para a vítima enquanto caminhava, é isso?

— Enquanto a vítima era deixada chorando – Paulo completou.

O investigador Andrade franziu o queixo e a boca, balançando a cabeça em afirmação.

— Faz sentido.

— O que não faz sentido, é vocês serem pagos para brincarem de adivinhação! – o delegado Farias chegou a todo vapor, com um envelope nas mãos.

Abriu uma gaveta, retirou um notebook, abriu o envelope retirando um CD e o colocou no dispositivo. Os três continuaram sentados observando, enquanto o delegado continuava em pé de braços cruzados.

As imagens da câmera em frente à delegacia mostravam a hora que uma pessoa alta deixava a caixa no passeio gramado, uma pessoa alta, com roupas femininas, longos cabelos loiros e uma máscara igual ao que o motoboy descrevera.

— Devido à pouca iluminação, não podemos precisar se isso é ou não uma

mulher, mas juntamente com o depoimento do rapaz, que a viu em plena luz do dia, temos motivos para crer que se trata de um travesti – o delegado falou retirando o CD do notebook e colocando-o novamente no envelope.

— Ele não é um travesti, ele apenas se vestiu de mulher para não ser reconhecido – Paulo falou.

— E por que você diz isso?

— Eu sinto.

— E eu sinto que você não deveria estar nessa sala.

— Vou pedir à perícia para investigar e ver se consigo mais informações sobre a altura aproximada ou se seria possível um reconhecimento do indivíduo se não estivesse com a máscara.

— Ele não é um travesti, Farias, nem gay ele é! – Paulo insistiu.

— E você afirma isso por conhecê-lo? Faria a gentileza de trazer seu amigo até aqui para conversarmos? – ironizou o delegado, já caminhando para a saída, quando Paulo interrompeu.

— Olha essa foto, Farias! – Paulo apanhou a foto que tinha a cabeça com um pênis introduzido na boca. — Está vendo isso? A glândula está para o lado errado, se ele fosse um travesti, ou gay, ele colocaria o pênis com a glândula para dentro da boca e não saindo dela!

O Mascote teve vontade de perguntar se era experiência própria, mas sabia que isso seria uma brincadeira de mau gosto, então se limitou a esperar pelo delegado, que ao contrário do que ele esperava, não dando ouvidos ao que Paulo dizia, ficou muito sério e depois disse:

— E com isso ele quer dizer, que a vítima era o criminoso? Que mereceu morrer?

— Isso faria lógica com a lágrima, é uma vingança, ele se vingou de seu abusador! – Andrade disse animado.

— Talvez estejam certos, mas isso ainda não explica a ligação com os meninos, e não, não quero Paulo, ouvir a lógica que sei que já tem para isso, por hora, vamos aguardar os laudos.

CAPÍTULO 6

Hospital Central de Guarulhos, 2012

Cristina acabava de entrar às seis e cinquenta da manhã, com dois copos de café fresquinhos, colocou em cima da mesa e sorriu olhando seu colega de trabalho.

— Bom-dia, J!

— Bom-dia!

O rapaz se levantou sorridente, deixando as fichas que examinava e a cumprimentou com um leve beijo na bochecha. Cristina olhou para o relógio e disse:

—Temos ainda dez minutos, que tal uns biscoitos?

J a olhou sorrindo com os olhos e abriu uma gaveta.

— Eu sabia! – disse sorrindo. — Eu guardei para você, sabia que ia pedir.

Cristina e J eram enfermeiros nesse hospital, colegas de trabalho há alguns meses, se tornaram muito próximos, embora quando ela iniciava seu turno, ele o estava deixando, mas isso não foi impedimento para se tornarem bons amigos e dividissem o café da manhã, ela sempre trazia o café, assim que chegava ao hospital e ele guardava alguma caixa de biscoito que ganhasse ou tivesse comprado no dia anterior.

Tinham a mesma idade, 24 anos, mas J trabalhava neste hospital um ano há mais do que Cristina, ele havia entrado assim que se formara e ela um ano após, e embora tivessem estudado na mesma faculdade, com diferença apenas de um ano, nunca tiveram a chance de se conhecer, mas o destino havia lhes dado uma nova oportunidade.

Não havia nenhum tipo de interesse romântico por parte de Cristina, ela tinha um noivo, mas J era uma pessoa muito agradável e prestativa, além de ser muito atencioso com todos à sua volta, o tipo de homem muito raro de se achar, que ao contrário da maioria, estava sempre disposto a ouvir e dificilmente falava sobre si mesmo, o que ela achava ser uma certa timidez, dava a ele um charme ainda maior.

Ambos trabalhavam na Ala Geriátrica que ficava em frente à Ala Pediátrica, por algum motivo, o diretor do hospital acreditava que colocar duas alas tão distintas e opostas de alguma forma, traria benefícios

simultâneos, não era difícil de se ver pacientes idosos olhando com olhos sorridentes para as crianças do outro lado do vidro, enquanto caminhavam pelo corredor, e as crianças por sua vez, eram incentivadas a melhorarem através dos enfermeiros que sempre diziam:

— “Está vendo aquela vovó ali? Ela estava muito doente, mas está comendo tudo e se quiser ficar forte como ela, também terá que comer!”

Ou ainda algo como:

— Aquele vovô só não morreu, porque comeu todos os legumes que trouxeram, são legumes mágicos!

Veza ou outra, ainda deixavam os pacientes idosos que estavam para receber alta, entrar na pediatria e contar às crianças como eles se curaram, sempre com histórias muito regadas à fantasia, disciplina e sempre tomando as “pílulas da cura” ou as refeições para “super-heróis”, era gratificante para os idosos e para as crianças que estavam mais do que dispostas, após alguns dias hospitalizadas, a fazerem qualquer coisa para voltarem para suas casas.

E isso funcionava na maioria das vezes, tornando a vida de todos, especialmente dos enfermeiros mais fácil.

Na próxima semana que se seguiu, Cristina e J passaram a trabalhar no mesmo turno, aproximando a amizade que tinham e dividindo o desejo que ambos sentiam de serem transferidos para a Ala Pediátrica, em horários sem muito movimento, ambos encostavam os narizes no vidro e ficavam admirando as crianças que dormiam tranquilas, eles se olhavam, trocavam um rápido sorriso e voltavam a admirar aqueles anjinhos.

Cristina adorava crianças e sonhava em ter muitos filhos com seu noivo, mas antes disso, gostaria de ter a chance de cuidar de todos aqueles bebês, um era mais lindo do que o outro, fazendo com que ela se perdesse em olhares e suspiros caso tivesse que escolher apenas um.

J fazia esforço para não salivar em frente dela, seus olhos estavam vidrados enquanto imaginava poder ficar sozinho com cada uma daquelas crianças, poder ouvir seus gritos enquanto cortava suas carnes jovens e macias, ou apenas ter um orgasmo ao ver a luz fugindo daqueles olhos pequenos.

CAPÍTULO 7

Mais alguns meses se passaram e a amizade de J com Cristina crescia a cada dia, inclusive começaram a sair para jantar juntos em seus dias de folga, Cristina com seu noivo e J com sua namorada, Michele. Cristina não tinha mais palavras para elogiar J ao seu noivo, o que despertou certo ciúmes, de início, mas após alguns jantares, até mesmo ele entendeu o que Cristina queria dizer, J não só era atencioso com Michele, mas também com seu filho de cinco anos, e era realmente encantador ver um rapaz novo como J, que além de namorar uma mulher mais velha e mãe solteira, amar tanto assim o filho dela. Ele sempre dava o que o garoto pedia, mesmo quando a mãe brigasse, dizendo que deveria comer verduras, J dava um jeito de conseguir que ele comesse, para depois ganhar o dobro de sobremesa.

— Ele tem um jeito incrível com crianças! — Cristina não cansava de repetir.

Chegaram a jantar umas três ou quatro vezes naquele mês e em todas as ocasiões, J nunca se mostrava cansado, quando o garotinho queria andar nos brinquedos oferecidos pelo restaurante, sem dúvidas, Michele tinha tirado a sorte grande, e ela também achava isso ao observar J voltando à mesa, com seu pequeno pendurado nos ombros dele, sorrindo feliz. Não importava o relacionamento anterior frustrado, pois havia conhecido um enfermeiro, além de uma profissão extremamente útil para quem tem filhos, seu namorado ainda adorava crianças, quantas mulheres poderiam ter uma sorte dessas?

Em uma tarde, quando Cristina e J estavam de plantão, o diretor chegou à Ala Geriátrica pedindo que eles os acompanhassem até sua sala, ambos atenderam prontamente, pensando se tratar de algum caso difícil sobre um de seus pacientes, mas foi com grande surpresa que encontraram um inspetor de polícia.

— Boa tarde! O senhor é o namorado de Michele Alves e a senhora amiga do casal?

J piscou os olhos e olhou para Cristina estranhando a visita.

— Sim, o que aconteceu? — Cristina perguntou primeiro.

— Ela está morta! — disse o inspetor sem o menor cuidado com as

palavras, em anos de profissão, era muito comum sempre o parceiro ser o culpado, e independente disso, esse inspetor tinha um gosto peculiar por tragédias e qual a melhor maneira de observar a reação de alguém, se não fosse assim, pelo susto.

Cristina levou a mão à boca e arregalou os olhos, J ficou em silêncio, como se estivesse em estado de choque e o inspetor então repetiu:

— Eu disse que ela foi encontrada morta hoje, aparentemente houve um assalto...

J então passou a mão pelo rosto e enlouqueceu, começou a gritar, a esmurrar a porta e então avançou para cima do inspetor, dizendo que ele era um mentiroso, suas lágrimas corriam pelo jaleco branco, deixando grossas marcas de água.

O diretor teve que intervir, tentando acalmar J, enquanto o inspetor ficou tão assustado com a reação, que chegou a sentir remorsos por ter dado a notícia daquela forma, estava mais do que evidente que o rapaz não tinha nada com aquilo, o observava agora jogado ao chão, encolhido, ainda chorando muito.

Foi preciso mais do que duas horas, até que o inspetor pudesse explicar o que havia acontecido, mas apenas para Cristina, pois J foi sedado até que se acalmasse.

O inspetor explicou à ela, que uma vizinha de Michele havia ido à casa dela no dia anterior, para avisar sobre um telefonema que recebera da escola em que Michele trabalhava após as 19:00, ela não havia comparecido após o almoço, nem ligado para dizer que não voltaria e pediram para que ela fosse verificar se algo havia acontecido, a vizinha entrou na casa que estava aberta, coisa que não era comum e ela teve certeza instantânea que algo estava errado, ao entrar na casa, notou que muita coisa fora revirada e alguns objetos estavam faltando, chamando assim, imediatamente a polícia.

O que descobriram durante a curta investigação, é que ela provavelmente fora rendida em casa, após o almoço, pois o filho dela também estava desaparecido e segundo o transporte escolar, ele fora entregue para Michele às 18:00.

— O motorista disse que não percebeu nada estranho, mas se os criminosos estavam dentro da casa dela e ela sabia que estava chegando, provavelmente teve medo de dizer algo e eles atirarem, acreditamos que quando ela pegou o filho, os criminosos estavam a chantageando de alguma forma.

Cristina disse ao inspetor que J saíra bem tarde da casa dela com o noivo, pois tinham combinado de assistir a um filme e que ela mesma falara com Michele, mas ela não pôde ir, pois estava em semana de provas. O inspetor chegou à conclusão que após a chegada do seu filho, os criminosos esperaram escurecer um pouco mais, roubaram tudo o que quiseram e a levaram como refém, pois os cartões de créditos acusavam transações noturnas, exatamente no horário que J estava na casa de Cristina. O corpo havia sido achado pela manhã, jogado à beira de uma rodovia, mas não havia sinal do menino.

— Infelizmente, deve se tratar apenas de um latrocínio, mas caso se lembre de qualquer coisa importante, não deixe de me ligar.

O inspetor entregou um cartão para Cristina, que aceitou com lágrimas nos olhos, em seguida, foi ver como J estava e ficou de coração partido, o que aconteceria com ele agora? Gostaria de poder ajudar, e ainda o menino estava desaparecido, rezou para que os policiais o encontrasse com vida pelo menos.

J recebeu uma licença por duas semanas, devido ao seu estado psicológico crítico, Cristina e seu noivo o visitavam todas as noites sem falta, para saber como estava e se havia alguma notícia, mas após duas semanas de investigação, os policiais não conseguiram nada, além de saber que havia digitais pela casa que não eram de J e nem de nenhum vizinho ou familiar e que Michele havia sido morta com um tiro a queima a roupa na cabeça, mas nenhuma pista sobre o filho dela. J morava em uma casa em Cumbica, a qual inclusive foi revistada pelo investigador sobre a livre e espontânea vontade do enfermeiro, fazendo tudo o que fosse possível para colaborar com as investigações, o que os policiais não sabiam é que além da casa em Cumbica, J tinha adquirido uma outra casa no Cocaia, a qual a mantinha em segredo, principalmente agora com as investigações.

Em Cumbica, ele era enfermeiro e morava sozinho e tinha Michele como namorada, em Cocaia, ele se vestia de uma maneira muito humilde, e os vizinhos o tinham como um rapaz muito esforçado que trabalhava de servente de pedreiro, sem família e semianalfabeto, ninguém desconfiava de uma possível vida dupla, já que ele era muito prestativo com os vizinhos e inclusive namorava uma moça do bairro, mãe solteira de uma menina. J abotoava o jaleco em frente ao espelho com um sorriso satisfeito, hoje acabara o prazo de sua licença e ele voltaria a trabalhar, o que de certa forma o agradou muito, já estava cansado de ficar fingindo tristeza e recebendo a visita inconveniente de Cristina e seu noivo todas as noites, isso acabava lhe

dando muito trabalho, pois tinha que esperar eles irem embora, dirigir até o Cocaia e ver ao menos umas três vezes por semana a namorada, agora voltando a trabalhar, Cristina não precisaria vir em sua casa em Cumbica e ele poderia passar mais tempo no Cocaia.

Estava pensando seriamente em começar a faculdade de Direito, alguns dos seus amigos estavam se dando muito bem, ele mantinha fortes laços de amizade com um grupo de homens residentes no Morro do Piolho, a maioria, traficantes e usuários de drogas, onde apenas vendiam para sustentar o próprio vício, mas Alberto era inteligente, estava fazendo faculdade de Direito e pretendia apenas ganhar dinheiro soltando criminosos, enriquecendo de forma rápida.

Jamais se envolveu no tráfico e muito menos era usuário, J era um homem inteligente e não queria de forma alguma se expor para a polícia, mas como enfermeiro, lhe era muito interessante atender aos amigos feridos, os quais não podiam ir a hospitais, uma vez que a maioria era procurado na justiça. Além do prazer em manter esses favores guardados, ele recebia uma boa quantia e essa ajuda extra fora de grande serventia para a compra da outra casa que ele fizera.

Passou pela mesa de centro e apanhou suas chaves, não sem antes olhar para o porta-retratos com a foto de Michele e seu filho, jogou um beijo no ar, sorrindo de maneira doentia e saiu batendo a porta.

Ele havia cometido o crime perfeito, não que tivesse dúvidas sobre sua capacidade, mas dessa vez ele tinha contado com uma ajuda que nem ele mesmo esperava, quem diria que a amizade com Cristina e seu noivo seriam o álibi perfeito, obviamente ela havia feito somente elogios do relacionamento dele com Michele em seu depoimento, além de garantir que ele estava em sua casa na hora do crime. Essa parte havia sido planejada, mas os elogios de Cristina e seu noivo foram um bônus extremamente conveniente.

J havia dado o endereço de Michele, assim como seus horários a dois de seus amigos do Morro do Piolho, dizendo que eles esperassem ela chegar para o almoço e a fizesse de refém, esperassem o garoto chegar da escola para não levantar suspeitas e que levassem o que quisessem da casa e ainda fizessem uma limpa na conta bancária, o que eles fizeram com muito gosto, além do uso dos cartões de crédito, durante a tarde, fizeram Michele ir a um banco e fazer alguns saques.

Durante a madrugada como combinado, seus amigos deixaram Michele em

uma rua deserta próximo a um orelhão, onde ela certamente ligaria para ele ou a polícia e voltaria para casa. Isso era o que os criminosos pensavam, pois J estava escondido na mata de uma estrada de terra onde eles haviam combinado de deixar Michele e o garoto e assim que os viu sendo deixados e o carro se afastar, saiu das sombras a chamando. Michele mal pode acreditar e correu para os braços dele chorando muito e feliz por tê-lo encontrado, mas logo percebeu que algo estava errado, pois não tinha a menor lógica em ele estar ali por uma coincidência; Ela não teve tempo de fazer perguntas, J disparou em sua cabeça com um calibre 12 e Iago ficou parado como se estivesse pregado no chão em choque. J passou por ele calmamente, o pegou no colo e caminhou com ele alguns metros à frente onde estava seu carro, Iago continuava com os olhos fixos sem entender nada, não acreditando no que havia presenciado.

— Mamãe! – ele choramingou enquanto J dava um sorriso ao desenrolar uma bandagem.

— Não comece a chorar ainda, terá muito tempo para isso, meu menino.

J amarrou suas mãos com a bandagem, assim como suas pequenas pernas e colocou uma fita adesiva em sua boca, o jogando no porta-malas, entrou no carro, deu partida, colocando o carro em movimento, olhou seu relógio eram 4:30, tinha tempo o suficiente para brincar com Iago até as sete, onde chegaria pontualmente para mais um dia no Hospital. Embora os investigadores tivessem constatado a hora da morte de Michele após as 4 da manhã, onde J não teria um álibi, não tinham como suspeitar após as referências, não só de Cristina, como de todos no hospital, tudo indicava que era um latrocínio.

CAPÍTULO 8

Algumas semanas depois desse ocorrido, Cristina conheceu um lado de J o qual ela nunca havia imaginado, estavam novamente trabalhando no mesmo horário, mas dessa vez no turno da noite, J estava na cozinha tomando um café e Cristina voltou da sala do diretor.

Ela entrou sorridente e disse a ele:

— O diretor vai me transferir para a Ala Infantil, graças àquele curso que eu fiz de primeiros socorros e...

Ela não teve tempo de terminar seu pensamento, a mão firme de J estava em seu pescoço e seus olhos eram frios, ela viu um ódio que nunca havia imaginado que ele pudesse sentir, tentava em vão tirar a mão dele, fazendo forças com ambas as mãos e já estava sentindo o ar fugir de seus pulmões, quando o alarme de um dos pacientes começou a soar e J a largou sem uma única palavra.

Ele saiu da cozinha, a deixando ali, confusa e apavorada ao mesmo tempo, assim que olhou para o relógio e viu que se aproximava das seis, saiu o mais depressa que pode, passou pela sala do diretor, contou o ocorrido, o mesmo ficou tão confuso quanto ela, já que eram amigos e ele nunca havia se comportado daquela maneira com nenhum outro funcionário, disse que o chamaria para uma conversa e a dispensou para que encerrasse mais cedo o expediente.

Cristina chorava em seu carro, enquanto contava ao noivo pelo celular o que havia acontecido, juntos tentavam entender se J teve um surto psicótico pelo que havia ocorrido com Michele, mas aquele olhar, ela não poderia esquecer e mesmo seu coração tentando justificar aquele ato, preferiu ir à delegacia e dar queixa; Fosse ele maluco ou apenas temporariamente desequilibrado, ela não queria mais nenhum contato e após respirar fundo algumas vezes, secou as lágrimas e foi à delegacia fazer um boletim de ocorrência e pedir uma medida de proteção a qual ele não poderia se aproximar dela.

O diretor muito confuso, o chamou para uma conversa, mas ele alegou que ela havia exagerado, que havia sim ficado chateado por ela caçoar dele por ter conseguido a vaga.

— Ela quis me humilhar, me mostrar que eu não era competente!

Mas afirmou de todas as formas que ele não teve a intenção de machucá-la e muito menos matá-la. Por via das dúvidas o diretor deu mais quinze dias de descanso e garantiu a Cristina que ele ficaria sob observação quando retornasse.

Na delegacia afirmou as mesmas alegações feitas ao diretor, prometeu não se aproximar dela e foi dispensado. Cristina ficou tensa quando chegou o dia do retorno de J, ele a cumprimentou como se nada tivesse acontecido, mas ela não respondeu, se dirigiu a Ala Pediátrica e ele para a Ala em frente, o dia passou rapidamente, embora ela notasse que ele a observasse vez ou outra, não tinha certeza se ele ainda estava com raiva ou queria se desculpar, de qualquer forma ela evitaria qualquer contato.

Semanas se passavam sem que ele demonstrasse qualquer intenção de machucá-la, inclusive uma vez quando o diretor pediu que ela fosse verificar junto ao laboratório um certo exame e encontrou J por lá, teve medo, uma vez que era a primeira vez que ficaria sozinha com ele depois do ocorrido, mas em momento algum ele se dirigiu a ela, nem seus olhos demonstravam o ódio que já demonstraram; Aquele episódio ficara para trás, mas ainda assim ela não se sentia confortável com uma aproximação, mesmo que com passar do tempo, ela voltasse a se sentir confortável em seu trabalho e até segura em relação a ele, ainda assim, sabia que não poderia fazer de conta que nunca tivesse acontecido.

Após um ano daquele episódio, Cristina estava prestes a entrar em seu turno, quando encontrou J na cozinha chorando, ele estava sentado na pequena mesa, com os cotovelos apoiados, olhos muito vermelhos e a toalha estava molhada, provavelmente com suas lágrimas.

Seu primeiro pensamento foi pegar sua caneca que havia deixado e sair quando ouviu pela primeira vez a voz dele a chamando.

— Cristina, espere, por favor!

Ela se voltou para ele e esperou de maneira impaciente.

— Me escute, por favor, depois de me ouvir, se nunca mais quiser falar comigo eu aceito, até posso pedir demissão, caso você queira.

Ela cruzou os braços e esperou que ele falasse, ele enxugou os olhos e começou sua narrativa.

— Eu não vou pedir para me perdoar, pois não tem perdão o que fiz, eu sei

o quanto eu te magoei e não espero que você entenda e nem que meu problema justifique aquele ato.

Mais algumas lágrimas caíram e ele novamente as secou para continuar.

— Eu tive um filho, quando era muito novo, tinha dezessete anos, não tinha como sustentar, mas eu amava aquela criança, eu fazia uns trabalhos aleatórios para ajudar no que fosse preciso, minha namorada era filha de um empresário importante, filha de papai, sabe? Ela tinha dezesseis e ainda estava na escola, o pai dela contratou uma enfermeira particular para cuidar do bebê, nessa época, eu estava trabalhando em uma pizzeria à noite e me ofereci para cuidar do menino durante o dia, eu nem queria receber por isso, mas eles não deixaram Cristina, não deixaram, pois, eu era novo, inconsequente, não tinha curso de primeiros socorros.

J afundou de novo a cabeça nas mãos e seu corpo soluçava drasticamente, Cristina o observava, tentando entender onde ele queria chegar.

— Eles arrumaram uma enfermeira, com diploma e tudo, ela deixou meu filho morrer, Cristina!

Cristina colocou a mão na boca sem ter palavras.

— Ele se sufocou com o leite, de que adiantou o diploma dela? Por que eles não me deixaram cuidar dele?

Mais lágrimas desciam por aquele rosto e Cristina se aproximou da mesa e se sentou.

— Eu sinto muito, J.

— Desde aquele dia, eu jurei que viraria enfermeiro e que cuidaria de cada criança que pudesse, daria meu próprio sangue para salvá-las se fosse preciso, eu queria apenas impedir que mais uma criança morresse como mataram meu filho. Eu sei que não é desculpa pelo que te fiz, mas me dói muito, muito mesmo, saber que até hoje, eu não consegui impedir a morte de nenhuma criança.

Ele voltou a chorar e Cristina se sentiu miserável, como ela poderia imaginar algo assim, tentou se colocar no lugar dele, não saberia dizer o que faria, talvez tivesse reagido como ele, ela nunca poderia saber a dor de ter perdido um filho, J se levantou e apanhou sua mochila.

— Eu vou pedir demissão, Cristina, só queria que soubesse disso, não quero que me perdoe, mas não quero que pense que sou um monstro, eu não fui capaz de salvar meu menino, e nunca serei capaz de salvar ninguém.

Antes que ele atingisse a porta, Cristina o deteve.

— Espere. Não precisa pedir demissão, eu entendo, não digo que esqueci,

mas eu entendo.

Cristina passou por ele e saiu, precisava pensar em tudo aquilo.

J voltou a se sentar na mesa, se serviu de café e o bebia tranquilamente, se Cristina tivesse voltado à cozinha, poderia ver um leve sorriso em seus lábios.

CAPÍTULO 9

Mesmo tendo conversado com o noivo e decidido que deveriam dar uma nova chance a J, Cristina procurou ser ponderada, deixando a queixa em aberto na delegacia e evitando as noites em sua casa, como antes eram acostumados, seu contato se resumia ao trabalho, e a alguns almoços juntos, uma situação muito mais formal após aquele episódio.

Gostaria de esquecer o que aconteceu e procurava se colocar no lugar dele, mas de alguma forma, ainda se sentia desconfortável com aquilo, algumas situações são impossíveis de se esquecer, e mesmo sendo algo recente, no fundo de seu eu, sabia que nunca as coisas haveriam de ser iguais.

Independente disso ela se sentia confortável ao menos em trabalhar, não demorou muito para que J voltasse a agir normalmente, ela não percebia nenhum olhar raivoso da parte dele enquanto estava na pediatria, logo ambos continuaram dividindo cafés e biscoitos, mas era basicamente isso, e estava de bom tamanho comparado à como já havia se sentido antes.

A amizade de J com "Tijolo" era bem sólida, José Alves da Silva de 35 anos, o qual, jamais seria identificado por esse nome, todos no Morro do Piolho o conheciam por Tijolo, por sua aparência de lutador de Jiu-jitsu, assim como J, ele não era ingênuo para fazer uso de drogas, mas as vendia abertamente, considerado um criminoso de “princípios” isso dependeria muito de como se fosse analisar a situação. Tijolo poderia cortar o pescoço de um homem ou de uma mulher sem ao menos piscar os olhos, fosse para roubar um real ou um milhão, mas algo que ele se orgulhava de fazer era, jamais se envolver com crianças, por isso ele foi muito específico quando J forneceu o endereço de Michele, nem ele, nem nenhum de seus subordinados iria "apagar" a mulher na frente do filho, obviamente, muito menos a criança.

Mas J havia garantido que era apenas para “esvaziar” a conta dela e que em breve estariam de volta em casa, o que fez com que ele aceitasse de bom grado o serviço. O respeito que Tijolo tinha pelas crianças ninguém ao certo saberia dizer se foi motivado pela perda de seu filho ou se ele sempre havia agido daquela forma; Não tinha nem ao menos dois anos completos que seu

filho de 8 anos havia sido morto por um chefe de uma gangue rival, ao menos era o que Tijolo havia sido convencido. O garoto havia saído na rua para jogar bola e nunca mais fora encontrado e como Tijolo havia matado um irmão do "Caveira", o chefe da gang rival, a partir desse dia estava declarado que se tornariam inimigos mortais, mas Tijolo não esperava que Caveira pudesse ir tão baixo a ponto de se vingar em seu filho, por isso esperava ansiosamente pela oportunidade em lhe proporcionar uma morte muito lenta. Tijolo embora morasse atualmente no Morro do Piolho, tinha uma casa ao lado da de J em Cumbica, casa a qual ele mantinha ainda mobiliada, exatamente da mesma maneira quando viveu lá com sua mulher e filho e de onde ele havia sumido; Tijolo jurara matar Caveira dentro daquela casa e J não podia deixar de sorrir, toda vez que o ouvia repetir esse juramento.

Era o terceiro dia que Cristina corria para o estacionamento e saia o mais rápido que podia, alguém havia quebrado a câmera de segurança e ainda não a tinham arrumado, por ser um estacionamento aberto e aos fundos do hospital, não havia nenhuma segurança de plantão e embora a câmera não pudesse evitar um possível ataque, de certa forma dava uma sensação de segurança.

Ao menos J e ela estavam em horários diferentes, ela estava saindo e ele chegando, mas ainda assim não se sentia segura andando pelo longo estacionamento tão cedo, durante o inverno o sol demorava a chegar e iluminar melhor, sem contar que ainda as luzes dos postes já estavam queimadas há algum tempo e até agora o hospital apenas dizia que iria arrumar sem fornecer um prazo específico. Passava um pouco das 5, ela agora estava trabalhando somente seis horas diárias, ao invés do plantão de 12 por 24 o qual estava acostumada, estava fazendo uma pós graduação e conseguiu combinar os horários no hospital, saía da faculdade às 22:00 e fazia seu plantão das 23:00 às 5:00, assim poderia voltar para casa, dormir e estudar mais para recomeçar tudo no dia seguinte. J só sairia às sete da manhã, continuava com o turno de 12 por 24 e ela ficou feliz por não ter que cruzar com ele no estacionamento. Praticamente correu até seu carro, olhou em volta para se certificar que não havia ninguém e abriu a porta, colocou o cinto, fechou a porta e assim que colocou a chave para dar partida teve sua boca tampada por uma mão que vinha do banco de trás. Sentiu um metal gelado encostando em seu pescoço e um hábito alcoólico sussurrando em seu ouvido.

— Se você gritar, eu corto seu pescoço aqui mesmo, estamos entendidos?
Cristina balançou a cabeça afirmativamente e o dono da voz retirou a mão.
— Como entrou no meu carro?

Ela perguntou já com lágrimas escorrendo, sem coragem de olhar para trás.
Ele apenas sorriu e disse:

— Agora fique quieta e me dê sua bolsa.
Ela entregou rapidamente, passando-a por cima da cabeça.
— Pode levar meu carro, só me deixe ir.
— Ainda não, boneca – avisou ele.

Cristina sentiu que fosse desmaiar quando viu a porta do passageiro sendo aberta e mais um homem completamente desconhecido entrando, ele cumprimentou quem estava atrás e disse para ela:

— Se você for uma boa menina, não vamos machucá-la muito.

Cristina tremia, não teria a menor condição de dirigir, seja lá para onde eles quisessem levá-la e parecia que o que acabara de entrar percebeu, quando disse:

— Senta lá atrás, vamos dar uma volta.

Eles trocaram de lugares e ela pôde ver um homem muito musculoso na parte de trás, sua cabeça dava voltas e ela pensava desesperadamente em como fugir dali. Ela se sentou ao lado dele, que tinha sua bolsa no colo, enquanto o que estava no banco do passageiro pulou para a direção, para logo em seguida dar a partida, ao mesmo tempo em que o outro disse:

— Vamos passar em alguns caixas eletrônicos e você irá sacar o que puder.

De certa forma, ela ficou mais tranquila, eles só queriam dinheiro e mesmo que levassem o carro depois, desde que a deixassem viva, era o que importava.

— Sabemos que você tem uma grana guardada no banco, vamos esperar o banco abrir e você vai lá sacar para a gente, entendeu?

Seu primeiro pensamento foi avisar ao gerente sobre o sequestro relâmpago assim que chegasse, sabia que eles não entrariam com ela por causa das câmeras e isso resolveria tudo.

Ele pegou um celular do bolso, discou um número e depois disse:

— Estamos com a garota, coloca o cara na linha – ele estendeu o celular para Cristina e ela apanhou sem entender.

— Alô?

— Amor! Faz o que eles mandarem, amor?

O telefone foi arrancado da mão dela e o bandido estava com um sorriso nos lábios.

— Pegamos seu noivo essa madrugada, e se vocês dois fizerem exatamente o que dissermos, soltaremos vocês.

Ela sentiu um enorme peso caindo em seus ombros, seria fácil demais, ir ao banco sem eles e contar ao gerente que era refém, agora com Júlio, feito também de refém, ela não poderia dizer nada, não tinha dúvidas que eles os mataria se fosse preciso, então começou a acreditar que não sairia viva daquela situação.

— Como vou saber se não vão nos matar depois?

Ele apenas sorriu, enquanto abria mais uma lata de cerveja tirada de uma bolsa que trazia junto ao corpo.

Ela não tinha garantias que sairia viva após entregar o dinheiro, não tinha garantias que seu noivo seria liberto, mas não havia nada que ela pudesse fazer, tentou puxar pela memória os casos que conhecia de sequestro relâmpago e achou que teria alguma chance, a própria recepcionista do hospital havia sido levada uma vez assim e eles a deixaram em um bairro afastado depois de “limpar a conta”, mesmo que levassem o dinheiro, talvez ela também tivesse sorte, ela e o Júlio! Começou a fazer uma oração silenciosa enquanto observava seu carro se distanciando cada vez mais do hospital.

Não eram nem 7 horas quando J começou a passar mal, perdeu o equilíbrio caindo por cima de um tripé de soro, o qual felizmente estava vazio ou poderia ter machucado algum paciente. O enfermeiro que estava fazendo turno com ele, se apavorou e o acudiu prontamente, ele reclamava de uma forte tontura e antes que o diretor do hospital fosse avisado, ele já começava a apertar com força seu abdômen, dizendo sentir dores insuportáveis. J fora medicado para dor e transferido para outra ala até que exames fossem realizados, tanto seu colega plantonista como o próprio diretor se sentiram sensibilizados, sempre é mais difícil ver alguém da equipe fragilizado como se fosse um paciente normal, é como se subconscientemente as pessoas esperassem que todos os profissionais de saúde fossem de alguma forma inatingíveis e principalmente imortais. Suspeitavam de uma possível crise renal, talvez algo sobre a vesícula ou que Deus o livrasse algo no pâncreas, o que é sempre um mistério na medicina, uma vez que só apresenta sinais quando o paciente está bem próximo de findar sua vida. Como todo hospital

público brasileiro, os exames demorariam uma eternidade e o diretor lamentou que um de seus enfermeiros mais queridos tivesse que passar por isso, seu colega também se ofereceu para ficar um pouco mais além do seu turno, mas o diretor não achou necessário, disse que em breve os próximos plantonistas chegariam e caso precisasse ligaria imediatamente, recomendou que fosse para casa e fizesse orações a J, o qual ele atendeu prontamente.

J fora sedado para aliviar a dor que sentia, pois os gritos dele eram ouvidos por vários corredores, enquanto continuavam na eterna espera para os procedimentos, o diretor pediu que não avisasse nenhum parente ainda, até terem uma posição, mesmo porque não conhecia nenhum familiar de J, ele sempre se dissera órfão de pai e mãe, mas havia uma nova namorada e o diretor anotou o telefone dela em um pedaço de papel após examinar a ficha dele de funcionário e o guardou no bolso, assim que ele acordasse e se sentisse melhor, perguntaria se deveriam chamá-la.

CAPÍTULO 10

Cristina estava muito abatida e já mostrava olheiras profundas, olhos vermelhos de tanto chorar, uma sensação indescritível de impotência e inutilidade que teimavam em perturbá-la toda vez que olhava para seu noivo amarrado junto a uma cadeira, assim como ela, um a frente do outro. Já se aproximava das seis horas da tarde e eles passaram o dia fazendo saques em vários caixas eletrônicos e em dois bancos diferentes cada um, sempre um de cada vez, para que tivessem certeza que nem ela, nem o noivo iriam avisar a polícia, pois sabiam que se o fizessem o outro seria imediatamente morto.

Fechou os olhos fazendo uma prece, eles já tinham levado absolutamente tudo que tinham, então em breve os soltariam, ao menos era o que ela gostaria de acreditar, talvez estivessem esperando apenas escurecer para soltá-los em algum lugar distante, afinal se fosse para matá-los já teriam feito e ela se agarrou a esse pensamento para manter a calma e aguardar a tão sonhada liberdade.

Seis e trinta da tarde Tereza chegou ao hospital muito angustiada, querendo saber sobre a saúde do namorado; Não haviam encontrado nada de errado em seu abdômen, o diretor recomendou que fossem realizados exames mais detalhados, mas não seria naquele dia, embora ainda sentindo um pouco de dor, mas não tão intensa como pela manhã, o diretor e os médicos estavam convencidos que não haveria problema algum em deixá-lo voltar para casa, principalmente por estar acompanhado de Tereza. J se despediu de todos, agradecendo muito os cuidados e o carinho que tiveram com ele e partiu com a namorada para a casa dela, como Tereza estava desempregada, poderia cuidar dele caso ele precisasse de algo durante a noite. Tereza ajudou J a entrar no carro dela, sempre o tendo apoiado em seu ombro, chegou em casa e o colocou imediatamente na cama, implorando para que não fizesse esforço.

Ele era o primeiro namorado que ela tinha que não a tratava como uma vagabunda, até mesmo o pai de sua filha tinha o costume de espanca-la, onde várias queixas a delegacia haviam sido feitas, como era dado a confusões não só com mulheres, mas com qualquer tipo de ser que andasse sobre duas pernas, acabou morto em um bairro distante, e demorou mais de uma semana

até que ela pudesse identificar o corpo; Trabalhava como frentista em um posto de gasolina até que a situação ficou mais difícil, houve corte de funcionários e ela foi uma a mais a fazer parte da grande família brasileira desempregada, por sorte recebia benefícios do governo para sua filha e ainda recebia uma pouca ajuda da mãe, também viúva, completava a renda do mês fazendo bolos, doces e salgados que vendia na vizinhança, até que encontrara J, que para ela era servente de pedreiro. J não pode deixar de sorrir em pensamento com tamanha sorte que tinha, foi muito arriscado esse plano, mas ele se deliciava em correr riscos, obviamente se o diretor ou algum colega de trabalho dissesse a ela que ele trabalhava ali e não era apenas um paciente que chegou apresentando dores, ele teria que ter uma boa desculpa por ter mentido, se passando por praticamente analfabeto, mas isso não importava, ninguém havia dito coisa alguma, nem ela sabia que ele era enfermeiro e ninguém do hospital sabia que ele morava na casa em frente a dela, para todos, ele havia apenas sido levado para a casa da namorada, o que era excelente, pois sabia que em breve receberia a visita de algum policial.

Tereza foi buscar a filha que deixara na casa da mãe e depois de banhá-la e alimentá-la, a colocou na cama e foi ver se J estava se sentindo melhor. Ele sentou-se com dificuldade na cama, segurou a mão dela e disse:

— Meu amor, precisamos conversar.

— Está sentindo algo? – perguntou assustada.

Ele inclinou o corpo para frente, expressando um pouco de dor, ela tentou impedir que ele se mexesse, mas ele fez que não com a cabeça, se aproximou dela e a beijou na testa.

— Eu quero dividir algo com você, pois sei que é muito especial e eu preciso lhe contar que não sou analfabeto e muito menos servente de pedreiro, sou enfermeiro formado e o hospital que foi me buscar, é onde eu trabalho, mas eu preciso que mantenha como segredo.

Tereza abriu a boca para dizer algo, mas a voz não saiu, por que seu namorado mentiria sobre isso? Não fazia o menor sentido, o "certo", era pessoas mentirem que tinham uma profissão melhor a que realmente tinham, mas não inferior.

— Me escute meu amor, antes de trabalhar lá, eu trabalhei em um posto em outro bairro, você sabe que nunca recebemos nada de recursos, nunca tinha medicamentos, nada, acontece que acabou morrendo uma paciente que era mulher de um traficante, eles juraram vingança aos funcionários do posto, mataram um amigo meu, a polícia nunca descobriu quem foi. Fui atacado,

está vendo essa cicatriz na minha mão? – perguntou mostrando a mão direita, apontando entre as costas da mão e os dedos.

Tereza viu uma cicatriz bem grande, como se ela tivesse sido atravessada por uma faca ou esmagada por uma marreta.

— Eles me torturaram, Tereza, mas por sorte entrou um policial à paisana que chamou reforços e conseguiram prender um, mas os outros fugiram, fiquei traumatizado – ele pausa para enxugar as lágrimas que caíam, ao mesmo tempo olhou o rosto de Tereza, onde lágrimas desciam em grande velocidade, sem que ela fizesse o menor sinal de impedi-las. — Fiquei traumatizado, vendi minha casa, pedi demissão e me mudei, quando cheguei aqui, tive medo de dizer minha profissão, que ainda tivessem me procurando, você consegue entender, meu amor?

Ela fez que sim com a cabeça e ele continuou:

— Não pode contar a ninguém, Tereza, estou seguro naquele hospital e aqui também, mas não pode dizer nem mesmo à sua mãe, é melhor que todos continuem achando que sou um servente de pedreiro, analfabeto e ignorante.

J fez um esforço e puxou algo da calça jeans, colocou uma pequena caixa em sua mão, dizendo com um sorriso.

— Me perdoe por não ajoelhar Tereza, mas gostaria que fosse minha esposa, amo você e a Clarinha como se fosse minha, quer se casar comigo, meu amor?

Tereza se jogou nos braços dele ao ver o lindo anel que estava naquela caixa, agradeceu muito a Deus a sorte que tinha, J era o homem perfeito, depois de tanto sofrimento na vida, jamais pensou que pudesse ser pedida em casamento, casamento é coisa séria, ele até um anel comprara, ele realmente a amava e também amava sua filha!

— Estou feliz que te contei isso, agora posso comprar para você e para a Clarinha muito mais coisas que gostaria, antes não podia dar tudo que merece, pois não podia justificar de onde saía o dinheiro, mas agora, mesmo não sendo rico, darei a vocês duas, uma vida melhor.

Tereza o beijava, enquanto a saliva se misturava com o sabor salgado das lágrimas, isso era melhor do que ganhar na loteria! Após Tereza se acalmar e ir tomar banho, prometendo voltar o mais rápido que podia, J se levantou, fez um suco de laranja e derramou o líquido de um pequeno frasco que tinha no bolso em um dos copos, também foi ao quarto de Clara e facilmente deslizou pela garganta de quatro anos dela, algumas gotas. Tereza voltou e o encontrou em pé junto à mesa e lhe deu um olhar de repreensão.

— Você deveria estar na cama!

— Eu sei, eu queria apenas brindar esse momento, e depois de todo medicamento que tomei, nem que tivéssemos um champanhe eu poderia beber, mas me faria feliz se compartilhasse comigo esse suco de laranja, que fiz especialmente para o amor da minha vida.

Os olhos de Tereza brilharam, ela pegou o copo que ele oferecia e após o brinde bebeu com vontade. Voltaram para o quarto e após se deitarem e ficarem fazendo planos para o futuro, em menos de vinte minutos ela adormeceu. J se levantou e a chamou com voz baixa, ela não deu sinal, mesmo assim, não queria arriscar, retirou uma seringa e uma agulha e aplicou nela mais uma dose extra de sedativo, Clarinha não teria necessidade, a dose fora perfeita para a pouca idade. Olhou o relógio, constatando que eram quase dez horas, pegou o celular e ligou:

— Estou a caminho, pode dar prosseguimento ao plano.

J desligou o celular, atravessou a rua, retirou o seu carro da garagem, o qual ele disse a Tereza que estava com algum tipo de problema e não queria ligar, justificando assim sua ida de coletivo ao trabalho. Se certificou que não tinha ninguém na rua naquele momento e deu partida.

Chegou próximo das onze horas ao local onde Tijolo e seus amigos iriam soltar Cristina e o noivo, novamente deixou o carro escondido em uma rua sem saída e caminhou para perto da encruzilhada que seria o local de descarga; Olhou para trás e não pode mais ver seu carro, tamanha era a escuridão, em volta a maioria eram casas para alugar e algumas chácaras, novamente não contava com uma viva alma para atrapalhar seus planos. Ficou atrás de uma árvore e não precisou esperar nem dez minutos quando viu os faróis do carro de Tijolo se aproximando, viu Cristina ser jogada para fora juntamente com seu noivo e o carro arrancou, J não teve pressa em se aproximar, Tijolo seguira as instruções corretas, sabia que estariam ambos amarrados com as mãos nas costas, assim como as pernas também amarradas uma a outra e muito bem vedados com fita adesiva para que não gritassem. Quando chegou perto o suficiente para que a luz fraca de um poste não muito distante pudesse projetar sua sombra, Cristina que tentava de costas soltar as mãos, se virou e J pode ver em seus olhos o que mais gostava de ver em suas vítimas, o desespero, podia sentir o cheiro do medo. Ela rolou no chão ficando de frente para ele, seu noivo ainda não havia conseguido se virar, J se aproximou ainda mais e colocou um pé em cima da cabeça de Júlio, apoiou o cotovelo em seu próprio joelho e a mão no queixo.

— Olá, Tina! Como está?

Mesmo que não estivesse com a boca amordaçada, saberia que ela não poderia expressar uma única sílaba, e isso era uma das mais deliciosas sensações.

— E agora, Tina? O que você merece, depois de me obrigar a te ver todos aqueles malditos dias, no lugar que é meu por direito?

Cristina sentia enjoo, suas lágrimas voltaram e sua cabeça começava a rodar, esse era o pior pesadelo de todos, não podia estar acontecendo.

J olhou no relógio e disse:

— Não tenho muito tempo, Tina, vou te deixar escolher.

Ele se aproximou dela e tirou a mordaça com um único puxão.

— Você quer viver, Tina?

— Você é louco, seu psicopata! Seu doente! Seu...

J retirou um estilete da cintura e agarrou Júlio pelos cabelos, fazendo um corte não muito profundo em sua bochecha.

— Quer que eu arranque os olhos do seu novinho?

Não foi preciso pedir que ficasse em silêncio, ela automaticamente se calou.

— Eu perguntei se você quer viver?

Cristina acenou com a cabeça e ele perguntou novamente:

— Não escutei, Tina, você quer ou não viver?

Cristina disse um "quero" em um fio de voz.

— Ótimo! Temos um acordo!

J largou Júlio e se afastou para buscar seu carro, enquanto Cristina tentava com todas as forças soltar as amarras para poder correr, mas em uma fração de segundos viu os faróis do carro se aproximando, J estacionou bem próximo a eles e abriu o porta-malas.

— Agora, nós vamos fazer um trato, você vai ir até a delegacia retirar a queixa ridícula que abriu contra mim.

Ele retirou um alicate do carro e se aproximou de Júlio, enquanto ela gritava desesperada.

Pensou que fosse desmaiar ao ver o noivo gemendo em agonia, enquanto tinha a unha do polegar arrancada.

CAPÍTULO 11

Cristina gritou até perder a voz, mas não havia ninguém em volta para ajudá-los, soube que J não estava apenas querendo assustá-la, sim, ele seria capaz de torturar seu noivo até a morte, não tinha escolha, além de retirar a queixa e quem sabe após isso, ele os deixaria partir.

— A cada hora que você demorar, eu arrancarei uma unha do seu namorado e se você não voltar até o final do dia, vou arrancar cada parte do corpo dele e te mandar de presente. — J falou, enquanto arrastava Júlio e o jogava no porta-malas, desamarrou Cristina e entregou a chave do carro para ela.

— Você dirige e nem pense em causar um acidente, eu estouro tua cabeça, antes que pense em fazer isso. — J disse apontando uma arma calibre 12 em sua direção. Cristina dirigiu por cerca de uma hora e meia, quando finalmente pararam em frente à delegacia. Ele agarrou seu braço dizendo:

— Não vá fazer besteira! Eu te encontro no hospital.

— Como vou chegar no hospital?

— Isso não é problema meu, mas não vou ficar aqui esperando você me denunciar, quando retirar a queixa, vá ao hospital, te encontro no estacionamento e só para ficar claro, teu noivo idiota não estará lá comigo, apenas para ter certeza que não vai levar a polícia junto e se levar, nem toda a força tarefa do mundo vai ser capaz de encontrar esse imbecil.

— Eu não vou fazer nada, J, eu prometo, mas me dê algum dinheiro para chegar ao hospital.

J tirou do bolso uma nota de cinquenta e entregou a ela.

— Me traga o troco! – ele disse com um belo sorriso.

Cristina deixou seus pés se arrastarem pelas escadarias da delegacia, enquanto ouvia o barulho do carro de J se afastar.

Perguntaram umas cinco vezes na delegacia se ela estava bem, se estava sobre pressão ou ameaça, não era difícil para os policiais perceberem o estado emocional abalado que ela estava, Cristina começou a chorar desesperadamente, mas não teve coragem de dizer a verdade, sabia que J não pensaria para matar Júlio, não podia deixar que acontecesse nada com ele – disse então que a mãe estava muito doente, que havia passado a noite em

claro no hospital por isso parecia tão abalada, disse que precisava retirar a queixa, pois a tinha feito apenas porque estava com raiva do colega, mas que ele nunca havia lhe feito nada. Por mais que o policial achasse estranho e não acreditasse nela, ele não poderia fazer nada se ela estava retirando a queixa de livre e espontânea vontade e ainda afirmava que não estava sofrendo nenhum tipo de ameaça. Cristina conseguiu sair da delegacia duas horas depois e tentava conter as lágrimas enquanto procurava por um táxi, se J tivesse cumprido o que prometera, Júlio já teria tido mais duas unhas arrancadas e ela não conseguia pensar em uma forma de livrá-lo daquela situação.

Chegou ao hospital e ficou parada no estacionamento ainda escuro e vazio, não demorou muito quando J chegou.

— Estava te observando, mas tinha certeza que não traria ninguém.

— Eu fiz o que queria, agora me deixe ver o Júlio, por favor!

— Claro, Tina! Vamos!

Abriu o porta-malas e mandou que ela entrasse, ela não teve tempo de pensar em nada, quando levou uma coronhada na cabeça, fazendo com que seu corpo tombasse instintivamente para dentro.

Cristina acordou sentindo muita dor na cabeça devido a pancada, estava em um quarto, não muito grande, mas não pequeno o suficiente para ter claustrofobia, não havia nada ali, apenas as 4 paredes já bem velhas e gastas, o chão daqueles bem antigos em vermelho, um banheiro onde seus olhos podiam enxergar sem a porta; Estava com os pulsos presos acima da cabeça, com algemas presas em uma barra de ferro que corria por toda aquela parede, a sua frente estava seu noivo, já desamarrado, sem a mordaça e sem nenhuma das cordas que antes o prendiam com exceção de um em seus tornozelos estar preso a uma correndo com uma enorme bola de ferro, não pode deixar de sentir surpresa, só havia visto aquilo em filmes antigos sobre prisões.

Apurou os ouvidos tentando ouvir em volta se estavam sozinhos ou não, a porta desse quarto não estava totalmente aberta, mas conseguia ver pela fresta um outro cômodo, pensou que se Júlio acordasse e J não estivesse ali poderiam fugir de alguma forma, começou chamar por Júlio e ele demorou a acordar, começou a gritar o quanto podia na esperança de alguém a volta poder ouvi-la, mas ficou sem muitas esperanças uma vez que não havia janela naquele cômodo, era óbvio que estavam em um porão. Seus pés não alcançavam a outra extremidade da parede embora ela se esticasse o quanto pudesse para tentar tocar o noivo, via a respiração dele, então sabia que não estava morto. J entrou sorrindo enquanto ela ainda estava se esticando.

— Poupe seus esforços, Tina, a menos que seja elástica, não vai conseguir tocar nesse idiota.

J derramou água sobre ele, fazendo com que acordasse, em um impulso, Júlio se colocou em pé e se viu preso pela corrente e a esfera de ferro, J sacou sua arma e disse apontando para ele:

— Venha comigo, tenho um trabalho para você.

— Você é um doente, não farei nada, pois vai nos matar de qualquer forma.

— É, eu vou, mas a diferença é como vou matar, se você colaborar, será rápido, se não, cortarei cada pedaço da Tina, até que resolva trabalhar.

— Júlio, esqueça, ele vai nos matar de qualquer forma – Cristina disse voltando a chorar.

— Não acredita que eu possa arrancar os olhos dela? – J retirou um canivete do bolso, fazendo com que Júlio se desesperasse.

— O que eu tenho que fazer? – J sorriu.

— Venha comigo.

Ele saiu pela porta e Júlio levantou com muito esforço a bola de ferro que estava no chão, provavelmente uns cinquenta quilos calculou, estava muito debilitado, mas não deixou de pensar se conseguiria arremessá-la na cabeça de J, talvez fosse melhor ganhar tempo, fazer o que ele queria e depois quando estivesse mais forte, tentar fugir. J abriu uma porta de aço no cômodo ao lado e mandou que Júlio entrasse, não havia nada no cômodo, nem ao menos o contra piso, era somente terra e assim que viu uma picareta e uma pá, teve certeza que estaria cavando sua própria cova.

— Entra aí e cave o suficiente para caber um corpo!

— Acha que vou cavar minha própria cova, seu animal?

— Tenho certeza que sim, porque você não vai querer enterrar a Tina...

J fechou a pesada porta, deixando Júlio caído no chão, enquanto lágrimas banhavam seu rosto, a trancou com o trinco e voltou para onde a Tina estava.

— Por quê?

— Eu quem pergunto, Tina, por que foi se meter em meu caminho? Por que teve que tomar meu lugar na pediatria? Me fazer ver por um ano inteiro!

Agora ele gritava e ela conseguia sentir o ódio dele, era quase palpável, ela não conseguia fazer nada além de chorar. J olhou no relógio, saiu do quarto e voltou com uma garrafa de água e um pacote de biscoitos, soltou uma de suas mãos e disse:

— Vou trabalhar, me ligaram do hospital, dizendo que a Cristina não apareceu para o plantão dela – deu um sorriso sádico e continuou — Vou cobrir a falta dessa irresponsável!

J saiu e Cristina foi deixada sem acreditar no que estava vivendo.

Ele chegou ao hospital e foi informado que com a ausência de Cristina e sem terem notícias dela, ele ficaria na pediatria com Antônio, parceiro de Cristina de plantão, o diretor ainda perguntou se ele estava melhor e se tinha certeza que queria cobrir essa falta, mas ele assegurou que se sentia muito melhor e estava mais do que ansioso para ajudar.

Sentiu todos seus poros vibrando de alegria assim que adentrou a pediatria, antes aquela sala era apenas um desejo há muito contido e no entanto agora seu sonho estava se tornando realidade. Passou olhando cada maca, berço e incubadora, lendo os nomes dos bebês e crianças que estavam na cama e de repente aterrorizado se virou para Antônio perguntando:

— Onde estão os meninos?

O último recebeu alta pouco antes de você chegar, era um caso de alergia à lactose, mas o rapazinho estava muito melhor e o Doutor Fontelle o dispensou de maiores cuidados.

J trincou os dentes, sentindo o ódio tomar conta de seu corpo, esperara tantos anos por aquela chance e quando finalmente chegara, nenhum menino, isso era inacreditável!

Sentou-se em uma cadeira, visivelmente abalado e Antônio sabendo do mal-estar que teve no dia anterior, perguntou preocupado:

— Está sentindo dor novamente? Quer que chame o médico de plantão?

Ele procurou se recompor, dizendo que fora um mal estar passageiro e pediu ao colega que lhe trouxesse somente um pouco de água; Assim que ele saiu, começou a pensar, provavelmente Deus o estava punindo por ter deixado de contribuir com o dízimo aquele mês, com o anel de Tereza ele acabou ficando um pouco apertado com as contas mensais, não tinha problema algum, esse mês ele trabalharia somente à noite, faria um dinheiro extra, contribuiria para a igreja e assim Deus o abençoaria e ele poderia completar sua missão.

O plantão correu de forma tranquila e como ninguém no hospital haviam recebido nenhuma notícia de Cristina, eles pediram que J voltasse no dia seguinte para mais um plantão de 12 horas, o que ele aceitou feliz, preferia trabalhar todos os dias 12 horas do que fazer o revezamento de 12 por 24, mesmo porque agora mais do que nunca precisava suprir a falta que tinha

com Deus. O que ele não esperava era que fosse informado que voltaria a ala geriátrica, o sobrinho do diretor tinha acabado de chegar à cidade e formado em enfermagem com especialidade infantil ficaria na ala pediátrica, então mesmo que Cristina não voltasse, o que ele tinha certeza que não voltaria, de nada adiantou seus esforços, começou a cogitar a possibilidade de deixar o hospital e arrumar outra ocupação, não iria viver novamente aquela humilhação de ter que observar os outros se divertirem enquanto ele era largado com um monte de velhos imundos.

Realmente precisava se dedicar mais a igreja, pensou em Tereza, ela nunca ia a igreja, só podia ser esse o problema, por isso foi impedido de conseguir um menino na única chance que teve na pediatria, teria que falar com ela, ou ela começava a frequentar a igreja com ele ou não teria mais casamento.

CAPÍTULO 12

J voltou para casa, estava na hora de terminar com aquilo de uma vez, encontrou Cristina acordada e disse:

— Vamos dar uma volta.

Cristina achou que seria morta, afinal, qual a utilidade em sair dali.

Antes disso, foi ver Júlio e assim que abriu a porta, o viu deitado ao lado de duas covas que ele havia feito.

— Que não esteja morto! – pensou J em oração.

Não estava morto, apenas desmaiado, o que era um bom sinal, se estivesse morto, não poderia salvar sua alma. Jogou-lhe água no rosto para que acordasse, não iria carregá-lo com a bola de ferro ao corpo e tampouco iria soltá-lo, pessoas geralmente não entendiam que precisavam ser salvas. Com muito esforço, Júlio conseguiu voltar para onde Cristina estava e J o prendeu novamente junto a parede.

— Você fez duas covas, teve um trabalho desnecessário.

Tanto Júlio como Cristina gostariam de saber o que aquilo significava, mas Júlio estava debilitado demais para falar e apenas acompanhou com os olhos Cristina, que era levada para fora.

— Entra aí dentro.

J disse abrindo novamente o porta-malas.

Abriu a porta da garagem, depois o portão, não sem antes cumprimentar Arlete, que estava no portão varrendo a calçada. Dirigiu até chegar à casa de Júlio, se certificou que não tinha ninguém olhando e abriu um pouco o porta-malas, entregando um celular para Cristina.

— Liga para o hospital e diz que está se mudando com seu noivo.

— Não vou fazer isso!

— Vai sim, se não fizer, vamos voltar lá, vou cortar cada pedaço dele enquanto você assiste.

Não tinha mais o que fazer, se ela tinha alguma chance de escapar, já não acreditava mais nessa possibilidade, eles acabariam mortos, ela tinha cada vez mais certeza. Cristina fez o que era mandado, fez isso tanto no hospital como na Faculdade e devolveu o telefone a J. Ele voltou a fechar o carro,

voltando para casa, não sem antes jogar o celular em um córrego. Chegando em casa, Cristina desta vez acordada pode ver onde estavam, não a frente da casa pois ela estava dentro do porta-malas, mas a garagem que era completamente fechada, provavelmente ele pensara nisso evitando assim que alguém o visse entrando e saindo, entraram pela sala, uma casa normal até onde seus olhos podiam ver, aparentava ter dois quartos, um banheiro, sala de estar e cozinha. Na sala, embaixo de um dos sofás, que agora estava arrastado e o tapete dobrado, ela podia ver uma espécie de porta, seria mais para uma janela quadrada ao chão, a "janela" dava acesso a uma escadaria que a levaria de volta ao lugar onde seria morta.

Cristina ainda pode observar que a casa estava equipada, programada para não emitir ruídos, totalmente vedada da parte interna, não fazia ideia de onde ele havia arrumado aquela casa, mas com certeza não era a mesma que eles costumavam frequentar.

Desceram e J sempre com a arma apontada fez com que ela se sentasse e a prendeu novamente junto a parede, soltou Júlio e o mandou tomar banho, apontando para o banheiro. Cristina tentava acompanhar a lógica de J, por que o noivo precisaria tomar banho se fosse para mata-lo depois? Começou a sentir uma esperança que ele pudesse ser liberto, ao menos ele.

— J, já fizemos tudo que queria, se nos soltarmos, nunca mais vamos te incomodar.

J virou o rosto para ela e sorriu, continuando a mexer na cozinha. Na parte de baixo Cristina pode observar que além do quarto com banheiro que ela estava, havia o quarto ao lado com a porta de aço que Júlio fora levado para cavar a possível cova dos dois, havia ainda uma cozinha de tamanho médio, juntamente com um cômodo que servia para sala de jantar, já que ela via uma mesa e quatro cadeiras e um pequeno armário.

Havia ainda um outro cômodo, este estava também com uma porta de aço, mas diferente do que Júlio entrara onde só tinha um trinco, neste havia cinco, todos com enormes cadeados. O porão se encaixava perfeitamente na parte de cima e ninguém poderia imaginar que ele existia, os dois quartos estariam embaixo dos dois quartos de cima, a sala de jantar e estar era um único cômodo como na parte superior, apenas dividido pelos móveis; Já aquele quarto cheio de trancas estaria abaixo da garagem. Ele só podia ter construído aquilo, nenhuma casa que conhecesse era feita daquela maneira, principalmente sem nenhuma janela no subsolo.

J trouxe um prato de comida para Cristina e espiou Júlio que estava agora se secando, mandou que ele saísse apenas com a toalha, não deixando que se vestisse, ele se cobriu como pode e voltou para seu lugar, J mandou que ele colocasse a algema na barra de ferro deixando um braço livre e lhe deu, assim como a Cristina um prato de comida e uma garrafa de água. Pegou uma cadeira na cozinha e se sentou encostado ao banheiro enquanto os observava comer. Cristina pensou que a comida poderia estar envenenada pois não via nenhuma lógica no que ele estava fazendo, após tanto tempo sem comer e exausta como estava, ela já não se importava se estaria ou não envenenada, queria apenas saciar a fome e recuperar as forças e se fosse para morrer já se sentia pronta. J recolheu os pratos, prendeu a outra mão de Júlio que estava solta, dessa vez colocou também uma coleira de ferro em seu pescoço fazendo com que sua cabeça ficasse rente a parede, passou fita adesiva em seus pés para mantê-los juntos e disse a ele:

— Você quer a liberdade?

Ele olhava para Cristina desesperado, ninguém que estivesse próximo de ganhar a liberdade, seria amarrado daquela maneira.

— Responda! Você precisa dizer, que quer ser liberto.

— Eu quero ser liberto! – Júlio disse sem mais opções, J colocou as mãos juntas e levantou a cabeça para cima, fixando o teto como se pudesse ver algo ali, Cristina olhava o teto vazio, pensando que ele deveria ser internado em um manicômio.

— Obrigado, Senhor Deus, por mais essa missão, como seu mensageiro irei libertar mais um filho teu!

Ele fechou a boca de Júlio com fita adesiva e tomou seu ombro dizendo:

— Não temas, irmão! O Senhor te espera para glória eterna!

Os olhos de Júlio ficaram muito abertos e Cristina começava a gritar, já prevendo o que aconteceria, J virou-se para ela e disse:

— Cala-te mulher, não distraia o servo do senhor!

Deu lhe um tapa no rosto, fazendo com que se calasse imediatamente, mesmo assim, voltou a prender a mão que estava solta e colocou fita adesiva, precisava de concentração e ela poderia voltar a distraí-lo. Agora, as únicas coisas que Cristina e o noivo podiam fazer, era se olharem e deixar que as lágrimas caíssem, Júlio, através do seu olhar cansado, dizia mentalmente que a amava, se desculpava por não poder salvá-la, salvá-los daquela situação. Ela, por sua vez, implorava por perdão, por ter conhecido e se aproximado de

J, lamentou todos os anos que deixariam de viver e implorou a Deus que a morte deles fosse rápida. J voltou a se sentar na cadeira com um livro nas mãos, logo eles viram se tratar de uma Bíblia. Abriu em Salmos 119:105 e disse:

“A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho”.

Depois em João, leu:

“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça”.

— E eu sou o instrumento purificador, meus irmãos, eu fui enviado à Terra por Deus, para livrar todos do pecado e da imundice! Eu sou a verdade, eu sou o Purificador de Almas!

Não haveria como descrever o pavor que Cristina e Júlio sentiam a cada palavra que J dizia e ele continuou com mais um verso de Hebreus:

“Pois a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e as intenções do coração”.

Ele beijou a bíblia, a deixando sobre a cadeira, caminhou até a cozinha e voltou com uma tesoura de jardineiro, arrancou a toalha que cobria Júlio e ele começou a emitir sons abafados, devido ao impedimento na boca, Cristina começava a ver o sangue escorrer de se seus pulsos, tamanho era o esforço que fazia para se soltar das algemas, J não demorou muito, segurou o pênis de Júlio com uma mão, para cortá-lo em seguida. Ele saiu da sala rapidamente com o membro, enquanto Cristina era deixada, observando Júlio perder uma enorme quantidade de sangue, o corpo começando a convulsionar, mas ela desmaiou antes de vê-lo dar seu último suspiro, o que não levou muito tempo. J costurou pacientemente o membro, para evitar que mais sangue se perdesse, o limpou cuidadosamente com álcool e o colocou em um vidro com formol, fechou a tampa e fez uma prece.

— Mais uma alma liberta, em nome do Pai!

CAPÍTULO 13

Uma semana após o desaparecimento de Cristina, chegou ao Hospital um inspetor de polícia, falou com o diretor e J foi chamado à sala dele. Após os cumprimentos. J se sentou e esperou que o inspetor falasse:

— Recebemos uma queixa de desaparecimento sobre uma colega de trabalho, Cristina e seu noivo Júlio, saberia algo a respeito?

— Está desaparecida? Pelo que sei, ela se mudou.

O inspetor estreitou os olhos e perguntou:

— E ela te disse para onde mudaria?

— Não, mas disse ao diretor.

O investigador olhou para o diretor e se perguntou porque não havia sido informado disso imediatamente.

— Na verdade, ela não falou comigo, ela ligou para o hospital, a recepcionista atendeu e ela deixou o recado que estaria se mudando com o noivo, se desculpava por sair assim do hospital, mas tinha pressa.

— E eu posso falar com a pessoa que atendeu ao telefonema?

— Mas é claro, aguarde um momento, por favor.

O diretor saiu e o inspetor continuou fazendo perguntas à J.

— Pelo que sabemos, essa moça prestou uma queixa contra o senhor, mas curiosamente, retirou a queixa antes de desaparecer.

— Ela retirou a queixa?

— Não sabia?

— Não, não falei mais com ela.

Poderia me dar a localização de onde estava no dia 18 de maio, mais precisamente, na madrugada de sexta para sábado?

— Estava trabalhando.

— Imagino que o diretor possa confirmar isso?

— Mas é claro.

J terminou de dizer isso, quando Juliana entrou acompanhada do diretor.

— A senhora foi a última pessoa a falar com Cristina nesse hospital?

— Não sei se fui a última, mas com certeza falei com ela.

— E o que ela lhe disse exatamente?

— Que ia se mudar, que estava com pressa, de malas prontas, que o noivo tinha recebido uma proposta irrecusável.

— E não achou estranho, ela sair assim do nada? Em nenhum momento achou que ela poderia estar sob ameaça ou com medo de algo?

— Ela não estava sob ameaça, eu posso garantir.

— Como pode garantir algo assim?

— Tínhamos um código, meu nome como sabe é Juliana, então obviamente ninguém teria motivos de me chamar de Má, ela me chamava, porque gosto daquele cantor Marcos Simões, sabe? Começou como uma brincadeira, eu também a chamava de Má, mas depois, até uma vez falamos que serviria de código, caso alguém precisasse de algo, era só chamar pelo nome mesmo, saberíamos que algo estaria errado.

— E ela te chamou de Má? – o investigador indagou fazendo algumas anotações.

— Chamou sim e disse que me amava e que eu deveria me cuidar.

— Entendo...

O inspetor dispensou Juliana e se voltou ao diretor:

— Então, J estava de plantão na madrugada em que Cristina desapareceu?

— Sim, ela saiu cerca de cinco horas da manhã e J sairia às sete.

— Sairia? Não saiu?

— Não, senhor.

J permanecia em silêncio apenas observando onde aquilo levaria, mas mentalmente podia sorrir, Cristina merecia até uma recompensa por ter chamado a outra de "Má", uma grande ajuda, a qual ele nem estava esperando.

— J começou a passar mal, passou o dia todo internado, fizemos vários exames, suspeitamos de pedra nos rins...

— E a que horas, ele saiu?

— Saiu com a namorada, cerca de seis horas da tarde.

— E sua namorada, como se chama?

— Tereza, eu posso pedir que ela venha até aqui, caso seja necessário, também estou disposto a fazer qualquer coisa para encontrar Cristina, se ela está mesmo desaparecida, inclusive lhe convido para ir na minha casa – disse estendendo a chave, mas o inspetor recusou.

— Por hora, prefiro fazer isso conforme a lei e não temos um mandado de busca.

— Mas gostaria que acompanhasse sua namorada à delegacia, assim que

possível.

O inspetor entregou um cartão à J e saiu. Naquele dia à noite, J compareceu à delegacia com Tereza, que achava um absurdo ter que depor por causa de uma maluca, que resolvera largar o emprego sem mais nem menos, mas ele disse que queria ajudar a polícia e caso a moça não tivesse ido embora, faria qualquer coisa para ajudá-los a encontrá-la.

Sentada sozinha com o investigador, J ficara com Clarinha no colo, na sala de espera, Tereza mostrava toda sua impaciência e má vontade por interromperem seus planos de jantar fora com o noivo.

— Agradeço seu tempo, senhora, gostaria de nos responder algumas perguntas?

— Não, eu não gostaria, mas tenho escolha?

O inspetor a olhou curioso e respondeu:

— Claro que tem escolha, a senhora não está sendo investigada por nada, apenas acreditamos que gostaria de ajudar seu namorado, sabe que a moça desaparecida prestou queixa contra ele, não sabe?

— É claro que sei, inveja pura, sabia que ele era mais competente do que ela, estava concorrendo por um cargo, só isso.

O inspetor respirou fundo, esse cara podia até ser um assassino em série, que essa mulher nunca acreditaria, grande parte das mulheres ficavam cegas em seus relacionamentos, embora não tivesse motivo para suspeitar de J, ainda assim, seria sua obrigação checar o álibi dele.

— Dia 18 de maio, seu namorado passou mal no trabalho, a senhora foi buscá-lo e o que aconteceu depois?

— Ele passou o dia no hospital, depois me ligaram, fui buscá-lo e fomos para minha casa.

— E ele passou a noite toda com a senhora?

— Mas é claro! Ele estava muito doente!

— Não teria nenhuma chance de ele ter saído de casa, sem que a senhora visse?

— Mas que absurdo! É óbvio que não! Além do mais, temos a Clarinha, ela acorda muito fácil.

— E o que aconteceu no dia seguinte?

— Era sábado, estávamos muito cansados, acordamos quase meio dia, saímos para almoçar fora, passeamos no shopping, à noite fizemos um jantar em casa e chamei minha mãe.

— Já tem uma semana e a senhora se lembra bem de tudo que fez, diria

que tem boa memória?

— É claro que eu ia me lembrar desse dia, foi quando J me pediu em noivado – disse orgulhosa, mostrando o anel.

O inspetor a dispensou, o rapaz tinha um álibi, tudo indicava que Cristina realmente havia ido embora, mas a família do noivo não havia sido informada e ele continuava como desaparecido.

Estava mais do que na hora de J conseguir sair dali, não era interessante ter Tereza tão próxima à casa para onde levaria todos os meninos que conseguisse e muito menos estando Cristina lá dentro, o melhor seria mudar dali e fazê-la acreditar que comprariam outra casa, em outro lugar. Conversaria com Tijolo. Não gostava da ideia de mexer com tráfico, tudo que ele queria, era ficar longe dos olhos da polícia, mas precisava de dinheiro e ele provavelmente teria alguma solução.

— Já te falei cara, trabalhe comigo e ganhe uma boa grana – Tijolo disse se sentando em uma mesa de bar no morro do Piolho, o qual agora estava como chefe.

— Não Tijolo, quero algo diferente, sem correr riscos.

— Até tenho um serviço, se for homem o bastante para fazer.

— O que seria?

— Tem um deputado que está causando problemas... Se você colocar um fim nele...

— Você só pode estar maluco! Deputado? Eu quero sair da vista e não ser manchete de jornais...

— Depende, J, depende... – Tijolo dizia enquanto dava um longo trago no cigarro.

— Depende do quê?

— Ele está precisando de um enfermeiro particular, tem uma mãe doente...

— Não sei.

— Escuta, vou te explicar e aí você decide se quer ou não, estamos falando em grana alta, temos muita gente envolvida, capaz de dar até 1 milhão pela cabeça desse babaca.

Um milhão seria ótimo, resolveria o problema de levar a Tereza para longe, mas ter a cara dele de novo em uma delegacia não seria interessante. Passaram a tarde toda conversando, Tijolo garantiu que o problema com o tal deputado é que ele estava atrapalhando os "negócios" na Estação da Luz, ele cobrava uma boa porcentagem aos traficantes para que eles continuassem negociando naquele local, mais um deputado corrupto, enriquecendo de

forma fácil.

Segundo Tijolo, o plano seria que ele fosse trabalhar com o tal deputado, e assim teria acesso a agenda dele, facilitando uma possível emboscada. De início J não gostou nada da ideia, a polícia já sabia sobre Michele, o desaparecimento de Cristina, seria muito suspeito se ele aparecesse novamente em outro caso, especialmente com uma pessoa pública.

Poderia dar certo sim, se ao invés de dizer onde estaria o tal deputado, ele facilitasse a entrada do grupo de Tijolo na casa, se ele também fosse atingido, seria mais fácil ainda, Tijolo ainda prometera documentos novos, isso ele precisava mesmo, aquele nome já estava começando a ter referências demais, inclusive um primo do tal deputado estava de acordo com o plano, mas ele não poderia estar presente e obviamente teria um álibi sólido, mas ele serviria de referência para que J conseguisse o serviço, com nome novo ele não precisaria usar referências do hospital, com tudo a seu favor, resolveu então aceitar esse trabalho, depois começaria vida nova, não seria difícil explicar a Tereza a mudança de documentos, uma vez que estaria trabalhando para alguém tão importante. E foi exatamente esse plano que J seguiu, continuou no hospital por mais 1 ano para não levantar suspeitas de desaparecer logo após o sumiço de Cristina, iniciaria na casa do deputado aos finais de semana e após um certo tempo, deixaria o hospital, ficaria fixo na casa, Tijolo mataria o deputado, ele ganharia 1 milhão e ainda teria documentos novos.

Tudo seria perfeito, mas ainda assim tinha que tirar Tereza dali antes de tudo aquilo, Clarinha logo começaria a aprontar e crianças sempre achavam coisas que não deveriam, logo ela estaria levantando o tapete de sua casa e encontrando a porta que levava ao porão e como ele não tinha a menor intenção de explicar a polícia novamente o sumiço de uma namorada com filho, sabia que precisava providenciar o mais rápido possível uma mudança.

Acertou com Tijolo que queria uma parte adiantado pela facilitação da entrada na casa do deputado e ele deu emprestado um apartamento no Cecap, J conseguiu levar para lá tanto Tereza e sua filha, como a mãe de Tereza, não seria nada bom ter alguém que mantinha contato diário com sua casa "secreta", ele diria que alugaria a casa dele e que viveriam ali até que ele pudesse vender a casa e comprar outra, plano perfeito que facilitaria as idas de J ao Cocaia, dizendo estar fazendo manutenção na casa para o inquilino. Tereza ficou extremamente feliz, além dele amar e cuidar de sua filha, ainda se preocupou em levar junto sua mãe, como ambas as casas eram de aluguel, não foi difícil organizarem a mudança, agora Tereza podia vender seus doces

e salgados pelos vários apartamentos que tinham no complexo do Cecap, teria sua mãe para ajudar e J estaria bem mais próximo do trabalho no hospital, sentia muito orgulho em ter um noivo enfermeiro e quando ele anunciou que trabalharia para um deputado então, Tereza não se cabia de felicidade, haviam combinado que só se casariam legalmente quando J pudesse comprar uma nova casa e assim ela esperava feliz.

CAPÍTULO 14

Delegacia de Guarulhos, 18 de Maio 2012 - 2 anos após a primeira caixa

Arantes e Andrade estavam estagnados no caso dos meninos desaparecidos, eles continuavam a desaparecer em uma proporção assustadora, obviamente não somente em Guarulhos, sabiam que o assassino estava ampliando seu território e buscando novas oportunidades, mas a maioria que havia desaparecido não tinha sido registrado oficialmente, essa pesquisa foi feita por Andrade, considerada *off work**, segundo ele, estava seguindo uma pista, mas por não ter nada legal, não seria correto de sua parte usar o tempo na delegacia, o que Arantes, o Mascote, achava extremamente injusto, se eram parceiros, deveriam dividir toda a descoberta. Mas Andrade era cético, mal humorado e até ranzinza, o que aparentava de descuido e até relapso como no caso da primeira caixa que receberam, se tornava detalhista e individualista na hora que algum caso chamava sua atenção e esse aparentemente havia conseguido ter sua total atenção de alguns meses para cá, antes disso, o Mascote não havia notado esse "afastamento" dele, a única informação que conseguiu retirar de Andrade foi que andou pelo Vale do Anhangabaú, Praça da Sé e Estação da Luz, fazendo algumas perguntas e descobriu que vários meninos haviam simplesmente desaparecido de lá.

Algo extremamente natural, sendo a maioria, moradores de rua, sem nenhuma família que se importasse e na maioria usuários de drogas, mesmo naquela tenra idade, qualquer um que desaparecesse não seria facilmente notado, primeiro porque "a família", ou seja, seu grupo não tinha o menor interesse em ter contato com a polícia, acreditando assim que ou fora levado a Fundação Casa, morto ou não fazia a menor diferença, era apenas um a menos para dividirem o "doce", um garoto de 11 anos lhe falara, que eles praticavam pequenos assaltos juntos e ao final do dia era contado todo dinheiro arrecadado por todos e dividido igualmente na compra de crack e comida.

*Off work** expressão em inglês para realizações de trabalhos fora do horário do expediente.

Quanto aos investigadores, não faltava o que os mantivessem ocupados em Guarulhos, tendo muitos casos de homicídios registrados diariamente, Guarulhos segundo os dados do IBGE em 2010 se tornara a cidade mais populosa do estado com mais de 1 milhão de habitantes, sendo que o estado de São Paulo contava ao todo com pouco mais de 11 milhões, uma estimativa assustadora pensando que o estado possui 645 municípios.

Houve grande expectativa para o dia 18 de maio no ano anterior, mas nenhuma caixa fora recebida nem na delegacia nem no Instituto de Criminalística, otimistas, chegaram a pensar que seria apenas uma coincidência, mas Paulo insistira que não, já que o dia 18 de maio era considerado o dia nacional contra o abuso e a exploração infantil, com tais alegações, nenhum dos dois investigadores puderam deixar de dar crédito aos palpites de Paulo, os quais não foram poucos durante aquele período, mas sem novas denúncias ou pistas o caso foi novamente esfriando. Tanto Andrade como Arantes estavam sobrecarregados com outros casos e pareciam não perceber ou se percebiam, não demonstravam a mesma tensão carregada por Paulo naquela semana, o próximo 18 de maio se aproximava e ele tinha certeza que o assassino em série se manifestaria novamente.

Estava quase perdendo as esperanças de alguma notícia, uma vez que já passara a hora do almoço, quando viu Allan entrar apressado na delegacia.

— Cara, você não acredita! O maníaco voltou!

Todos os olhos se voltaram para ele, assim que se debruçou no balcão para falar com Paulo, até mesmo o delegado Farias, que estava tomando café, parou com a xícara suspensa no ar.

— Entregaram outra caixa no IC? – Andrade perguntou.

— Não, no meu carro, cara! Você não vai nem acreditar, é hilário! O cara é um colecionador de pintos!

Houve um silêncio mortal na delegacia, o escrevente parou de digitar na mesma hora e todos os olhos se voltaram para o sorriso que Allan exibía no rosto. Ele foi encaminhado à uma sala, onde Farias, Andrade, Mascote e mesmo sem ser convidado, Paulo, entraram. O estagiário falava muito contente, como se tivesse acabado de ver um filme eletrizante, era nítido o gosto macabro que ele apresentava.

— O que foi entregue em seu carro exatamente e onde? Você sabia que agora é um suspeito? – Mascote falou muito sério, fazendo com que o sorriso

desaparecesse imediatamente de seu rosto.

Se estabeleceu um clima de tensão, mas nem mesmo o delegado suportou fazer aquele papel, era óbvio que Allan não tinha a menor vocação para assassino em série.

— Para com isso, Arantes, esse idiota só fala demais!

— As aparências podem enganar, Farias – o Mascote se aproximava dele, que agora sentado em uma cadeira, parecia se encolher.

— Poupe meu tempo! Assassinos em série são inteligentes, esse aí, é um idiota! Diga de uma vez, o que exatamente e onde você encontrou? – perguntou novamente o delegado, extremamente sério, se aproximando alguns passos do estagiário do Instituto de Criminalística.

— Eu estava indo para meu horário de almoço e quando cheguei no meu carro, estava lá em cima, bem perto do para-brisa, uma caixa de presentes, cara, eu juro que pensei que era da minha namorada, ontem fizemos um ano de namoro e ela ficou de me fazer uma surpresa e como ela não tinha me dado nada ainda e minha prima me contou que a viu em um sex shop, então...

— Allan! – gritou o delegado, fazendo com que ele se calasse imediatamente. — Como era a caixa? Pode descrever apenas o que eu perguntei?

— Era branca, com uma tampa que encaixa, igual a outra, mas era menor. — respondeu o estagiário, já sem muita empolgação na voz, devido ao grito inesperado do delegado.

— Tinha um laço azul na tampa? – Mascote perguntou.

Ele apenas assentiu com a cabeça.

— E você, a abriu na mesma hora?

— Abri – ele respondeu torcendo as mãos, Andrade não pôde deixar de sorrir, a maneira perfeita de se torturar Allan, era impedindo que ele falasse, podia sentir a língua dele se coçando, para despejar de uma vez por todas, o que sabia.

— E então? – Andrade continuou fazendo um sinal aos demais para que o deixassem falar a seu modo, seria mais rápido, do que pausá-lo a cada pergunta, ele parecia ter que se conter para falar e acabava esquecendo de detalhes, como não havia mencionado o laço azul, assim que pediram para que descrevesse a caixa.

— Aí eu abri e adivinha só – continuou de novo tomado pela empolgação — Tinha um frasco lá, com um pinto dentro! E tinha umas 5 fotos também, com um armário enorme, cheios de frascos, cheios de pintos!

Allan terminou seu relato satisfeito e o Mascote tomou a palavra.

— E o tal "pinto", podemos entender que se refere ao órgão sexual masculino, o pênis, e não ao pinto, animal bípede penoso, *gallus domesticus*, correto?

Allan pareceu confuso com a última informação e acabou dizendo:

— Era pinto de gente mesmo!

O delegado levou ambas as mãos ao rosto, merecia um aumento por tudo que tinha que aturar, sentiu pena das pessoas que acreditavam que todos os profissionais da área, fossem dotados de palavreados elegantes, discretos e acima de tudo, profissionais, Allan era a prova viva de alguns tipos de pessoas, que estavam encarregadas de ajudar a cumprir a Lei.

Farias apenas olhou para os investigadores e eles sabiam que deveriam ir ao IC, para verificar tudo que Allan havia dito. Paulo saiu da sala sem nenhuma observação e Allan foi levado de volta ao IC, junto com os investigadores, após assinar seu depoimento.

CAPÍTULO 15

Cativeiro de Guarulhos – 2 anos após o sequestro de Cristina

Cristina estava acorrentada naquele quarto, na cidade de Guarulhos, grande São Paulo, onde todos os dias implorava pela morte, mas esta não chegava, com um metro e setenta, pesava agora 45 quilos. A magreza excessiva se dava pela falta de alimentação adequada, na maioria das vezes comia o resto que sobrava do prato de seu carrasco, mas não naquele dia, dia 18 de maio era um dia especial, ela já havia passado por outro 18 de maio e sabia o que a esperava nos próximos minutos.

Enrolou a corrente no braço, detestava o barulho dela arrastando no chão e cambaleou até o banheiro sem porta para vomitar, a corrente presa a uma argola de ferro cimentada na parede do quarto tinha comprimento suficiente apenas para chegar até ao vaso sanitário. Vomitou várias vezes, e desejou que pudesse morrer asfixiada no próprio vômito, mas não, ela continuava viva, jogou água fria no rosto tentando não sentir o cheiro que vinha da cozinha.

O cheiro adocicado, metálico, misturado a urina, fezes e sangue que estavam ainda espalhados pelo chão a fez fechar os olhos por alguns segundos achando que fosse desmaiar.

— Tina! Vem querida, está na mesa!

Cristina abriu os olhos lentamente, enquanto J se aproximava com um largo sorriso doentio em seu rosto.

— Está com fome? — perguntou enquanto abria o cadeado da corrente, para que ela chegasse até a mesa. Cristina não respondeu, no primeiro 18 de maio, ela foi para a mesa sem saber do que se tratava o banquete e quando se atreveu a dizer não...

J havia parado na porta do quarto e segurava o taco de beisebol em uma das mãos, apenas para lembrá-la do que aconteceria, se ela se recusasse novamente. Caminhou lentamente e suas lágrimas caíam pelo chão enquanto andava, sentiu ânsia novamente, quando ele colocou o caldeirão sobre a mesa, ela continuava sentada imóvel, enquanto ele assoviava uma canção à medida que pegava a sopa com a concha. Encheu o prato dela e lhe entregou uma colher, depois se serviu de uma grande porção e se sentou satisfeito.

Olhando para seu prato, ela agradeceu mentalmente por ele ter pego

somente os dedos.

— Está delicioso! – J disse enquanto mordia um pedaço suculento do que foi um braço.

O nome do menino era Felipe, tinha chegado há três dias, bem a tempo de preparar o banquete, era loiro, tinha oito anos e Cristina ainda podia ouvir os gritos dele na noite anterior, enquanto J retirava-lhe os dedos, um a um, com um alicate de mecânico. Ele fora levado para “O quarto dos brinquedos”, a porta de aço que no primeiro dia em seu cativeiro, a viu trancada com vários cadeados, aquele era o lugar onde J levava os meninos, às vezes, Cristina era obrigada a assistir, às vezes, ele brincava sozinho. O rosto do Felipe ainda estava muito nítido em sua mente, seus olhos que mostravam um pavor quase palpável, sua voz rouca depois de tantos gritos, até que tudo terminou, e agora ela olhava para o prato, com muitas cenouras e batatas e os pequenos dedos dele. Um barulho ensurdecador a fez tremer, J batia o taco de beisebol na parede, ela levantou os olhos lentamente e o viu em pé bem próximo a ela, a voz dele não saiu, mas ela pôde ler seus lábios se movendo.

— Come, vadia!

Cristina respirou fundo e levou uma colher cheia à boca, enquanto mais lágrimas caíam em seu prato e seu carcereiro voltava a se sentar satisfeito.

Felipe, oito anos, era filho de uma mãe solteira que trabalhava como manicure, o garoto ia e voltava da escola sozinho, já que era muito perto de sua casa, ele teria apenas que seguir reto e cruzar duas esquinas. Anete sempre se certificava que o filho fosse acompanhado para a escola, havia mais três garotinhos que caminhavam com ele todos os dias, mas naquele dia fatídico, Felipe não sabia que seu destino havia sido traçado, quando caminhou até a casa ao lado e tocou a campainha, a mãe do seu colega saiu dizendo que hoje o filho não poderia ir à escola, que havia amanhecido com febre. Ele então só precisava caminhar mais 5 casas, até sua próxima parada.

— Felipe!

Felipe se virou e viu seu vizinho o chamando.

— Oi, J!

— Oi, Felipe, e aí, tudo bem?

— Tudo e contigo?

— Tudo certo! Já vai pra escola?

— Vou, mas o Gustavo está doente, vou na casa do Rodrigo, agora.

— O Rodrigo não vai pra escola hoje também.

— Por quê? Ficou sabendo que ele está doente também?

- Não, não está doente nada, ele está lá em casa, agora.
- Ué, ele não vai para a escola não?
- Você não conta pra ninguém? – J perguntou falando mais baixo.
- Não conto – respondeu Felipe.
- Eu comprei um fliperama.

Os olhos de Felipe brilharam, mas ainda assim, não entendeu direito.

- Mas por que não posso contar para ninguém?

— Porque eu estou alugando, e você sabe, né? Não pode ter essas máquinas de jogo em casa.

- Ah, entendi e quanto você vai cobrar?

— Pra você, que é meu camarada, vou cobrar só 1 real – J disse, passando o braço por cima do ombro de Felipe, enquanto apertava o passo para ultrapassar a casa de Rodrigo. — Vamos lá em casa, agora, dá tempo de você jogar uns dez minutos e depois ir com o Rodrigo.

— Não sei, J... – o garoto olhava para ele e para trás, onde ficava a casa do amigo que acabara de passar.

— Vamos! Para com isso, não é um real por dez minutos não, é por uma hora, mas depois, eu deixo você terminar o tempo quando voltar da escola.

- Está certo, então!

Felipe confiava em J, ele era o vizinho querido da rua, todo mundo gostava dele, ele sempre, aos fins de semana, jogava bola com os meninos, dava algodão doce e chicletes. Embora, agora ele só aparecesse aos finais de semana, havia se casado com Tereza e se mudado, mas por causa da crise e dos tempos difíceis, ele não conseguia vender o imóvel, por isso, ele aparecia aos sábados e às vezes aos domingos, para fazer a manutenção da casa e interagir com os vizinhos. J era um moço muito direito, dizia sua mãe, ele morou tanto tempo naquela rua e nenhum vizinho podia falar nada dele, sempre ajudava a todos, fosse em construções ou qualquer favor que alguém precisasse, era muito trabalhador, ainda cuidava da filha de Tereza como se fosse dele, poucos homens fariam isso!

— J é um moço bem sofrido, Felipe, trabalha muito e o que ganha, divide com os mais pobres – Sua mãe dissera uma vez, quando ele comprara o remédio que o seu Antônio, da rua de baixo, não podia comprar. A família de J tinha morrido, ele era sozinho e dava muita pena, felizmente, formou família com Tereza. — Deus vai ajudar que vendam a casa, ele merece!

Cristina terminou a sopa e perguntou se podia se levantar.

— Se você vomitar minha sopa, você vai comer o que vomitou. — J disse, enquanto voltava a se servir. Cristina voltou ao seu quarto e se deitou no único colchão surrado ao canto da parede, fechou os olhos e começou a lembrar de quando Felipe chegou.

— Tina, chegamos! – ela ouvira a voz de J, no topo na escada que dava ao porão.

— Ué? Sua casa tem porão? – perguntou Felipe estranhando o fato, ele já havia vindo várias vezes àquela casa com seus colegas e até mesmo com sua mãe e outros vizinhos. Lembrou de um Natal, antes mesmo dele conhecer Tereza, quando sua mãe havia preparado uma marmita especial e foram levar para J, pois sabiam que ele não tinha condições, mas em nenhum momento, tinha visto aquela tampa de madeira quadrada no chão, sempre tinha um tapete velho muito grande na sala.

— Quem é Tina? — Felipe perguntou colocando a mão no chão, olhando a longa escadaria.

— Vai lá descobrir! – J gritou enquanto dava um chute nas costas de Felipe, fazendo com que o menino rolasse escada abaixo.

Felipe recebeu um chute no final da coluna, o fazendo cair de cabeça, batendo a boca no primeiro degrau e logo depois deu uma cambalhota, nos demais degraus, fora uma descida reta de costas e rápida, até o chão onde caiu desacordado. J fechou a tampa atrás de si e desceu as escadas calmamente, chegando até o garoto que permanecia imóvel no chão, puxou-o pelos cabelos, mas ele não dava sinais de reação.

— Esse não vai durar um dia! – disse sorrindo enquanto olhava Cristina perto da porta, impedida de chegar até o garoto por causa de sua corrente.

Ele não mais deixava Cristina solta quando trazia um novo brinquedo, pois descobriu que ela estava matando os meninos, antes dele poder se divertir, ou “purificar suas almas”, como ele mesmo dizia, mas isso foi logo no começo, agora ele tinha aprendido que ela não entendia sua missão e que deveria ficar presa para não atrapalhar.

— Brinquedo novo, Tina! – ele aumentou a voz animado, enquanto arrastava Felipe para o quarto onde ela estava.

Na parede oposta à de Cristina, havia agora outra corrente e duas outras argolas chumbadas na parede, ele prendeu as correntes em cada uma das argolas e depois, virando Felipe de costas, colocou cadeado em cada uma das mãos. Cristina foi presa com uma corrente menor, geralmente a que ela

ficava, enquanto estava sozinha, dava-lhe liberdade para circular pelo quarto, mas quando ele estava para trazer um novo garoto, encurtava a corrente para impedi-la de se aproximar.

— O que acha dele, Tina? – disse levantando a cabeça de Felipe para trás.

O garoto começou a dar sinais que acordaria, quando J começou a lambe seu pescoço. Felipe não entendia o que estava acontecendo, ficando sem reação, estava com muita dor pela queda e assustado ao notar que estava acorrentado, mas a dor ainda nem havia começado.

Ele segurava os cabelos de Felipe com força, colocou um dedo em sua boca, enquanto dizia em seu ouvido.

— Te desejo há cinco anos, Felipe, tá proibido de morrer, antes de me satisfazer.

Felipe ia dizer algo, quando teve sua boca invadida pela língua de J, para em breve largá-lo, ao observar com o canto dos olhos, que Cristina escondia seu rosto de encontro à parede, assim, um chute foi dado em seu estômago, fazendo com que ela perdesse o ar.

— Se você não olhar, eu vou arrancar os olhos dele e te fazer comer.

Ela então se colocou no modo distante, fazia isso sempre que era obrigada a assistir, olhava fixo, mas seu pensamento estava em outro lugar, nem sempre funcionava, mas depois de tantos outros meninos, ela estava começando a aprender a controlar o que seus olhos viam. Felipe olhava para trás, até onde seu pescoço conseguia virar, lágrimas corriam de seus olhos e ele começou a rezar à medida que J arrancava sua calça. Para J, aquela pele clara era muito excitante, uma bunda pequena e redondinha, ele mal conseguia se conter, poderia ter um orgasmo só olhando, desabotoou seu cinto, mas tinha algo errado, o garoto deveria estar gritando como todos os outros.

Puxou novamente seu cabelo para trás e mordeu sua orelha, forte o suficiente para sentir o gosto do sangue, mas Felipe continuava em silêncio. J sugava seu pescoço, subindo até o ouvido:

— Grita, Felipe, eu quero te ouvir gritar!

O garoto, em estado de choque, continuava mudo e ele começou a perder a paciência, afastou as pernas do garoto, o segurou firme pelo quadril e introduziu o mais rápido que pôde, mais de cinco minutos haviam se passado, sem que Felipe soltasse o menor gemido de dor e isso estava fazendo com que J se desesperasse. Saiu de cima dele e o chutou na costela.

— Cinco anos esperando por você, seu viado! E é assim que você me

agradece?

Soltou as correntes das argolas e arrastou Felipe para o quarto dos brinquedos, abriu uma gaveta, pegando um alicate de mecânico, acionou o gravador de voz do celular e sentou em cima de Felipe, que ainda estava jogado de barriga no chão, puxou suas mãos para trás e começou a cortar um a um, seus dedos. Após o primeiro corte, Felipe já estava gritando, enquanto J chupava longamente cada um que arrancava, engolindo a chuva de sangue com prazer. No quinto dedo, Felipe parou de gritar, o quarto estava inundado de sangue, mesmo assim, terminou de arrancar os dedos da outra mão pacientemente, depois se levantou, pegou o celular e colocou em modo de reprodução para ouvir novamente os gritos.

— Agora sim! – disse satisfeito, enquanto segurava o quadril sem vida.

Foi somente nesse momento, que J conseguiu ter um orgasmo.

CAPÍTULO 16

Delegacia de Guarulhos, uma semana depois.

O delegado Farias chegou pisando duro, assim que adentrou com um calhamaço de jornais na mão, olhou para Paulo, Andrade e Mascote, que estavam em pé logo na entrada. Foi tirando um a um dos jornais e batendo com força em cima do balcão:

— Diário de Guarulhos! “Delegado esconde maníaco que aterroriza cidade”.

— Jornal Cidade! “Delegacia oculta provas recebidas”.

— Folha do dia! “Investigadores são chacota do maníaco dos meninos”.

— A tarde! “Maníaco da fita azul ataca novamente”.

— Jornal todo dia! “Delegacia mostra incompetência diante de assassino em série”.

Mais e mais jornais eram arremessados ao balcão com as manchetes:

— “Maníaco dos metacarpianos ataca novamente.”

— “Maníaco da caixa deixa provas do crime aos investigadores.”

— “*Serial Killer* de Guarulhos, sequestra e mata meninos e a polícia ainda não fez nada.”

— “Psicopata dos vidros, cada caixa uma vida a menos.”

Todos estavam sem reação, os olhos do delegado pareciam que iam saltar das órbitas, seu rosto estava muito vermelho e podia-se observar leve tremor nas mãos.

— Somos a piada da cidade, senão do país! Tudo graças a um idiota que não sabe manter a boca fechada e um cretino metido a Sherlock! – disse isso olhando para Paulo, em seguida, saiu batendo a porta com força.

Andrade saiu atrás do delegado e o Mascote passou por Paulo, colocando a mão em seu ombro, com um gesto de lamento e apoio, Paulo decidiu não ir atrás, o semblante do delegado deixava bem claro que ele era a última pessoa que gostaria de ver. Assim que os investigadores entraram na sala do delegado, ele estava sentado com ambas as mãos na cabeça e levantou os olhos cansados, assim que a porta foi aberta, respirou fundo e perguntou com a voz embargada de fadiga.

— Onde estamos?

— Temos até agora, cerca de cinquenta meninos desaparecidos nos últimos quatro anos, isso incluindo Guarulhos, São Paulo e grande São Paulo, fiz um levantamento com outras delegacias e pude averiguar os dados, neste relatório consta apenas desaparecimentos de crianças isoladas, não cogitamos casos onde pais ou responsáveis também tenham desaparecido, como em caso de assaltos e latrocínio – Andrade falou entregando uma pasta ao delegado.

— Sobre o I C, constatamos que o órgão deixado na última caixa era humano e que não pertencia à primeira vítima, naquela caixa tanto a cabeça como o órgão, eram da mesma pessoa e não consta caso de desaparecimento por alguém naquela idade específica, calculamos que teria cerca de 55 anos, caucasiano branco, sem ficha criminal, tampouco consta no banco de dados e logo não temos onde comparar o DNA.

Mascote assumiu quando o colega terminou:

— Agora que temos a mídia sabendo dos casos, creio que seja a hora de pedirmos aos pais das vítimas uma amostra do DNA e comparar com os primeiros ossos deixados.

— Façam isso! – disse o delegado sem mais palavras, sentia-se cansado e impotente em meio a todo aquele massacre.

— Quanto às fotografias que vieram junto com a caixa, temos motivos para acreditar que sejam realmente órgãos dos meninos desaparecidos, pelas imagens conseguimos contar 42 frascos diferentes, inclusive, em algumas imagens podemos ler o rótulo, o maníaco colocou nomes, eu pessoalmente, acredito serem os nomes das vítimas.

O delegado levantou os olhos curioso e Mascote tirou uma da fotografia do bolso.

— Estávamos agora mesmo falando sobre isso, pois chegou o resultado da perícia, afirmando que não é montagem, veja, aqui na parte superior da prateleira, podemos ler alguns nomes.

O delegado colocou os óculos e observou a fotografia, um armário aparentemente de aço com muitas prateleiras, todas praticamente preenchidas com pequenos frascos onde podia se ver flutuando no líquido interno, o que parecia ser um órgão sexual masculino infantil, e um rótulo em cada um dos frascos, como o lugar era de pouca iluminação, nem todos os rótulos puderam ser legíveis durante o *flash* em que a fotografia fora tirada. Mas, especialmente na primeira prateleira, podia-se ler claramente os nomes, Matheus, Carlos, João Vitor, Cristiano, Diego, Danilo, Pedro Henrique, João

Miguel, Robson, logo abaixo podia ver um nome que começava com Mar, mas o *flash* batera em cima e poderia ser Marcos, Marcio ou quem sabe até Marcelo. O delegado levantou as sobancelhas para os investigadores, como se pudesse perguntar mentalmente se aqueles nomes estavam de acordo com os nomes dos garotos desaparecidos, e então Andrade como que lendo sua mente disse:

— São os nomes dos meninos desaparecidos!

O telefone pessoal do delegado tocou e ele atendeu prontamente, alguns segundos depois, ele desligou e pelas poucas palavras proferidas, os investigadores sabiam que não eram boas notícias.

— Meu pescoço está a prêmio – ele disse olhando pela janela — Vão nos mandar um psiquiatra forense do Rio Grande do Sul, na verdade, ele já está a caminho, se essas fotos tivessem caído na imprensa, estariam nos mandando o FBI!

Como nenhum dos dois investigadores ousou dizer nada, o delegado continuou:

— Parem imediatamente com qualquer outro caso, se dediquem exclusivamente a esses meninos, agora, o Brasil todo está com os olhos voltados para nós, deixem os demais casos e repassem qualquer outra coisa em que estavam trabalhando para o Pereira e o Marcondes ou pra quem quiserem, mas quero vocês vinte e quatro horas atrás deste desgraçado, entenderam?

O processo de comparação de DNA com todos os familiares que prestaram queixa de crianças desaparecidas é sempre demorado, mas tinha esperança em achar qual das crianças pertenciam os ossos coletados e uma vez tendo essa confirmação, infelizmente saberia o fim de todos os outros casos, mesmo ainda não tendo provas para isso. Esperavam que a ajuda do psiquiatra forense fosse capaz de dar uma precisão melhor sobre o psicopata, por hora tudo que sabiam era sua altura, se ele fosse realmente a pessoa que mandara o motoboy entregar a segunda caixa, tanto o depoimento do entregador como as câmeras de segurança deram uma aproximação de 1.80 de altura, caucasiano branco, olhos escuros, mas isso não significava nada, ele ainda poderia estar usando lentes. Nenhuma digital fora encontrada no vidro entregue ao estagiário do Instituto de Criminalística, nenhuma outra forma de pelo ou tecido que não fosse da vítima fora encontrado, senão estavam lidando com um profissional, ao menos estavam ligando com um criminoso muito cuidadoso em não deixar pistas. Embora Andrade e Mascote já

tivessem participado de alguns treinamentos sobre perfis de psicopatas seria interessante ouvir um especialista, especialmente que ele pudesse traçar um perfil mais exato, Andrade lembrou-se de alguns casos que estudou onde a psiquiatra forense havia traçado os perfis dos criminosos e conseguiram uma precisão exata, quanto a idade, nacionalidade e etnia, mesmo quando não havia nenhuma evidência concreta, apenas através do perfil psicológico do assassino, dessa vez eles já tinham algumas evidências a mais, então não podia deixar de estar bem otimista quanto ao avanço investigativo.

No dia seguinte chegou o psiquiatra forense, tanto os investigadores como o delegado esperavam ansiosos por sua chegada. Um homem alto e roliço adentrou a delegacia, caucasiano, com a face um pouco vermelha pelos raios de sol, mascava um chiclete constantemente e com olhos muito pequenos, esboçou uma espécie de sorriso quando Farias lhe estendeu a mão o cumprimentando.

— É um prazer conhecê-lo, Doutor Felipe Leviane Otto.

— O prazer é meu, me chame apenas de Otto.

Após cumprimentarem o psiquiatra, os investigadores o guiaram até a sala onde seria feita a palestra e o delegado não gostou de ver Paulo se acomodando em uma das cadeiras, mas não queria dizer nada indelicado na frente do recém-chegado. Depois de acomodados, após a copeira trazer café e água para todos, o psiquiatra puxou a tela projetora, onde passaria seus slides, tudo havia sido preparado de acordo com as instruções que receberam, assim como o cavalete *Flip-chart**, enquanto o psiquiatra escrevia suas anotações na tela, o delegado Farias tentava mandar algum sinal para Paulo deixar a sala, mas ele fazia questão de não olhar para o lado dele, com certeza estava ciente que sua presença não era bem vinda e evitava os olhos do delegado.

**Flip chart* é um termo americano para uma prancheta colocada em pé, onde é anotado informações de casos, essa prancheta possui várias páginas onde o palestrante pode virá-las, “*flip*”, e rever suas anotações.

Mascote se divertia com a situação, mas não deixava transparecer, Andrade parecia muito sério e alheio aos olhares do delegado, sua atenção estava voltada exclusivamente para o psiquiatra forense, como se pudesse analisá-lo, enquanto analisava o caso em um todo.

— Muito bem, coloquei aqui o que sabemos até agora.

Otto disse apontando para a tela, ao mesmo tempo em que leu o que estava escrito:

- Psicopata assassino em série
- Psicótico torturador
- Preferência pelo sexo masculino
- Profissional da saúde
- Trinta anos

— Por todas informações que recebemos e analisamos previamente, temos motivos para acreditar que estamos lidando com um assassino com cerca de trinta anos.

— Isso foi dito pela testemunha que entregou a caixa – disse Paulo, mas Otto fez que não ouviu e continuou.

— Pelas análises feitas até agora e termos constatado que as duas vítimas eram brancas, podemos assumir que o assassino é branco também, inúmeras pesquisas demonstram que assassinos em série escolhem apenas um tipo de etnia e apenas um sexo para praticar seus crimes.

Paulo balançou a cabeça, revoltado, não tinha o menor cabimento o que estava ouvindo, o maníaco matava meninos e não fazia diferença se eram brancos, negros ou verdes.

Mais uma vez ignorando o gesto de Paulo, Otto continuou:

— Também podemos considerá-lo um profissional da saúde pelo corte preciso na caixa recebida pelo IC – disse olhando sua prancheta de anotações. — Assim como a sutura encontrada nos membros e até mesmo o uso do formol, que conservou o tecido. Através da foto deixada, supondo que são membros de outros meninos desaparecidos, podemos afirmar com certeza uma obsessão paranóica do assassino com órgãos sexuais, ele provavelmente é um homossexual não assumido e está indignado com o próprio órgão, em sua mente doentia, mutilando os garotos, ele estaria mutilando a si mesmo, eliminando assim a atração sexual que sente pelo mesmo sexo.

— Isso é ridículo! Nunca ouvi nada mais absurdo, você se diz um psiquiatra? – Paulo explodiu, fazendo com que o delegado se levantasse.

— Pontes! Perdeu a razão?

Farias estava prestes a mandar Paulo para fora, seu rosto instantaneamente se avermelhou, seus olhos saltaram e saliva era visualizada ao canto da boca, mas Otto sorriu tranquilamente e acenou com a mão para que o delegado se acalmasse e continuou dizendo:

— É compreensível essa reação de indignação em tais acontecimentos,

meu caro inspetor, e delegado, é compreensível a fúria e reação humana mediante casos bizarros, entendo completamente a urgência que há em toda equipe desta delegacia, em trazer prontamente a solução, é natural o cérebro reagir em situação de estresse, mesmo em profissionais capacitados.

Paulo revirou os olhos, ignorando completamente tais palavras, enquanto o delegado ainda não estava nenhum pouco à vontade para manter Paulo por ali. Mascote, que já passara do momento de achar engraçado a situação, resolveu interferir:

— Doutor Otto, acredita que o assassino ainda esteja na ativa ou que seja algum profissional da saúde afastado?

— Isso é relativo, meu caro investigador, tanto pode estar na ativa, como pode ter feito um estoque de todo material que usa em seus crimes e estar afastado, mas seria bem-vinda uma investigação por médicos e enfermeiros locais em consultórios públicos, que atendessem a esse perfil de idade e etnia.

— Com isso, você quer dizer que somente pobres são psicopatas? – Paulo disse, fazendo o delegado pensar os dentes com raiva.

— Obviamente não, inspetor, mas assassinos em série buscam vítimas as quais ninguém sentirá falta, não podemos esquecer que psicopatas não tem nenhum tipo de atraso mental ou dificuldade em raciocínio e eles não querem chamar atenção para com seus atos, os dados se mostram alarmantes em casos de tráfico de órgãos e mesmo em recém nascidos nas maternidades públicas, ao contrário das privadas, por isso um assassino em série teria melhor sucesso em um hospital público, onde facilmente seria explicado uma morte prematura.

— Tem consciência que os meninos não desaparecem de hospitais e sim de todos os lugares, não?

Paulo insistiu e sempre com seu sorriso pacífico, Doutor Otto voltou a falar:

— Perfeitamente, no entanto, objetos e equipamentos como soro, formol e demais líquidos, seriam mais notados em um hospital particular, caso comesçassem a desaparecer.

— Seria o caso, então, de procurarmos hospitais particulares que apresentaram desaparecimento de substâncias nos últimos quatro anos? – Andrade falou pela primeira vez.

— Seria válido, é claro – disse o Doutor Otto. — Mas as estatísticas apontam, que teriam mais sucesso se procurarem em hospitais públicos, pelo perfil do assassino. Uma vez encontrados profissionais da saúde que se

enquadram nesse perfil, seria viável que realizassem um exame, de livre e espontânea vontade, sobre o estado cerebral.

— Você só pode estar de brincadeira! Sabe quantos médicos, enfermeiros e assistentes temos em São Paulo, para escanear o cérebro de todo mundo? — Paulo se levantou indignado e Farias também se pôs de pé.

— Pontes! Fora! Agora, seu cretino! E não quero ver tua cara nos próximos três dias!

— Isso é ridículo! O assassino coleciona almas! Doutores, tem certeza que estão usando o cérebro?

— Fora daqui ou eu mesmo te coloco atrás das grades! — gritou o delegado e Paulo saiu batendo a porta.

— Queira me desculpar, doutor Otto, mas esse policial está desequilibrado e passará por exames.

Doutor Otto afrouxou um pouco a gravata e ligou o retroprojeto, mostrando o primeiro slide:

A imagem mostrava dois cérebros através de uma ressonância magnética funcional (fMRI), devidamente circulados na área de destaque, entre um cérebro psicopata e um normal.

— Esse foi um estudo realizado em uma universidade de Chicago, USA, como podem ver, apresenta uma confecção mais “frouxa” entre as áreas neurais que processam as emoções. É sabido que os psicopatas não despertam empatia por outras pessoas, por isso esse estudo foi realizado provando nossa teoria, foram selecionados possíveis assassinos em série entre um grupo de presidiários, onde cerca de 120 serviram de experimento para um teste. Várias fotografias foram mostradas a eles, sobre pessoas sentindo dor em situações normais, por exemplo, batendo o pé em uma quina de armário, prendendo o dedo numa porta etc. Pedimos que eles imaginassem tais cenas acontecendo com eles próprios. O que foi analisado, são as respostas das suas funções neuro cerebrais, acionando mecanismos de dor e emoção.

O doutor deu uma pausa, em seguida, continuou:

— Entretanto, quando pedimos que imaginassem aquilo acontecendo com qualquer outra pessoa, a resposta foi completamente diferente, houve mínima coordenação na amígdala — região crucial no processamento de emoções, principalmente o medo —, e do córtex pré-frontal ventromedial, área com participação importante no autocontrole, na empatia e na moralidade. O mais surpreendente, é que algumas imagens, até sugerem que foram ativadas regiões associadas ao prazer.

O Doutor Otto desligou o slide e disse:

— Como podem observar, os psicopatas sentem dor e tristeza, mas somente quando algo está relacionado diretamente a eles, eles são incapazes de sentir a dor do semelhante, e em alguns casos, demonstram até prazer observando o sofrimento de outras pessoas, o que seria inexistente em pessoas “normais”, automaticamente, ao se observar um acidente de carro por exemplo, independente de conhecer ou não as vítimas, nossos cérebros reagiriam com pesar. Embora seja um processo longo e sem nenhuma data para se tirar algum benefício concreto, estudos com neuroimageamento poderão ser úteis com terapia cognitivo-comportamental (TCC) para a psicopatia, estimulando assim, a empatia, nesses indivíduos “defeituosos”.

— Simplificando, a hora que conseguirem introduzir sentimento dentro desses monstros, acabarão com a psicopatia.” – disse Paulo para si mesmo, com o ouvido colado na porta, do lado de fora.

— Agora, um fato curioso – o doutor Otto trocou o slide e mostrou várias imagens de cérebros de psicopatas. — Conseguem identificar essas imagens? Andrade levantou a mão e disse:

— Todos os cérebros presentes são de psicopatas, pois se observa menor atividade cerebral no campo destinado às emoções.

Doutor Otto sinalizou feliz.

— Exatamente, no entanto, embora eficaz para detectar a psicopatia, não podemos nos basear exclusivamente na ressonância, veja esse cérebro aqui – disse apontando para um, que estava no centro de todos. — Alguém vê algo diferente entre esse, especificamente, e os demais?

Como ninguém pôde observar nada de anormal, ele continuou:

— Essa ressonância, corresponde ao meu cérebro, isso mesmo! Baseado nessas informações, eu seria um psicopata, no entanto, eu não sou!

“Você é só um babaca enrolador!” – *pensou* Paulo, sem acreditar no que ouvia.

— Depois desse resultado, fui investigar minha família e encontrei dados passados de assassinatos por parte dos meus avós, geneticamente, eu carreguei de alguma forma essa deficiência e poderia ser um psicopata. No entanto, essa deficiência não me afetou, graças a excelente criação que tive, e embora a ciência ainda esteja engatinhando nessa nova teoria, eu poderia afirmar que um psicopata se cria e não nasce, ou seja, eu particularmente acredito que todas as pessoas possam se tornar psicopatas, assim como a célula do cancro, todos podem desenvolver, mas nem todos desenvolvem,

obviamente o meio pode ativar tais células, assim como a psicopatia, crianças criadas em um ambiente não propício ou até mesmo sofrendo alguma fratura no crânio ou ainda alguma outra doença que altere os neurônios, poderiam ativar essa psicopatia “contida”.

Ele pausou rapidamente, observando os seus ouvintes, logo continuou:

— Voltando ao nosso caso, vale lembrar que a maioria dos assassinos em série são egocentristas, e esse, está mais do que provado, ao enviar para vocês as provas de seus crimes, que ele tem orgulho do que fez e quer reconhecimento.

Paulo balançava a cabeça do lado de fora, cerrando os punhos com força, sabia que não era reconhecimento que o maníaco queria, mas ninguém ali iria acreditar se ele dissesse.

— Não será surpresa, se em breve, ele começar a enviar mensagens através de jornais ou mesmo por e-mails. Lembrem-se do famoso caso BTK^[1] nos Estados Unidos, ele tinha prazer em mandar fotos das vítimas para polícia e dizer o que foi feito com cada uma delas, ele, no dia do julgamento, sentia-se orgulhoso de tudo que praticou e se sentia muito satisfeito, com toda atenção que recebia dos meios de comunicação.

Os policiais o ouviam atentamente.

— Ao contrário do assassino de Green River^[2], que em seu julgamento demonstrou certa empatia pelos familiares das vítimas e que até chorou ao ouvir os relatos. Podemos classificar ambos como psicopatas, no entanto, eu creio que o assassino de Green River poderia ter uma resposta mais eficiente com o tratamento pela estimulação da empatia. Particularmente, creio que em alguns anos, a ciência terá evoluído o suficiente para “corrigir” essas deficiências cerebrais, produzindo o que for necessário, para que os indivíduos que antes não eram capazes de sentir empatia, possam começar a demonstrar amor ao próximo. Embora, a meu ver, teria que ser bem no início, uma vez que vimos que uma ressonância não é capaz de declarar alguém como psicopata por si só, teríamos que esperar os primeiros sinais ainda na infância, onde creio eu, que apresentariam menos danos a outrem, como no caso de um psicopata adulto, como é nosso objetivo no presente momento. E exatamente nessa fase, seria então aplicada a “correção”, eliminando definitivamente essa deficiência, de uma futura vida adulta.

CAPÍTULO 17

Tereza não podia estar mais feliz, na verdade poderia, se conseguisse engravidar, mas por mais que tentasse, não fazia ideia do que estava acontecendo, J garantiu a ela que era completamente saudável, inclusive, apresentou exames depois de muita insistência de sua parte, mas por alguma razão, ela não engravidava e isso era o seu maior desejo, para completar a vida perfeita que eles tinham.

Passaram por momentos muito difíceis, principalmente quando J sofreu um terrível acidente e fora baleado no ombro, na época, ele havia deixado o hospital que trabalhou e havia conseguido uma vaga muito almejada na residência de um deputado muito bem conhecido – “uma infelicidade tremenda!” – Tereza lamentava com a mãe, a casa do deputado sofreu uma invasão, intriga da oposição, com certeza! Afinal, o deputado era uma ótima pessoa, tanto que reconheceu o excelente trabalho do marido, mas nesse país sem lei, invadiram a casa do pobre, o mataram à queima roupa, mataram ainda um segurança e J recebera um tiro no ombro, o qual felizmente, não foi nada grave.

— Ao menos, ainda tem gente boa nesse mundo! – Tereza disse ao ser informada que agora nunca mais deveria pronunciar o antigo nome do marido, um primo do deputado havia tomado o devido cuidado, para que ele, não fosse vítima de “queima de arquivo”, pois J tinha visto os delinquentes e apesar do retrato falado, nunca conseguiram pegá-los. Por esse motivo, o primo do tal deputado, havia facilitado a troca de identidade de seu marido.

— Graças a Deus! – ela exclamava, enquanto arrumava Clarinha para a escola, não poderia pensar, em algum dia, J ser reconhecido por um dos criminosos e lhe fizer algo, logo agora que havia encontrado um homem tão bom e tão honesto!

Ele entregava todo o salário na mão dela, era obrigação da mulher cuidar da casa e da família e do homem buscar o sustento, assim dizia a Bíblia!

Iam a igreja todo Domingo e sempre que ele não estava de plantão, eles passeavam por parques e teatros, ou qualquer outra coisa que a sogra quisesse, ele era extremamente atencioso com todos naquela casa, e era por esse motivo que Tereza queria tanto ter um filho somente dos dois, amava

sua filha Clara, mas também gostaria de ter um menino e ela continuaria tentando eternamente, pois exatamente para não correr esse risco J havia feito vasectomia.

Depois do “acidente” ocorrido na casa do deputado, ele havia começado a trabalhar para o primo do mesmo, nunca dizia ao certo o que fazia e dizia que Tereza não deveria se meter em assuntos de homens, ela até achava graça que ele fosse tão conservador, mas acreditava que ele não queria dar muitas informações, exatamente pela segurança dela e de sua família, pois não existia no mundo homem mais dedicado que J.

Ele realmente estava trabalhando para o Doutor Heitor Mendes, primo do deputado assassinado com o consentimento de ambos, o Dr. Mendes além de ter contato com vários políticos influentes, ainda era dono de um hospital muito bem conceituado na Capital de São Paulo, alguém muito popular, principalmente entre a classe menos favorecida, já que oferecia um número de vagas de atendimento gratuito, e com isso não era difícil desviar um ou dois órgãos mensais. Não havia Ala Pediátrica neste hospital, logo o interesse de J foi diminuindo, mas o salário era bem alto, principalmente quando precisavam operar algum traficante foragido sem que a polícia soubesse, e nisso J já tinha experiência graças aos seus amigos no Morro do Piolho, acabou por aceitar de bom grado o emprego oferecido, além do dinheiro por facilitar a entrada de Tijolo e seu grupo na casa do deputado, agora tinha por meios legais uma nova identidade e era protegido de um dos homens mais influentes do estado, diziam até que se o Dr Mendes se candidatasse à presidência ganharia por unanimidade, tamanha era a gratidão da “massa ignorante e carente que o idolatrava”.

Além do salário, os documentos e a “segurança”, J continuava tendo de onde tirar os medicamentos e instrumentos que precisasse e isso era o que mais o agradou em tal oferta. Como era um funcionário “especial”, seus horários tornaram-se muito mais flexíveis, dando a ele mais tempo com a família, incluindo a faculdade de Direito que iniciara, mais tempo com Cristina e principalmente mais tempo “purificando o mundo” dos futuros monstros que estavam crescendo.

Frequentador assíduo de lojas de brinquedos e roupas infantis, foi em uma dessas visitas que J conheceu Natália. Sendo um rapaz muito bem apessoado, mesmo sem o traje do hospital, sempre se vestia socialmente, com sapatos bem lustrados e a camisa impecavelmente passada, cabelos muito bem penteados, dando um brilho ainda mais especial em seus olhos verdes.

Natália que era funcionária em uma loja de vestuário infantil no centro de Guarulhos ficou encantada com aquele rapaz que sempre passava por ali e comprava alguma coisa, até que um dia resolveu iniciar uma conversa informal, se aproximou com um sorriso simpático e perguntou:

— Quantos filhos você tem?

— Tenho um menino só – J respondeu, esticando uma camiseta com estampa de carrinhos para examiná-la melhor. — Ele tem nove anos, mas eu não posso vê-lo – falou com lágrimas nos olhos.

Natália se surpreendeu prontamente e perguntou solícita:

— O que aconteceu?

— Minha ex-mulher é de família rica, sabe? O pai dela é um juiz cretino e deram um jeito para que eu não tivesse direito às visitas.

— Mas, que horror! – Natália falava, enquanto levava a mão à boca.

— Eu compro o que posso pra ele, sou mecânico, atendo quando me chamam, então não ganho muito, mas uma vez ao mês, eu mando pelos correios o que posso.

Natália estava horrorizada com aquela situação, tanto homem que fugia, sem querer cuidar dos filhos, e esse que queria, era impedido por ser pobre, que mundo horrível esse em que viviam.

— Mas como você sabe que ele recebe o que você manda? A mãe dele pode jogar fora sem ao menos mostrar.

J levantou a cabeça e uma lágrima rolou:

— Ele recebe, sim! Ele me manda e-mails, ao menos isso, eles deixam ele fazer, ao menos o que mando, eles entregam.

— Imagino quanta falta ele sente de você!

— Sente muita! E sempre diz que me ama, sabe, mas mesmo que eu quisesse, eu não teria como compartilhar a guarda, eu não teria nem dinheiro pra pagar a condução até a escola que ele estuda, eles moram em Perdizes!

Depois de dois encontros, Natália se tornou sua namorada e ela não poderia estar mais feliz, havia encontrado um homem muito bom e decente. Ela morava no Taboão mas nunca frequentava a casa de J, mesmo após seis meses de namoro, pois não tinha com quem deixar as crianças, uma vez que o ex-marido abriu mão da guarda e com muito custo pagava uma miséria de pensão.

Tinha 35 anos, separada, tinha um casal de filhos, uma menina, Manuela de 15 e um garoto, João de 4, deixava o garoto na creche, e a tarde a menina o buscava, Natália não tinha mais os pais vivos, então tinha que contar com a

filha para ajudá-la em trabalhos domésticos e principalmente olhar o irmão menor, mas quando não estava trabalhando, evitava sair, sabia que a filha estava ficando mocinha e era um perigo nos dias de hoje. Natália não se achava uma mulher burra, com certeza, ela cuidava bem dos filhos e não iria colocar um homem dentro de casa sem saber se ele era realmente bom, principalmente ela, que tinha uma mocinha de 15 anos!

Como J estava com uma nova identidade e não queria manchá-la tão cedo, decidiu usar seu antigo nome, da época que conheceu Cristina e trabalhou no Hospital, Natália seria uma presa ainda mais fácil do que havia sido Michele, por isso não faria a menor diferença que nome usaria, mas por via das dúvidas, usou seu antigo documento e deu por endereço a casa que ele ainda mantinha em Cumbica, casa, a qual sua atual esposa Tereza, nunca havia ouvido nem ao menos falar, para ela a casa que ele morava quando ela o conheceu já havia sido vendida e por isso haviam conseguido comprar o apartamento que moravam, antes tinha sido “alugado” por contatos de seu marido.

“Ele parece mesmo ser um bom homem.” — Natália pensava, enquanto esperava por um amigo, não demorou muito e a campainha tocou e ela foi abrir, era Paulo.

— E aí? — disse beijando sua face.

— E aí, gata, como vai?

— Tudo ótimo, mas preciso de um favor!

Paulo era o melhor amigo de Natália, era homossexual assumido, mas sem trejeitos ou voz aguda, Paulo se comportava como qualquer heterossexual, era inspetor de polícia na Delegacia de Guarulhos e conhecia Natália há muitos vinte anos. Inclusive a tinha como irmã, pois foram os seus pais que o acolheram em sua casa e o incentivaram a voltar a estudar, tudo o que ele tinha hoje, foi graças ao carinho que recebera dos falecidos pais dela, moravam na mesma rua e se fossem irmão de sangue, provavelmente não se dariam tão bem.

Ela queria que Paulo sondasse J, antes que eles viessem a morar juntos. Ela já estava pensando em morar com ele, por que não? Ela tinha o direito de ser feliz, principalmente depois de ser largada pelo ex-marido, por outra mulher que tinha quase a idade da filha deles.

— Qual o nome completo dele, Natália?

— J Rodrigues dos Santos

— CPF? RG?

— Como vou saber disso, Paulo?

— Onde ele mora? – Paulo perguntou.

— Sei lá, disse que é em Cumbica, mas não sei onde.

— O que você sabe dele, Natália?

— Sei o que te contei, oras, que é mecânico, tem um filho que não mora com ele...

— Que mecânica ele trabalha?

— Ele não tem um lugar, disse que atende quando é chamado.

— Você não tem endereço, nunca foi à casa dele, não tem mais dados, como pode confiar em alguém assim? E mais, como pode não saber nada, em seis meses que estão juntos?

— Ah, Paulo, para com isso, vai! Só quero ter certeza, embora meu coração já tenha, eu não sou burra! Eu vigio muito! Eu espio quando ele vem aqui, presto atenção se ele olha pra Manuela. E ele nunca olhou, Paulo, nunca!

— Bom, eu vou ver o que consigo com isso aqui – Paulo disse guardando a caderneta no bolso.

— Mas eu quero te pedir um favor, antes de você checar essas coisas. Hoje ele vem aqui pra jantar, eu queria fazer um teste, queria deixar ele com a Manu, sabe, mas não tenho coragem de deixá-la sozinha, você me conhece!

— O que você quer que eu faça?

— Se você pudesse se esconder no guarda-roupas do quarto, só por um tempo, assim, eu saía com o João e deixava a Manu aqui com ele, quando ele chegasse, dizia que ia fazer compras e tal. Você faria isso por mim?

Paulo se levantou, abraçou a amiga e foi para casa buscar sua arma, enquanto dizia:

— Claro que faria!

J chegou cinco minutos após Paulo se acomodar dentro do guarda-roupas, muito bem armado, Natália teve vontade de pedir à filha que colocasse um short mais curto, mas ela não faria isso, não queria causar um trauma na menina, era uma mãe muito consciente e se ela queria ter certeza sobre seu namorado, não deveria envolver os filhos. J era maravilhoso, estava ajudando Natália a guardar toda a louça, quando ela disse que precisava ir ao mercado buscar pão para o dia seguinte, naquele bairro, a padaria ficava distante e o mercadinho que tinha pão, não abria aos domingos, então, ele prontamente se ofereceu para ir, mas Natália disse que não, que ele já havia trabalhado a semana toda e que deveria ficar assistindo televisão, enquanto ela iria com

João, também porque tinha que conversar com sua vizinha, pois o filho dela, de cinco anos, estava desaparecido havia uma semana e ela ia até lá, ver se tinham alguma notícia.

J ficou com Manuela vendo televisão, enquanto Paulo, com a arma em punho, prestava atenção a qualquer ruído, não gostava de J, já haviam se cruzado outras vezes e Natália os tinham apresentado, ele era educado, mas evitava sua presença e Paulo tinha certeza que o motivo era sua homossexualidade, sabia que Natália havia contado a ele.

— Manu, você tem que estudar mais – disse J depois de um tempo em silêncio. — Sua mãe me contou que suas notas caíram.

Ela não respondeu e ele continuou:

— Você está tendo a chance que não tive, Manu, se eu pudesse ter terminado o colegial, talvez tivesse um emprego melhor, se você tiver qualquer dúvida, eu posso ajudar sua mãe a pagar uma professora particular.

A conversa correu tranquilamente, falaram da rua que precisava de reparos, do tempo, da escola e por mais que Paulo odiasse admitir, J não estava tendo nenhum tipo de comportamento impróprio de segundas intenções com Manuela.

Natália voltou depois de uma hora e poucos minutos a mais, Paulo saiu pela janela do quarto sem fazer ruído e ganhou a rua, já que Natália havia deixado o portão aberto, como combinaram, então, como viu a filha bem tranquila assistindo à televisão, teve certeza que tudo correu bem, mais tarde ela falaria com Paulo.

Manu se levantou e foi guardar o pão, enquanto Natália contava a J o que havia conversado com sua vizinha.

— Ela está desesperada, os policiais não têm nenhuma pista, nada! Como uma criança some assim?

— Não foi pra casa de algum amigo? – J perguntou, enquanto colocava a mão no ombro de João e iam até a cozinha.

— Foi nada, J! Já reviramos tudo, o Paulo está trabalhando dia e noite nisso.

— A Paulete? – perguntou rindo.

— Para com isso, J, o Paulo é uma boa pessoa!

— Bicha boa, é bicha morta!

Natália achou aquilo estranho, J era sempre muito doce, mas estava muito claro que sempre que se falava no Paulo ou qualquer outro homossexual, ele perdia totalmente o controle. Ele puxou a cadeira para que ela se sentasse e

abrandou o tom.

— Porque vocês não organizam um mutirão amanhã, pra gente procurar, eu venho aqui e ajudo.

— Pode ser uma boa ideia – Natália disse começando a se servir.

Não gostava da raiva que J sentia por Paulo, mas ele era um bom homem, ninguém era perfeito, e um dia, ele iria entender que Paulo poderia ser gay e bom ao mesmo tempo.

CAPÍTULO 18

(Algumas semanas antes)

Sempre com a desculpa que precisava trabalhar, pois as vidas dos pacientes dependiam dele, Tereza encantada com o marido e sua profissão nunca colocava obstáculos, dando a J mais liberdade para frequentar a casa de Natália, praticamente todo final de semana, quando soube que Paulo era inspetor na ativa, todos os seus sentidos de alerta se acenderam, pensou em terminar com Natália, aliás já tinha até ensaiado uma desculpa, diria que havia conseguido um emprego muito bom em outro estado com um parente, mas antes que ele pudesse falar, Natália revelou que Paulo era homossexual, já tinha percebido a mudança de humor no namorado toda vez que encontrava com Paulo, logo acreditou que fosse ciúmes e que não entendesse amizade dos dois. Todas as preocupações de J então desapareceram, aquela bicha não teria capacidade de descobrir nada sobre ele, iria comer o João bem debaixo do seu nariz e ainda iria mandar um pedaço para ele de lembrança.

João, filho de Natália era seu principal foco, mas estava sempre alerta para outros pratos disponíveis naquele “restaurante”, e a oportunidade surgiu em uma manhã de sábado, ele tinha acabado de chegar, ainda em frente ao portão da casa, quando avistou Marcela chegando do mercado com Lucas.

A sorte estava a seu favor e naquele mesmo dia, Marcela foi à casa de Natália, juntamente com Lucas para usar o computador, o computador dela havia quebrado e precisava mandar um e-mail com o formulário sobre uma vaga no hospital para uma prima que estava à procura de emprego na Capital. Os olhos de J brilharam quando Natália pediu licença e levou Marcela para seu quarto, o computador ficava lá, assim poderia evitar que a filha entrasse nele de madrugada. João levou Lucas para brincar no quintal, uma vez que tinham praticamente a mesma idade, Manuela havia ido à casa de uma amiga naquele dia, nada poderia ser mais perfeito. J foi ao banheiro e pegou um sabonete, voltou a sala e retirou sem nenhum ruído as chaves que Marcela deixara sobre a mesa de centro, pressionou uma de cada lado do sabonete e o guardou em sua bolsa de troca de roupas. Fingiu falar ao telefone, simulando uma conversa com um cliente, depois foi a porta do quarto e se despediu de

Natália, dizendo que haviam ligado e precisava socorrer, pois, o carro havia parado em um acostamento da via Dutra, prometendo voltar assim que fosse possível.

Não foi difícil que um de seus amigos no morro do piolho fizesse as cópias perfeitas, ele sabia que teria que esperar por uma oportunidade, mas não tinha pressa; Começou a frequentar a casa da namorada durante a semana também, ela não poderia ficar mais feliz, mas se sentia mal por ele ter que dirigir e voltar a noite sozinho e sabia o quanto era cansativo para ele depois de um dia de intenso trabalho como mecânico. Não demorou muito até que a sorte sorriu novamente para ele, em uma noite de Domingo, Natália e ele acabaram de preparar brigadeiro para as crianças, Manu estava na sala vendo televisão com João quando bateram palmas, Natália espiou pela janela e disse que era Marcela, indo atender. J sentiu uma euforia percorrendo seu corpo, a excitação fazendo volume em sua calça, mas precisava se conter, então rapidamente retirou do bolso um frasco de colírio que sempre carregava consigo, fez um buraco em um dos brigadeiros e apertou de uma vez o frasco que continua benzodiazepinas, o que ele carinhosamente chamava de “meu benzinho”. Cuidadosamente fechou o brigadeiro e voltou a enrolá-lo na mão para dar uniformidade, colocou outros em um pote deixando aquele por cima e esperou Natália voltar.

Assim que ela chegou dizendo que Marcela veio entregar uma conta que colocaram na caixa do correio dela por engano, J disse que deveria tê-la chamado para entrar e oferecer brigadeiro.

— Tem toda razão, nem pensei nisso, também, foram colocar a conta de luz na casa dela, o cara só pode ser cego, pra ler número 51 ao invés de 61.

— Por que não levamos para ela? O menino dela vai gostar!

Natália concordou prontamente e eles saíram com o pote que J havia preparado, Marcela ainda se encontrava no portão, conversando com outra vizinha, quando eles chegaram.

— Marcela, nem te disse que estávamos fazendo brigadeiro e trouxemos um pouco para você.

J abriu o pote, pegou um, entregando na mão da outra vizinha, o especial para Marcela e deu o pote na mão de Lucas, dizendo:

— Nada de comer tudo de uma vez, hein amigo, ou pode ficar doente.

— Veja se está bom – J disse olhando para a vizinha e depois para Marcela.

— Você que fez? – Marcela perguntou antes de morder.

— Não, eu só olhei, enquanto Natália fazia.
Marcela sorriu e o colocou na boca.

Era madrugada, aproximadamente duas horas quando J parou o carro em frente à casa de Marcela, a rua estava deserta e ele caminhou calmamente até o portão, com sua cópia abriu o portão e caminhou rumo a porta principal. Estava armado, e não hesitaria em atirar em Marcela caso ela acordasse, mas com certeza isso não aconteceria, não depois do doce mágico. Passou pela sala e viu o quarto entreaberto, Marcela dormia tranquilamente e na porta a direita, totalmente aberta estava o quarto de Lucas, ele retirou um lenço do bolso, derramou o vidro de ópio que tinha trazido e pressionou sobre o nariz do garoto que acordou rapidamente para logo adormecer.

Jogou Lucas em seu ombro e saiu normalmente, fechando sem dificuldades a porta por onde passara. A rua continuava deserta e ele colocou o menino no banco de trás, fechou o portão e voltando ao carro deu a partida. Lucas acordou atordoado, completamente nu, estava amarrado em uma cadeira ginecológica, mãos presas nas costas e suas pernas seladas com fita adesiva, cada uma em cada extremidade da cadeira.

— Vem cá, Tina! Vem olhar pra ele!

Cristina, que estava no banheiro sem suas correntes, caminhou vagarosamente até a porta.

J foi até a porta e a trouxe pelos cabelos, bem próximo da criança.

— Olhe bem! Veja como é bem-dotado o garoto! O que devo tirar primeiro, Tina?

Lucas já havia começado a chamar pela mãe, enquanto chorava desesperado e Cristina, em um acesso de raiva, jogou uma cadeira em cima de J, que não teve o menor trabalho em desviar. Rindo, foi até uma de suas gavetas e pegou alguns fios e condutores.

Cristina estava cansada daquilo, sentia-se disposta a morrer, não tinha a intenção de deixar aquilo acontecer novamente sem fazer nada, pulou nas costas de J e começou a mordê-lo.

Já cansado da brincadeira, ele atirou Cristina ao chão, pegou seu taco de beisebol, quebrando pela segunda vez uma de suas pernas, mas isso não era suficiente, ela já deveria ter aprendido a não lhe desafiar. A colocou em outra cadeira, também dentro do “quarto de brinquedos”, essa era como uma cadeira odontológica, só que era equipada com amarras, impedindo qualquer movimento da vítima, J colocou uma algema em sua mão esquerda e a

prende na argola de uma bancada de concreto, próximo de onde a cadeira se localizava, enquanto a outra mão, ele colocou apoiada em uma banquetta de madeira, Cristina não podia mover seu corpo, nem o outro braço que estava fixado na parede, mas a mão que ele agora passava fita adesiva, ela podia mexer, levantando a banquetta consigo, mas podia, pois ele havia prendido somente o pulso, deixando a palma da mão aberta e livre.

— Eu não terminei ainda, Tina.

O garoto continuava gritando, quando J voltou a uma de suas gavetas, pegando um longo prego e uma marreta, Lucas parecia ter entendido o que aconteceria a seguir, pois havia parado de gritar, quando Cristina começou a implorar. J deu um meio sorriso, se aproximando dela, fixou o prego calmamente em sua palma, colocou o pé no apoio da banquetta para ela se manter firme ao chão e desceu a marreta várias vezes, o prego afundou o suficiente apenas para a mão se manter presa à banquetta, não a pregaria por completo, pois depois, teria dificuldade em retirar e não queria perder a Tina por uma hemorragia, mas os gritos dela o irritavam e não lhe causaram nenhum prazer, por isso, retirou mais fita adesiva e a fez calar, suas atenções eram somente para Lucas, eram somente os gritos dele que ele ansiava por ouvir.

Às 6:30, Marcela estava pronta para sair para um dia de trabalho, em breve, Henrique estaria de volta, ela já havia se trocado e ouvido quando Márcia chegara. Marcela entrou na sala, onde Márcia estava, cumprimentou a irmã e virando a cabeça para trás, gritou:

— Anda, Lucas, vai se atrasar!

Marcela o deixaria na creche e Márcia o buscaria ao meio dia, mas Lucas não respondeu.

— Ele já está pronto? – Marcela perguntou.

— Não sei, eu não o vi no quarto, achei que estava com você, enquanto se arrumava.

As duas procuraram pela casa e à medida que cada cômodo era checado, o desespero aumentava, quando Henrique chegou em casa viu a viatura de Paulo e sua esposa desesperada dizendo que ele havia desaparecido do nada. Paulo imediatamente associou o caso ao dos meninos desaparecidos, e mesmo após todos os procedimentos realizados, não foi constatado arrombamento, impressões digitais que não fossem do casal e da cunhada, nada havia sido roubado, e mais um garoto desaparecera sem deixar rastros.

Marcela tinha 25 anos, o pai, Henrique 30, ele trabalhava como enfermeiro no turno da noite no Hospital Central e Marcela ficava com o filho, logo de manhã, assim que Henrique chegava, Marcela, também enfermeira saiu para começar seu turno, como Henrique precisava dormir, Márcia, irmã de Marcela ficava na casa, buscava Lucas na creche ao meio dia e passaria o dia com ele, até que Henrique acordasse, mas naquele dia fatídico, nenhum dos três conseguiam explicar como ele poderia ter desaparecido. Nem mesmo as chaves haviam desaparecido, Márcia tinha as dela, Henrique sempre deixava as dele no bolso da calça, e ambas estavam bem guardadas, excluindo a hipótese do garoto ter aberto a porta e ido para a rua sozinho.

CAPÍTULO 19

(Delegacia de Guarulhos)

— Você não tem noção de quão perto eu estou de socar sua cara, Paulo, saia daqui agora! — O delegado gritou e Paulo bateu a porta com força, passou por seu posto, pegou suas coisas e foi embora, sim, estava abandonando o trabalho, ele não aguentava mais dizerem que ele era maluco. A porta da sala do delegado voltou a se abrir e Andrade entrou e se sentou calmamente.

— Farias, não foi culpa do Paulo, você sabe que foi o Pereira, quem segurou a garotinha aqui.

O delegado passou a mão pelo rosto e respirou bem fundo.

— Eu sei, mas o Paulo está me deixando louco, ele não para de falar um minuto! E o que a mídia vai fazer, quando souber que aquele estúpido, segurou na delegacia uma garota de onze anos! Eu só posso estar lidando com amadores!

— Farias, eu já me inteirei do caso, entendo sua posição, mas devo confessar que eu também não saberia o que fazer, se fosse eu a receber a caixa das mãos de uma criança!

O delegado deu um murro na mesa, Andrade parecia já esperar pelo gesto, pois não mexeu nenhum músculo.

— Eu também não! Mas que inferno é esse? Por qual motivo esse psicopata cismou conosco? Por que essa delegacia?

— Eu acho que ele quer apenas ser reconhecido, se espalhasse caixa em outras, talvez demoraria muito mais até encontrá-lo.

— Talvez, talvez – o delegado se levantou e andava pela sala com uma mão na cabeça, enquanto Andrade permanecia sentado.

— O Mascote agora está falando com o IC, decidimos que temos que investigar os tecidos adultos recebidos, contatar a família dos que prestaram queixa e pedir um exame de DNA, para tentar achar alguma ligação entre os adultos e as crianças.

Farias voltou a se sentar, entregou um copo de café para Andrade e bebeu um grande gole, em seguida, acendeu um cigarro, dizendo:

— Agora, me fale calmamente o que já sabe sobre a merda que o Pereira

fez, com muita calma ou meus nervos não irão aguentar.

— Pelo que entendi, depois que o senhor saiu para aquela ocorrência, entregaram outra caixa, Paulo não estava, preciso saber ainda o que estava fazendo nesse momento, mas Pereira atendeu a garota, pela descrição e pelas câmeras, era uma garota de rua, provavelmente alguma viciada e prostituta, ela disse que deram a ela cinquenta reais para entregar a tal caixa e ela entregou sem nenhum questionamento. Como já sabe, Pereira seguiu a garota aqui, até que o senhor chegasse, mas eu, felizmente, tinha ligado da rua e assim que ele me informou do caso, mandei que acionasse o Conselho Tutelar imediatamente, me apressei em chegar, mas assim que cheguei, eles já haviam levado a garota, já falei com a Marli pelo telefone e expliquei do que se trata o caso e irei vê-la amanhã mesmo, juntamente com o psicólogo do abrigo.

— Então, o desgraçado agora mandou uma menina entregar? Isso reforça a teoria de que ele só mata meninos, ou a teria matado também – afirmou o delegado.

— Agora, é a parte difícil, Farias, e vou falar bem devagar.

O delegado passou a mão pelo rosto desanimado, não conseguiria aguentar mais nada de errado que um de seus subordinados tenha feito.

— Pereira disse que interrogou a garota, segundo ele, ela afirmou que era uma mulher e não um homem que havia lhe feito a encomenda, ela também estava com uma máscara branca, como no caso do motoboy. Mas ela garante que era uma mulher e não um homem disfarçado, inclusive, apontou para o Torres e disse que a mulher tinha a altura dele, sabemos que o Torres não chega nem a 1.70.

— Então, o assassino tem uma cúmplice? Ou o motoboy mentiu?

— Eu não faço a menor ideia, mas irei investigar com o Mascote, quando ele voltar, traremos o motoboy novamente para interrogatório e irei pessoalmente falar com a criança.

Paulo entrou na casa de Natália às oito horas da noite, em uma sexta-feira.

— Natália, trouxe o relatório da vida desse cretino!

Natália sentou com ele e olhou para a porta do quarto, se certificando de que as crianças não estavam ouvindo.

— O que descobriu?

— Foi prestado uma queixa há dois anos, de ameaça.

— Ameaça do quê?

— De morte, Natália, acorda, eu sei que tem algo errado com esse cara!

— E ele matou?

— Não.

— Então, Paulo? A gente nem sabe o que aconteceu.

Paulo dobrou os papéis e resolveu explicar, sem formalidades, o que descobrira.

— Na verdade, a história é bem estranha. Ele já te disse que é enfermeiro?

— Enfermeiro? Claro que não, ele é mecânico.

— Pois o que eu levantei, é que ele era enfermeiro e trabalhou alguns anos naquele hospital e maternidade do centro, uma colega de trabalho prestou queixa contra ele, disse que foi ameaçada de morte.

— E você falou com a mulher?

— Aí está a parte interessante, um ano após a queixa, ela deixou o hospital, ligou dizendo que ia embora com o noivo para outra cidade e sumiu.

— Sumiu? E você não sabe mais nada?

— Infelizmente, não.

— E o noivo? O endereço dela?

— Calma, Natália, pode ser algo grave, mas pode não ser nada. Eu fui até a casa dela e o que soube dos parentes, é que ela não batia bem da cabeça, não era a primeira vez que ela largava um emprego por causa de um namorado, embora eles estranhassem, já que o emprego era bom, mas ela não era muito confiável. Agora, o noivo, não avisou ninguém, ele simplesmente sumiu, saiu para trabalhar e nunca mais voltou, levantei a ficha do cara e não constava nada, parecia ser um homem sério, sem instabilidades emocionais. Obviamente, ele consta como desaparecido até hoje, assim como a mulher, embora, como ela mesma ligou para a mãe dizendo que ia embora, não há muito empenho em encontrá-la.

Paulo remexeu nos papéis e leu:

— O nome dela é Cristina Ferreira Montes, já ouviu falar?

Natália balançou a cabeça e ficou pensativa.

— Também fui ao endereço que o hospital me deu, de onde ele morava, mas como era aluguel, a imobiliária não sabe dizer para onde ele se mudou, antes era no Carmela. Agora, eu acho que ou realmente a tal moça sumiu com o noivo ou sozinha, ou ele matou os dois, pode ter sido um crime passionai.

— Que horror, Paulo! A polícia não investigou, quando ela sumiu?

— Investigou mais ou menos, pois a queixa foi retirada, antes dela desaparecer.

— Foi retirada?

— Por isso digo que pode ter sido um crime passionai, se era um triângulo amoroso ou algo assim....

— Disseram que ele trabalhou por mais um ano lá, depois do desaparecimento, que foi à delegacia prestar depoimento de livre e espontânea vontade, disse apenas que houve um mal-entendido entre eles, que nunca tiveram um relacionamento, inclusive, permitiu a visita de policiais em sua casa sem um mandado. Ninguém mais, no hospital, tinha nada para falar dele, e um ano depois, ele se demitiu, dizendo que iria abrir um negócio próprio, o que pode ser o serviço de mecânico.

— De qualquer forma, se eu fosse você, terminava com ele, isso não me cheira nada bem.

— Eu vou perguntar pra ele.

— O quê? Está louca? Eu não poderia abrir essa ficha, não temos nada contra ele, o delegado já quer me matar, por causa de umas investigações que ando fazendo, no caso dos meninos desaparecidos.

— E o que eu devo fazer, então?

— Não sei. Mas faça o que fizer, não fale sobre isso, talvez ele seja inocente, talvez seja apenas um homofóbico desgraçado, talvez seja um psicopata, não dá pra saber, centenas de mulheres são mortas todos os meses, por ex-relacionamentos!

CAPÍTULO 20

J já tinha notado que Natália apresentava um comportamento diferente com ele, fez pressão de todos os lados, até que conseguiu saber.

— Por que não me disse que era enfermeiro? Eu sei o que aconteceu com a Cristina.

Ele ficou muito quieto, respirou fundo e pensou friamente. Era óbvio que aquela bicha estava armando contra ele, mas ele conseguiria dobrar a vagabunda da Natália, era só questão de pensar um pouco.

Sentou-se no sofá calmamente, dizendo:

— Você tem toda razão.

Segurou a cabeça com as mãos e começou a chorar, a chorar muito, lágrimas caíam em sua calça e Natália ficou sem reação.

— Por que você a ameaçou de morte? – Natália perguntou com a voz firme, tentando ainda manter o foco.

J levantou a cabeça dizendo:

— Ela tentou me tirar dinheiro.

— Como?

— Por causa do meu filho.

Natália se sentou ao lado dele e esperou pela história, J enxugou as lágrimas e continuou:

— Éramos enfermeiros, trabalhávamos juntos naquele hospital há um ano já, então um dia ela chegou e me disse que estava trabalhando, fazendo um extra de enfermeira babá, sabe onde, Natália?

— Na casa da minha ex-mulher! Era babá do meu filho!

Os olhos dele voltaram a se encher de lágrimas e Natália já estava arrependida de ter tocado naquele assunto, esperou ele se acalmar e pediu:

— Conte o que aconteceu, se te fizer bem.

— Ela sabia que minha ex queria tomar a guarda do meu filho, e disse que se eu não desse um dinheiro para ela todo mês, iria me acusar de roubo.

— Roubo?

— Roubo dos medicamentos do hospital, Natália! Eu estava ferrado! Quem ia acreditar em mim, Natália? Quem?

— Por que você não denunciou ela por chantagem?

— Tive medo que ela fizesse algo com meu filho, minha ex-mulher nunca estava em casa, vivia com amigas em shopping e se ela machucasse meu filho, Natália? Como eu teria paz nessa vida?

— Eu sinto muito.

J enxugou novamente os olhos e disse:

— Sabe aquele carrinho que eu trouxe pro João?

Ela apenas balançou a cabeça.

— Eu tinha comprado um igual pro meu menino, ela tomou de mim, jogou no chão, pisou em cima! E disse que se eu não entregasse meu salário naquele dia, ela iria contar à minha ex que eu estava roubando medicamento.

— Que absurdo!

— Eu não aguentei, Natália, eu levei três meses para poder comprar um carrinho caro daqueles, então eu perdi a cabeça, grudei no cabelo dela e disse que a mataria, mas não teria coragem, você me conhece, eu só estava com muita raiva.

— Me desculpa, J, eu sinto muito mesmo, mas eu precisava ter certeza.

Natália buscou um copo de refrigerante para ele e fez uma última pergunta:

— Por que ela retirou a queixa?

J pensou muito rápido, enquanto bebia, colocou o copo na mesa e disse:

— Ela arrumou outro idiota pra arrancar dinheiro. Minha ex tinha mandado ela embora, são daquelas que não ficam muito tempo com uma babá, para a criança não se apegar, sabe? Aí, ela sabia que não podia mais me tirar dinheiro e disse que tinha um noivo, que ia sustentar ela e seus luxos.

Natália se sentiu miserável depois que J foi embora, ele nem havia pedido contas de como ela tinha descoberto, nem ficado com raiva, ele era muito bom, se fosse ela, teria explodido, se alguém desconfiasse dela assim.

Não ia falar nada para o Paulo, primeiro, nem deveria ter contado nada e depois, esse assunto estava encerrado, nunca mais iria tocar nele. J prometeu que a levaria em sua casa no próximo fim de semana e ela estava mais do que satisfeita.

J deixou a casa dela com o rosto de Paulo gravado em sua alma, este lhe daria o maior de todos os prazeres, assim que o matasse lentamente, agora mais do que nunca teria que se apressar com João, havia lido em um jornal que a polícia tinha já a altura e a profissão do assassino em série, não havia mandado nenhum pedaço de Júlio, nem de Iago, mas do Maurício sim, em breve chegariam a conclusão que ele trabalhou naquele mesmo hospital e isso

não seria importante se aquela bicha não conhecesse seu rosto, pensou friamente, qualquer teste de DNA demoraria de três a seis meses, isso se eles pensassem em analisá-lo imediatamente, de qualquer forma não tinha muito tempo a perder, colocaria seu plano em prática nos próximos dias.

Como combinado no dia seguinte J levou Natália e as crianças para jantarem, depois para a casa vazia de Tijolo que ele pegara emprestada, como ainda estava mobiliada, Natália não saberia dizer se era dele ou não, depois a levou com as crianças para jantar fora e tiveram uma noite muito agradável, Natália estava muito apaixonada e pronta para o próximo passo que J daria, terminou o relacionamento alguns dias depois, por telefone mesmo, dizendo que não estava mais dando certo, foi muito vago em suas explicações e assim que desligou o telefone sorriu satisfeito,

Natália ficou completamente sem chão, sem entender o que havia acontecido, sem conseguir acreditar que tinha acabado. Passou dias chorando desesperada, Paulo a consolava dizendo que era melhor assim, ela até colocou seu emprego em risco, faltando duas vezes na semana para ir à casa de J, mas ninguém atendeu, desanimada voltou para casa e continuou olhando a todo minuto para o telefone esperando que ele se arrependesse e ligasse.

Nesse meio tempo, ele já conseguira sua nova namorada, Camila de 33 anos com dois filhos, ela estudava na mesma faculdade que ele, dera por endereço a casa que ele tinha em Cumbica, mas sabia que só a poderia levá-la lá mais duas vezes, já estava acertada e venda, graças ao viado do Paulo, todo seu plano tinha que ser reformulado, precisaria acertar todos os detalhes, novos álibis e se desfazer de qualquer pista que tivesse deixado para trás.

Lamentou muito enquanto colocava o corpo de um garoto de 9 anos no porta-malas, o matou com um rápido tiro na cabeça, que desperdício, logo essa semana que estava com tanta vontade de comer fígado. Passava pouco das três da manhã, quando parou no estacionamento do hospital, onde o Doutor Mendes, primo do político o qual encomendara a morte, junto com a ajuda de J, era dono. Alguns enfermeiros da equipe, retiraram rapidamente o corpo do garoto e o colocaram na maca e saíram em direção ao elevador, J foi deixado com o Dr Mendes no estacionamento.

— Acho que consigo te dar uns 500 mil por esses órgãos, aquele casal canadense já está em São Paulo há uma semana, estava começando a pensar que não conseguiríamos.

J estava há alguns dias fornecendo dinheiro aos garotos da “Cracolândia”

próximo à Estação da Luz, os levando para testes de compatibilidade para doação de órgãos, obviamente que aquelas crianças, especialmente por viverem sob efeito de drogas não faziam ideia que seriam vítimas, tampouco se importavam em tirar um pouco de sangue desde que fossem recompensados depois, enfim encontrara a compatibilidade que precisava, Dr Mendes não sabia que estava buscando doadores, mas aceitou de bom grado quando foi avisado que havia encontrado, dizendo que presenciou um crime, mas tinha um pressentimento que serviria como doador. Conversa absurdamente típica de quem finge estar sabendo enganar e o outro finge estar acreditando na mentira, obviamente, seria humanamente impossível encontrar um doador compatível assim que presenciasse um crime por coincidência. Para Dr Mendes, pouco importava se ele tinha realmente presenciado um crime ou matado o garoto, o que importava era a fortuna que a família canadense estava disposta a pagar pelo transplante do filho que agonizava.

— Não quero dinheiro – J respondeu fechando o porta-malas.

— Não vai me dizer que se arrependeu? Você está tão encrencado como eu, meu chapa!

J agarrou o pescoço do médico e jogou seu corpo contra um dos pilares do estacionamento.

— Não brinque comigo e não me ameace, você não faz ideia do que eu posso fazer.

O médico olhou no fundo dos olhos de J, vendo um ódio, o qual ele nunca imaginou ver em lugar algum, se sentiu nervoso, não sabia se deveria continuar com alguém tão perturbado assim.

— Fique calmo! Estamos juntos! Somos amigos, se não quer dinheiro, quer o quê?

— Uma cirurgia.

— Cirurgia?

— Quero mudar meu rosto, completamente.

Doutor Mendes olhou para ele curioso, teve certeza que ele matara o garoto que acabara de trazer, mas além disso, deveria ter outros crimes a esconder, por isso queria um rosto novo, como cirurgião plástico, não seria difícil.

— Está certo, fora o que o garoto canadense precisa, podemos vender os demais, quando quer ser operado?

— Eu te aviso, preciso de um tempo e também preciso que diga umas

coisas à minha esposa.

Os dois subiram para olhar a equipe que foi encarregada da retirada dos órgãos, o Dr Mendes estava acostumado a lidar com médicos e enfermeiros pagos para “fecharem os olhos”, como no caso daquele doador, que acabara de entrar, mas entre todos, J era o destaque, não tinha certeza até que ponto poderia confiar nele, mas pensaria nisso futuramente, agora, precisava avisar o casal canadense que estavam prontos para começar o transplante.

CAPÍTULO 21

Na delegacia Andrade e Mascote reliam tudo que tinham sobre o caso do maníaco dos meninos, Andrade esteve acompanhado de um psicólogo, quando entrevistaram novamente a garota que havia entregado a última caixa e novamente ela afirmou que não era um homem e muito menos um travesti, pois estava acostumada a andar pelas madrugadas e conhecia muito deles, fazia programas desde o nove em troca de crack. O motoboy foi novamente interrogado e nada novo pode acrescentar, além de afirmar que era um homem transvestido, todas as amostras haviam ido para a perícia, assim como as famílias dos desaparecidos foram chamadas para a coleta de sangue e nada restava além de aguardar o resultado. Agora precisavam trabalhar na tal caixa, ela chegara como as outras, mas dentro havia uma mão infantil congelada, com todos os dedos e tecidos, estava intacta e novamente com um corte preciso, assim como havia sido devidamente costurava onde deveria ficar o pulso, além da mão receberam uma mensagem impressa por um computador, escrito:

“Não me agradeçam, e não tentem me impedir, eu sei que não podem entender agora, mas em breve, minha missão estará completa e toda humanidade alcançará a glória”.

Colecionador de Almas M: 5:29

O bilhete era a única coisa que não fazia a menor lógica, tinha passado pela mão de todos na delegacia e ninguém conseguia entender o que M: 5:29 poderia ser, gostaria de ouvir a opinião de Paulo, mas o delegado o obrigou a tirar férias indeterminadas, estava tão furioso que disse estar disposto a pagar do próprio salário para que ele não comparecesse à delegacia, tudo isso por causa exatamente desse bilhete, o qual o delegado havia visto Paulo anotando escondido, fazendo com que a paciência do delegado findasse. Já havia passado três semanas e nada do delegado pedir o retorno de Paulo, o bilhete havia passado por especialistas e ninguém obteve muito sucesso em saber o que significava, começaram a vasculhar perfis de criminosos que comesçassem com a letra M, depois procuraram por pessoas que já tivessem uma ficha criminal e que morassem em alguma rua com a letra M, buscaram até mesmo por pedófilos presos na esperança deles saberem o que

significava, mas também não foram de grande ajuda, somente um deles disse que poderia M representar meninos, o que os investigadores descartaram, já que meninas também começariam com M, e que a idade poderia ser dos cinco aos vinte e nove anos, o que também foi completamente inútil, uma vez que a caixa com a cabeça deixada no IC era de um homem com idade aproximada dos 60.

Naquela mesma semana mais três corpos de meninos foram desovados próximo a córregos, ruas desertas e até mesmo em frente a uma igreja no centro de Guarulhos, todos corpos de meninos entre cinco a doze anos, com o pênis removido e um bilhete em suas mãos escrito M:5:29. Andrade temia a hora que o delegado Farias teria um enfarte, estava muito nervoso com toda a cobertura da imprensa, três corpos em uma única semana era um exagero, parecia que o criminoso estava com pressa.

Fazia exatamente um mês que ele havia terminado de Natália, já tinha trocado o número do celular para evitar que ela ligasse, iria dormir na casa de Camila e já tinha tudo preparado, acabara de preparar uma grande travessa de brigadeiro para ela e para seus dois meninos, com a ajuda de seu frasco de “colírio” teve certeza que nenhum deles acordaria durante a noite, ele teria muito tempo de fazer tudo o que havia planejado, sabia que em breve a polícia estaria na casa que tijolo lhe emprestara, lhe deixou de sobreaviso, garantindo que dissesse apenas que foi um aluguel de temporada, Paulo nem a polícia poderiam localizá-lo, mas caso conseguissem, ele teria Camila para testemunhar que ele passara a noite inteira em sua casa.

Saiu com seu carro quando passava um pouco da uma, tinha pensado em tudo até mesmo no idiota do Paulo que ele sabia não estar trabalhando ultimamente, manteve ele em sua mira para que não estragasse seus planos e quando soube que ele viajara, sabia que seria seu dia de sorte, naquele dia pela manhã ligara para uma vizinha fingindo ser da delegacia e ela gentilmente dissera que ele havia viajado para o interior, mas não sabia exatamente onde e daria o recado assim que ele voltasse.

J parou o carro na esquina da rua onde Natália morava e ligou, ela demorou a atender, provavelmente, não sabia quem pudesse ser, ligando de um número desconhecido, principalmente naquele horário e então ele disse:

— Natália, me ajuda, eu fui assaltado.

— J! Meus deus, é você mesmo? O que houve?

— Eu vim pedir desculpas, Natália, mas fui assaltado, me machucaram muito, não consigo andar.

Natália começou a tremer, perguntou onde ele estava e ao saber que estava bem perto de sua casa, ela saiu apressada com o celular na mão, com ele ainda na linha, para ter certeza que nada lhe aconteceria, até que ela pudesse ligar para uma ambulância. Chegou na esquina, a rua estava deserta, em plena quarta-feira, todos deveriam estar dormindo, logo, um carro piscou o farol para que ela o visse.

— O que aconteceu? – perguntou, colocando a mão em seu rosto à procura de hematomas.

— Não aconteceu nada, disse isso porque achei que não ia querer me ver.

— Está doido? Eu morri de preocupação e....

— Eu te amo, Natália – J interrompeu, e mesmo com raiva pela mentira toda, ela não conseguia conter a alegria de tê-lo ali.

Voltaram para a casa dela e sentaram-se no sofá para conversar, as crianças já dormiam e ele a puxou para um beijo, assim que Natália fechou os olhos, um canivete adentrou seu pescoço, os lábios dele colados ao dela, sua mão que pressionava sua nuca não a deixou emitir nenhum som, assim que teve certeza que ela estava morta, abriu sua mochila e tirou uma pequena lata de tinta, despejou sobre sua boca, eliminando qualquer vestígio de saliva que pudessem encontrar, passou cuidadosamente pelo chão, não deixando marcas no sangue que escorria pelo sofá e entrou no quarto de João, assim como Lucas, um pano embebido com ópio foi suficiente para garantir que o garoto não acordasse, o colocou no ombro e saiu, a arma estava engatilhada, caso Manu aparecesse, mas ela não apareceu, permitindo que J saísse sem ser visto, levando com ele João, que tanto fora desejado.

J chegou em casa e andava de um lado para outro, Tereza percebeu o quanto ele estava agitado.

— Amor? Está acontecendo alguma coisa?

Ele apenas a beijou na cabeça e disse que precisavam ir à igreja, todos eles.

— Vamos, minha sogra, sua perna não é desculpa para deixar de ouvir a palavra do senhor!

A sogra já estava faltando há quase um mês à igreja, sua perna doía muito, devido uma cirurgia feita no joelho, mas o genro era sempre tão bondoso e tão gentil, que ela não podia deixar de fazer esse esforço.

Ele pegou Clarinha no colo, enquanto Tereza ajudava a mãe a descer as escadas, um apartamento pequeno, com apenas quatro andares e eles estavam localizados no segundo, logo, o esforço não seria tão grande assim.

Na igreja, J fechou seus olhos e orou fervorosamente, estava com um

grande problema, mesmo tendo Camila para ser seu álibi, não adiantaria, a bicha imunda do Paulo conhecia seu rosto! Sabia que estava na corda bamba, tinha que reorganizar os planos, chegou a pensar se foi a hora certa de pegar João, sim, era! Errado era aquele viado ter levantado sua ficha, em breve, associariam seu rosto com o caso de Michelle, e agora de Natália, precisava pensar, pensar e se organizar.

Continuou suas orações, Deus iria guiá-lo, iria conseguir colocar luz em seus olhos para se libertar das artimanhas dos inimigos, ele iria concluir sua missão, ele fora o escolhido! Começou a pensar friamente, se mudasse de rosto, ficaria preso ao Doutor Mendes e isso não era bom, também não conseguiria pegar os dois meninos de Camila e não teria mais como contar com a ajuda de Tijolo, tinha que encontrar uma maneira de solucionar todos aqueles problemas de uma única vez e não tinha muito tempo, em breve saberiam que Natália estava morta. Voltou para casa, onde permaneceu com sua família, Tereza sabia que algo estava errado, pois notava o marido ausente mesmo estando debaixo do mesmo teto, talvez estivesse com problemas no trabalho, rezou para que não fosse nada pior, como aqueles criminosos que mataram o tal deputado e agora estivessem atrás de seu amado companheiro.

O dia seguinte fez com que J amanhecesse feliz e inspirado, o Senhor havia lhe soprado ao ouvido durante a noite, como acabar com os inimigos e continuar sua missão, não tinha muito tempo, provavelmente a essa hora já havia notificado a polícia sobre Natália e se tivesse sorte o único que conhecia seu rosto demoraria a voltar de viagem. Foi então fechar o negócio de sua casa em Cumbica, esse era o primeiro passo, se livrar daquela evidência, depois disso foi a um supermercado e comprou o melhor whisky que encontrou e se dirigiu ao encontro de Tijolo.

Tijolo ficou muito feliz com o presente, tinha em J um grande amigo e aceitou com prazer mais um “serviço”, eles deveriam sequestrar uma tal de Camila com seus dois filhos, mas para J não ser suspeito novamente, o que Tijolo acreditaria que seria, pois não sabia que Michele havia sido morta após a soltarem, então decidiram que para não levantar suspeitas, iriam invadir a casa de Camila com J dentro e ele também seria feito refém, assim quando levassem tudo que encontrassem, poderiam libertar todos juntos.

Embora J tivesse trazido o Whisky e preparado todo o plano, Tijolo sentiu que havia algo errado, J se mostrava nervoso e apreensivo, poderia dizer que talvez estivesse com medo, perguntou várias vezes se ele estava com algum

problema, se ele poderia ajudar, mas J disse que não era nada, independente do que ele falasse, Tijolo sabia que havia algo errado com o amigo e voltaria a insistir no assunto quando terminassem aquele serviço, se ele estava com algum problema, ele teria o maior prazer em ajudar.

J deixou a casa de Tijolo muito feliz, conseguira passar a sensação de medo que queria, estava plantada a semente para dar continuidade a seus planos, agora precisava correr, a noite estaria na casa da Camila e durante a madrugada teria mais dois meninos, dois de uma única vez! Nunca tinha alcançado tamanha benção. O próximo passo era ir a nova casa que tinha comprado, com uma terceira identidade a que usaria para seu novo rosto, mesmo ainda não sabendo como seria, não foi difícil forjar uma procuração e se passar pelo responsável da compra.

Camila, Tijolo, nova casa, agora faltava o carro, compraria um novo carro da mesma maneira que a casa e seu antigo iria para um desmanche, não correria o risco de vender, faltava ainda a Tina. Passou em um supermercado e fez compras para aproximadamente três meses, chegou ao cativeteiro com muitas caixas, a maioria enlatados por apresentar maior durabilidade, deixou tudo devidamente estocado, e não disse nenhuma palavra a ela. Cristina não sabia o que J estava aprontando dessa vez, mas para ter tanta comida disponível assim, sabia que provavelmente iria se ausentar, não que ela sentisse falta, não via a hora de morrer de uma vez, mas pensar que ele não pudesse mais voltar e ela morreria ali sem comida era desesperador, já se passaram quase três anos e se até agora a polícia não foi capaz de encontrá-la, não seria agora.

A noite, tudo ocorreu como planejado, os vizinhos de Camila não conheciam J, apenas de vista e ele fez questão de não manter um contato maior, Tijolo os rendeu no portão, assim que chegavam de uma pizzeria, os manteve refém enquanto sua gangue esvaziava os objetos que tinham maior valor, como computador, celular e televisão. Amarraram as mãos dos meninos e colocaram uma fita em cada uma de suas bocas e os deixaram no porta-malas, J estava “amarrado” também, embora Tijolo havia feito de uma forma que ele poderia se soltar quando os deixassem, assim ele seria o grande herói da mulher. Camila foi obrigada a passar em um caixa eletrônico e tirar o que estava disponível de dinheiro e finalmente se dirigiram ao local onde deixaram tanto Michele como Cristina, tiraram as crianças do porta-malas, deitaram todo no chão de terra e deram partida. J já tinha seu carro deixado

estrategicamente sempre no mesmo ponto, soltou facilmente as amarras e Camila ficou aliviada ao vê-lo livre, acreditou que finalmente estavam a salvos daquele pesadelo, mas esse pensamento não durou nem um minuto ao ver J levantar a camiseta e tirar uma arma que estivera o tempo todo em sua cintura, ouviu o ruído da arma sendo engatilhada e não teve tempo de emitir nenhum som, seus olhos apenas se fecharam quando ele apontou para sua cabeça e ouviu-se o disparo. Os garotos, André de 10 anos e Anderson de 8 foram arrastados para o porta-malas do carro e partiram para o cativeiro, precisava se apressar, em breve iria amanhecer e o corpo de Camila seria encontrado.

André foi colocado no pelourinho, instrumento feito de madeira onde a vítima era obrigada a ficar de joelhos enquanto a cabeça e as mãos eram presas em buracos e uma tampa era fechada, impedindo assim qualquer tentativa de movimento. Anderson foi colocado em uma cadeira de tortura, possuía espinhos de metal tanto no encosto como no apoio dos braços, fazendo com que adentrassem sua carne e causassem sangramento instantâneo. Cristina não poderia deixar de assistir, afinal não era todos os dias que ele conseguia dois meninos ao mesmo tempo, ela foi presa a parede pelos ganchos e ficou em pé.

— Se você não olhar, eu vou tornar isso ainda mais demorado.

Cristina olhava para Anderson que gritava já com o sangue escorrendo devido às perfurações e para André que continuava ali preso, soltando apenas lágrimas silenciosas em observar a dor do irmão, mas ele ainda não tinha entendido que a dor que ele estava prestes a sentir era ainda maior. J cortou sua calça de moletom com uma tesoura de jardineiro e deu um sorriso doentio para Cristina enquanto retirava o cinto de sua própria calça, André gritou assim que a correia atingiu suas nádegas deixando instantaneamente um vergão vermelho, continuou a bater até seus braços cansarem.

— Muito bem, André, falta pouco agora. — J disse, enquanto abaixava as calças e o segurava pelo quadril.

CAPÍTULO 22

J não resistiu, tinha que mandar mais uma caixa à delegacia, antes de desaparecer completamente, depois de guardar “as almas” libertas, resolveu serrar um dos pés de João, que estava com o corpo intacto, fora o pênis devidamente arrancado e colocado em seu “armário da salvação”, seu corpo estava em um dos freezers e após serrá-lo o colocou em um garrote, não poderia arriscar mandando mais um motoboy, teve muita sorte em convencer sua esposa, que estava doente e apresentava sinais de virose, a usar aquela máscara branca, pediu que fosse a uma das meninas que pedia dinheiro no farol e desse dinheiro a ela para entregar a caixa na delegacia, embora Tereza não se sentisse doente, usou a máscara, seu marido era enfermeiro e se ele dizia que ela apresentava sinais de virose, ele estava certo.

Como J tinha dito a ela que era presente para uma policial de um de seus amigos do hospital e não poderia correr o risco de ser visto por ela ou estragaria a surpresa, Tereza de bom grado foi até a criança e fez a encomenda. Dessa vez ele não poderia arriscar, provavelmente já tinham colocado câmeras tanto em frente à delegacia como no IC, então escolheu uma igreja, assim, em breve seriam notificados no momento que algum curioso a abrisse. Esperava que o pecador do Paulo a encontrasse, se não, de qualquer forma, em breve fariam a coleta do DNA e Paulo saberia que um pedaço do João foi entregue a ele, colocou em uma caixa com um lindo laço azul e novamente um bilhete escrito M 5:29.

Deixou-o bem próximo do altar, a igreja estava vazia àquela hora, mal tinha sido aberta, saiu de lá satisfeito, pensando nos gritos de João, ele fora capaz de lhe proporcionar muito mais prazer do que os dois últimos meninos.

J apenas lamentou a faculdade de Direito, mas ele não poderia arriscar com uma transferência ou qualquer coisa parecida, ele teria que recomeçar, com seu novo rosto em outro lugar, provavelmente tentasse uma que tivesse ensino a distância, já havia chamado muita atenção da polícia e se seus planos dessem certo, como estava programado, em breve ele não precisaria buscar tantos meninos na rua. Doutor Mendes, assim como combinado, ligou para Tereza dizendo que houve uma invasão no hospital, que J sofrera um tiro dos

mesmos homens que haviam matado seu primo, a tranquilizou dizendo que não era grave, mas sua segurança estava em perigo, por isso iria fazer uma mudança em seu rosto; Tereza agradeceu a Deus por ter pessoas tão boas zelando pela vida do marido. Após uma cirurgia de cerca de 20 horas, o doutor mendes e seus ajudantes deram seu trabalho como finalizado, antes da cirurgia

J fez questão de anotar mentalmente as pessoas envolvidas, três médicos e 4 enfermeiros, essa seria a segunda parte do plano.

Precisaria de repouso e descanso, por isso Cristina havia recebido os suprimentos necessários, Tereza foi informada assim que ele pode receber visita que deveria se mudar imediatamente para a nova casa, sem dizer nada a ninguém, o que ela atendeu prontamente, não seria inteligente mudar de rosto e se fossem ficar na mesma casa, provavelmente os bandidos estavam atrás deles ainda, J também lhe disse que a televisão era coisa de diabo, não deveriam mais ter televisores em casa, nada de bom vinha de dentro de uma televisão e embora clarinha gostasse de desenhos, ela preferiu atender ao marido, J estava certo, hoje em dia, mesmo em horários impróprios, as emissoras mostravam coisas horríveis e não queria que sua família perfeita vivesse em um mundo tão ruim quanto existia lá fora.

Tendo a convencido disso, Tereza jamais iria ser informada do retrato falado, caso eles resolvessem divulgar.

Tudo estava indo muito bem, Deus sempre a seu lado, ajudou que nenhuma foto sua fosse mostrada em rede nacional ainda, de qualquer forma ele precisava se apressar em sair dali e dar continuidade em seus planos, precisava eliminar as testemunhas que conheciam seu antigo rosto e sabiam que ele agora possuía um novo, mas em sua mente macabra já sabia exatamente como conseguir isso. Três semanas após sua nova identidade, embora seu rosto ainda apresentasse inchaço, o que só desaparecia por completo de três a seis meses, mesmo assim J estava de pé e pronto para não brincar com a sorte, embora Tereza estivesse muito assustada e implorado para ele não sair na rua, ele disse que precisaria ir ao hospital para um *check up* e não arriscaria a vida dela indo o acompanhar, precisavam ter certeza que ninguém descobriu sua nova identidade.

J agora era um loiro de olhos verdes, havia feito também um implante capilar, deixando os cabelos um pouco mais longos, seu nariz havia sido mais afinado e o queixo remodelado, assim como as maçãs do rosto ganharam uma forma mais rígida, já não lembrava em nada o moreno J de antes, mas talvez

Tijolo notasse uma certa semelhança e era exatamente isso que ele queria.

Foi a entrada do morro e disse a um dos vigias que estava ali para falar com Tijolo a mando de J. Escoltado por três homens fortemente armados chegou em segurança a casa que Tijolo se encontrava.

— Sou primo do J, vim a mando dele.

Tijolo observava atentamente aquele rosto, havia certa semelhança, embora J nunca houvesse mencionado que tinha um primo.

— Meu primo te considerava, me contou que estava sendo ameaçado e agora ele está morto!

Tijolo passou a mão na cabeça, tinha percebido mesmo que J estava nervoso, mas não entendia o porquê ele não ter lhe contado.

O “primo de J” então conseguiu toda a atenção de Tijolo ao dizer que J havia sido morto por descobrir que o doutor Mendes estava matando crianças para vender os órgãos, isso fez com que uma fúria desenfreada tomasse conta de Tijolo, criança não! Lembrou-se do filho desaparecido e jurou que vingaria a morte de J, tinha negócios com o doutor Mendes, mas isso era passado, se ele matava crianças, então ele também receberia o fim que merecia.

J deixou uma fotografia com toda a equipe envolvida em sua cirurgia, dizendo aqueles serem os cúmplices da venda de órgãos, Tijolo agradeceu a ele e disse que se era primo de J também a partir daquele dia era seu amigo, pediu que mantivesse contato e quando J disse que também era enfermeiro, ofereceu a ele um trabalho em um hospital no centro de São Paulo, onde ele já tinha outros “amigos” que desviavam medicamentos quando necessário, seria ótimo ter alguém assim como J por perto, caso alguns deles precisasse de atendimento e nenhum dos que trabalhavam naquele hospital moravam por ali.

Ele deixou o Morro do Piolho pedindo alguns dias a Tijolo para começar no novo emprego e com isso teria mais tempo para descansar e se inteirar de como andavam as investigações, também estava na hora de começar a colocar seu plano em prática. Ligou o celular de Manu que havia retirado da casa no dia que matara Natália e anotou todos os contatos de meninos que encontrou, depois descartou o telefone em um rio e voltou para casa mais do que satisfeito.

CAPÍTULO 23

Andrade parou seu carro particular às 22 horas de uma segunda feira em frente à casa de Paulo, desceu e tocou a campainha, não demorou muito e um Paulo muito abatido, com os olhos extremamente vermelhos saiu com um lenço nas mãos ainda enxugando os olhos, abriu o portão sem falar nada e voltou para dentro, Andrade fechou o portão atrás de si e seguiu Paulo em silêncio, o encontrou sentado na cadeira da mesa da cozinha com o olhar perdido e cansado.

— Eu sinto muito pela Natália, Paulo.

Paulo não disse nada, continuava em silêncio, olhando o infinito, depois, lágrimas mais grossas retornaram com toda força e ele começou a dar socos na mesa, a fazendo tremer.

Andrade colocou a mão em seu ombro, tentando acalmá-lo, mas ele parecia tomado pela fúria.

— Foi minha culpa! Eu não deveria tê-la deixado sozinha! Eu deveria estar morto, não ela!

Andrade esperou que Paulo se acalmasse, tirou um frasco de whisky do paletó e esperou que ele o bebesse inteiro, eles precisavam conversar e precisava da ajuda de Paulo.

— Onde você estava, Paulo?

— Viajando.

— Eu sei que estive viajando, mas para onde e fazendo o quê?

— Investigando e pare de me aborrecer, respeite minha dor!

— Paulo, eu não sou o Farias, eu quero escutar tudo o que tem a dizer sobre esse assassino.

— Não seja hipócrita, você só quer me escutar porque sabe que sou o único que o conhece, já associaram ele aos meninos e sabem que sou o único a poder fazer o retrato falado.

— Você está errado, a filha de Natália já tem idade suficiente para fazer, eu poderia apenas te prender, por não colaborar com a polícia e dizer que está ocultando provas.

Paulo deu um sorriso fraco e continuou, embora com raiva, sabia que a culpa não era do ex colega de trabalho, mas sim a hipocrisia da Lei brasileira.

— Você não vai fazer isso, os “gênios” chegaram à conclusão de quem é o assassino, mas não sabem o porquê e nem quantas vítimas mais ele fará, e muito menos, sabem como encontrá-lo.

— E você sabe? – Andrade tirou uma caderneta do bolso, mas ao ver que Paulo não falaria nada, voltou a guardá-la e decidiu por uma conversa mais amistosa.

— O único motivo de não ter sido exonerado ainda, é que disse ao delegado que você não estava equilibrado e o convenceria a fazer um tratamento psicológico, eu te conto tudo o que sei e você me conta tudo o que sabe, o que me diz?

— Escuta bem, Andrade, eu não vou deixar você me manipular, nós dois queremos encontrar esse desgraçado, mas temos motivos diferentes.

— O que quer dizer com motivos diferentes?

— Você quer encontrá-lo para prendê-lo, mas eu, vou encontrá-lo e matá-lo.

Paulo levantou uma mão para silenciar Andrade, que começara uma frase.

— Poupe meu tempo, não existe lei nesse país de merda, que irá fazer com que ele pague, se pegar vinte anos, se pegar!

Andrade passou a mão pelo rosto, Paulo estava certo, a lei era falha, por mais crimes que ele tivesse cometido, nunca sofreria as consequências, teria direito a uma cela privada, por segurança recomendada pelo Recursos Humanos, teria uma televisão, todas as regalias de uma pessoa com curso superior e se tivesse um bom comportamento, se trabalhasse durante sua pena, logo estaria na rua.

— Podemos interná-lo em um manicômio, de lá, ele não sairia jamais!

Paulo olhou bem fundo nos olhos de Andrade e um olhar frio e psicótico adentrou sua alma.

— Eu irei matá-lo.

Andrade respirou fundo, Paulo não era psicopata, mas poderia ser, lembrou-se da palestra do doutor Otto, dizendo que as pessoas nascidas psicopatas poderiam ou não desenvolver a psicopatia dependendo do seu meio, provavelmente, Natália ativara essa parte de Paulo.

Estava disposto a ir embora, quando Paulo disse:

— Me diga o que sabe e eu direi partes do que sei. E boa sorte o achando primeiro do que eu, pois meu amigo, se eu o encontrar primeiro, serei eu quem deverá ir para um hospital psiquiátrico!

Talvez Paulo estivesse apenas reagindo à emoção do momento, passou dois

meses fora, sabe-se lá fazendo o quê, sem telefone e incomunicável, quando voltou, se deu conta que tanto Natália estava morta, como João desaparecido.

— Pelo bilhete, que ele agora anda deixando nos corpos, M 5:29, chegamos à conclusão de que se trata de um fanático religioso, que de alguma forma acredita estar em uma missão divina. — Andrade leu o bilhete deixado por ele:

“Não me agradeçam, e não tentem me impedir, eu sei que não podem entender agora, mas em breve, minha missão estará completa e toda humanidade alcançará a glória”.

— Com isso chegamos à conclusão que se trata de alguma seita e ainda tem o código M 2:59, que quer dizer...

Paulo o interrompeu dizendo:

“Se o teu olho direito te leva a pecar, arranca-o e lança-o fora de ti; pois te é mais proveitoso perder um dos teus membros do que todo o teu corpo ser lançado no inferno”.

— Não sabia que era religioso – respondeu Andrade surpreso.

— Não sou e você não sabe nada de mim.

Uma pausa foi feita, para um pouco de café que o próprio Andrade fez, pois Paulo continuava imóvel, sem ânimo algum.

— Por que não começa me contando, como sabe tanto sobre a mente desse maluco?

Paulo ignorando o colega perguntou:

— Onde está o Mascote?

— Eu preferi vir sozinho, fazer isso *off work**, para que me visse como amigo.

— Você está disposto a ouvir o que eu tenho pra dizer, sem me chamar de maluco? Porque se fizer isso, pode ir embora.

— Eu vou te ouvir, Paulo, tem minha palavra.

— E também não vai ficar me fazendo perguntas, vai aceitar o que eu te falar e problema teu em como vai convencer o Farias a te deixar usar isso nas investigações.

— Está certo.

— Pois bem, o psicopata sofreu abusos na infância, ele testemunhou seu pai agredindo mulheres, sua mãe era religiosa fanática, isso explica porque ele se sinta o enviado de Deus para exterminar a espécie masculina na Terra. Para de me olhar com essa cara ridícula! Não é óbvio como eu saiba disso? Eu também tive um pai abusivo! E sei bem como a mente dele funciona, pois

muitas vezes eu também tive vontade de matar meu pai e praticar torturas inimagináveis com ele!

— Mas você não fez, Paulo! E nem com crianças inocentes! – Andrade não conseguia justificar os atos do maníaco através dessa explicação.

— É, eu não fiz e é exatamente por isso que eu vou matar esse desgraçado. Primeiro, eu vou te contar mais sobre a Natália, ela não era somente minha amiga, ela era minha irmã. Éramos em três irmãos, minha irmã Paula era a mais velha, tinha uns quatorze anos na época, meu pai vivia bêbado, bateu tanto em minha mãe, que ela ficou desmaiada por horas no chão da sala, meu pai amarrou meu irmão e eu em uma cadeira, tínhamos onze anos e fomos obrigados a assistir ele violentando a Paula.

Nesse momento, Paulo não derramou mais nenhuma lágrima, seus olhos se tornaram frios, quase perderam o brilho ao adentrar partes ocultas e sombrias em sua mente.

— Depois, ele a vestiu e a afogou na banheira e levou seu corpo até uma represa que tinha perto de onde morávamos, era uma favela, sabe, então, quando a polícia encontrou, deu apenas como afogamento e não como violência sexual, já tinha morrido outras crianças nessa represa. Depois desse dia, decidi que seria policial e seria exatamente como um policial deveria ser e não imbecis como os que vemos todos os dias!

Andrade disfarçadamente enxugou uma lágrima, sabia que tinha algo errado com Paulo, só não imaginava a gravidade.

— Meu irmão e eu fomos embora naquele mesmo dia, minha mãe nunca ia largar dele, era mais louca que ele, se quer saber minha opinião, dizia que o casamento era eterno e que não viveria em pecado, pobre mulher, só sabia rezar e apanhar. Meu irmão e eu fugimos, vivemos na rua por uns 3 anos, cuidando de carros, pedindo dinheiro, essas coisas, até que um dia, um homem que sempre me dava dinheiro no farol, perguntou se eu queria ir à sua casa jantar. Hoje, eu não me arriscaria, mas na época, fui sem pensar que algo de mal pudesse acontecer e felizmente, não aconteceu, aquele homem era o verdadeiro mensageiro de Deus na Terra. Era o pai de Natália, eu contei a ele o que havia acontecido e ele disse que trabalhava em um abrigo e me levou para lá, com meu irmão. Como mesmo depois do Conselho Tutelar anunciar a gente como desaparecidos e ninguém reclamar, dizíamos que não nos lembrávamos de nada, claro que não queríamos voltar para casa – Paulo fez uma curta pausa, mas falou em seguida. — Bom, pra encurtar a história, ele nos adotou legalmente, nos deu estudo e nos devolveu a dignidade,

infelizmente já morreram, mas morreram depois de ver meu irmão e eu encaminhados na vida, meu irmão é casado, tem três filhos e eu virei essa merda de policial!

— Eu sinto muito, Paulo, por tudo que viveu.

— Ele vai sentir muito mais quando eu o encontrar, pode ter certeza! Mas voltando ao que interessa, o homem que procura é enfermeiro, então seria inteligente ver onde ele se formou, no hospital que ele deixou, depois de um ano do desaparecimento da Cristina, imagino que já saibam que o DNA dos ossos que recebemos sejam das crianças desaparecidas, assim como fizeram associação com o caso que antes pensávamos se tratar de assalto e latrocínio, como de Roberta, Maria Augusta, Cintia, Michele, Cristina, Natália e até agora que sei, Camila.

Andrade apenas assentiu com a cabeça, Paulo estava muito mais adiantado nas investigações que eles, levaram muito tempo para obter as provas e mais ainda para fazer a associação.

— Natália dizia que ele tinha vinte e oito anos, agora, preste atenção que não vou explicar mais de uma vez.

Andrade puxou a cadeira para perto de Paulo, enquanto ele pegava papéis e caneta.

— Vamos supor que seja verdade isso, daria a ele a data de nascimento de 85, uma vez que estamos em 2012, no entanto, eu vasculharia tudo entre 1980 a 1985, por via das dúvidas. Procuramos um suspeito que possa ter entre vinte e cinco e trinta anos, o que tornaria a busca bem difícil, se eu não soubesse a data de aniversário dele.

Andrade arregalou os olhos.

— Agora, vem a parte que tentei explicar ao Farias e se você disser que sou maluco, eu juro que vou socar essa sua cara! Procure por alguém que nasceu em 18 de maio de 1980 à 1985. E não! Antes que ache que é porque recebemos a caixa dia 18 de maio, isso não basta, ele nasceu dia 18 de maio e isso o faz acreditar que é o enviado de Deus. Preste Atenção! Dia 18 de maio é o dia de combate contra a violência à criança e ao adolescente, ele acha que nasceu nesse dia para salvar almas, evitar que elas se contaminem com a loucura e a insanidade.

Paulo escreveu no papel:

1 = A, J, S

2 = B, K, T

3 = C, L, U

4 = D, M, V

5 = E, N, W

6 = F, O, X

7 = G, P, Y

8 = H, Q, Z

9 = I, R

— Isso é numerologia, cada letra significa um número, se você somar todas os números do nome Mateus, dará um total de 7, agora, se você isolar o 5 de 5:29 e somar o 29, fica 11, então teremos:

5/ 2+9= 11

5/11

— Consegue acompanhar até aqui?

Andrade apenas continuou atento, tentando entender.

— Muito bem, agora se você somar esse 11 com o 7 da palavra Mateus, será 18!

5/18

— Ou 18/05, que é o aniversário dele e de onde ele tirou que, na bíblia seu nome está escrito como enviado, para arrancar os pecados dos homens, no caso, os membros.

— Eu nem sei o que dizer, Paulo, não acho que esteja doido, mas entendo a posição do delegado, achar que isso é motivo para que ele se ache mensageiro, é no mínimo loucura!

— É claro que é loucura, por isso ele é um psicopata e você não, se fosse, entenderia a lógica dele!

— E com isso, você está dizendo que também é, para o entender – disse Andrade, bem-humorado.

— Preste atenção! – Paulo disse sério. — Se somar as letras do nome Paulo, também dá 11, se somar com os 7 de Mateus, dá 18, de novo o 18 de maio, eu também poderia ser um mensageiro!

— De onde tirou tudo isso, Paulo?

— Que diferença isso faz? Agora, entenda, descubra o ano exato que ele nasceu, pois será o número de vítimas que ele fará.

Andrade se levantou da cadeira com olhos muito grandes.

— Ele vai matar 1980 crianças?

— Ou 1985, dependendo de que ano ele nasceu, você tem que entender que ele acha que cada criança morta, cada membro “liberto” equivale por um ano, ele está limpando o mundo, até a data em que ele tenha nascido.

— Mas isso é um absurdo! Não tem lógica! É inconcebível! Não podemos permitir que ele mate quase duas mil crianças.

— Se depender de mim, ele não vai.

Andrade saiu da casa de Paulo em choque, obviamente, se falasse ao delegado tudo o que Paulo havia dito, seria internado juntamente com ele, mas poderia continuar a fazer as investigações com Mascote, sem fazer tais menções, seria muito mais fácil rastrear alguém pela data de nascimento, principalmente porque Paulo garantiu que ele poderia mudar de nome, mas nunca de data de nascimento, pois ele veria isso como “desvio de sua missão”. E por mais absurdo que Paulo soasse, ele conseguia ver lógica na ilógica mente do psicopata.

Paulo não contou tudo que sabia para Andrade, ele iria atrás de J e chegaria na frente dele, já havia descoberto que a casa, para a qual ele levara Natália, era de Tijolo. Só precisava de sorte, em convencer Tijolo, que J havia matado seu filho, ele também já chegara à conclusão que Tijolo teve um garoto desaparecido, mas não havia prestado queixa por sua extensa ficha criminal, tinha certeza que seu filho fora mais uma das vítimas de J e assim que ele tivesse essa prova, talvez ele o ajudasse a encontrar o assassino.

MATEUS

BÍBLIA 5:29

4+1+2+5+3+1

5+7+4

1+2+4

3+4=7 ----->5:29 = 5/ 2+9 = 11+ 7= 18 (18/05)

PAULO

7+1+3+3+6

(7+1)+ (3+3) + 6

8+ 6+6 = (8+6) +6 = (14+ 6) = 1+4+6 = 11 + 7 do nome Mateus =
18 com 5 isolado do 5:29 novamente 18/05

CAPÍTULO 24

(4 anos após a primeira caixa)

J decidiu não aceitar o emprego de enfermeiro naquele hospital, lá não teria as regalias que tinha no anterior e não dispunha mais de tempo para passar doze horas em um plantão, sendo assim, abriu com Tereza, uma bomboniere, o que além de a manter ocupada, seria uma forma de renda e principalmente, mais uma forma de fazer amizades com lindos meninos, que fossem em busca de doces.

Moravam agora em uma casa na Vila Fátima, Guarulhos, e tinham a bomboniere no mesmo quintal, Clarinha foi matriculada em uma escola particular e tanto Tereza como a mãe trabalhavam na bomboniere, J ajudava quando não estava fazendo nenhum serviço extra como enfermeiro, ele havia lhe dito que recebeu uma indenização do Estado pelo atentado que recebeu e com isso foi possível o investimento em um negócio próprio. Tereza não poderia estar mais feliz, toda vez que via Clarinha sendo carregada nos ombros de J enquanto gargalhava, ela se sentia a mulher mais sortuda do mundo, com o melhor marido do mundo; Ao menos uma vez por semana, ele levava café na cama para ela, cuidava da mãe dela, sempre a acompanhando aos hospitais, todos os dias agradecia a Deus por ter um homem abençoado como aquele, quantas mulheres não gostariam de estar no lugar dela? A bomboniere tinha tudo que pudesse atrair pais e crianças, além de todos doces, chocolates, algodão doce e alguns pequenos brinquedos, contava ainda com uma piscina de bolinha, garantindo o sucesso do lugar. J beijou a esposa e disse que precisava atender a um chamado, ela lhe sorria e achava que ele estava sorrindo para ela, mas na verdade, seus olhos estavam em Rodrigo, um garotinho ruivo de quatro anos que sempre vinha nos finais de semana com o pai.

Todos estavam fora de seu caminho, todos que participaram de sua cirurgia e conheciam seu antigo rosto, graça a Tijolo e seus amigos, todos foram mortos, soube que houve uma chacina naquele hospital, outras pessoas também foram mortas para que não ficasse óbvio para a polícia que estavam em busca de pessoas específicas, mas J não poderia se importar menos,

ninguém além de Tereza e sua sogra sabiam quem ele era e sem a televisão, seria muito difícil que algum dia viessem saber da verdade. Embora sua vontade fosse pegar todos os meninos que apareciam em sua casa pelos últimos 6 meses, ele preferia manter uma cautela maior e se seus planos funcionassem de acordo com o que queria, em breve não precisaria mais se arriscar tanto. Pegou o celular e digitou uma mensagem:

“Bom dia meu lindo, como vai?”

Não demorou nem um minuto e chegou a resposta:

“Bom dia gata, estou na escola, não vai me deixar saber quem é você?”

J sorriu e digitou:

“Em breve.”

Desde que pegara os números do celular da filha da Natália, ele havia entrado em contato com todos os garotos possíveis, no entanto, apenas Ricardo havia mantido o contato, ele tinha quatorze anos e J se passava por uma admiradora, uma amiga de alguém que o conhecia, chegou a mandar uma foto de uma linda garota loira de treze anos, mas ainda se negava a se encontrar com o rapaz.

Ricardo sabia que ela não estudava com ele, mas estava desconfiado que era de sua antiga escola, havia somente um ano que havia sido transferido e para ela ter seu número, deveria ter conseguido com algum de seus ex colegas. Conversavam sempre por um aplicativo de chat, a maioria deles, basta você ter o número desejado para adicionar, não existe nada que impeça o primeiro contato, só existe a chance de bloquear a pessoa posteriormente, mas quem bloquearia uma linda menina que dizia ter interesse nele? Guardou o celular satisfeito.

J gostava de frequentar aquele Posto de Saúde, era em um bairro afastado, quase não tinha policiamento nas ruas e principalmente estava sempre cheio de crianças apetitosas, embora a recepcionista achasse que ele ia lá somente para cortejá-la, suas intenções eram bem diferentes, a recepcionista tampouco o interessava, uma vez que ela só tinha três filhas e nenhum menino, mas era a desculpa perfeita para sempre aparecer por ali. Para ela, J era ainda um enfermeiro, nunca tendo o trabalho de checar onde ele trabalhava, os conhecimentos que ele mostrava sobre enfermagens eram o suficiente, inclusive uma vez, ele até socorreu uma menina que havia cortado um dedo na escola e foi trazida às pressas, nesse dia não havia médicos de plantão, uma das muitas greves já tão bem conhecidas e ele usou da situação para se

aproximar ainda mais de Débora.

Atendeu a garotinha, a qual a mãe lhe agradeceu muito, dizendo que era um anjo caído do céu, mas depois de uma rápida checagem, verificando que a mulher não tinha nenhum menino, rapidamente perdeu o interesse. Embora fosse frequentador do Posto, ele procurava não conversar com as pessoas, não gostaria de ser reconhecido, então seu tempo se dava somente encostado ao balcão, papeando com Débora, de lá podia ter uma visão total de quem estava na sala de espera. Não são necessárias muitas palavras para descrever um Posto de Saúde seja em qual cidade for, podem imaginar perfeitamente todos os bancos preenchidos, crianças correndo para dentro e para fora, enquanto dezenas de outras pessoas esperam em pé, pelos corredores, e até nas calçadas.

J já havia notado uma mulher negra com mais quatro filhos, todos meninos, e chegou a salivar imaginando ter todos de uma vez, mas sabia que esse não seria o momento perfeito, sabia muito bem calcular em qual situação teria êxito. Voltou sua atenção para uma mãe de aproximadamente 40 anos, com uma adolescente vidrada no celular e a seu lado estava um garoto pequeno, não mais que três anos e mais um na barriga.

Ele convidava Débora para sair qualquer dia desses, enquanto ela fazia charme se mostrando indecisa, seus olhos vagavam entre ela e a sua presa e a euforia chegou quando a mulher foi chamada e a ouvindo mandando a garota olhar o pequeno. Esse seria um bom dia! J se despediu de Débora, dizendo que em breve voltaria, deixou um bombom sobre o balcão, o qual ela agradeceu com um imenso sorriso e foi para a frente do posto, o garoto corria pela sala e ele se colocou na porta. Tirou um carrinho de controle remoto da mochila e começou a brincar pelo pátio, não demorou muito e vários garotos ficaram em volta dele, ele deixou que cada um brincasse um pouco, ninguém prestava atenção, pensavam que ele provavelmente seria o pai de um daqueles garotos, voltou a olhar para dentro e a garota que deveria cuidar do irmão continuava digitando no celular de cabeça baixa. Ele se aproximou do menino dizendo:

— Eu queria te dar esse carrinho, mas os outros vão querer, então não posso mais.

O menino fez cara de triste e J continuou:

— Se eu disser que vou embora e atravessar a rua, naquela árvore ali, está vendo? É meu carro, você espera eu chegar lá e vai atrás, que eu arrumo uma sacola, coloco dentro e assim, ninguém vai ver que eu te dei.

Denis não pensou duas vezes. J fez o combinado e atravessou a rua, ficou em pé na porta do carro estudando o ambiente, embebeu seu lenço em ópio e esperou, assim que o pedaço de gente se aproximou do carro pela porta que dava para calçada e não para o posto, facilitando assim que ninguém o notasse, J se agachou e entregou o carrinho a ele e em seguida segurou suas costas e colocou o lenço em seu nariz. Não houve a menor dificuldade em colocar o pequeno corpo no chão do carro e cobrir com um cobertor, tranquilamente esperou alguns segundos, mas nem sinal da irmã aparecer, sentou-se e deu partida, sorrindo satisfeito, a ceia de Tina estava garantida.

Somente vinte e cinco minutos após J ter deixado o bairro, foi que a mãe saiu da consulta e a filha notou que o irmão não estava em nenhum lugar. Gritos de desespero começaram, o segurança foi chamado, afirmando que deveria estar brincando pelo Posto, insistiram muito e a polícia foi chamada, chegaram após uma hora do telefonema e mesmo assim não tinham o que investigar, as câmeras não estavam quebradas, elas nem existiam, o local revistado, as pessoas entrevistadas e os funcionários investigados, Débora, ainda afirmou aos policiais que ninguém suspeito havia entrado, somente os pacientes e pessoas conhecidas e caso alguém o tivesse levado foi da calçada para fora.

J chegou com Denis ainda dormindo e o colocou no colchão com Cristina, soltando-a em seguida.

— Cuida dele, Tina, e se você o matar, eu te juro que vou cortar seus dedos e fazer com que coma, talvez corte sua mão toda – disse enquanto segurava a mão dela, olhando atentamente seus dedos.

— Está muito magra, Tina, mas hoje teremos um banquete!

Ele saiu assoviando e Cristina em um impulso levou a mão ao nariz da criança, mas acabou desistindo, não adiantaria nada, ele iria se irritar, ia cortar as mãos dela e depois voltaria para a rua e traria outro garoto, uma morte ao invés de duas. Mas a que preço? Cristina passava a mão pelo cabelo escuro do garotinho, ele era tão lindo, tão pequeno. J voltou após alguns minutos e Denis, acordado, começava a chamar pela mãe, ele o segurou pelos cabelos, enquanto rasgava sua roupa, mas parou, voltando seus olhos para Cristina, que escondia o rosto na parede, ele então soltou o garoto que começou a correr com suas pequenas pernas e J foi em direção à Tina, a segurando pelo pescoço.

— Você sabe que a culpa é sua!

Retirou um estilete e fez um pequeno risco em sua bochecha, um filete de

sangue escorria, enquanto ele desapertava um pouco sua garganta.

— Agora me diga, porque você tem que olhar, Tina.

— Porque eu te fiz olhar, enquanto estava na Ala Infantil.

— É isso mesmo! Você se meteu em meu caminho, Tina! E agora, você tem que olhar! — J cuspiu em seu rosto e foi atrás de Denis.

CAPÍTULO 25

Finalmente o grande dia havia chegado, mandara uma mensagem a Ricardo, que iriam se encontrar no shopping internacional de Guarulhos, Ricardo ficou eufórico, finalmente iria conhecer a garota de seus sonhos. Passou o dia todo se preparando para o encontro, usou os tênis novos que o pai lhe comprara e uma camiseta que ganhara de aniversário, que ainda não tinha usado, passou gel no cabelo, fazendo um penteado descontraído e não podia deixar de usar um pouco de perfume, na sala, seus pais conversavam enquanto assistiam à televisão.

— Não gosto dessa ideia, esse menino saindo à noite, não está certo isso, não, ele nem conhece essa garota!

— Tá ficando louca, mulher? Quer criar um filho viado? Ele é menino, não tem perigo! Quem tem suas cabritas que segure, pois meu bode está solto!

O pai sorriu quando o filho se aproximou, ele lhe deu um dinheiro extra para o cinema e lhe deu um abraço orgulhoso.

— Meu filho já é um homem! Mas não me inventem de fazer nenhum neto, hein!

Ricardo sorriu, deu um beijo na mãe que ainda estava contrariada e disse que voltaria antes das 11, ficou na calçada e mandou uma mensagem para “Aline”, que estava ligando para um táxi e que em alguns minutos estaria com ela no shopping.

J, que já havia descoberto o endereço de Ricardo, através do mesmo aplicativo onde conversavam, já havia passado o dia se preparando para a grande noite, passou pelo centro de Guarulhos na noite anterior, em um ponto específico de táxi, onde a maioria passava a noite sonolenta, não foi difícil retirar a placa que todo táxi tem em cima, uma vez que elas apenas possuem um imã embaixo, o que as fixa na parte superior. Colocou o emblema do táxi em seu carro, entortou as placas do veículo, pois em breve pegariam uma rodovia e com certeza teria câmeras por lá, mas isso, era exclusivamente para as câmeras, quem olha a placa de um táxi ao entrar?

Também usou uma peruca, estilo rastafári, uma barba e um bigode falso e um óculos escuro, estava tudo perfeito, parado na esquina da casa de Ricardo, esperou alguns minutos após observá-lo ao telefone chamando o táxi e deu

partida parando em frente à casa dele.

Ricardo entrou e disse que queria ir ao Shopping Internacional e J pegou a via Dutra, eram cerca de 7 e meia da noite, quando ele estacionou em uma rua residencial com pouco movimento, dizendo que o carro estava com algum problema, saiu pretendendo ver o que era, enquanto Ricardo mandava uma mensagem para garota dizendo que ia se atrasar, assim que a mensagem foi enviada, o celular de J deu sinal de mensagem chegando, Ricardo na hora teve a sensação que algo estava errado, seu coração disparou e ele abriu a porta para sair, mas J já o esperava do lado de fora, com a arma em punho.

— Se você gritar, eu vou fazer sua barriga virar um queijo suíço. Agora, bem devagar, você vai entrar no porta-malas e sem chamar a atenção, você entendeu?

Ricardo não teve palavras para responder, seguiu em direção ao porta-malas, J deu sinal para entrar, depois de verificar que não tinha ninguém na rua, ele entrou, rezando para que fosse um sequestro e em breve sua família o teria de volta, mas no fundo, ele sabia que era algo muito mais grave, seu celular foi desligado e guardado no bolso de seu raptor, logo, o carro foi novamente colocado em movimento.

Teve suas mãos amarradas antes de descer as escadas, Ricardo tremia a cada degrau que descia, o cheiro adocicado e metálico causava náuseas e ele teve certeza que não sairia dali com vida, ao parar na porta do quarto e ver Cristina acorrentada em uma das paredes.

— Você quer dinheiro? Meu pai tem uma loja de móveis e...

Ele não conseguiu continuar, J lhe deu um soco na boca, fazendo com que seu corpo tombasse imediatamente no chão. Cristina olhava o garoto de forma curiosa, era a primeira vez em quatro anos, que ele trazia um garoto como aquele, com o corpo formado, deveria ter cerca de 1.65 de altura, embora ainda magro, poderia passar por um homem quase adulto, se não fosse o rosto que denunciava sua pouca idade.

J colocou algemas nele, deixando seus braços erguidos e as costas rentes a parede, soltou Cristina e a mandou tomar banho, o que ela achou muito estranho, nunca ele a mandava tomar banho, ela que aproveitava a pouca água que saía do chuveiro para se lavar quando ele não estava, principalmente porque nunca teve uma troca de roupa, ainda estava com a mesma roupa a qual fora sequestrada, lavava apenas as roupas íntimas e quando secassem voltava a vesti-las, sentiu um certo alívio, lembrando da noite em que Júlio morreu, J o havia mandado tomar banho e depois o matou,

então talvez houvesse chegado sua hora, quem sabe o garoto seria seu substituto e ela finalmente poderia descansar. Tomou banho de forma rápida, estava ansiosa para que acabasse de uma vez, do banheiro conseguia ouvir os gritos do garoto e as pancadas, provavelmente estava tentando lutar com J enquanto ele lhe arrancava as calças.

Quando saiu do banho, não viu sua roupa em cima da pia onde tinha deixado e ficou em pé na porta, enrolada na toalha, viu J pegar o taco de beisebol e bater do joelho de Ricardo, pelo barulho abafado, teve certeza que ele acabara de lhe quebrar um osso. Cristina foi agarrada pelos cabelos e teve uma faca apontada embaixo de seu queixo, ele a puxou para o chão, a deixando de joelhos e começou a dizer:

— Estou cansado de te sustentar, Tina! Está na hora de você me pagar por toda a hospitalidade.

Cristina fechou os olhos achando que fosse morrer e agradeceu aos céus por isso, mas a próxima frase de J, a fez entrar em um estado de choque, como nunca antes estivera.

— Vocês dois vão me dar um menino por ano e cada vez que nascer uma menina, eu vou arrancar um dedo de cada um, estão entendendo?

Ele largou Cristina no chão e saiu do quarto levando as roupas, ouviram o barulho de chave trancando a porta, ela não teve reação, olhava para Ricardo, que ainda com os braços erguidos e nu da cintura para baixo, deixava cair lágrimas silenciosas. Algum tempo depois, ela começou a falar com ele, explicando como havia ido parar ali, quantos garotos ela tinha visto serem mortos por ele e que não tinha nada que pudessem fazer, nem se matar conseguiriam, pois, J nunca deixava nada cortante próximo a ela, não havia espelho no banheiro, para que eles pudessem quebrar e cortar os pulsos, nenhum remédio deixado à mostra, nada. Então, juntos tentaram encontrar uma maneira de prolongar a situação.

— Precisamos de mais uns três anos, aí você estará forte o suficiente para lutar com ele e talvez possamos sair daqui, se ele pensar que estamos tentando ter um filho, ele não nos matará e quem sabe em dois anos, você já tenha força para segurá-lo ao menos.

Ricardo não acreditava que conseguiriam, muito menos depois de ter sua perna quebrada, sabia que ele cumpriria a promessa de lhe arrancar um dedo por ano. Mesmo assim, Cristina insistia que seriam três dedos, mas que teriam uma chance de fugir. J era religioso e bastava dizer que Deus ainda não achou que fosse a hora, quem sabe ele acreditaria e não os machucaria

até lá, Cristina tentou ser otimista, dizendo a Ricardo que pediria que lhe trouxesse vitaminas e boa alimentação, pois só assim, seria possível que ela engravidasse. Ela deixaria que ele tomasse todas as vitaminas e ficasse o mais forte possível, pois também não via muitas chances de sair dali, não depois de tudo que presenciara, mas era a única coisa que poderiam fazer.

Ricardo estava apavorado demais para ser otimista, principalmente quando ouviram J voltar, algumas horas depois. Ele não abriu a porta, mas podiam ouvi-lo, e sabiam que ele trouxera mais um garoto, pois os gritos ficaram cada vez mais altos, Ricardo tentava tapar os ouvidos, apertando os braços que continuavam pendurados acima da cabeça, Cristina agradeceu por não ter que assistir dessa vez.

— Ele mudou de rosto, você não faz ideia do que ele é capaz!

Sussurravam para que J não os ouvisse, o garoto havia parado de gritar, então ele provavelmente estaria desmembrando o corpo. A cabeça de Ricardo fazia força para acordar daquele pesadelo, ainda ontem era um menino normal e não conseguia acreditar onde havia ido parar, sempre escutava casos na televisão e histórias pela internet, mas ele, assim como a maioria da população, tende a crer que esse tipo de coisa só acontece com os outros, até que chega o dia que acontece com você, e nesse dia, provavelmente, você não viverá para contar, principalmente se cruzar com alguém como J.

— Me mate! – Ricardo pediu à Cristina.

Mas ela não conseguiria matá-lo, uma coisa era impedir crianças de respirar, mas um rapaz daquele tamanho, o instinto de sobrevivência falaria mais alto, ele acabaria se debatendo e não conseguiria asfixiá-lo. Ricardo, tampouco conseguiria matar Cristina e livrá-la daquele tormento, primeiro, porque estava com as mãos presas acima da cabeça e segundo – e mais importante – ele não teria coragem.

Delegacia de Guarulhos – 4 anos após a primeira caixa

Andrade caminhou vagarosamente até sua cadeira e se sentou, seus dedos batiam impacientes na mesa enquanto esperava pelo Mascote. Isso era realmente muito estranho, como ele havia conseguido entrar no IC, era algo que ele gostaria de saber, sua ética profissional estava sendo testada, não sabia se deveria entregar Paulo ao delegado ou ficar em silêncio e esperar.

Tinha ido ao IC para reavaliar o caso e os objetos encontrados ao longos

dos anos, objetos que o maníaco da caixa enviava, sempre que mandava algo do corpo de uma de suas vítimas, além do bilhete, ele passou a mandar coisas cada vez mais estranhas, no entanto, eles sabiam todas serem pertences dos meninos.

Uma vez chegaram a receber de uma única vez, um dinossauro, uma chupeta, um pedaço do que foi um shorts ainda com marcas de sangue e nunca, nenhum DNA do criminoso. Os responsáveis pelos itens em custódia pareciam não terem se dado conta, não os culparia, era realmente imensa a lista de objetos coletados ao longo dos anos, mas ele sim havia dado falta de um cavalinho de madeira que haviam encontrado com um bilhete e nenhum tipo de pelo ou tecido, Andrade acreditou que pertencia a uma vítima antiga, onde o psicopata não teve tempo de mandar um pedaço do mesmo. Muitos dos familiares não reconheceram tais objetos, os deixando ainda mais sem opções, mas por algum motivo Andrade começava a pensar como Paulo, o assassino não mandaria algo para enganar a polícia, aqueles objetos pertenciam as vítimas, mesmo que seus familiares não os reconhecessem, já fazia bastante tempo do desaparecimento, muitos dos meninos nem família tinham para irem reconhecer, logo a pilha de itens não identificados se acumulava.

Mas ele havia dado falta, após passar o dia inteiro no IC esperando alguns laudos das últimas “entregas” feitas, e algo dentro dele disse que fora Paulo e não o assassino que havia de alguma forma retirado o objeto de lá. Ainda não podia acreditar que já fazia seis meses que Paulo deixara a delegacia, embora até o delegado Farias tivesse a seu modo, pedido que ele não os deixasse e ele próprio ter fornecido informações sobre o que conseguisse dali para frente, Paulo estava decidido a sair da carreira policial, disse que abriria um negócio próprio, que estava cansado daquela vida, ainda se lamentou por não poder adotar Manuela, ele como homossexual e solteiro, dificilmente conseguiria a guarda da menina, felizmente seu irmão, casado e pai de três filhos, conseguiu.

Provavelmente Paulo estava por demais deprimido com o caso dos meninos e por tudo que vivera, mas algo em seu peito dizia que ele se afastara da carreira para caçar o assassino exclusivamente sozinho, agora Andrade estava em um dilema, contava ao delegado que o item sumira, ou fazia de conta que não sabia de nada e tentava descobrir qual daqueles pais teve uma criança com um cavalinho de madeira? Forçou sua mente, o que o Paulo faria com aquilo? Provavelmente conhecia os pais da criança. Andrade

deu um murro na mesa assustando Mascote que chegou com dois copos de café.

— Que foi, cara? – o Mascote perguntou.

— Só estou cansado dessa merda, nada até agora, absolutamente nada!

Andrade, por algum motivo, resolveu não dizer o que estava pensando, nem que havia dado falta de um item, pegou o copo de café trazido pelo colega e tomou um gole.

— E o Paulo? Você foi na casa dele?

Andrade assentiu com a cabeça.

— Fui antes de ontem, mas tive um dia tão corrido ontem, que nem tive tempo de te dizer.

— Não acredito que ele saiu daqui, Andrade, por mais que ele fosse maluco, eu sinto sua falta! Como ele está?

Andrade relembrou a visita que fizera, ainda não tinha dado falta do cavalinho, uma vez que só estivera no IC um dia depois de ir à casa de Paulo, provavelmente seria conveniente voltar a visitá-lo e procurar pelo objeto, tinha certeza que Paulo não desconfiaria que ele ou alguém, tivesse dado falta de um item em meio a tantos.

— Ele não está legal, Mascote, parece que ficou doido de vez, na casa dele, tem fotos espalhadas por todas as paredes, são dos meninos desaparecidos, recortes de jornais, fotos do retrato falado do assassino e até algumas montagens no computador em seu rosto, de como estaria hoje.

Mascote ergueu as sobrancelhas e disse:

— Ainda essa obsessão? Por que ele sairia daqui então, se pretende continuar investigando?

Andrade não respondeu, ele sabia que Paulo não estava apenas em um momento de raiva, quando disse que iria matar o maníaco dos meninos.

— Ele disse algo de útil?

Andrade terminou seu café e disse em um lamento:

— Quase nada, tudo que conseguimos até agora, ele já sabia, chegou muito à nossa frente, inclusive, sobre aquele médico, primo do tal deputado morto, parece que o assassino está sempre um passo à frente de Paulo e nós sempre dois atrás dele.

— Ah, cara, mas o que podemos fazer?

Andrade voltou a bater os dedos na madeira da mesa e continuou, mais para si do que para o colega.

“Um assassino em série religioso, sempre deixará uma pista grande, não

porque quer desafiar a polícia e os acha menos inteligentes, mas porque tem fé em sua missão.”

— Como é, que é? – Mascote perguntou, piscando os olhos.

— Estou tentando entender o que o Paulo quis dizer, ele me disse isso e nada além disso, disse que era trabalho meu encontrá-lo e não dele, depois me mandou embora.

— Ele te mandou embora da casa dele?

— Eu nem me importo, eu consigo sentir a dor e o desespero dele, se fosse minha irmã, como no caso da Natália, eu teria reagido da mesma forma, é claro que ele deixaria a polícia. Ele, como policial, tinha a obrigação de proteger a irmã.

— Nem nós estamos a salvo, Andrade, como ele poderia esperar...

Mascote foi interrompido por um barulho vindo da sala do delegado, um, dois, três, quatro, cinco, seis tiros, eles contaram, saíram em disparada pela porta, Mascote chegou a derrubar uma cadeira, na pressa de ver o que estava acontecendo. Outros policiais e funcionários já estavam na porta da sala do delegado, todos com as armas em punho, quando os investigadores chegaram, mas pela expressão nos rostos deles, que pareciam em choque, sabiam que não era um criminoso que invadira a delegacia, mas algo estranho estava acontecendo lá dentro. Abriram passagem pelas pessoas que se acumulavam no corredor e entraram na sala de Farias, para o encontrarem totalmente fora de si, seu rosto estava completamente molhado pelas lágrimas, e os buracos na parede, denunciavam que ele próprio atirara, ele estava agora dando murros nos armários, jogando os papéis pelo chão, todos os presentes ficaram em estado de choque, o que poderia ter acontecido, de tão absurdo, para que um profissional, acostumado a lidar com todo tipo de crime, que aprendera a ser frio e calculista com os anos de profissão, estivesse agindo em um surto descontrolado.

Mascote foi o primeiro a entrar e tentou acalmá-lo, conseguiu fazer com que ele se sentasse, o delegado mergulhou a cabeça entre as mãos e voltou a soluçar, Andrade se ajoelhou ao seu lado e tentou conversar com ele:

— Estou aqui, Farias, me conte, o que aconteceu?

Mil e uma coisas passavam pela cabeça de Andrade, em questão de segundos chegou a revistar a família do delegado em pensamentos, ele só tinha filhas, todas casadas e também só tinha netas, pelo desespero que ele demonstrava, chegou a pensar que o maníaco tinha sequestrado um de seus parentes, mas quando o delegado virou o rosto para ele, seus olhos brilharam,

duas grossas lágrimas correram solitárias e suas palavras causaram uma dor que ele não estava preparado.

— Ele matou o Paulo! – A frase foi dita em apenas um fio de voz. — O psicopata matou o Paulo! – O delegado voltava a berrar pela sala, derrubando um armário de metal que caiu ao chão, abrindo as gavetas e espalhando todos os arquivos.

Ninguém teve coragem de dizer uma única palavra, Andrade se levantou, saiu da sala, desceu alguns degraus da delegacia e se sentou, mergulhando em pensamentos obscuros, agora a causa era pessoal, agora ele iria encontrar o maníaco, ele iria torturá-lo, de todas as formas possíveis, formas as quais ele nunca chegou a cogitar, mas agora, nada iria detê-lo, nem que ele passasse a vida na cadeia, ele vingaria a morte de Paulo.

O velório contava com mais membros da delegacia do que os familiares, embora fosse sempre muito rígido e até sem paciência com o Paulo, o delegado Farias fez questão de estar presente, ele foi o responsável pela mais cara e mais chamativa coroa de flores, todos os colegas de trabalho estavam em seus trajes policiais e um brasão da polícia civil, foi colocado juntamente com a bandeira do estado de São Paulo sobre o caixão. O delegado agora trocava algumas palavras com a cunhada de Paulo e seu irmão gêmeo, se não fosse pela barba espessa e seu bigode, poderiam jurar serem a mesma pessoa, mas tal esperança não existia, ele já havia conhecido o irmão gêmeo antes e sabia da semelhança entre eles, observar um em pé e um deitado sobre aquele caixão frio era desesperador. Andrade observava a menina Manuela, filha de Natália, estava com os olhos completamente inchados, estava muito magra e as roupas largas, davam a ela um aspecto ainda mais cadavérico, mal tinha perdido a mãe e o irmão, e agora perdia o tio.

Não tinha tido tempo de falar com Jair, o irmão gêmeo de Paulo, mas também não sentia vontade, inclusive se sentia até um pouco intimidado, o que iria dizer a ele? Que vingaria a morte de seu irmão? Que garantias poderia lhe dar? Se já há cinco anos estavam sendo ludibriados pelo assassino. Pelo pouco que se inteirou dos acontecimentos, Paulo fora atacado de madrugada, bem próximo a igreja Santa Terezinha em Cumbica, levou cinco tiros, quatro deles na cabeça a queima roupa, nem o irmão dele, nem a cunhada souberam dizer o que ele estava fazendo àquela hora, naquele local, mas pela manhã, pessoas notaram o corpo e chamaram a polícia, fora revistado, mas não encontraram nenhum documento, nem a carteira, apenas um cartão da imobiliária onde trabalhava, ao virarem o corpo, a suas costas

estava a marca do assassino, M:5:29, e embaixo escrito em letras de mão: Esperei muito por isso, Paulete!

O corpo não teve o pênis arrancado como os demais corpos, o delegado acreditava que o motivo era estarem em um local público, onde a remoção levaria um tempo, podendo ser visto por alguém, mas Andrade sabia que o motivo do psicopata em não remover o pênis de Paulo, é que em sua mente doentia, não acreditava que ele teria salvação, por ser homossexual. Uma lágrima correu solitária, estava mergulhado em pensamentos que nem ao menos notou quando Jair se aproximou dele, lhe estendendo a mão. Andrade se recompôs e apertou sua mão, mas ao tocá-la, notou um objeto metálico, Jair lhe entregou duas chaves.

— São da casa do meu irmão, imagino que a polícia irá até lá para investigar, mas gostaria que fosse na frente, eu sei que Paulo ficaria feliz, se fosse você a encontrar o desgraçado que fez isso com ele.

Andrade não teve palavras para responder Jair, sentia um nó se formando em sua garganta, disse que não ficaria para o enterro, não estava preparado psicologicamente para isso, se despediu dele, sua esposa e seus filhos, deu um abraço demorado em Manuela e saiu daquela casa, indo em direção a de Paulo. Não estava preparado para entrar ali, e sabia que nunca passaria tempo suficiente para que ele se sentisse confortável, mas em breve, a equipe buscaria qualquer pista que levasse ao assassino, e ele tinha que encontrá-la antes deles.

CAPÍTULO 26

(6 meses após o sequestro de Ricardo)

J estava muito irritado, mesmo após todo aquele tempo, Cristina não engravidava e sua paciência estava se esgotando, bateu com o taco de beisebol na boca de Ricardo com tamanha força, que praticamente todos seus dentes foram quebrados, os remanescentes, ele fez questão de arrancar com um alicate de mecânico, mas não teve paciência em fazer o serviço completo, assim que todos da frente haviam sido removidos, jogou um balde com água em seu rosto, para tirar parte do sangue, pegou uma faca muito fina e afiada e começou a desabotoar a calça.

— Não tente me morder, não pense que já sentiu dor o suficiente.

J aproximava o pênis ereto da boca de Ricardo, com uma mão, segurava seus cabelos em cima da cabeça, fazendo o movimento para frente e para trás, enquanto a faca era encostada em sua jugular.

— Isso vai demorar bastante!

J dizia, enquanto observava o garoto engasgar, tossir, tentando vomitar. Cristina não parava de gritar, seu primeiro pensamento foi partir a cabeça dela com o taco, mas se fizesse isso, ela não poderia assistir, largou Ricardo e colocou uma bolinha de pingue-pongue na boca dela, enrolou com fita adesiva e com a faca, desenhou um J em seu rosto. Voltou-se para Ricardo, que estava ainda cuspidando sangue no chão, e o virou de costas.

— Eu disse que demoraria bastante!

Fez questão de levantar seu rosto, para que Cristina pudesse ver seus olhos, enquanto ele empurrava com força seu corpo, o penetrando por trás, Ricardo estava com as mãos amarradas e não tinha equilíbrio para apoiar o corpo para frente, a cada impulso que J lhe dava, seu peito ficava suspenso no ar, enquanto era segurado pelo pescoço e cabelos. Todas as vezes que Cristina foi obrigada a assistir, pareciam durar uma eternidade, mas essa em particular, estava demorando muito, J estava realmente muito irritado, pois mais de uma hora havia se passado e ele continuava a violentar Ricardo, que há muito havia desmaiado.

O deixou largado no colchão e abriu o quarto dos “brinquedos”, Cristina

pensava no que poderia fazer, para acabar com o sofrimento de Ricardo, sabia que havia chegado sua hora, ele não esperaria mais, o torturaria até que não sobrasse mais nenhum sopro de vida. Parecia que finalmente o céu havia ouvido sua prece, J levava Ricardo para o quarto dos brinquedos e a mandou limpar o chão assim que a soltou, essa seria a hora, tinha que encontrar alguma coisa, ele havia subido ao primeiro andar da casa e incrivelmente, havia deixado o quarto dos brinquedos com a porta aberta, chegou a fazer uma prece silenciosa, ele nunca, em todos aqueles anos, havia feito tal coisa, começou a abrir todas as gavetas e encontrou uma seringa escrito “arsênico”, não pensou duas vezes, aplicou na veia do pescoço de Ricardo, que estava amarrado na mesma cadeira em que matara o pequeno João, uma cadeira de ferro, que uma vez ligada à tomada, fritava lentamente a vítima.

Ouviu a porta se fechando e sabia que J voltaria a qualquer momento, correu para pia da cozinha, encheu a seringa com água para que ele não desse falta, não teve tempo de procurar algo para ela também se matar, mas se ele se distraiu uma vez, poderia ter uma segunda chance, e então, finalmente, estaria livre daquele tormento. Assim que J retornou, ela estava estrategicamente agachada ao chão, limpando o rastro de sangue, ele caminhou para o quarto de brinquedos, fechando a porta atrás de si, Cristina sorriu satisfeita, ao ouvi-lo gritando palavras de ódio, pelo garoto ter morrido antes da hora.

6 meses após a morte de Paulo, 5 anos de Cristina em cativeiro.

Nada foi encontrado na casa de Paulo que ajudasse nas investigações, tanto seu irmão, como sua cunhada, foram chamados à delegacia para um novo interrogatório, caso soubessem de algum outro lugar, onde ele pudesse ter escondido alguma evidência que havia encontrado, mas eles não puderam contribuir com coisa alguma. Andrade não pôde deixar de sorrir, mesmo depois de morto, Paulo conseguira enganar a polícia e seja lá o que ele tenha descoberto, ou seja lá onde estivesse e para que servisse o tal cavaleiro de madeira que ele procurara, não foi encontrado em lugar algum. Até mesmo escavações foram feitas no terreno da antiga casa de Paulo, com autorização de seu irmão, Mascote acreditava que ele teria enterrado, em algum lugar, os segmentos da investigação, mas nada fora encontrado.

Os investigadores continuavam na mesma, nenhuma novidade no caso, estavam cada vez mais longe de identificar o rosto novo do assassino em

série. Curiosamente, não havia mais tantas queixas de meninos desaparecidos, na verdade, apenas uma foi feita nos últimos seis meses e mesmo assim, o garoto fora encontrado dias depois, perdido em São Paulo, excluindo a possibilidade de ter sido sequestrado pelo maníaco da caixa. Entraram em contato então com outras cidades de São Paulo, para averiguar casos de desaparecimentos, mas não havia nenhum caso registrado e que fosse suspeito a ponto de ter ligação com o deles. Andrade pensava que ou o psicopata estava preso por algum outro delito sem que eles soubessem, ou estava morto.

— O que será que Paulo diria sobre isso, se estivesse aqui?

Tentou pensar com a mente do falecido amigo e por um momento chegou a pensar que estava ficando louco, mas tinha quase certeza que ouviu a voz de Paulo em sua mente dizendo:

— Ele está quieto, pois agora tem distração maior!

Andrade chegou a se assustar, estaria ouvindo vozes ou vendo fantasmas? Em absoluto! Em sua carreira não havia tempo para superstições e nem Paulo era, ele apenas começou a raciocinar com a mente do amigo, isso era óbvio, se ele estava quieto, era porque tinha arrumado alguma outra distração, psiquiatras forenses chegaram à conclusão que o assassino era um homem casado, tinha família e livre de qualquer suspeita, então, provavelmente o nascimento de um filho o faria ficar longe de sua missão por um tempo. Pelo menos, Denis, o assassino que se intitulava BTK, ficou alguns meses sem fazer novas vítimas, assim que seus filhos nasceram, se não fosse o nascimento de uma criança, talvez fosse algo, igualmente forte que o fizesse se distrair, quem sabe, algum garoto estivesse como refém e ao invés de matá-lo de uma vez, estivesse o mantendo vivo o máximo de tempo possível, para não se arriscar novamente.

CAPÍTULO 27

Após a morte de Ricardo, foi com grande surpresa que ao voltar para casa, J ouviu de sua esposa, que estavam esperando um filho, sabendo ele que não podia ter filhos, ela com certeza o teria traído ou feito algum tipo de inseminação artificial, ambos seriam contra as leis de Deus, por isso, havia decidido matá-la, mas antes, precisava saber o que ela esperava. Aguardava com ansiedade a hora correta de se fazer um ultrassom e assim que ouvisse a palavra “menino”, partiria com Tereza imediatamente para o quarto dos brinquedos, a manteria ali por mais alguns meses e após fazer o parto... Chegou a salivar, enquanto se imaginava segurando o pequeno demônio pelos pés, enquanto batia sua cabeça de encontro à parede.

— Senhor? Senhor! Está se sentindo mal?

A enfermeira perguntava a J, que demorou um pouco a voltar ao seu estado de consciência, mas assim que se lembrou que estava no hospital com Tereza, esperando pelo ultrassom, perguntou com desespero:

— É um menino?

— Senhor! Vou chamar o médico para que o atenda, não ouviu ou não digeriu o que acabei de explicar, sua esposa não está grávida, nunca esteve, todos os sintomas apresentados até agora, são resultados de uma gravidez psicológica, muito comum em quem anseia pela chegada de um filho.

J não disse mais nada, então Tereza não o havia traído, isso era bom, mas havia perdido seis meses esperando uma gravidez que não existia, ele tinha pressa em terminar sua missão, saiu do hospital às cegas, sem nem ao menos esperar pela esposa, apenas desapareceu pelos corredores até ganhar a rua, estava de volta à ativa! Tereza mal podia acreditar, que J havia desaparecido sem ao menos falar com ela, pensou o quanto ele estava decepcionado por não terem tido um filho, se sentiu incapaz e deprimida, resolveu não procurar por ele, com certeza ele estava se sentindo tão miserável quanto ela, por não poderem aumentar a família. Ligou para sua mãe vir buscá-la com Clarinha, ficaria em casa esperando por J, ele voltaria assim que se sentisse melhor, deveria ter ido a alguma igreja, para pedir ao Senhor que lhes desse um menino, assim como ela faria quando que se recuperasse.

Estava a caminho da Cracolândia, não tinha tempo de escolher algum menino de seu agrado, esperara tempo demais com a gravidez inventada de Tereza, precisava de um garoto para hoje! O Elevado Presidente Costa e Silva, também conhecido simplesmente como Elevado ou Minhocão, nome extremamente sugestivo para a mente doentia de J, possibilitou a vista de sua presa antes mesmo de parar o veículo, era um garoto de aproximadamente uns dez anos, tinha uma calça de moletom cinza já bem surrada, uma camiseta branca bem larga e um boné virado para trás. Enquanto tomava conta dos carros, o garoto fez sinal para que J se adiantasse, sinalizando uma vaga, apontou para o local e sorriu, fazendo o sinal de positivo para ele.

J abaixou o vidro e ficou olhando o garoto, que agora se aproximava de um carro que estava saindo, colocou alguns trocados no bolso e acenou em despedida para o motorista, estava de chinelo e tinha os pés bem sujos, provavelmente conseguiu o calçado recentemente, podia imaginar aqueles pés andando pelo asfalto nu.

— Garoto! — fez sinal com a mão e assim que ele se aproximou, lhe mostrou uma nota de cem — Quer ganhar uma grana extra?

O garoto o olhava de maneira desconfiada.

— Não mexo com drogas, não, tio!

J sorriu, não era adorável? Além de um rosto delicado, olhos verdes que pareciam duas esmeraldas, tinha uma voz suave, doce, poderia ser sua Lolita! J então sacou seu revólver, dizendo:

— Entra no carro e levanta o banco, agora, entra aí!

Ele não podia se arriscar colocando o garoto no porta-malas, afinal, ali era um ponto de movimento, mas dentro do carro, seria menos óbvio alguém vê-lo desaparecer. Mal podia esperar até chegarem em casa, em especial, no quarto dos brinquedos, nunca antes teve um menino com olhos verdes, assim como os seus, assim como os de sua irmã Penélope, chegou a desejar que ela tivesse sobrevivido aquele dia fatídico, hoje ela seria de grande ajuda, poderiam juntos expiar os pecados do mundo juntos, com ela, sua missão seria concluída ainda mais rápido.

Mas infelizmente, isso não aconteceria, ao menos vingou sua irmã, vez ou outra, se lamentava de ter enviado a cabeça de seu amado pai para a delegacia, poderia usá-la todas as noites! De certa forma, manter parte do corpo ali, sem que pudesse causar nenhuma dor física, não era interessante, havia prolongado ao máximo que podia seu sofrimento antes de matá-lo, mas ainda assim, nunca iria achar que havia feito o suficiente. Perdido em seus

pensamentos, a viagem até a casa, se tornou bem mais rápida e foi com imensa alegria que estacionou o carro na garagem, depois desceu a porta de alumínio, para que nenhum vizinho curioso pudesse ver seu novo brinquedo saindo debaixo do banco.

Mal podia esperar para ter aquele lindo menino de olhos verdes, além de salivar, sentia que estouraria o botão da calça a qualquer momento.

— Tina! Está acordada?

J a chamava ainda descendo as escadas, não teria paciência de esperar até ir ao quarto dos brinquedos, precisava do garoto naquele momento, tentaria ser gentil, gostaria que ele durasse por algumas semanas, aqueles olhos verdes eram tão lindos.

Cristina estava encolhida a um canto, antes de sair em sua busca, ela foi presa junto a parede com ambas as mãos para cima, e ela meio que dormia com a cabeça pendendo, mas a levantou imediatamente ao ouvi-lo descendo as escadas e chamando por ela. O garoto era bem magricela, tinha a pele clara e até pálida, mas as duas esmeraldas verdes pareciam saltar das órbitas, seus olhos acompanharam os de J que agora babava enquanto caminhava atrás do menino.

Em todos aqueles anos, ela já vira e ouvira muitos meninos, muitas reações diferentes, muitos gritaram, imploravam, a maioria chorava, teve ainda os que em estado de choque apenas derramavam lágrimas silenciosas sem expressar qualquer ruído, mesmo quando submetidos a tortura não gritavam, mas nenhum em todos aqueles anos, em todos aqueles meninos, esboçou em seu olhar o que aquele esboçava, Cristina reconheceu nada mais do que ódio, nos olhos daquela criança.

— Olhe os olhos dele, Tina! – J disse segurando a criança pelo queixo e forçando-a a olhar para ela.

Estava tão ansioso que nem se dera ao trabalho de fechar a porta do quarto, mas surpreendentemente a criança não fazia qualquer menção de correr, como já testemunhara tantos outros ali. Cristina não saberia dizer bem o que acontecera, mas em questão de segundos a criança avançou para J rasgando seu rosto com o que depois ela reconheceu uma gilete, J ainda estava de cueca e não estava por aquela reação ou teria evitado o enorme corte que ele fizera em sua bochecha.

Ele reagiu com um único tapa, fazendo com que o garoto praticamente voasse, para cair ao lado dela, incrivelmente ainda permanecia consciente e ela pode ver o mesmo ódio em seus olhos, sabia que esse seria mais um

garoto a morrer em breve, afinal ele não teria forças para lutar com um homem, mas só o fato de ter feito um estrago em seu rosto, de certa forma, todos os fantasmas que habitavam aquele porão, com certeza puderam sorrir ao menos uma vez. Ele demorou a voltar, e o garoto continuava ali deitado junto a ela, sem falar nada, sem derramar uma única lágrima; Quinze minutos depois J voltara com um enorme curativo no rosto e completamente nu.

— Você é tão lindo, como um anjo caído! – ele disse tocando nos cabelos do garoto, que apenas virou o rosto. — Vou te pregar nessa parede, com os braços abertos, depois que terminar com você, assim, Tina terá companhia!

Cristina estava hipnotizada com aquele pequeno olhar, J agora começava a puxá-lo pelas pernas e ele havia se colocado em uma posição completamente imóvel, estranhamente, ela achou que ele já havia vivido algo semelhante. J se deitou sobre ele e segurou seu rosto com ambas as mãos.

— Seus olhos são lindos!

Sua boca tocou seu pescoço e seus pequenos lábios.

— Abre a boca – J disse enquanto uma mão segurava sua garganta.

Cristina poderia jurar que viu o garoto sorrir. Assim que J voltou a beijá-lo, ela o viu mordendo, J tentava se soltar, mas o garoto colocava toda a força que tinha, torceu para que ele arrancasse um pedaço da boca dele. J apertou ainda mais a garganta do garoto, pensou que talvez fosse matá-lo, antes mesmo que começasse suas torturas doentias, mas não, o garoto continuava vivo e J se levantou, com o lábio inferior sangrando.

— Está começando a me irritar!

J saiu novamente do quarto e o garoto olhava para Cristina com um sorriso doentio nos lábios e no olhar, chegou a sentir medo, essa criança parecia ser a própria encarnação do demônio, enquanto, qualquer outra criança deveria estar gritando desesperada, ela continuava ali, firme, com os braços cruzados, sorrindo satisfeita, tinha que morrer logo, pois se sobrevivesse, se tornaria mais um psicopata como J.

Quando J retornou, desta vez carregando uma marreta e alguns pregos bem longos, Cristina tremeu ao imaginar o destino daquela criança, ao contrário dela, o garoto não parecia se importar com as torturas que estavam por vir, embora magro e frágil, levou cerca de cinco minutos para que J conseguisse imobilizá-lo, colocando fitas em seus pulsos e tornozelos, mas ainda assim, o garoto lhe dava pontapés, mas estando agora amarrado, era muito fácil J se desvencilhar dele. Nenhuma lágrima, nenhuma, Cristina não podia deixar de admirar, chegou a pensar que o garoto não fosse humano.

J parecia indeciso sobre o que fazer com o garoto, foi e voltou três vezes do quarto dos brinquedos, podia ver em seu olhar que gostaria de arrumar algo que fosse muito doloroso, mas que não o matasse, ele queria que ele pagasse pelo que o havia feito, por fim, em sua última volta, trouxe consigo um maço de cigarros, o que foi estranho, pois em todos aqueles anos, ela nunca o presenciara fumando. Logo, ficou claro qual seria o objetivo dele, após aceso, ele sentou em cima das costas do menino e começou a encostar o cigarro em seu braço.

— Temos bastante tempo, até que você comece a gritar!

J disse ao apagar o segundo cigarro no pequeno braço branco, uma ferida se abria, ficando vermelha e espalhando certo inchaço imediatamente, uma vez que a pele era muito branca e sensível. Não estando satisfeito com essa brincadeira, especialmente pelo garoto não emitir nenhum ruído, J o virou de frente e ficou balançando o cigarro próximo ao seu rosto.

— E se eu fizer seus lindos olhos de cinzeiro?

J perguntou com o cigarro tão próximo, que provavelmente havia lhe queimado os cílios. E o garoto, mais uma vez, mesmo imobilizado, encontrou uma maneira de reagir, cuspiu em seu rosto para logo em seguida começar a sorrir. Cristina, por um segundo pensou ver certo receio no semblante de J, estava hipnotizada com aquela situação e mentalmente, torcia para o garoto levar a melhor, embora soubesse que seria fisicamente impossível aquela criança magrela, vencer um homem adulto.

Ele então jogou o cigarro fora e o levantou pelos cabelos, encostando sua cabeça na parede, prendeu seu pescoço com uma tira de couro que estava acoplada ao concreto, deixando-o em pé, mas sem nenhum movimento. Soltou seus tornozelos e seus braços, cada mão foi acoplada em um gancho, esse seria seu único ponto de apoio, para não morrer asfixiado pelo pescoço amarrado, quando J levantasse seus pés. E exatamente assim aconteceu, J segurava em cada uma das pernas do garoto, colocando-as em volta de sua cintura, enquanto o garoto se equilibrava, segurando as correntes acima de seus braços, J se encaixou no meio das pernas dele e ficou se esfregando por alguns minutos, parecia não ter pressa em despi-lo.

— Está vendo, Tina? Com esse, vou demorar bastante!

J agora sussurrava algo no ouvido do menino e lambia seu pescoço, apertando seu corpo mais próximo ao dele.

— Não aguento mais! – J disse o soltando e colocando a mão dentro de sua calça de moletom.

Foi quando Cristina o viu recuar horrorizado.

— Mas, que porra é essa?

Ele arrancou de vez a calça do garoto e voltou a olhar para Cristina, incrédulo, ela não pôde deixar de sorrir da frustração dele. O garoto, era uma menina.

CAPÍTULO 28

— Mas que merda é essa? Caralho! O que está fazendo aqui?

J andava em círculos pelo quarto, estava totalmente em choque e o garoto, agora garota, pela primeira vez, tinha algo como apreensão em seu semblante.

— Sua cadela idiota! Teus pais não te ensinaram a não andar sozinha na rua? Que é perigoso?

Ele tremia, passava as mãos pelos cabelos, estava completamente fora de si.

— Por que estava vestida como um garoto, sua imbecil?

— É mais seguro quando se vive nas ruas. A garota retomava agora a voz fria e o olhar macabro.

— Mas, que droga! – ele desferiu um soco tão forte na parede, que Cristina torceu para que ele tivesse quebrado a mão. — O que eu vou fazer com você? – J perguntou mais para si, do que para a garota, mas ela não hesitou em responder.

— Acho bom me matar, se não matar, eu vou cortar sua garganta e beber teu sangue!

Ele passou um tempo olhando fixamente para ela.

— Ah, meu Deus! – ele começou a falar, enquanto caminhava até ela de joelhos. — Obrigado, Senhor!

Ele então parou em frente a ela e segurou seu rosto com ambas as mãos.

— Que alegria eu tenho em ter você comigo, Penélope!

A garota olhou para Cristina e ela pôde ver uma enorme interrogação em sua face, assim como na dela.

— Penélope, eu nunca mais vou deixar ele tocar em você! Eu o matei, Penélope!

Cristina, que achava que não poderia sentir mais medo do que sentira em todos aqueles anos, estava aterrorizada. Ele então soltou a garota e a abraçou muito forte, a menina não reagia, estava tão surpresa quanto Cristina.

— Eu tenho fotos, irmã! Que pena que não pôde chegar antes, eu deixaria você arrancar os olhos dele! Vou buscar!

J deu um beijo na cabeça da garota e saiu em disparada, a menina então

olhou para Cristina, que não sabia o que dizer. Ele entregou várias fotos para ela, uma cabeça decapitada, cada parte dos membros separadamente fotografados, ela olhou para as fotos sem mostrar muita emoção e devolveu a ele.

— Agora que você voltou, eu vou cuidar de você! Fique aqui!

Sabe-se lá de onde, mas J voltou com uma boneca e entregou em suas mãos.

— Fique com ela, Penélope, eu não vou demorar, preciso sair agora, esse lugar é horrível, vou te trazer uma televisão e muitas coisas!

Deu um rápido beijo em sua bochecha e saiu correndo escada acima, Cristina ouviu a porta se fechar e a garota começou a andar pelo quarto, foi ao banheiro, abriu a torneira e lavou o rosto.

— Como você se chama? – Cristina gritou, mas não ouviu resposta.

Assim que a garota saiu do banheiro, Cristina insistiu:

— Qual seu nome?

Um sorriso macabro saiu daquele rosto infantil e ela respondeu:

— A partir de hoje, Penélope.

Cristina sentiu um frio gelado subindo pela espinha, aquela garota era tão maluca quanto J e não precisava perguntar, sabia que ela o mataria assim que tivesse oportunidade, restava saber, se ela pouparia a vida de Cristina.

Pelo pouco que J conversou com ela, naqueles anos em cativeiro, ela sabia que ele era casado e tinha uma família, por isso era difícil entender o comportamento que ele apresentava nas últimas duas semanas. Havia trazido uma cama tubular rosa, uma colcha cheia de corações, travesseiros macios, uma cômoda e um abajur, muitos brinquedos, além de uma televisão e vários dvds, trouxe ainda uma mini geladeira que deixou cheia de chocolates, doces e refrigerantes, ela foi obrigada a limpar todo o sótão, antes que ele chegasse com todas aquelas coisas, trouxe pela primeira vez produtos de limpeza, antes ela apenas era obrigada a limpar com água, agora, tinha até um ar de casa de verdade.

A garota quase não falava, o tempo que passavam juntas, Cristina vivia em sua sombra. Ela via televisão, enquanto a garota assistia, comia o que a garota comia, essa era a melhor parte, já que para ela, antes só tinha restos de comida ou apenas um arroz branco. Ainda assim, ela não entendia qual era o objetivo da menina, J não mais fechava a porta do sótão, por várias vezes, ele a levou para a parte superior da casa, mas tinha a impressão que a garota

preferia ficar na parte de baixo.

Cristina por várias vezes tentara negociar com ela, dizendo que poderiam fugir juntas, mas a menina dizia que não tinha o porquê fugir, se estava sendo bem tratada, melhor do que havia sido a vida inteira. Pensou várias vezes em matá-la, mas não seria inteligente, primeiro, que J a faria sofrer e matando aquela pequena psicopata, não daria a ela, nenhuma chance de liberdade.

A família de J deveria estar atrás dele, havia exatamente duas semanas que ele estava direto com elas, provavelmente, abandonara a família, o que seria uma boa coisa, se a mulher prestasse queixa dele como desaparecido, talvez, a polícia começasse a procurá-lo e um dia as encontrariam. A noite passada foi um teste de tortura para Cristina, já estava habituada a ver as barbaridades que J fazia, mas ver uma criança que deveria ter uns dez anos fazer a mesma coisa, era de uma monstruosidade inimaginável. Pensou que após encontrá-la e achar que era a irmã, ele fosse parar com a “caçada”, mas não, na noite anterior, ele apareceu com um garoto de uns dois anos e foi aterrorizador ver a garota torturá-lo, assim como J fazia, ela parecia ainda mais insana do que ele, pois pouco falava, mas quando abria a boca, tinha ideias ainda mais macabras.

Ela havia dito a J para amarrar o bebê em uma cadeira, enquanto ela brincava de “tiro ao alvo”, arremessando facas contra o menino. Sabia que ela não era irmã de J, mas bem poderia ser, tamanha maldade e crueldade, J não precisava pedir que ela fizesse coisa alguma, tinha suas próprias ideias e gostava de morder. Sua mente ainda trazia a lembrança das marcas de mordidas que ela deixou nas coxas do garoto e uma lembrança maior ainda, de quando ela deu um soco no rosto de J por cortar o pescoço dele, ela alegava que não havia terminado e ele não tinha o direito de tirar o brinquedo dela. Surpreendentemente, J apenas sorria, estava maravilhado com a reencarnação do demônio que chamava de irmã, prometeu trazer outro brinquedo para ela em breve.

CAPÍTULO 29

O telefone tocou e ele o tirou rapidamente do bolso:

— Sou eu – a voz disse do outro lado da linha.

— Fala, Tijolo.

— Vai ser hoje, já confirmei o alvo.

— Eu sei. Uma risada curta foi emitida. Eu estive lá ontem, não aguentei te esperar.

— Firmeza, mas você sabe, ele é meu, eu tenho o direito.

— Fica em paz.

— Passo aí, à uma, beleza?

— Estarei esperando.

“Um assassino em série religioso, sempre deixará uma pista grande, não porque quer desafiar a polícia e os acha menos inteligentes, mas porque tem fé em sua missão.”

Ele estava certo, J havia trocado de rosto, de nome, mas nunca trocara a casa que tinha no Cocaia, nunca se preocupou em usar um nome falso, pois ali era um local “sagrado”, ele acreditava que Deus protegeria seu “altar”, bastou alguns contatos com os cartórios de registro de imóveis, para que aparecesse em seu verdadeiro nome, naquela propriedade. Muito surpreendente a polícia não ter chegado à essa conclusão tão lógica, pelo menos, não após ele ter dado a dica ao Andrade, mas entendia, eles não sabiam o nome completo de J, nenhuma das vítimas, com as quais ele teve contato, sabia, apenas ele sabia quem J era realmente e por isso, havia conseguido localizá-lo.

Bastou uma busca analítica em todas as famílias das vítimas, para identificar de quem era o tal cavalinho esculpido em madeira, e uma tarde assistindo a uma reportagem sobre os presídios, viu que alguns presos tinham o talento para escultura. Foi como montar um quebra cabeças, o cavalinho foi do filho de Tijolo e não foi difícil para ele, encontrá-lo e convencê-lo de que J era o maníaco da caixa e matara seu filho. Levou muito tempo de pesquisas, muitas noites em claro, muitas lágrimas, mas enfim havia conseguido chegar até ele, Tijolo pedira preferência para matar J, ele não se importava, desde

que ele morresse, lamentou por tudo que havia tirado dele, Natália e seu filho, seu emprego, e lhe dado uma vida de mentira, onde nem mesmo os sobrinhos poderiam saber quem ele era realmente.

Olhou no espelho e puxou o bigode falso, logo depois a barba também foi retirada, e Paulo sorriu satisfeito enquanto esperava ansiosamente os minutos passarem para irem ao encontro daquele assassino.

Estava assistindo televisão com Penélope na sala na parte superior da casa, passava das 1:30 quando seu celular tocou, atendeu desconfiado, fazia muito tempo que ele deixara de manter contato assíduo com Tijolo, mas se ele estava ligando uma hora daquelas é porque precisava dele para alguma coisa específica, provavelmente algum de seus homens estava ferido e ele receberia um bom dinheiro por isso, o que seria bem-vindo, pois estava na hora de comprar um guarda-roupas para Penélope e também uma bicicleta.

— Alô.

— Fala cara, como tá?

—Tudo certo, o que tá pegando?

— Parceiro, fizemos um assalto agora, roubamos um carro, mas você nem imagina a merda que deu, tinha duas crianças no carro, cara.

— E aí?

— Eu queria saber se você não pode vir pegar o carro e largar esses meninos na porta de uma delegacia, porque pegamos uma grana alta e eu tenho que ir agora lá, pra repartir.

J sentou ereto, sentindo uma excitação correndo por todo seu corpo.

— Você disse que são dois meninos?

— É cara, tem uns cinco ou seis anos, mas não tenho tempo, tô com problema, dois de meus homens tão se pegando, rolo por causa de mulher, saca? Não tenho tempo de soltar essas crianças num lugar distante e não pode ser aqui perto, você tá entendendo?

— Me diga onde você está, eu vou imediatamente!

— Mesmo local de entrega de sempre, eu fico te esperando, mas vem logo, que eu tenho pressa.

J desligou o telefone pensando: “Mais pressa tenho eu”. Tijolo desligou o telefone e olhou para Paulo.

— Como um pato! Logo ele sai de casa.

Ambos estavam na esquina, foram caminhando devagar para chegar até a casa de J, a estratégia de Tijolo foi bem válida, mesmo que eles cortassem o cadeado do portão, ainda assim, não conseguiriam entrar na casa sem chamar

a atenção dos vizinhos, a menos que ele saísse, e Tijolo tinha atingido perfeitamente a mente doentia daquele psicopata.

J beijou Penélope na cabeça, disse que voltaria em breve com dois brinquedos novos, ela apenas bocejou preguiçosamente no sofá, virando-se para o outro lado. Ele então saiu pela cozinha, que dava acesso a garagem e abriu a porta, caminhou até o portão e o destrancou, assim que começou a abri-lo, foi rendido por Tijolo e Paulo. De imediato, ele não entendeu o que estava acontecendo, parecia não reconhecer Paulo, mas ao sentir o cano gelado da arma de Tijolo em sua nuca, ele pareceu se dar conta de que havia caído em uma emboscada, seus olhos demonstraram todo o ódio que sentira e partiu para cima de Paulo, mas Tijolo o imobilizou e Paulo colocou algemas nele, prendendo as mãos atrás das costas. Penélope, que espiava da janela tudo que acabara de acontecer, pegou a arma de J que estava no sofá e se escondeu dentro da estante da sala.

— Vamos conhecer sua nova casa!

Tijolo falou empurrando J para dentro. Chegaram à sala e J procurava Penélope com os olhos, mas não ousou chamar por ela, não queria que aqueles criminosos a pegassem, rezou para que ela tivesse se escondido e não que estivesse lá embaixo com Cristina.

— Onde estão os corpos?

J se negava a responder, mesmo quando Tijolo começou a lhe dar muitos chutes e pontapés, enquanto Paulo começou a revirar a casa e rapidamente encontrou a tampa que levava a parte inferior, ambos armados, colocaram J para descer na frente e iam logo atrás, prontos para atirar, caso tivesse mais alguém com ele, mas Paulo sabia dentro de si, que ele agia sozinho.

Tijolo começou a abrir todas as porta e armários, logo Cristina foi descoberta, Paulo correu para junto dela que havia perdido a fala, em todos aqueles anos, já tinha perdido as esperanças que um dia sairia dali.

— Me chamo Paulo, fui inspetor de polícia, vou te tirar daqui, não se preocupe.

Paulo disse procurando um alicate para cortar as correntes, enquanto isso, Tijolo abriu o freezer, encontrando várias partes de corpos, mas tamanha era a mistura, que ele jamais conseguiria identificar um pedaço de seu filho.

J não parecia arrependido e sorria satisfeito, como se estivesse orgulho do que fizera.

— Você é um desgraçado! – Tijolo gritou, mas J respondeu com indiferença.

— Você não tem inteligência para entender, nunca ninguém vai entender a missão que me foi dada pelo nosso Senhor Jes...

Sua frase foi interrompida, Tijolo havia lhe batido com um pedaço de madeira, vários dentes foram lançados ao chão após o impacto e muito sangue agora se espalhava pelo rosto dele. J continuava caído, deitado, encolhido como um animal acuado, Paulo tinha acabado de libertar Cristina e a abraçava, enquanto ela chorava desesperada, ainda sem conseguir emitir palavra, quando um tiro foi ouvido, Paulo não teve tempo de sacar sua arma, pois assim que se virou, viu uma garota apontando uma arma para ele e o corpo imóvel de Tijolo no chão, o tiro havia sido certo, na nuca, enquanto ele, de costas, examinava o freezer.

— Coloca sua arma no chão, bem devagar! – a garota gritava.

Paulo olhou para Cristina confuso, não podia acreditar que uma garotinha estava ameaçando sua vida.

— Agora! – ela disse e atirou em sua coxa, fazendo com que Paulo caísse imediatamente de joelhos.

— Joga a arma pra cá, agora, sua piranha! Ou vou estourar a cabeça dos dois.

Cristina sentiu suas forças fugindo, há um minuto tinha esperanças em sair dali, mas agora, aquele pequeno demônio tinha arrancado sua última chance, assim que a viu mirando na cabeça de Paulo, instintivamente, tirou a arma dele e jogou no chão em direção à ela. Ela retirou as chaves das algemas do bolso de Tijolo e libertou J, que já em pé, limpava o sangue de sua boca na manga da camiseta e abraçava Penélope feliz.

— Muito bem, irmã! Muito bem!

Pegou ambas as armas e mandou que Penélope prendesse Cristina novamente, enquanto cuidava de Paulo. Ele o arrastou para a cozinha e o deixou ajoelhado em frente ao armário em que guardava todos os membros arrancados dos meninos.

— Eu te matei, seu desgraçado!

— Matou meu irmão gêmeo!

— É mesmo? Mas que pena, se soubesse que não era você, sua bicha imunda, eu teria salvado a alma dele. Agora, olhe para esse armário, aqui estão todas as almas que foram salvas, mas não a sua, pois você irá para o inferno!

J engatilhou a arma e apontou para a cabeça de Paulo.

— Não tenho direito às minhas últimas palavras? – Paulo disse com uma

calma estranha.

— A Paulete quer as últimas palavras? Ótimo! Então, diga suas últimas palavras!

Paulo olhou no fundo dos olhos de J e falou bem devagar:

— Sinval José dos Santos.

J caiu de joelhos, estava horrorizado, seu corpo estava paralisado e ele não via ou escutava nada, além do nome que Paulo pronunciara.

Penélope, que havia fechado a porta para prender novamente Cristina, não achava seguro prendê-la com corda, mas não encontrava mais correntes e como J estava ocupado cuidando do intruso, decidiu passar um cadeado pela própria corrente que ainda pendiam soltas dos pulsos de Cristina. Paulo não tinha aberto os braceletes de metal, apenas cortado as pontas das correntes, então bastaria colocar um cadeado na barra de ferro. Cristina sabia que aquela seria a hora, sabia que Paulo seria morto, e ela também estava disposta a ser, não sabia o quanto estava cansada de ser refém, até ter tido em suas mãos a chance de liberdade, ela não pensou quando segurou a garota pelo pescoço e começou a apertar. Penélope gritava e se debatia, mas do outro lado vinha um silêncio mortal, Cristina não tinha tempo a perder, deitou seu corpo por cima da menina para imobilizá-la e apertou seu nariz e sua boca ao mesmo tempo, assistiu ela se debater por alguns segundos, até que não mostrou mais resistência. Finalmente, um demônio a menos naquele inferno.

J levantou os olhos para Paulo, olhos que expressavam nitidamente um brilho ofuscado pelas lágrimas que se formavam:

— Como sabe? — Foi a única coisa que J conseguiu dizer.

— Ele também era meu pai, J. Pude reconhecê-lo, assim que mandou sua cabeça para a delegacia, mesmo já fazendo tantos anos sem vê-lo, eu não deixaria de reconhecer aquele rosto nem em um milhão de anos.

Cristina espiava pela porta entreaberta o que estava acontecendo no outro cômodo.

— Como?

J estava com a voz muito distante, nem mesmo se deu ao trabalho de apanhar a arma que deixou cair no chão, Cristina torcia para que Paulo a pegasse e o matasse logo, mas isso não aconteceu, Paulo puxou uma cadeira e se sentou para conversar, Cristina temeu que aquele fosse mais um psicopata, teria entendido bem? Eles eram irmãos? J se levantou lentamente e sentou ao

lado de Paulo, a arma dele continuava no mesmo lugar, largada ao chão, a outra, que pertencia a Paulo, estava no “altar dos membros”, onde ele colocou assim que Penélope entregara à ele.

— Quando mandou aquela caixa, reconheci nosso pai imediatamente, embora fizesse mais de vinte anos que não o via, comecei a fazer investigações, voltei na cidade que morei, e descobri que fora Jair, Paula e eu, depois que saímos de casa, nossos pais tiveram mais dois filhos.

— Ele matou a Penélope! – J gritou dando murros na mesa, fazendo um copo, que havia sido esquecido ali, cair e se partir imediatamente em vários pedaços.

— E o que você acha que ele fez com a Paula? Jair e eu saímos de casa no dia em que ele a matou!

Paulo narrou detalhadamente como Paula havia sido morta e J ouvia em silêncio, enquanto deixava grandes lágrimas escorrerem de seus olhos. Ficaram alguns minutos sem mais palavras, Paulo percebeu um novo brilho no olhar de J.

— Aquela vagabunda da Natália! Ainda bem que eu a matei! Êxodo 20:3-17 “Não levantar falso testemunho”. Aquela maldita disse que você era um pecador!

J levantou tão rápido, que Paulo não teve tempo de reagir, em segundos, J estava ao seu lado o abraçando.

— Meu irmão! Eu a matei, aquela infame! Você é meu irmão! Tão puro quanto eu e juntos terminaremos a missão que nos cabe, segundo nosso Senhor Jesus Cristo! Amém!

J o pegou pela mão e o puxava pela casa, Paulo andava vagarosamente, nem tanto pela ferida da perna, mas por não acreditar no que seus ouvidos ouviam.

— Veja, irmão! Aqui estão as almas libertas! Não muitas, confesso, mas com você a meu lado – disse passando a mão pelo seu ombro. — Nós terminaremos rápido!

— Venha, venha rápido! – J abria o quarto dos brinquedos e Paulo lançou um rápido olhar para Cristina, que ainda espiava pela fresta aberta.

— Olha aqui, irmão! Se quiser algo mais, se tiver qualquer ideia, posso conseguir o que quiser! Tenho contatos!

Uma lágrima correu solitária pelo rosto de Paulo, enquanto J abria as gavetas retirando alicates, tesouras e todo tipo de objetos que ele guardava para tortura, Paulo então pegou o taco de beisebol, que estava encostado na

parede e bateu na nuca de J, fazendo com que ele caísse desacordado imediatamente. Arrastou-o até o “Altar dos membros”, amarrou suas mãos e retirou-lhe as calças. Assim que encontrou uma faca adequada, voltou seus olhos para Cristina:

— Você não deveria olhar isso!

— Está enganado, já vi muitas coisas que não tive opção, essa, é uma das que mais desejei ver! – ela respondeu, enquanto abria a porta e se aproximava dos dois.

Paulo ofereceu a faca à ela, mas ela negou com a cabeça.

— É seu por direito!

J acordou, assim que Paulo decepou, de uma só vez, seu membro. Seus olhos mostraram tristeza profunda, aparentava ser maior que a dor física.

— Você me traiu, irmão!

Foram suas únicas palavras.

— Não, eu estou ajudando ao Senhor, agora, o mundo está livre de um de seus monstros. Sua alma está liberta, agora!

Paulo se levantou e pegou um vidro de formol, colocou o membro dentro e o fechou, J viveu o suficiente para ver o vidro ser colocado ao lado de todas as demais almas já libertas. Cristina correu para os braços de Paulo, assim que viu J dar seu último suspiro, ele acariciou seus cabelos dizendo:

— Sei que quer sair daqui, mas não podemos enquanto eu não encontrar a identidade do meu irmão, quando a polícia chegar, saberão que não estou morto e ...

— Eu sei onde está! – Cristina falou, andando até o quarto dos brinquedos e abrindo uma gaveta específica. — Eu encontrei no dia que procurava por uma seringa, tem muitas identidades aqui!

Paulo viu várias identidades, alguns RG escolares e também de algumas mulheres, pegou o da Cristina e a que pertenceu a seu irmão, em seguida, ajudou-a a subir as escadas.

— Vamos embora! – disse, assim que olhou para o corpo caído da criança, no mesmo quarto que manteve Cristina presa todos aqueles anos.

— Não lamente! – Cristina falou quando viu os olhos dele em Penélope. — Isso era um demônio, como J!

— Vamos embora! – Paulo repetiu e eles subiram as escadas.

Assim que abriram a garagem, deram de frente com Andrade. Cristina recuou, mas Paulo colocou a mão em suas costas, em um gesto que significava que estava tudo bem. Andrade, primeiro estranhou ver Jair

naquele local, mas rapidamente entendeu que estava de frente com Paulo e não pôde deixar de sorrir. Reassumiu a postura séria, retirou seu óculos de sol do bolso e entregou à Cristina.

— Use-o quando amanhecer, seus olhos terão dificuldades em se acostumar com o dia.

Ela apenas assentiu com a cabeça, ao mesmo tempo que ele perguntou, olhando para as luvas que estavam manchadas, nas mãos de Paulo:

— Quantos corpos encontrarei aí?

— Três e muitos pedaços, veio sozinho?

Andrade fez que sim com a cabeça.

— Ainda bem que cheguei antes, ou você seria o quarto corpo.

Ambos sorriram.

— Tem como saírem daqui? Precisa de uma carona?

— Meu carro está na esquina.

Andrade colocou a mão em seu ombro e disse:

— Paulo, deixou alguma digital na casa? Não terei como adulterar a cena antes que a perícia chegue, eu liguei para eles e já devem estar à caminho – disse ao notar o ferimento à bala em sua coxa.

— Não se preocupe, não deixei nenhuma digital, mesmo que deixasse, encontrariam as digitais do Jair. Outra hora, Andrade, me visite daqui há alguns meses!

Andrade assentiu com a cabeça dizendo:

— Nunca os vi! Vão embora logo!

Paulo abriu a porta para Cristina dizendo:

— Posso te deixar onde quiser, ou pode vir para minha casa.

Ela apenas assentiu com a cabeça e ele deu partida, ela não disse nada durante o caminho, até que chegaram em sua antiga casa.

— Tem alguma maleta de primeiros socorros? Fui enfermeira, a bala atingiu sua coxa de maneira superficial, eu posso fazer um curativo.

Depois que ela terminou o curativo e Paulo agradeceu, entregou a ela um molho de chaves e pediu que ela testasse na porta e no portão.

— Fique com elas o tempo todo, quero que saiba que não é uma prisioneira e poderá ir embora quando quiser.

Cristina assentiu com a cabeça e ele a levou até o banheiro, lhe entregou uma toalha e uma troca de roupas.

— São da minha sobrinha, filha da Natália, ela vem aqui às vezes, é uma longa história!

Penélope voltou a se deitar e se fingir de morta, assim que ouviu passos adentrando o local, um perito checkou os batimentos cardíacos de Tijolo encostando dois dedos em uma veia jugular e declarou:

— Morto.

Repetiu o processo em J, mesmo sabendo que pelo estado que se encontrava, seria impossível ainda estar vivo.

— Morto.

— Rápido! Chamem uma ambulância! – a perita gritava do quarto onde estava, os policiais se aproximaram e a viram sentada no chão, com a cabeça de uma criança em seu colo, enquanto tentava reanimá-la.

— Meu bem, você sabe seu nome? Fale comigo, ninguém mais vai te machucar.

A garota abriu os olhos devagar e disse:

— Não.

— Sabe o nome de seus pais?

A perita apertou sua cabeça de encontro ao peito e olhou para os demais.

— Amnésia, pós-traumática, só Deus sabe o que esse anjinho passou nas mãos desse monstro!

— Vai ficar tudo bem, querida, vamos cuidar de você – disse enquanto acariciava seus cabelos e a ninava em seu colo.

Penélope fez esforço para não sorrir e sussurrou.

— Mamãe!

Ela fechou os olhos fingindo adormecer, uma lágrima rolou dos olhos da perita.

— Está delirando, a pobrezinha!

Cristina agradeceu e ligou o chuveiro, a água agora havia lavado sua alma de todo o mal, assim como o sangue de J, havia lavado as almas que ele havia colecionado.

EPÍLOGO

(Um ano depois)

Paulo espiou pela porta do quarto, Cristina estava deitada ao lado de Manuela, ambas sorriam ao assistir uma comédia, se dirigiu para o quintal, pois em breve ele chegaria. Andrade havia ligado naquela manhã, agendando um horário para visitá-los, assim que Paulo chegou ao portão, viu o amigo parado em frente à calçada.

— Não quis tocar a campainha e assustá-la!

— Obrigado!

Paulo abriu o portão e deu um longo abraço no amigo.

— Quer sair daqui, para podermos conversar melhor?

— Não, está tudo bem, elas estão ocupadas agora.

Entraram e Paulo lhe serviu um café, que havia acabado de fazer.

— A Manuela tem ajudado muito, parece mãe dela – disse com um sorriso.

— Como ela está? – Andrade perguntou.

— Melhor do que imaginei, no início, eu achei que ela pudesse se matar, pensei em esconder tudo que fosse cortante, mas depois, disse a ela no que eu achava que pretendia fazer, que poderia esconder, mas não iria, pois ela não era uma prisioneira e eu não iria a impedir de fazer nada, mesmo que isso fosse tirar a própria vida.

— Correu um risco, meu amigo!

— Ela teve a liberdade privada por anos, eu fiz a coisa certa, ela reagiu bem. Bom, fora isso, ela disse à Manuela que João não sentiu nenhuma dor, que ele havia caído da escada e morrido, antes que J pudesse fazer algo com ele, nós dois sabemos que é mentira, mas a preocupação dela em não contar a verdade à Manu, fez com que elas se tornassem inseparáveis.

— Eu consigo entender, afinal, ela perdeu não só o irmão, como a mãe e acabou se apegando em Cristina.

— Manuela é inteligente, ela sabe que Cristina mentiu, mas a ama por isso, cuida dela, não a deixa sozinha nunca!

— Como é que vocês estão vivendo? Financeiramente, eu digo.

— Meu irmão tinha um seguro de vida, o que ajudou muito a manter minha cunhada e meus sobrinhos a continuarem vivendo de forma

confortável, fora isso, ela tem jeito com bordados e essas coisas, tem tido muitas encomendas, como as crianças ainda são pequenas, ela tem uma renda extra em casa.

— Você não contou ao Mascote?

— Não, mas ele não está mais conosco, voltou para o Paraná tem uns quatro meses, teve um problema de saúde com a família e pediu transferência. Tenho muita vontade de contar ao Farias, às vezes, ele fica distante, sei que está pensando em você.

— Conte a ele e ele te dará um enorme soco nessa sua cara feia — Paulo disse rindo e Andrade o acompanhou.

— Um dia, quem sabe, é muito cedo ainda!

— E no geral, como ela está? Não pensa em ir embora?

— Acho que não — Paulo disse — Acho que ela se sente segura comigo, nunca falou na família, embora eu dei a ela um celular, mas desconfio que nunca o usou, estou dando tempo a ela, sabe? Ninguém pode entender o que ela viveu!

— Ela precisa de acompanhamento psicológico, Paulo.

Paulo baixou a voz.

— Ela está tendo, mas não sabe. Tenho uma amiga, psicóloga, irmã de um ex-namorado meu, mantemos uma boa relação e há uns seis meses ela tem vindo todo final de semana conversar com ela, claro que ela não sabe, a apresentei como sendo uma sobrevivente de abuso, às vezes, as mentiras são necessárias.

— Eu entendo, fico feliz que ao menos ela está tendo assistência, e tem tido alguma melhora?

— Sim, com certeza, ela começou a trabalhar, Manu e ela estão fazendo bolos e salgados para entrega, óbvio que ela não sai de casa, então elas fazem e eu entrego e quando Manu vai entregar em algum lugar aqui perto, eu fico com ela, mas ela está muito mais animada desde que começou a ajudar, acho que começou a se sentir responsável, útil, inclusive, as ouvi conversando mais cedo e parece que quando Manu começar a faculdade, ela irá também, Manu escolheu fazer o ensino a distância, exatamente para que ela também se animasse em estudar.

— Parece ótimo!

— Fora isso, eu tenho trabalhado onde meu irmão trabalhava, na verdade, eles ainda acham que eu sou eu...Ele era corretor de imóveis e é um trabalho que realmente ajuda em todas as despesas, principalmente, quando meus

sobrinhos precisam de algo. Agora, algo que não sabe, é sobre as digitais, meu irmão e eu tínhamos a mesma digital.

Andrade estava muito intrigado.

— Pelo que sei, gêmeos tem DNA idêntico, mas digitais?

Paulo soltou uma gargalhada.

— Na verdade, não temos, lógico, mas sim, temos! Quando foi o dia de tirar a identidade, meu irmão tinha um compromisso e eu acabei indo em seu lugar, por mais absurdo que pareça, nossas identidades têm a mesma digital.

— Mas como você é maluco, Paulo!

Ambos sorriram.

— Agradeço por entender, Andrade.

— Eu agradeço por ser como é, um maluco que seria preso por um sem números de infrações, mas ainda assim, eu duvido que alguém conseguiria um resultado tão bom quanto ao seu – disse ao espiar pelo quarto e ver a tranquilidade de Cristina, ainda assistindo com Manuela.

— O mérito não é meu, é nosso, somos todos sobreviventes!

CAPÍTULO EXTRA

Após pegar seu carro, deixou a cidade de São Paulo sentido ao interior do estado, em menos de duas horas de viagem, parou em uma das principais paradas dos viajantes, cerca de duas horas da manhã, onde vários ônibus chegavam àquela parada. Ele andava pela fila dos ônibus estacionados, como tentando sentir em qual estaria sua nova distração.

É realmente inacreditável o número de mães que deixam seus filhos dormindo nos ônibus e descem para usar o sanitário ou comprar lanches, para depois continuarem a viagem. J entrava em cada um, como se fosse um passageiro, olhando atentamente os lugares, procurando alguma criança que dormisse tranquilamente. Encontrou uma menina que dormia sozinha no último banco, sabia que era uma menina pelo cobertor rosa que a cobria e o ursinho de pelúcia ao seu lado.

Hoje não estava sendo um bom dia, desceu frustrado do quinto ônibus, após inspecioná-lo. Esperaria a nova leva de ônibus chegar e se não tivesse nada “disponível”, ele daria início ao plano B. Cerca das quatro horas da madrugada, mais ônibus chegaram e J viu descer uma mulher com duas crianças, o pequeno esfregava os olhos dizendo que não queria acordar enquanto a mulher o arrastava pela mão, dizendo:

— Não pode ficar sozinho no ônibus, é perigoso!

J sorriu, essa era uma mulher inteligente, chegou quase a sentir simpatia por ela.

Subiu no ônibus da qual a mulher desceu e encontrou mais uma menina dormindo, logo nos primeiros bancos, ao mesmo tempo avistou um garoto dormindo no quarto banco atrás da menina, mas esse não serviria, J via um velho na poltrona de trás ao garoto, colocando um cobertor sobre ele, provavelmente um avô. Mais ao fundo, tinham dois meninos dormindo juntos. Isso era revoltante, duas presas disponíveis em um lugar totalmente impróprio, como acordar um, sem chamar a atenção do outro, e como carregar ambos sem chamar a atenção das poucas pessoas que não haviam descido? Ainda assim, não podia perder e não perderia essa oportunidade.

Desceu do ônibus, voltou ao seu carro e esperou que todos subissem e o

motorista começasse a andar, seguiu o ônibus que ia destino à Marília, em breve fariam uma próxima parada e se tivesse sorte, a mãe deixaria novamente os filhos sozinhos e ele tentaria de alguma forma, levar os dois. Três horas depois, J observava o ônibus parando e também estacionou, ficou em frente à loja, esperando os passageiros descerem, novamente, ele viu a mãe que arrastava o filho com sono, enquanto o menino reclamava por não querer descer, J sorriu e acenou para o garotinho, que sorriu de volta.

E lá estava ela, a mãe dos dois meninos descendo, uma das últimas pessoas a deixar o ônibus, seu coração pulava do peito em euforia, quando a mulher já tinha andando bem uns quinhentos metros e um dos meninos desceu correndo atrás dela. Ficou assistindo, hipnotizado, a mãe entrar no banheiro sem ao menos se dar conta que o garoto de uns quatro anos corria atrás. Essa era sua chance. Subiu no ônibus e foi até o local onde vira os dois meninos, tirou do seu bolso o seu lenço embebido em ópio e se debruçou sobre o banco dizendo:

— Vem com o papai, sua mãe não quer que fique sozinho!

O menino já não podia ouvir nada, mal acordou para depois voltar a dormir, mas J disse isso, para que um homem que estava atrás do banco ouvisse, caso suspeitasse de algo, mas essa era a menor das preocupações, pois o homem estava em sono profundo e ninguém no ônibus parecia preocupado com quem entrava ou saía. Esse garoto deveria ter uns três anos, ele facilmente deixou o ônibus, o contornando e indo em direção a seu carro, abriu o banco de trás que tinha um fundo falso, amarrou as mãos e pés do menino e colocou uma fita adesiva em sua boca, caso ele acordasse durante o caminho ou a polícia o fizesse parar por algum motivo. Ligou o carro e as luzes, quando começou a ouvir gritos e algumas pessoas se juntando em volta do ônibus. Sorriu satisfeito e seguiu viagem. Antes das 10 horas da manhã, J chegava em casa, cumprimentou alguns vizinhos, justificando que o tal carro era de um cliente e que ele agora começava a trabalhar como mecânico. Joana, sua vizinha do lado, mãe de quatro meninas, ficou muito feliz em saber que tinham agora um mecânico de confiança e que o recomendaria a todas as pessoas que conhecessem. Após se despedir da vizinha, ele entrou em casa com o garoto que ainda dormia, não sabia se por efeito do ópio ou pelo desespero de ter acordado e se visto preso, pena ele não ter podido assistir, mas não poderia arriscar ter uma criança gritando dentro do carro durante a viagem toda de volta, por mais que isso fosse estimulante, sabia que precisava de certas precauções, para depois ter a diversão.

NOTAS

Essa foi uma pequena narrativa para demonstrar o quão vulnerável são as paradas dos ônibus, para quem costuma viajar, sabe bem que ninguém se importa com quem entra ou com quem sai dos transportes públicos durante as paradas, deixar uma criança em um banco dormindo, é no mínimo irresponsabilidade.

Infelizmente, é algo muito comum, em qualquer viagem que faça, podem observar crianças sendo deixadas dormindo, onde os responsáveis por tais atos realmente acreditam que nada pode acontecer, uma vez que a parada irá durar tão pouco tempo. Os pais e responsáveis, geralmente alertam seus filhos em relação à pedofilia de uma maneira muito equivocada, eles não fornecem exemplos reais, onde a criança possa ser induzida. Frases do tipo: “Não falem com estranhos!” Ou “Não aceite doces de ninguém que não conhece!” Não é a melhor maneira de mostrar à criança como ela pode ser induzida.

Um exemplo seria alertá-las que alguém usaria de alguns artifícios, no caso, podendo ser mesmo algum vizinho com um cachorro, chamando-as para brincar com ele em sua casa, ou quem sabe, aquele professor na escola muito carinhoso, que adora que as crianças sentem em seu colo.

Crianças precisam de um exemplo real do que possa acontecer, se você afirma que se ela falar com um estranho, este pode fazer algum mal a ela, ela irá concentrar toda sua atenção em pessoas completamente desconhecidas. Cite exemplos onde um possível futuro agressor irá usar de artifícios para agradá-la primeiro, para depois fazer algum mal, presentes, animais, doces, brinquedos de qualquer espécie, qualquer coisa, podendo ser um pedófilo aleatório ou um conhecido, que ele poderá usar para se aproximar de seus filhos.

Diga a seus filhos que nunca conhecemos as pessoas realmente e que não é porque você cumprimenta todos os dias aquele “tio” que mora na esquina, que eles podem ir sozinhos à casa dele, mesmo que já tenha ido outras vezes acompanhada pelos pais.

Mais uma vez, frases do tipo “Não fale com estranhos”, não que seja inválida, mas não deve ser tomada por um todo, pois “Vale lembrar que 30% das crianças abusadas sofreram essa violência por alguém da própria família,

pai, avô, tio, sobrinho, primo... 60% dos casos são por adultos que não são familiares, mas mantinham contato com as crianças e eram conhecidos por ela”. Por exemplo: professor, membro de uma igreja, babá, médico da família, entregador de jornal... Apenas 10% são abordadas por um completo estranho!

Que fique claro que nada é impossível, embora estatísticas mostrem que as mulheres pedófilas possuem tendência a abusar mais de meninos, não significa que suas filhas estejam livres delas. Outro mito comum na sociedade mundial, é que os pedófilos são homossexuais, um pedófilo não pode ser classificado em nada além de pedofilia, um pedófilo pode ser homossexual, heterossexual e abusar somente de meninos, meninas ou ambos. Assim como uma mulher pedófila, pode ser ou não heterossexual e abusar de meninos, meninas ou ambos.

É também sabido que os pedófilos, independente do gênero ou condição/opção sexual, costumam falar das crianças como se fossem adultos, infelizmente, é comum ouvir relatos dos agressores, quando confrontados, alegando ter sido vítima, ou seja, alegam que a criança o seduziu, como se fossem maduras para tal ato. Geralmente, procuram por profissões ou comportamentos, onde possam se aproximar e ter um contato direto com elas, tanto como professores de ensino regular ou qualquer tipo de aula extra, ou ainda como vendedores de doces ou qualquer mercadoria que interessem às crianças em portas de escolas, não esqueçam os profissionais de saúde! Não existe motivo algum para teu filho ou filha ficar sozinha durante uma consulta, seja com um (a) médico (a) ou mesmo um (a) enfermeiro (a).

CAPÍTULO EXTRA

Infância Alternativa (18 de maio, 1988 às 4:00 da manhã)

Apenas o ruído da porcelana sendo guardada podia ser ouvido, os criados acordaram cedo para terminar a arrumação dos armários, Carlos andava de um lado para o outro impaciente, sobre o tapete persa. A sala era imensa, tendo um enorme lustre a iluminar seus passos impacientes, sua bela esposa, apesar das dores, sorria graciosamente sentada no sofá, extremamente confortável.

— Acalme-se amor, ele já vai chegar.

Haviam se mudado exatamente no dia anterior para a nova e belíssima

casa, localizada em Alphaville. O médico garantira que o bebê não nasceria antes do próximo dia vinte, no entanto, fora acordado vinte minutos atrás por sua esposa, que sentia as contrações. Era seu segundo filho, a pequena e graciosa Penélope exibia seus lindos cachinhos negros pela sala, ela também acordara ansiosa esperando pelo seu irmão. Carlos, diretor e sócio de uma das mais famosas multinacionais de São Paulo, embora passasse a maior parte do tempo trabalhando e mal tinha tempo para a família, fazia questão de estar presente em momentos decisivos como aquele.

Aguardavam pelo motorista que havia recebido folga e teve que ser acordado às pressas. Geralmente, o bondoso senhor tinha um quarto na mansão, mas como eles haviam acabado de se mudar, deixaram que ele tirasse um dia de folga.

— Coitado do Antônio, Carlos, acordá-lo assim, à essa hora!

Carlos sentou ao lado da esposa, beijando carinhosamente sua testa. Não disse nada, por mais que tentasse e de certa forma fosse um executivo frio e imponente, estava nervoso demais para se arriscar dirigindo, colocando em risco a vida da adorada esposa e da pequena Penélope, que já pulava em seu colo, tocando a barriga da mãe e depois encostando a orelha.

— Ele disse que quer sair já, mamãe...

— Ele chegou – avisou a governanta, ainda em seus trajes de dormir.

Carlos ajudou sua esposa a se levantar, pegou sua bolsa e a pequena Penélope no colo e se dirigiram para a saída, onde o motorista já os esperava. Carlos e Talita se conheceram em uma festa, embora as famílias fossem amigas e igualmente ricas, Carlos fora enviado para estudar fora do país, e em uma das muitas festas que os pais de Talita ofereciam em sua casa, ele já de volta ao Brasil, teve certeza que não voltaria a deixar o país. Embora fosse a intenção de ambas famílias unirem seus negócios e fortuna, o casamento dos dois não fora um investimento, Carlos realmente amava Talita, a pequena Penélope e o menino que estava prestes a nascer.

O parto não foi demorado, cerca de uma hora após, chegaram ao hospital, o bebê exibia seus pulmões, chorando fortemente. Um bebê muito saudável, com quatro quilos e duzentos gramas, foi trazido ao quarto para a mãe e para o pai, que já esperava ao lado da esposa muito emocionado. Carlos segurou com cuidado o pequeno e olhando seus lindos olhos, sorriu feliz, o apoiou na cama para que Talita conseguisse tocá-lo enquanto a pequena Penélope cuidadosamente acariciava a face pequena.

— Carlos, nosso filho é lindo!

— Lindo, como você. — Carlos respondeu, fazendo esforço para não derrubar nenhuma lágrima.

Passou a mão levemente por sua cabeça dizendo:

— Ele se chamará J!

O pequeno J crescera em um ambiente repleto de amor e doçura, embora raramente visse seu pai. Sua mãe, a pequena Penélope e até mesmo os criados o adoravam. Seus primeiros passos foram em direção à sua avó paterna, que não cansava de contar a todos que ela foi a primeira que ele escolheu para arriscar o primeiro caminho percorrido. Assim como Penélope, J teve aulas de canto, música, inglês, francês e espanhol, estudou nos melhores colégios e teve tudo que o dinheiro pudesse comprar. Desenvolveu verdadeira adoração pela irmã, que o tratava como se fosse seu filho, com tamanha dedicação, cuidado e carinho. Estava crescendo um pouco solitário, segundo os relatórios da escola, preferia a presença das meninas ao invés dos meninos, o que naquela idade não era comum, era natural haver uma certa concorrência entre os sexos, mas ele era bem-disposto, possuía excelente saúde e era muito inteligente, aos cinco anos, já dizia que gostaria de ser cientista, onde inventaria robôs parecidos com os humanos.

Embora nenhum dos pais pudesse entender o que aquilo significava, achavam que J tinha tudo para ser um homem muito bem-sucedido e seja qual fosse a profissão que ele escolhesse, sairia vitorioso. A adolescência não trouxe os problemas comuns, os quais maioria dos pais estão acostumados, filhos que não querem dar satisfação, ficam agressivos e autoritários e acham que podem e tem o direito de fazerem o que quiserem com suas vidas. Muito pelo contrário, J nunca saía com os amigos e quando ia a algum passeio, fazia questão de levar a irmã que tanto amava, nunca houve brigas, mesmo aquelas brigas tolas entre irmãos, assim, a família era realmente perfeita aos olhos dos outros. Na mente de J, todos os efeitos hormonais em desenvolvimento de sua juventude, eram trancafiados em seu íntimo. Não admitia a frieza e distância do pai, ele dizia que o amava, mas nunca estava presente, tudo era mais importante do que sua família e sua casa, aparentemente o dinheiro controlava o mundo e J descobriu isso cedo.

A calma e paciência de sua mãe o irritavam, ele não se conformava como ela poderia ser tão passiva, vivendo no luxo de uma casa vazia, como ele mesmo mentalizava. Em momento algum, J pensou que a mãe realmente amasse aquele homem, que não se sabia quantas vezes havia perdido o aniversário deles, todos eles, por causa de suas viagens e negócios. Para ele,

ela era apenas mais uma mercadoria que havia sido escolhida em uma vitrine de luxo, o pai comprara, deixara dentro de uma casa para mostrar às visitas, usando-a a seu bel prazer. Já com a pequena Penélope era diferente, ela realmente o amava, principalmente porque agora, já estava mais adulta e ao invés de sair com seus amigos, dedicava sempre atenção a ele. Ele não a tinha comprado, ainda não tinha com o quê, e unicamente por esse motivo, por saber que ela o amava de graça, ela estava livre do seu ódio crescente. Não sabia dizer quantas oportunidades teve de experimentar cigarros, bebidas e drogas mais pesadas, mas ele não tinha nenhum interesse nisso, tudo que ele fazia ou viesse a fazer, seria completamente consciente de seus atos. Aos dezesseis anos, começou a ir para a empresa do pai, apenas quando não estava em uma de suas aulas, mas isso era suficiente para aparecer por lá ao menos umas duas vezes na semana, onde ficava cerca de duas a três horas, apenas observando. Seu pai não o incumbira de nada, dizia para observar o que quisesse e se tivesse interesse em aprender algo, ele faria com que alguém o ensinasse com prazer. Carlos obviamente gostaria de ter seu único filho trabalhando em sua empresa e cuidando dos negócios da família, mas sua prioridade era que eles fossem felizes, por esse motivo, nunca obrigou ou mesmo sugeriu, que nem ele e nem Penélope, seguisse determinada carreira.

Durante as horas presente na empresa, passava estudando a linguagem corporal dos homens, eles eram frios e calculistas, sempre interessados em como derrubar seus oponentes, para depois voltarem às suas casas com a carteira recheada e encontrar as mercadorias como esposas, sentadas em suas poltronas de alguns míseros milhões de euros, os esperando passivamente. Os homens eram ruins por natureza e as mulheres submissas, se não existissem os homens, talvez as mulheres pudessem viver melhor, sua irmã não merecia ser comprada e isso seria algo que ele deveria impedir. Aos dezoito anos, começou a faculdade de enfermagem e sua irmã de artes plástica, mesmo J dando total apoio, sabia que ela não iria seguir em frente, era mulher, era fraca, como sua mãe, já tinha um namorado, filho de um amigo do seu pai e em breve, estaria mais submissa que uma boneca inflável, para outro engomadinho usar quando bem entendesse.

Nunca um músculo de sua face mexeu, seja falando com a mãe demente ou com o pai hipócrita, ele continuaria sendo o mesmo filho maravilhoso que todos achavam, até o dia que ele pudesse matar os dois e viver somente com Penélope. No início da faculdade de enfermagem, ao observar aqueles fetos colocados cuidadosamente em vidros, sentiu um alívio imenso, o qual nunca

havia sentido antes. Ao menos alguns dos monstros haviam sido impedidos de nascer.

Pensou em desistir de enfermagem e fazer biomedicina, quem sabe através da genética, encontrasse uma forma para gerar apenas meninas, impedindo assim a contaminação da raça humana. A cada aula, se sentia mais obstinado a varrer a espécie masculina do planeta e nessa época, começou a desenvolver uma obsessão por seu pai. Queria entender o motivo que prendia aquela mulher que se dizia ser sua mãe.

Sentia de certa forma uma inveja, ela era tão rica quanto ele, não poderia ser por medo de não ter condições de manter sua vida confortavelmente, então, qual era o segredo para se submeter a tamanha estupidez? Observava o pai sempre que ele estava em casa, seus gestos, suas expressões faciais e até seu corpo, uma leve excitação estava começando a se tornar presente, toda vez que o via na piscina em trajes de banho, chegou a pensar que se talvez o tocasse, pudesse entender o que a mãe sentia. Um grito de Penélope o fez sair de seus devaneios e olhar para a piscina, onde em certo ponto a água se tornava levemente rosa.

— Está tudo bem! – dizia Carlos sorrindo, saindo com um pouco de dificuldade.

Seu pai havia cortado a perna em um pedaço do alumínio da escada, então correu até ele, fazendo pressão no ferimento com sua camiseta.

Não era nada grave, mas mesmo assim, sua mãe chamou o médico e instruiu aos empregados que a escada fosse substituída imediatamente e quando todos entraram na casa e seu pai foi ser atendido pelo doutor que viera examiná-lo, J ficou encantado com a cor que o sangue adquirira pela água, observou sua camiseta com a mancha do sangue de seu pai e tocou seu rosto com ela, um desejo enorme foi surgindo até que a escorregou pelos lábios e sugou com força a camiseta, sentindo pela primeira vez, o mais delicioso dos sabores.

Enquanto J guardava um silencioso ódio pelos pais, Penélope, já não tinha certeza do que sentia, embora fosse a bonequinha da casa, sabia que J nutria mágoa do comportamento ausente do pai, seria mentira afirmar que ela sentisse a mesma mágoa, provavelmente por ser sempre a que mais recebia atenção, tanto da mãe, como dos empregados, afinal, ela era a menina!

Estava sempre ocupada com suas bonecas, vídeos educativos e encontros de babás para que outras meninas e ela pudessem se divertir. Na

adolescência, mais aulas de canto, dança, teatro e noite de “meninas”, fizeram parte do seu dia-a-dia, talvez pelo seu espírito jovial, realmente não tinha muito tempo de pensar na ausência do pai ou nas futilidades diárias de sua mãe, como compras, massagens e academia.

Mas a partir dos seus dezoito anos, ela começou a prestar mais atenção em seu irmão, sabia que algo o incomodava, embora mais novo, ela o tinha como ídolo e saber que algo o perturbava, realmente começou incomodá-la também. Apesar de ter muitos amigos, ela e o irmão conversavam sempre que seus horários coincidiam na mansão e J foi muito claro dizendo o porquê de sua raiva. Penélope que era só coração e não podia ver o irmão sofrendo, tentou amenizar, explicando o quanto o pai era ocupado e ainda bem que era, ou eles não teriam a vida fácil e luxuosa que tinham, com direito a café na cama diário trazido por sua governanta. Mas de certa forma, ela queria tornar as coisas melhores e decidiu fazer uma festa surpresa para J, combinou com todos os amigos e alertou os empregados que ele não poderia saber de nada, a festa seria em comemoração à sua entrada na faculdade de Enfermagem.

Passou no escritório do pai e fez ele prometer que nada no mundo iria fazer com que faltasse àquela festa e que faria uma surpresa especial para J, dando-lhe um carro novo. No dia marcado, Penélope recebeu a faixa que dizia “Te amo, meu filho, com amor papai”, algo mudou dentro dela, ela mandara fazer a faixa, até agora, o pai não havia se manifestado em relação a festa e ela teve que encomendá-la sozinha, mas tinha certeza que ao menos no horário marcado, ele estaria ali, tinha que estar! Foi com imenso desgosto que a mãe lhe dissera que o pai havia tido uma viagem urgente e que pedia desculpas, mas que o presente chegaria na hora marcada. Penélope sentiu as lágrimas enchendo seus olhos, J deveria estar certo, aquela família era uma farsa. Retocou muito a maquiagem, fez muitas encenações em frente ao espelho, e saiu do quarto sorrindo muito, para que seu irmão não percebesse o quanto ela estava decepcionada. A festa foi ótima, todos se divertiram muito, inclusive J parecia se divertir e ela estava feliz, pois parecia que ele já não se importava com a ausência do pai.

Cerca de duas horas da manhã, depois que todos haviam partido e a casa estava em silêncio, J entrou silenciosamente no quarto de Penélope, que estava abaixada junto às portas da sacada, seu rosto todo preto com o rímel derretido e olhos muito vermelhos. Ele a olhou longamente e ela não fez menção de fingir que não estava chorando, afinal, nem teria como, devido ao seu estado crítico. J apenas sentou a seu lado, puxou sua cabeça de encontro

ao peito e deixou que ela chorasse ainda mais. Talvez, uma hora mais tivesse se passado, quando ele levantou seu rosto e disse:

— Você é tudo que importa, não quero mais te ver chorando, entendeu?

Penélope fez que sim com a cabeça e tentou sorrir, mas após aquele dia, nada mais foi igual. Ela observava o irmão em seu dia-a-dia e sabia que por mais que tentasse parecer feliz, ele sofria, e o que mais doía, era ela ver o esforço que ele fazia para parecer feliz ao lado dela, ele não queria magoá-la, não queria que ela sentisse por ele e isso era simplesmente insuportável.

Whisky foi uma ótima opção, ao sentir a quentura descendo pela garganta e após alguns “shots”, a sensação de leveza e esquecimento acabaram-se tornando um hábito, quando J descobriu, sentou com ela, conversou e fez com que ela promettesse que nunca mais iria colocar uma gota de whisky na boca, ela prometeu ao seu adorado irmão e tinha certeza que poderia cumprir aquela promessa. No entanto, quando o pai deixou de comparecer, mais uma vez, no aniversário de J, Penélope não quebrando a promessa, mas encontrando outra forma de alívio, se entregou à vodka. Ela é uma excelente bebida para aqueles que não podem ser “pegos bebendo”, não deixa cheiro e isso facilitou a sua vida por alguns meses.

Agora, eram dois vivendo em uma casa de aparências, vivendo de mentiras. J fingia ser feliz para fazê-la feliz e Penélope fingia acreditar na felicidade dele, se fingindo de feliz. Ao contrário de Carlos, que apesar da ausência e até mesmo descaso, que amava sua família e não poderia imaginar sua vida sem eles, João Augusto Ferraz era o oposto, tão rico quanto o amigo e com uma família tão bonita quanto, era um homem extremamente severo com os filhos, principalmente com Rodrigo, que o obrigou a estudar direito e o arrancava todos os dias da cama aos gritos, para que o acompanhasse à empresa.

Rodrigo, namorado e futuro marido de Penélope, assim como a namorada, havia de início encontrado alívio na bebida, mas há muito tempo, havia descoberto algo melhor e mais eficaz. Primeiro a cocaína, mas como vivia parecendo estar resfriado e já começava a levantar suspeitas na família, mudou para o Ecstasy e ele foi a primeira pessoa a oferecer à Penélope.

Quando J descobriu o acontecido, além de deixar Rodrigo desacordado após tanto apanhar, Penélope não escapou, ela fora a primeira mulher a apanhar dele, mas sua irmã não guardou mágoa, ela via nos olhos dele, que a agressão doía mais nele do que nela, e terminaram os dois sentados

novamente às portas da sacada abraçados. Ela prometeu que não usaria mais. Um pouco tarde para cumprir tal promessa, Penélope já era uma usuária ativa há dois anos e um dia, a encontraram morta por overdose perto de uma lixeira.

— Como lixo! Ela foi jogada como um lixo, a culpa é tua, você é o lixo dessa maldita família!

Foi a única frase que J disse olhando para o pai. O pai havia tirado tudo dele, novamente os homens, além de não se contentarem em fazer as mulheres de bonecas passivas, ainda ele tinha tirado a única coisa boa desse mundo, de sua vida. Os homens eram a maldição do mundo, então ele ia exterminar a todos, começando pelo pai e depois pelos meninos, impedindo que eles crescessem e procriassem, criando assim, mais maldição sobre a Terra.

NOTAS

A razão de uma infância alternativa foi indispensável para demonstrar que um psicopata pode se criar em qualquer ambiente, seja de agressões físicas ou psicológicas, independem da condição social ou intelectual, segundo a psicóloga Ieda Benedetti, um psicopata se cria e não nasce. Abordaremos esse assunto mais detalhado futuramente.

BLOCO II – O LIVRO

Não faço ideia do porquê ter escrito este livro, embora há muitos anos tenha observado mitos, como: “Não tem perigo, é menino!” Ou ainda, “tem que tomar cuidado, ainda mais que é uma menina!” Esses pensamentos, um dia se transformaram em uma missão, mostrar as pessoas que, por mais que elas se achem informadas sobre o assunto de pedofilia e violência contra crianças e adolescentes, elas realmente não estão.

Primeiramente, iremos analisar a cena de estupro logo no início no livro, o garoto que assistiu sua irmã sendo violentada, como a Dra. Ieda irá abordar esse assunto mais para frente, a vítima canalizou essa energia, se transformando em um psicopata, sua mãe sendo religiosa ao extremo, fez com que ele desenvolvesse uma paranoia, em sua mente, a mãe não era como o pai, pois lia a Bíblia, em seus pensamentos distorcidos, ele também não era como o pai, tanto que ele jamais molestou uma menina. Ele acreditava que estava impedindo que futuros “pais” crescessem e se multiplicassem. Inconscientemente, o fato dele matar algumas mulheres, de certa forma também expressa o ódio que tinha guardado sobre a passividade da mãe, mas primeiramente, que nenhuma mulher o impedisse de completar o que julgava ser “sua missão”, mais uma vez, ele julga as mulheres por não compreenderem, o que só ele é capaz de visualizar.

FELIPE

O primeiro personagem deste livro, mostrando J em “ação”, morreu pelo descuido da mãe não o acompanhar até ao portão, e se certificar ao menos, que ele estivesse na companhia do colega. Quantas mães atualmente mandam seus filhos sozinhos para a escola? Obviamente, algumas por necessidade, outras por comodismo, mas o que levou Felipe à morte, não foi somente ir à escola sozinho. Minha intenção ao publicar este livro, é mostrar que são várias situações, que juntas, possibilitam uma tragédia, a maioria delas, com vítimas fatais.

A personagem “mãe de Felipe”, afirma que J é um bom moço, baseada em quê, ela poderia fazer tal afirmação? Por ele nunca ter tido nenhum problema

com os vizinhos? Por ser solícito e ajudar as pessoas menos favorecidas? Por favor, senhores (as), acham mesmo que um pedófilo irá agir como um “bicho papão”, imundo, com palavreados chulos, mostrando agressividade ou simplesmente escancarando seu desejo ao olhar para crianças?

Psicopatas, pedófilos ou assassinos em série, podem não corresponder ao comportamento ético e legal de nossa sociedade, mas é um erro que acreditem serem desprovidos de inteligência. Voltando a analisar essa situação específica, iremos relembrar a frase usada pelo pedófilo para convencer o garoto:

“Porque eu estou alugando, e você sabe, né? Não pode ter essas máquinas de jogo em casa.”

Assim como Felipe, nossas crianças já sabem que, mesmo algumas coisas sendo ilegais, como máquinas de azar, ainda assim, as pessoas fazem e acreditam não ter problema algum. Verdade? Não tem nenhum problema em conversar com aquela atendente do posto de saúde e dar uma lembrancinha para que ela coloque seu nome na frente dos que esperam pela consulta; não tem problema em andar com o documento do carro vencido, desde que o guarda não pegue e se pegar, nada que um “café” não resolva. Qual brasileiro nunca ouviu tal coisa? Nunca viram uma criança sendo acostumada a fazer algo errado, onde algum adulto afirma não ter problema? Como crianças podem diferenciar o que tem ou não problema? Se J era um bom moço como sua mãe dizia e mesmo assim, ele podia comprar uma máquina de jogos e alugar ilegalmente, porque não poderia ir à sua casa e jogar um pouco?

LUCAS

No caso de Lucas, foram muitos mais detalhes que possibilitaram o sequestro, como as chaves e aceitar um doce de um estranho, quem nunca aceitou? Claro que se você pensar em um completo desconhecido, que sai distribuindo doces na rua, a maioria das pessoas dirá que não, mas, e aquele motorista de táxi que você está acostumado? Ou aquele moço da banca de jornais que você conhece por anos? Conhece mesmo? Tem certeza que conhece o namorado da sua melhor amiga? Seu vizinho tão distinto, aquele que é empresário? Seu marido? Nesse momento, você deve estar pensando, se eu pensar assim, eu não vivo, realmente, nem Felipe e nem Lucas viveram,

mas a diferença entre você e eles, é que eles não tinham a obrigação de pensar, no entanto, entendo que desenvolver uma paranoia é tampouco saudável, mas existe um mínimo de coisas que poderia ser feita e evitaria tais desastres.

Uma delas, é pedir antecedentes criminais a seus futuros relacionamentos. Como? Você está se perguntando agora, mas isso é um absurdo! Você está mentalmente argumentando. Por que é absurdo? Ah, porque a pessoa irá se afastar! Bem, particularmente me afastaria de alguém que não me pedisse, o mesmo eu diria para teste de HIV. Se dentro de uma empresa é obrigatório a apresentação desses comprovantes, e para entrar em sua casa, sua vida e de seus filhos, não, me digam o porquê?

Estamos habituados a viver no país do “jeitinho”, quem nunca ouviu tal expressão? É normal comprar remédios sem receita, quem nunca comprou ou não conhece quem tenha comprado? Ou ainda, aquela farmácia que o farmacêutico dá um “jeitinho” e te vende, ou aqueles mais explícitos, que já dizem que com receita o valor é X, sem receita é Y? Não conhecem ou ouviram falar daquele médico que você nem precisa olhar na cara, basta deixar um dinheiro com a recepcionista e você busca a receita depois? A narrativa da trajetória de J parece tão absurda, conseguindo comprar ópio e outros ansiolíticos?

Infelizmente, já contamos com uma justiça falha e muitos profissionais incumbidos de cumprir a lei, são corruptos, quantos casos nos foram mostrados nos meios de comunicação, sobre denúncias de abuso contra crianças e adolescentes e o Conselho Tutelar decidir que deveriam voltar ao lar dos seus agressores, até que finalmente, foram mortos? Com tudo que temos contra a nosso favor, vocês ainda estão dispostos a continuar arriscando? Lembrem-se, não é apenas um detalhe que causa uma tragédia, mas sim, o acúmulo deles, os quais estamos tão acostumados, que acabam por passar despercebidos.

DÊNIS

Quem nunca? Quantas vezes vemos mães deixando seus filhos com os irmãos um pouco mais velhos, especialmente adolescentes? Estaria realmente uma adolescente preparada para cuidar de uma criança? Especialmente nos dias atuais, onde os celulares parecem fazer parte do corpo desses jovens, o uso de telefone enquanto dirige, não é proibido? Existe uma

razão e é cientificamente provada, que o usuário se distrai a tal ponto que deixa de ouvir ou mesmo enxergar o que acontece em sua volta. Dificilmente, uma pessoa se atenta, ao fato de que se existe ou não uma câmera de segurança em determinado local, mas o predador não deixará esse detalhe passar despercebido. Outro fato curioso, é a recepcionista dizer que ninguém estranho apareceu, ela assumiu que conhecia J, assim como você assume que conhece aquele colega de trabalho, sabe? Aquele charmoso? Nenhum dos presentes mencionou o moço bem arrumado que brincava com um carrinho eletrônico, pois a aparência é um dos principais motivos para as pessoas se tornarem vítimas de crimes, independente de quanto tenha assistido à televisão, onde criminosos se disfarçam de vários outros profissionais, homens bem apessoados que acabam sendo descobertos como golpistas etc., ainda assim, dificilmente alguém duvidaria de um homem ou mulher, com boa aparência, bem vestido, enquanto um mendigo adentrando uma loja seria facilmente citado, caso algo suspeito acontecesse, diferente daquela linda moça de salto alto e bolsa importada.

Dúvida? Faça um teste, se arrume bem e visite uma loja, uma das mais caras que conheça, se for mulher, coloque salto alto e um vestido elegante, algumas bijuterias servem, nem são necessárias joias legítimas, se for homem, vá de gravata, nunca alguém de gravata é suspeito! E ainda assim, temos toda essa corrupção e sistemas falhos, graças a homens engravatados, mas esse, é só mais um detalhe que ninguém se lembra. Espere um mês e volte à mesma loja de chinelos, uma calça surrada e uma camiseta larga e veja qual será o tratamento que receberá, as pessoas estão condicionadas a achar que o bonito é do bem, enquanto o feio é do mal. Por qual motivo vocês acreditam que é pedido currículo com foto? Especialmente em profissões onde não se trabalha com o corpo. Óbvio que uma modelo sem um currículo com foto não faz sentido, mas me respondam, senhores e senhoras, qual o motivo de um operador (a) de telemarketing precisar apresentar foto? E não digam que isso não existe. Se você ainda não adaptou seu cérebro ao século XXI, onde pessoas, bonitas, bem vestidas, intelectuais e até mesmo aquelas com condição socioeconômica elevadas, são capazes de crimes bárbaros, você provavelmente será uma vítima em potencial.

JOÃO

Especialmente as mães como Natália, que tem um casal de filhos, jamais

pensa que seu menino estará em risco, sempre os olhos são voltados para as meninas, isso, quando são, pois, assim como Tereza, extremamente fragilizada e com bagagem de outros relacionamentos abusivos, ficaria completamente “cega”, ao encontrar um companheiro que a tratasse bem. Nunca chegou a meu conhecimento nenhum caso de pedofilia, onde o pedófilo tratasse mal os pais da crianças, seu objetivo é se infiltrar na família, fazer amizade, ser considerado “de casa”, então, olhos atentos para aquele namorado perfeito que você acaba de conhecer.

A grande verdade, é que uma mulher, mãe solteira ou separada que tenha apenas filhos e nenhuma filha, nem sequer cogita a possibilidade de estar colocando um pedófilo dentro de casa, como se estivesse tatuado em nosso cérebro que somente meninas devem ser vítimas de abuso sexual. Se analisarmos os dados da pesquisa, onde apontam que **200 milhões de crianças** sofrem abuso por ano no mundo, sendo **73 milhões de meninos**, vemos um número um pouco maior de vítimas do sexo feminino, mas é segredo para alguém que existam mais mulheres do que homens no planeta? Esses são dados assustadores, pois se o número de pessoas fossem igualmente divididas por sexo, teríamos o mesmo número de abuso para ambos ou muito aproximado. A partir de hoje, eu realmente espero que pense, que teu “filho homem” não está tão seguro assim.

A mesma observação vale para a pequena participação de Camila nessa trama, com seus dois filhos, André e Anderson, que também foram vítimas de J, Camila o conheceu na faculdade e isso serviu como um atestado de índole, novamente, a mente humana se deixando enganar, onde somente os menos favorecidos, seja de forma física, financeira ou intelectual, se enquadre na classificação de “perigo”.

RICARDO

Novamente, a internet aparece como sendo o “mal do século”, dificilmente encontrará hoje, um adolescente que não tenha acesso à internet e aplicativos de chat ou salas de bate papo, mesmo que não os tenha em sua residência. A falha maior, nesse caso específico, é de um pai com mentalidade machista, achando mais uma vez que o filho está seguro por ser “homem” e ainda, o preconceito de que o privando de liberdade, estaria criando um homossexual.

Independentemente da idade da criança ou do adolescente que desejem interagir nas redes sociais, é indispensável um alerta, mas não alerta do tipo:

“Cuidado, não passa seu endereço, tem pedófilo na internet”. Me desculpem, mas esse tipo de alerta é totalmente dispensável, não é exatamente assim que se ensina o que pode acontecer, assim como nenhuma igreja diz: “Venha a mim e tua alma será levada ao inferno”, nenhum pedófilo irá entrar em contato com teu filho o ameaçando ou dizendo pornografias “à primeira vista”. É importante conscientizar seus filhos que um pedófilo poderá passar anos em uma conversa absolutamente normal e saudável, até que tenha conquistado a confiança deles, para a partir disso, dar o próximo passo. Ver pela web câmera também não é nenhuma segurança, existe atualmente aplicativos que mostram vídeos como se fosse a pessoa ao vivo, qualquer pedófilo com um pouco de conhecimento, poderia se passar por outra criança de acordo com o que lhe convier, raro, mas não impossível, pedófilos que usariam outras crianças para conversar ou mesmo aparecer em web câmeras, para passar a falsa segurança.

Seus filhos, não se tornarão gays ou lésbicas, por você querer conhecer a pessoa com quem eles estão conversando, antes de se encontrarem sozinhos.

BLOCO III

A PSICOPATIA SEGUNDO A PSICOLOGIA

A doutora Ieda Benedetti é formada em psicologia pela Universidade Estadual de Maringá/UEM, fez especialização em Psicologia Clínica da PUC de São Paulo, ao concluir o MBA, ingressou no mestrado de Educação pela Unesp de Presidente Prudente-SP. Atende atualmente na clínica de psicoterapia e realiza supervisão de cunho analítico para todas as idades.

Doutora Ieda: “Não podemos atribuir uma característica de caráter a algo fisiológico, neurológica ou anatômica, cito Adolf Hitler, que pregava determinada raça, determinado tipo de cérebro ser melhor do que outros, teorias que buscam justificar comportamentos através de características anatômicas é teoria nazista, portanto, a característica anatômica não irá definir um psicopata, um psicopata irá se definir pelo vínculo, pela relação que se estabelece entre o segundo ao quarto ano de vida (fase anal) e pelas relações sádicas ou masoquistas que possam se estabelecer nesse momento.”

“Crianças que são submetidas ao sofrimento, dor, experiências extremas de abandono, acabam criando resistência e defesa contra o afeto e os sentimentos, dando então origem a uma personalidade que pode evoluir para a psicopatia, se somar um ambiente perverso ou se somar uma mãe que protege em excesso ou se somar a outros fatores, você desenvolve. Por exemplo, você apresenta uma característica de uma criança que foi torturada, abandonada, ela já criou defesa contra afeto, aí, um parente vai e abusa, você tem o fomento para ter um pedófilo, você tem grandes condições de ter um pedófilo.”

“Se você tiver, por exemplo, uma criança que a mãe deixava com o namorado enquanto ia trabalhar, e o namorado ficava usando droga, depois abusava dela, ou então batia ou torturava, e depois ela acabou aprendendo a vender drogas, você também terá o fomento e as condições de criar um

psicopata, que vai matar, que vai torturar e não vai ter culpa”.

Eu: Você acredita que todos possam se tornar psicopatas através do meio ou você acredita que alguns cérebros estão mais sucessíveis a isso?

Dra. Ieda: Eu acredito que o cérebro não tem absolutamente nada com isso.

Eu: Você acredita que qualquer criança possa se tornar psicopata, desde que o meio influencie?

Dra. Ieda: Eu acredito nisso, pois o cérebro em si, não tem absolutamente nada a ver com isso. Agora, se você tem uma criança que é amada, desde a gestação, teve um bom relacionamento com a mãe, aí foi sequestrada, mesmo que pequena, e foi morar com outra família, as chances dela se tornar um psicopata é muito pequena, pois já foi amada desde antes. São as condições de amor e as privações de afeto que irão determinar isso.

Eu: Sobre as estatísticas que apontam uma diferença entre os sexos dos que sofrem o abuso, acredita que estariam em um número mais aproximado, se tivéssemos o mesmo número equivalente para ambos os sexos?

Dra. Ieda: Concordo, meus pacientes que são vítimas de abuso, eu diria que 52% são mulheres e 48% homens.

Eu: O que você acha dessa propensão que as famílias e responsáveis tendem a acreditar que o cuidado e a atenção deva ser somente para as meninas, que de alguma forma, seus meninos estão seguros por serem do sexo masculino, como se nada pudesse acontecer a eles?

Dra. Ieda: Acontece, as pessoas não acreditam, mas acontece e ninguém consegue imaginar o sofrimento deles, tenho um paciente específico que é um travesti, extremamente agressivo, chegou a quebrar um consultório de uma outra terapeuta, ele foi criado por um pai extremamente protetor, que não o deixava sair ou interagir, o mantendo sempre no círculo familiar, mas ele acabou sendo abusado por um primo quando tinha 4 e permaneceu até os 12, sendo esse primo, uns 15 anos mais velho.

Eu: E você acredita que ele se tornou travesti por ter sido abusado na infância?

Dra. Ieda: Sim, ele começou a ser abusado muito novo, a economia psíquica não tem condições de escoar essa tensão, essa tensão fica no organismo, você estimula uma criança e ela não tem como se livrar daquilo, e essa energia vai ser mal processada e como ele não conseguiu lidar com essa energia, foi evoluindo, não foi um trauma que ele teve tempo de digerir, de contar a alguém ou teve tempo de odiar o abusador, pois ele foi frequentemente abusado, e não tendo como escoar essa energia, em um determinado momento, ele precisou escolher, “eu vou me identificar com o abusado ou com o abusador? Eu não quero ser abusado, não quero ser abusador, nesse caso específico, então eu passo a ser mulher, pois mulher não precisa passar por isso”.

Eu: Eu tenho um caso em meus depoimentos, de uma moça que a mãe a deixava com o namorado e ela era obrigada a assistir ele tendo relações sexuais com outros homens, hoje, ela é casada com uma mulher e acredita que não foi pelo que viveu que fez essa escolha, qual sua opinião a respeito? Inclusive, ela nem sabia se havia sido abusada.

Dra. Ieda: Ela pode não ter sido estuprada, mas foi abusada. Quanto a situação em si, é a mesma condição, ela não teve como escoar essa quantia de libido, mobilizado pelo fato de estar nua, vendo o namorado da mãe com outros homens, isso provoca um estresse situacional no campo de energia psíquica, e ela não teve como escoar, por exemplo com um terapeuta que pudesse auxiliar, não escoando, ela evolui para uma série de confusões libidinais, fazendo com que hajam algumas dificuldades sexuais.

Esclarecendo que, homossexualidade não é doença e nem todo homossexual hoje, sofreu algum tipo de abuso na infância, mas sim, pode influenciar, então temos que tratar cada caso de maneira isolada.

Eu: Então, a definição da psicopatia é?

Dra. Ieda: Evolução psíquica, uma reação pós-traumática.

Eu: O que você me diria sobre uma pessoa que teve uma infância normal e se tornou psicopata?

Dra. Ieda: Não teve. Deixando separados casos de esquizofrenia, que não tem nada a ver com psicopatia, a esquizofrenia tem componentes genéticos, a psicopatia não. Como no caso de Suzane von Richthofen, não teve uma infância normal e ainda teve o envolvimento com drogas, estamos perdendo

uma geração para as drogas. Então, nesse caso ou em qualquer outro que aparentemente não teve nada que causasse a psicopatia, foi amado e cuidado, não foi bem analisado, teve sim um trauma na fase anal, ninguém se torna um psicopata impunemente.

Eu: O que é exatamente a fase anal?

Dra. Ieda: É uma fase descrita por Freud, é uma das etapas do desenvolvimento psíquico, na qual se dá a origem a formação do superego. O superego é a instância ausente na psicopatia ou seja o psicopata não forma superego, a caracterização de psicopata está na ausência do superego.

BLOCO IV

ATRAVÉS DOS OLHOS DA LEI

Ao desenvolver esse livro, busquei respostas legais para instruir e alertar a população, contei com a ajuda do doutor Deivid Willian dos Prazeres, inscrito na OAB/SC sob o nº 34.800, formado pela Universidade do Sul de Santa Catarina em 2012, sendo honrado pela referida Instituição de Ensino com o título de "Láurea Acadêmica", pós-Graduado em Ciências Criminais pelo CESUSC, Secretário da Comissão de Assuntos Prisionais da OAB/SC no triênio 2012-2015, atual Vice-Presidente da Comissão de Direito Penal da OAB/SC.

E o doutor Alexandre Moraes Rosa, Doutor em Direito (UFPR), com estágio de pós doutoramento em Direito (Faculdade de Direito de Coimbra e UNISINOS). Mestre em Direito (UFSC). Professor Adjunto de Processo Penal e do CPGD (mestrado) da UFSC. Professor da UNIVALI. Juiz de Direito (SC). Pesquisa Judiciário, Processo e Decisão, com perspectiva transdisciplinar. Coordena o Grupo de Pesquisa Judiciário do Futuro (cnpq)

Eu: É possível para qualquer brasileiro, hoje no Brasil, checar com a polícia e saber quantos pedófilos estão registrados em seu bairro, sendo eles condenados ou investigados?

Doutor Deivid Willian: Apesar de existirem algumas iniciativas no Brasil, como a recente lei aprovada pelo estado do Mato Grosso, este tipo de ferramenta, que reproduz a legislação norte-americana conhecida como "Lei de Megan", ainda não está disponível para os cidadãos brasileiros.

Eu: Um registro sobre um caso de pedofilia é vitalício?

Doutor Deivid Willian: No Brasil, a proposta é que o registro dure no máximo pelo tempo da execução da pena, mais o período necessário para a chamada reabilitação criminal. Já nos Estados Unidos, na maioria dos estados que adotam a "Lei de Megan", o registro é vitalício, dependendo da gravidade do delito cometido.

Eu: Após o cumprimento da pena, ainda é possível checar onde mora o infrator?

Doutor Alexandre: Não.

Eu: Teria noção de quantos novos casos de pedofilia acontecem ao ano no Brasil e Não são notificados às autoridades?

Doutor Deivid Willian: Não tenho acesso a esta informação, até porque, casos não noticiados de pedofilia não são oficialmente contabilizados, entrando para a denominada "cifra negra".

Eu: Quantas vítimas um mesmo pedófilo consegue fazer em um ano?

Doutor Deivid Willian: Esta pergunta exige um estudo específico. Contudo, acredito que nem todo "pedófilo" seja um criminoso serial (ou seja, aquele que pratica vários delitos). Muitos "pedófilos" podem praticar apenas um crime durante a vida toda, como, por exemplo, molestar sexualmente um parente próximo. Vale lembrar que nem todo "pedófilo" é criminoso. A "pedofilia" é o desejo sexual por menores de idade, sendo uma patologia psíquica mundialmente reconhecida (com CID própria) que nem sempre desencadeia uma conduta criminosa.

Eu: Haveria algum projeto que a população poderia desenvolver, como leis a serem aprovadas, para que diminuísse os casos ou mesmo que mais criminosos viessem a ser presos?

Doutor Alexandre: Duvido muito. A criação de punição maiores, parece que estimula a ação, ao invés de diminuir.

Doutor Deivid Willian: Leis aprovadas pela população, geralmente são movidas pela emoção, e não pela razão, motivo pela qual acabam não atingindo os objetivos desejados. Exemplo disto é a "Lei de Megan" norte americana, que, segundo os estudiosos do tema, não contribui para redução ou prevenção de delitos sexuais.

Eu: Algumas fontes informam que existem mais de 200 milhões de crianças sendo abusadas por ano, sendo que 76% dos pedófilos estão no Brasil, você concorda com essas estimativas?

Doutor Alexandre: Não disponho da metodologia e não posso informar. A depender do conceito de pedofilia, os mangás japoneses, poderiam ser os maiores.

Doutor Deivid Willian: Não tenho acesso a esta informação. A 4ª Delegacia de São Paulo, que possui um cadastro interno de criminosos sexuais, talvez possa lhe fornecer algum dado nesse sentido.

Eu: O que acredita que deveria ser feito, para evitar que a família das vítimas, guardassem segredo e fizessem a denúncia?

Doutor Alexandre: Serviços de apoio antecedentes a atuação policial exclusivamente punitiva.

Doutor Deivid Willian: O primeiro e mais importante passo, defendido, por exemplo, pela atleta Joanna Maranhão (que foi abusada quando criança e é responsável pela ONG Infância Livre) é quebrar o tabu que existe a respeito do sexo para ensinar este assunto a crianças e adolescentes, a fim de que elas consigam identificar que tipo de conduta pode ou não ser praticada com elas e o que fazer quando forem alvo dela.

BLOCO V

ALGUNS ASSASSINOS NA ESCALA 22

Adolfo de Jesús Constanzo: Assassino em série, torturador, seguidor da seita *Palo Mayombe*, fez inúmeras vítimas, desmembrando, estuprando e usando partes do corpo como amuletos. 23 crimes foram registrados, mas os números reais de quantos foram sacrificados é desconhecido, mais de 60 pessoas estavam desaparecidas.

Onde: Rancho Santa Elena, [Matamoros](#)/ México.

Crimes: É importante entender que havia a motivação financeira, ele oferecia seus serviços “divinos” em troca de uma porcentagem que as famílias dos traficantes dispunham, inclusive, rituais eram realizados para que “os negócios” prosperassem. No Rancho Santa Elena, foram encontrados 11 cadáveres que haviam sido esquartejados, sendo que os corações, cérebros e espinha dorsal, haviam sido extirpados durante o ritual. Constanzo se tornou líder de um culto religioso para traficantes, pessoas famosas, incluindo membros da Polícia Judiciária Federal do México e um chefe do braço mexicano da Interpol. Dizia que Deus se agradava se os assassinatos acontecessem de forma que as vítimas sofressem ao extremo, elas deveriam gritar enquanto morriam, seus corações e cérebros eram arrancados e fervidos em um guisado canibal, esses sacrifícios eram para trazer proteção ao culto e sempre que uma grande transição de drogas fosse concretizada, um jovem ou uma criança era sacrificada no altar. Era proibido a qualquer um dos membros do culto usarem drogas e quando desrespeitado, eram igualmente assassinados, um deles foi fervido ainda vivo em um caldeirão. Constanzo fez amuletos com os restos mortais de suas vítimas, entregou a seus discípulos para que os usassem no pescoço e ficassem invisíveis para a polícia. Mantinha relacionamento sexual ativo com homens e com algumas mulheres, apenas caso fosse trazer alguma vantagem para ele ou para o grupo. A polícia mexicana registrou 74 assassinatos através desses rituais, 14 deles eram crianças. 14 membros da seita foram indiciados, entre as acusações estavam: assassinato múltiplo, tráfico de armas e drogas, conspiração e obstrução da

justiça.

Palavras de Constanzo: “Que os não crentes se matem com as drogas. Nós vamos lucrar com sua tolice.”

Curiosidades: Um padre praticante do *Palo Mayombe*, disse à mãe de Constanzo que seu filho era “o escolhido” e estava “destinado a um grande poder”. Foi sua mãe que lhe apresentou e induziu ao culto, aos 9 anos, teve lições de voodoo no Haiti e Porto Rico, sendo iniciado em 1976 no *Palo Mayombe*. Em sua infância, seu presente por bom comportamento, era um animal para mutilar ou matar.

Andrei Romanovich Chikatilo: Assassino em série da Ucrânia, que confessou matar 53 pessoas. Matou e canibalizou suas vítimas, a maioria crianças.

Onde: Shakhty, Ucrânia.

Crimes: Independente do sexo, ele torturava, matava e canibalizava suas vítimas, míope e impotente sexual na adolescência, ele acreditava que havia sido castrado e cegado ao nascer. Iniciou molestado rapazes na escola em que trabalhava, sendo despedido da mesma. *Lena Zakotnova*, uma menina de 9 anos foi sua primeira vítima fatal, ela foi estuprada, estrangulada e ainda esfaqueada diversas vezes. *Larisa Tkachenko*, de 17 anos, foi seduzida a cabular aula e ir a um bosque fazer sexo com ele, quando Chikatilo não conseguiu manter a ereção, ela riu dele, encontrando assim, a morte por estrangulamento. Ainda se sentindo humilhado, roeu a garganta, os braços e os seios da vítima, cortou um de seus mamilos com os dentes e o sugou, ainda a empalou antes de deixar o local. *Lyuba Biryuk*, de 12 anos, foi persuadida a acompanhá-lo a uma floresta, ela foi esfaqueada ao menos 40 vezes, seus ferimentos incluíam a mutilação dos olhos. Em 1983, fez mais três vítimas, confessando o assassinato de *Oleg Podzhidaev*, um menino de 9 anos, que teve seus genitais removidos e levados com o assassino, seu corpo nunca fora encontrado.

Em 1984, matou mais 15 pessoas. Em 1985, matou uma jovem com problemas mentais com 387 facadas. Fez várias outras vítimas, sendo sempre à facadas, em um dos casos, arrancou o útero. Em 1989, sua última vítima foi um menino de 10 anos, igualmente morto a facadas e enterrado em um cemitério pelo próprio assassino. Totalizando 53 crimes, sendo 21 meninos, 14 meninas e 18 jovens mulheres.

Palavras de Chikatilo: “Sou um “aborto da natureza”, “uma besta louca”,

"só restava a condenação à pena de morte, o que seria até pouco", disse durante seu julgamento". "Quero que meu cérebro seja desmontado pedaço por pedaço e examinado, de maneira que não haja outros como eu." Disse assim que recebeu sua condenação.

Curiosidade: Sua mãe repetiu, por várias vezes, que seu irmão havia sido assassinado e canibalizado pelos vizinhos, durante a época da fome que abalou a Rússia, na época de Stalin.

Leonard Lake e Charles Ng: A carreira criminosa da dupla envolve sequestros, tortura, estupros, assassinatos, roubos, falsidade ideológica, cárcere privado, entre outros. Acredita-se que mataram ao menos 25 pessoas, número exato impossibilitado pela quantidade de ossos carbonizados encontrados no local do crime.

Onde: Wilseyville, Califórnia.

Crimes: Charles NG já tinha uma extensa ficha criminal por roubos, incluindo armas automáticas do Corpo de Fuzileiros Navais, quando conheceu Leonard Lake. Lake, por sua vez, já tinha sua carreira criminosa em andamento, entre elas, porte de arma ilegal. Juntos, desencadearam um massacre em um rancho, propriedade da ex-esposa de Lake, o rancho foi adaptado para sobreviver a uma guerra nuclear, a qual ele acreditava que iria acontecer, adaptou o local com estoque de mantimentos e armamento. A dupla passou a atrair homens ao local para roubá-los e depois mata-los, famílias inteiras foram assassinadas, homens e crianças primeiro, e as mulheres "guardadas" como escravas sexuais. Elas era torturadas, estupradas e depois mortas, todo o processo era filmado e as gravações foram encontradas posteriormente. Foi encontrado o total de 12 corpos enterrados na propriedade, um estoque de armamento e 45 quilos de ossos carbonizados, Charles admitiu participação nos crimes, mas afirmou que sua participação era limitada.

As famílias a seguir, foram as famílias inteiras identificadas: Família Dubs: Harvey Dubs, Deborah Dubs e Sean Dubs (filho); Família Bond: Lonnie Bond, Brenda O'Connor, Lonnie Bond, Jr. (filho).

Palavras de Lake: Segundo ele, as escravas sexuais serviriam para popular o mundo, após a guerra nuclear.

Curiosidade: Lake se matou com um comprimido de cianeto, que estava escondido e costurado em sua roupa, ele entrou em coma, morrendo quatro dias depois. Charles NG foi condenado à morte.

David Parker Ray: Assassino, falsário, sádico, torturador e estuprador, embora nenhum corpo tenha sido encontrado, a polícia acredita que suas vítimas girem em torno de 60 pessoas.

Onde: New México, USA.

Crimes: Juntamente com sua namorada, Cynthia Lee Hendy, sequestrou, estuprou e torturou inúmeras vítimas. Foi avaliado um gasto de cem mil dólares em equipamentos, usados para a “caixa dos brinquedos”, um ambiente destinado exclusivamente ao cárcere e a tortura das pessoas que eles sequestravam, o local contava com chicotes, polias, correntes, serras, fios elétricos, brinquedos sexuais e instrumentos médicos, a polícia também encontrou um falso distintivo, com o qual ele se passava por policial para abordar suas vítimas.

Algumas eram liberadas, após alguns dias na “Caixa dos Brinquedos”, as que morressem, seriam desmembradas, queimadas e jogadas em um lago. Em depoimento à polícia, Cynthia alegou que também havia um homem entre as vítimas, Billy Bowers, sendo o mesmo morto, desmembrado e jogado no lago. A última vítima, única que conseguiu escapar, relatou em depoimento, que Ray mostrou o distintivo falso e a “prende”, ela foi amarrada, amordaçada e teve seu pescoço preso por um colar de metal, também foi colocado um áudio para que ela escutasse, de aproximadamente 20 minutos, informando que ela seria usada como escrava sexual, passaria por todo tipo de abuso, incluindo sexo com animais. Em seu corpo, foram usados choques elétricos e vários instrumentos cirúrgicos, foi suspensa ao teto e chicoteada.

Dennis Lynn Rader: Já citado durante a narrativa deste livro, conhecido como BTK, matou cerca de dez pessoas.

Onde: Wichita, no interior do estado do Kansas, USA.

Crimes: Dennis, bacharel em administração, foi funcionário público e chefe escoteiro, casado e pai de dois filhos, levava uma vida dupla de crimes doentios, além de torturar as vítimas antes do assassinato, ele ridicularizava a polícia, fornecendo pistas e cartas endereçadas à mídia, além de reivindicar autorias de determinados crimes, sempre narrando e detalhando de forma assustadora, tudo que praticou em cada um deles. Não havia distinção em seus crimes, matou homens, mulheres, crianças independentemente do sexo, sendo a maioria deles por enforcamento e algumas vezes com facadas ou tiros. Em uma das vítimas, de uma família onde matou vários membros,

chegou a ejacular na perna e em outras partes do corpo de uma criança de 11 anos, logo após matá-la, igualmente enforcada, deixando assim, o DNA que combinou com o de outras cenas deixadas pelo mesmo. Ele ainda tirava fotos dele próprio usando roupas de suas vítimas após rouba-las, em uma delas, estava amarrado e pendurado em uma árvore, uma outra, ainda mais bizarra, ele dentro da cova que cavara para uma de suas vítimas, Dolores Davis, de 62 anos.

Palavras de Dênis: “Eu não consigo me controlar, vocês provavelmente me chamarão de psicopata, estuprador, mas isso é mais forte do que eu, há um monstro dentro de mim.”

Curiosidade: Dênis era membro de uma igreja local, inclusive, foi de onde mandou para polícia, um disquete contendo fotos de seus crimes, a polícia então rastreou sua origem, possibilitando a prisão do mesmo.

Edmund Kemper: Serial Killer, necrófilo, matou 10 pessoas, incluindo sua mãe e seus avós.

Onde: Califórnia, USA.

Crimes: Após os pais se separarem e ter ido morar com seu pai, que havia se casado novamente, ele foi devolvido à mãe, que o agredia e o maltratava, trancando-o no porão. Como ela também se casaria novamente, o mandou a casa dos avós, lá, ele também foi maltratado e os matou, foi submetido à avaliação psiquiátrica, descobrindo um QI de 145 (quase gênio), diagnosticado com esquizofrenia paranóide, permaneceu internado por um tempo, recebendo acompanhamento, aos 21 anos foi liberado, após memorizar todas as respostas corretas dos testes psicológicos. Deu caronas as estudantes *Mary Ann Pesce e Anita Luchese*, e as matou, primeiro tentando sufocar uma delas e não dando certo a esfaqueou, enquanto a outra estava presa no porta-malas do carro, depois de mortas, os corpos de ambas foram levados à sua casa, onde ele já tinha uma mesa de dissecação, fotografando todo o processo. Os restos de Mary Ann, após o processo, foram colocados em uma sacola para lixo, mas guardou sua cabeça, assim como o corpo de Anita, pois as usaria para fins sexuais. *Aiko Koo*, também através de uma carona, foi morta por sufocamento, violentada pós morte, seu corpo passou o dia no porta-malas do seu carro e à noite, novamente usado para fins sexuais, em seguida, foi dissecado assim como as anteriores, e as partes foram jogadas em diferentes localizações.

Cindy Schall, morta por uma arma de fogo, passou pelo mesmo processo

das demais vítimas. *Rosalind Thorpe e Alice Liu*, novamente mortas através de arma de fogo, depois tiveram suas cabeças decepadas e Alice teve seu corpo violentado. Matou sua mãe com golpes de martelo, decepou sua cabeça e estuprou seu corpo, mesmo depois de morta, ele alegou ouvir as agressões verbais que sua mãe direcionava a ele, então cortou as cordas vocais dela e as “vozes”, finalmente pararam, ainda brincou de acertar dardos ao alvo “na cabeça da mãe”. Ligou para uma amiga da mãe e a convidou para um jantar, a matando assim que chegara, pegou seu carro e dirigiu por três estados, quando não viu nenhuma notícia sobre ele nos jornais, ligou à delegacia informando que era o responsável, os policiais não acreditaram nele, já que mantinha contato assíduo com eles e tentara até entrar para a força, sendo rejeitado pela altura. Em seu depoimento, confessou que guardou cabelos, dentes e até peles de suas vítimas, também que praticava canibalismo, tendo preferência pelas coxas, onde as comia juntamente com macarrão, para que as vítimas fizessem parte dele.

Palavras de Kemper: Várias cabeças de suas vítimas foram enterradas no jardim de sua casa, viradas de frente para o quarto de sua mãe, já que ela adorava “ser vista” por todos.

Curiosidade: Considerado um preso com um coração de ouro, educado e modelo aos demais, utilizava o tempo livre traduzindo livros para o braile.

Ed Gein: Famoso pelo filme *Psicose* e a série *Motel Bates*, Ed Gein inspirou muitas outras formas de “entretenimento”. Edward Theodore Gein, foi indiciado pela morte de duas pessoas e pelo roubo de muitos corpos em cemitérios.

Onde: Wisconsin USA.

Crimes: Criado por uma mãe extremamente rigorosa, não o permitia ter amigos, o insultava e acreditava que ele seria fracassado como o pai que constantemente se apresentava embriagado, extremamente religiosa, sua mãe acreditava que o casamento deveria ser até o final da vida. Após a morte dos pais, ele permaneceu na casa e se sustentava com trabalhos aleatórios, tinha interesse por livros e revistas de cultos à morte, começou a fazer visitas noturnas ao cemitério, exumava cadáveres e fazia lembranças/troféus com eles. Vítimas: Bernice Worde, foi decapitada, tendo seu corpo suspenso de pernas para o ar, tornozelos presos a uma viga, o tronco estava vazio e as suas costelas estavam separadas. Mary Hogan, proprietária de uma taberna local, teve a pele do rosto encontrada em uma bolsa de papel. Gein é ainda suspeito

de outros 5 desaparecimentos. Na casa, ainda foram encontrados crânios humanos empilhados sobre a cama, pele transformada em um abajur, peitos como seguradores de copos, pele usada como assento de cadeiras, crânios usados para tigelas de sopas, um coração humano, puxador de janela feito com lábios humanos, cinto feito com mamilos, meias feitas de pele, peles faciais retiradas para servirem como máscaras e uma caixa com vulvas, as quais ele confessou usar. Confessou ainda ter desenterrado vários corpos do cemitério, pertencentes a mulheres de meia idade que parecessem com sua mãe, após a morte desta, diz ter decidido mudar de sexo, criou uma roupa de mulher, se vestia e fingia ser uma.

Curiosidades: Consta que Gein era levemente afeminado e sofria *bullying* na escola. Sua mãe dizia que todas as mulheres eram prostitutas, instrumentos do diabo e que a bebida era demoníaca. Um dos policiais, Art Scheley, que interrogou Gein perdeu o controle, o agredindo fisicamente, esmurrou sua cabeça e empurrou seu rosto contra um tijolo, tornando o depoimento do acusado inadmissível. No túmulo de Ed Gein, é possível ver gravado na lápide o número 666.

Gary Heidnik: Sua casa ganhou o apelido de “Casa dos Horrores”, por sequestrar, estuprar, torturar e matar duas mulheres que foram presas em um porão.

Onde: Filadélfia, USA

Crimes: Recebeu treinamento médico e foi convocado para um hospital militar na Alemanha Oriental, dispensado pelo exército por apresentar “Transtorno de personalidade esquizóide” passou a receber uma pensão mensal. Uma de suas vítimas foi um inquilino em quem ele atirou no rosto, o destruindo imediatamente. Outra vítima foi a irmã de uma namorada, a vítima era deficiente visual e era interna em uma instituição mental. Heidnik, conseguiu sua liberação e a manteve presa em seu porão, onde foi estuprada e sodomizada. Casou-se com uma filipina, mas seu casamento não durou devido as agressões e estupros que ele a submetia.

Josephine Rivera: foi sequestrada e trancada no porão, com uma dieta a base de pão, água e comida para cachorro, ela era constantemente estuprada. Sandra Lindsey: também foi vítima de sequestro, esta apresentava um quadro de retardo mental. Lisa Thomas: também sequestrada, onde ambas eram obrigadas a se agredirem como forma de castigo, em caso de desobediência. O cativoiro ainda abrigou Agnes Adams e Jacquelyn Askins, todas afro

descendentes. Sandra acabou morrendo e teve seu corpo esquartejado e cozinhado, juntamente a ração de cachorro, onde foi dado as outras prisioneiras como alimento, sem que estas soubessem que era a antiga companheira de cárcere. Em fevereiro de 1987, devido às condições do cativeiro, Sandra Lindsay acabou falecendo. Gary removeu o cadáver da moça do porão, esquartejou e cozinhou o corpo, misturando à ração de cachorro. A mistura foi dada às outras presas, que não sabiam que estavam comendo a companheira morta. Para substituir Sandra, Deborah Dudley foi sequestrada, mas morreu eletrocutada e teve seu cadáver conservado no congelador. Josephine Rivera ganhou a confiança de Gary, prometendo sair em busca de mais mulheres, ele a soltou e com isso ela acionou a polícia.

Palavras de Heidnik: Segundo ele, seu objetivo era ter o total de 10 mulheres afro americanas e ter filhos com todas elas.

Curiosidade: A pensão que recebia foi investida em uma conta em nome da “Igreja Unida dos Ministros de Deus”, evitando assim, o pagamento de impostos. Em seu julgamento, negou todas as acusações e disse que Sandra havia sido morta pelas outras mulheres, por ser lésbica.

H. H. Holmes: Nascido Herman Webster Mudgett, construiu o “Hotel da morte”, confessou o assassinato e tortura de 27 pessoas, mas o número correto é indefinito. Além de assassino, torturador e estuprador, seu currículo criminal, conta ainda com bigamia, estelionatário, falsário e tráfico de órgãos.

Onde: Chicago, USA.

Crimes: Formado em medicina, ainda enquanto estudava, roubava corpos e os desfigurava, alegando terem morrido de acidente e receber o seguro de vida das vítimas. Casou-se com várias mulheres simultaneamente, sempre mantendo o seguro de vida delas em seu nome, o que mais tarde, também fez com todas as suas funcionárias no Hotel da morte. Extremamente inteligente e astuto, construiu um “palácio” para suas torturas e assassinatos. Com tudo planejado, contratou e despediu várias construtoras, seu objetivo era que ninguém fosse capaz de identificar o projeto com precisão. O castelo apresentava mais de cem cômodos, inúmeros quartos, passagens secretas, labirínticas e ainda portas dando em um “*dead end*” com uma parede de tijolos. Assim que terminara a obra, no andar térreo ficou a farmácia, tendo se mudado para Chicago para exercer essa carreira, a parte superior seria um hotel para as pessoas que vinham à “Exposição Mundial” que Chicago oferecia na época.

O castelo ainda contava com um porão, chamado depois de “calabouço da morte”, ele atraía os hóspedes, torturava, violentava e finalmente assassinava, seus restos mortais eram vendidos a faculdades de medicina. Muitas das vítimas morriam por intoxicação em quartos sem janelas, a prova de som ou salas secretas onde eram presas, Holmes ainda contava com objetos de tortura, como uma cadeira que esticava os membros, barris com ácido e vários venenos. Embora sua preferência fosse por mulheres loiras, seus crimes contam ainda com homens e crianças. Com base nos relatórios de pessoas desaparecidas na época, cogitam que as vítimas chegaram a 200.

Palavras de Holmes: Dentre muitos depoimentos contraditórios, alegou inocência e posteriormente, que estava possuído por Satanás.

Curiosidade: A zeladora do castelo cometeu suicídio, parentes alegaram que ela estava sendo “mal assombrada” meses antes de sua morte e não conseguia mais dormir.

Ian Brady e Myra Hindley: Sequestraram, torturaram e mataram, jovens e crianças de ambos os sexos, todas eram espancadas e estupradas.

Onde: Hattersley, Inglaterra.

Crimes: Em sua adolescência, Ian já apresentava ataques de fúrias onde batia a própria cabeça contra a parede. Conheceu Myra, escritora de poesias, e passou a ensiná-la sobre Marquês de Sade, sadomasoquismo e dominação sexual, assim como nazismo.

Vítimas:

Pauline Reade: 16 anos, Myra a atraiu e a levou para Ian, ela foi espancada, estuprada e enforcada a seguir, Myra sendo apenas espectadora.

John Killbride: 12 anos de idade. Novamente Myra o atrai e o leva a Ian, ele foi sodomizado e estrangulado.

Keith Bennett: Foi convidado pelo casal para um piquenique e foi atacado por socos e chutes, estuprado e morto.

Lesley Ann Downey: Conheceu o casal em um parque de diversões, a levaram para a casa deles, ela foi fotografada nua e em posições sexuais, o espancamento foi gravado e foi possível ouvir os gritos dela por 16 minutos, terminou enforcada como os demais.

Jennifer Tighe: 14 anos, foi espancada e torturada com cigarros acesos,

estuprada e estrangulada.

Edward Evans: 17 anos, Myra o enganou demonstrando interesse sexual nele, assim que foram à casa do casal e ele se despiu, Ian apareceu e começou com as agressões, foi amarrado em um sofá, sofrendo tortura por horas. O Casal ansiava por mais um membro e escolheram David Smith, cunhado de Myra que partilhava das ideologias nazistas, David foi convidado a ir à casa deles, Edward havia sido tão agredido que estava desfigurado, Ian então pegou um machado e o acertou na cabeça, para depois o enforcar. David, que assistia a tudo, prometeu voltar no dia seguinte para se livrarem do corpo, mas ligou para a polícia assim que saiu da casa. Após a condenação, nenhum dos dois disseram se arrepender de nenhum de seus crimes.

Curiosidade: Myra não admitia nenhuma agressão à animais, desde que se conheceram.

James Warren "Jim Jones" ficou conhecido depois de provocar o suicídio em massa em sua seita pela fé. Mais de 300 crianças foram assassinadas, quase todos por ingestão de cianeto.

Onde: Jones Town, Guiana.

Crimes: Iniciou sua pregação, incentivando a adoção de crianças por raças diferentes, ele e sua esposa adotaram Agnes de 11 anos, uma menina nativa americana, três órfãos de guerra coreanos e um afro americano. Fazia discursos sobre um apocalipse nuclear e chegou a listar Belo Horizonte, MG, Brasil, como um lugar seguro para se abrigar contra a guerra, falta de recursos locais o fizeram mudar para o Rio de Janeiro, onde trabalhou com os pobres das favelas cariocas. Foi informado que o Templo que tinham em Indiana, USA, estava prestes a entrar em colapso por sua ausência, ele voltou aos Estados Unidos. Uma nova previsão foi feita sobre o “apocalipse nuclear” e ele começou a expandir seus seguidores e arrecadar mais fundos, todos os membros eram obrigados a cederem todas as suas propriedades e pagar 25% de seu rendimento total. Ex-membros começaram a fazer denúncias e afirmaram que ele tinha planos de simulação de suicídio coletivo, outras acusações também foram registradas, como: tortura psicológica para com os membros, com privação de sono e de alimentos. Interferência sexual na vida dos casais, isolamento das crianças em relação aos pais e sequestro de crianças dos ex-membros.

Após sua morte, foram encontradas substâncias em seu organismo, seu filho confirmou que ele era usuário de drogas, como o LSD, a confirmação

também foi feita por seu médico. 909 habitantes de Jones Town, incluindo 304 crianças, morreram envenenadas por cianeto, o FBI recuperou um áudio gravado durante o ritual de suicídio, nas fitas ele dizia que as agências de inteligência que conspiravam contra o Templo iriam “atirar em alguns dos nossos bebês inocentes” e “torturar nossos filhos, torturar alguns dos nossos membros, torturar nossos idosos”. Os membros que conseguiram escapar, relataram mais tarde que as crianças receberam a bebida primeiro e as famílias foram orientadas a se deitarem juntas. A gravação ainda mostra a agonia das pessoas morrendo por envenenamento e alguns dos que tentaram fugir, foram mortos.

Palavras de Jones: "Nós não cometemos suicídio; cometemos um ato de suicídio revolucionário para protestar contra as condições de um mundo desumano."

Curiosidades: Embora se proclamasse profeta, capaz de realizar milagres, Jim Jones jamais foi ministro ordenado por nenhuma religião. Antes da tragédia, o Templo já tentara negociar o êxodo da comunidade para a URSS ou outro país do bloco soviético, mas a iniciativa foi recusada por estes países. Em sua seita, a Bíblia era rejeitada por ter sido escrita por “brancos” subjugando as mulheres e incentivando a escravidão dos negros.

Jeffrey Dahmer: Assassino de 17 homens e garotos, cometeu estupro, necrofilia e canibalismo.

Onde: Wisconsin, USA.

Crimes: Dissecava animais e tinha um “cemitério” particular durante sua infância, aos 18 anos foi abandonado pela mãe, sem comida e sem dinheiro. Aos 15 anos era alcoólatra, confirmou que seus desejos e fantasias assassinas começaram nessa época, não por causa do alcoolismo. Jeffrey bebia para poder esquecer o que pensava, alistado no exército, serviu apenas por dois anos e foi dispensado devido ao alcoolismo. Sua ficha criminal inclui, atentado ao pudor por se masturbar em público e por ter molestado um garoto de 13 anos, após a liberação começou a matar, chegando a uma vítima por semana, guardando seus corpos ou partes dele em seu quarto. Uma de suas vítimas conseguiu escapar e avisou a polícia, foram encontradas fotografias das vítimas assassinadas, partes de corpos, incluindo cabeças e pênis em seu frigorífico, e em seu armário, foram encontrados vários crânios.

Palavras de Dahmer: Segundo ele, sentia remorsos e desejou a própria

morte. “Eu acho que de alguma forma, eu queria que acabasse, mesmo que isso significasse a minha própria destruição.”

Curiosidade: O pai de Dahmer publicou um livro intitulado “A Father’s Story” e doou o dinheiro aos familiares das vítimas.

Jeffrey Lundgren: Estelionatário, manipulador, torturador e assassino.

Onde: Ohio, USA.

Crimes: Segundo documentos de justiça, Lungren foi pastor de uma dissidência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons /RLDS Church).), como estava desviando o dinheiro das doações dos fiéis para benefício próprio, foi desligado. Lungren se tornou cada vez mais agressivo com sua esposa, chegando ao ponto dela ser hospitalizada pela ruptura do baço, tornando-se então guru de seus próprios seguidores, alegava que tinha visões e sabia da volta de Cristo à Terra, após um terremoto, fazendo com que todos seus seguidores se mudassem para sua casa, a família Avery não se mudou e tinha uma conta bancária para sustento próprio, o que Lungren assumiu como pecado, onde todos deveria morar na mesma casa e doar o que tinham a ele, interpretava as palavras bíblicas “podar a vinha”, como tendo permissão para matar alguns de seus fiéis.

Com participação da esposa e outros fiéis, a família Avery foi convidada para um jantar, uma cova foi feita para cada um dos integrantes, incluindo os três filhos do casal de 7, 13 e 15 anos, eles foram colocados nela ainda vivos e finalmente mortos com tiros.

Fazia seus membros acreditarem que ele tinha o dom de ler seus pensamentos, ameaçava os que não concordassem com sua doutrina e ensinou alguns a ameaçarem os demais que discordassem. Quando Lundgren resolveu ter uma segunda esposa, causou divergências entre seus fiéis e um deles denunciou seus crimes.

John Edward Robinson: Conhecido por ser sido o primeiro assassino da internet, buscava suas vítimas em salas de bate papo, sua carreira criminosa inclui peculato, falsificação de cheque, estelionato, roubo, tráfico humano, estupros, torturas e assassinatos.

Onde: Kansas City, USA.

Crimes: Condenado por fraude, John foi preso, fazendo uma vítima dentro da própria prisão, ele conquistou a bibliotecária Beverly Bonner, assim que ele foi liberto, ela deixou o marido e se mudou para Kansas. Após conseguir

que sua pensão alimentícia fosse encaminhada para uma caixa postal em Kansas, ninguém mais ouviu falar nela.

Lisa Stasi: O conheceu em um abrigo para mulheres com sua filha de 4 meses, quando ele usava um nome falso, prometeu-lhe emprego e a fez assinar vários papéis em branco, vendeu a bebê por cinco mil dólares a um casal que não podia ter filhos, dizendo que conhecia um bebê para adoção cuja mãe havia cometido suicídio, esse casal era o irmão e a cunhada de Lisa que não sabiam do ocorrido, inclusive, receberam papéis falsificados de adoção por um advogado imaginário.

Sheila & Debbie Faith: Sheila de 45 anos e sua filha Debbie, de 15, que estava em uma cadeira de rodas, o conheceram através da internet, se passou por um homem rico e que iria ajudá-las, assim que se mudaram da Califórnia para Kansas, elas desapareceram, ele recebeu por sete anos os cheques da pensão de Debbie.

Izabela Lewicka: Após assinar um documento dando a ele todos os poderes sobre suas contas bancárias e controle quase total sobre seus bens, ela também desapareceu. Terminou preso após a polícia receber uma queixa sobre agressão sexual e roubo, dando a polícia um mandado de busca em sua fazenda, a polícia encontrou o corpo de duas mulheres em tambores químicos e em uma garagem que ele alugava, também encontraram mais três corpos, igualmente em decomposição em tambores químicos. Todas mortas por golpes na cabeça com instrumento contundente.

Curiosidade: Participou de um culto secreto “Conselho Internacional de Mestres” onde suas vítimas deveriam ser torturadas e estupradas. Se matriculou para um seminário em uma escola de meninos, aspirantes a sacerdotes.

John Wayne Gacy: Acusado de matar pelo menos 29 garotos, conhecido como o "Palhaço Assassino”.

Onde: Chicago, Illinois USA.

Crimes: Andava pelas ruas de Chicago, procurando por suas vítimas, oferecendo emprego em sua construtora, caso a vítima não aceitasse, ele então oferecia maconha e dinheiro para manter relações sexuais com ele, assim que entravam em seu carro eram atacadas com clorofórmio, uma vez desacordadas eram levadas a sua casa onde começava as sessões de tortura com vários instrumentos, depois de torturá-las e abusar sexualmente, ele as estrangulava com um garrote.

Palavras de Gacy: Contraditório em seus depoimentos, em um deles disse lembrar-se de apenas cinco homicídios, e de forma incompleta – sendo que, além disto, as memórias pareciam não ser suas, e sim de outra pessoa, deixando em aberto a possibilidade de uma dupla personalidade.

Curiosidade: Vestia-se de palhaço enquanto torturava suas vítimas lendo passagens da Bíblia.

Judith Ann Adams Neelley: Juntamente com seu marido cometeu assaltos armados por todo o país e dois assassinatos após tortura, além de estupros. De acordo com a confissão do marido, ambos teriam matado cerca de quinze mulheres.

Onde: Georgia/ Tennessee/ Alabama USA.

Crimes: Lisa Ann Millican tinha treze anos quando foi sequestrada pelo casal, levada a um motel onde ficou prisioneira, durante dois dias e duas noites foi estuprada por ambos, torturada enquanto os dois filhos do casal assistiam. Judith ainda injetou várias vezes com uma seringa uma substância solvente chamada Drano, similar a soda cáustica, ainda assim a vítima resistiu e foi finalmente morta com um tiro também por Judith, tendo então seu corpo jogado no Little River Canyon do Alabama, ela ainda afirmou às autoridades por telefone sobre o crime.

Janice Chapman e John Hancock, um casal de noivos foram sequestrados pelo casal, John foi imediatamente baleado enquanto Janice foi levada ao motel onde foi torturada e morta, apesar de atingido John não morreu e pode identificar o casal criminoso. Teve registrado ainda mais um caso atribuído em outubro de 1982 de incentivo ao suicídio de Alisa Dianne Wall de 26 anos que cortou os pulsos após fazer um pacto com Judith. Segundo seu marido em depoimento, todas as ideias foram de sua esposa, alegando que ela gostava de sexo violento com mulheres, mas que o poder que sentia sobre a vida e a morte era o maior excitamento. Alegou ainda que cometeram no mínimo mais oito assassinatos, podendo chegar a um total de quinze, sem identificar as vítimas.

Judith tentou culpar unicamente seu marido, dizendo ser vítima de violência doméstica e tendo sido obrigada a participar dos crimes, o que não foi aceito, uma vez que ela não apresentava nenhuma marca de agressão.

Paul Bernardo: Assassino em série canadense, acusado de aproximadamente 30 estupros, sendo três em parceria com sua esposa, todos

seguidos de morte.

Onde: Toronto/ Canadá

Crimes: Escolhia mulheres submissas para se relacionar, as humilhava publicamente, as agredia fisicamente, amarrando-as e torturando-as em particular, tinha ainda preferência por sexo anal forçado. Perseguiu mulheres tarde da noite e filmava alguns dos ataques. Conheceu então Karla Homolka com quem se casou, estudante de veterinária na época, a jovem se tornou obcecada por ele, realizando todos os seus desejos, inclusive usando de seus conhecimentos veterinários para anestesiá-la a irmã mais nova, deixando que Paul a estuprasse, seria este considerado “presente de casamento”, já que sua irmã era virgem.

Todo o estupro foi filmado, anal e vaginal, enquanto Karla segurava o pano sobre o rosto da irmã, garantindo que ela não acordasse, antes disso durante a ceia de Natal, Paul já havia colocado substâncias na bebida dela, causando posteriormente um choque que resultou em vômito e morte. Paul culpou Karla por não ter dado a ela a dosagem certa e com ela morta, agora ela teria que se encarregar de encontrar “novos presentes”. Karla ainda fingiu ser a irmã e o casal teve relações sexuais entre as bonecas da vítima.

Leslie Mahaffy de 14 anos teve seu corpo jogado no lago Gibson com cinco blocos de concreto envolvendo parte do corpo, este que havia sido desmembrados com uma potente serra.

Kristen French foi raptada em um estacionamento de uma igreja, cerca de 15 dias depois seu corpo nu foi encontrado em uma vala e seu cabelo havia sido tosado. Ambos casos filmados, as vítimas foram violentadas e torturadas antes de serem mortas.

Richard Leonard Kuklinski: Afirma ter matado mais de 200 pessoas, assassino de aluguel iniciou sua carreira criminosa aos treze anos de idade, ficou conhecido como “Ice Man” (Homem de gelo) por enganar a polícia sobre o tempo de morte de suas vítimas, ele as congelava em refrigeradores industriais.

Onde: New Jersey/ New York, USA.

Crimes: Trabalhou para a famosa família mafiosa DeCavalcante e mais cinco famílias criminosas de Nova Iorque, ainda adolescente despejou seu ódio sobre sacerdotes e freiras da escola paroquial à qual sua mãe o obrigava a ir. Sua carreira durou cerca de trinta anos, em seus crimes fazia uso de armas de fogo, armas brancas, pés de cabra, fogo, veneno e sacos plásticos

para asfixiar suas vítimas.

Para se desfazer dos corpos, os colocava em barris de óleo, outros eram desmembrados, enterrados, chegou a colocar cadáveres no porta-malas do carro e manda-lo para ser triturado em um depósito de sucata. Em algumas ocasiões deixou os corpos sentados em bancos de parques; Confessou ainda que muitas das vítimas não estavam mortas quando as colocava em um buraco fundo, deixando-as serem devoradas por ratos gigantes da Pensilvânia. Ele também filmava os assassinatos para que seus contratantes soubessem o quanto a vítima sofreu antes de morrer.

Casado, pai de duas meninas e um menino era dedicado a família, detestando “trabalhar” nos feriados e especialmente no Natal, o que para ele era importante estar com sua família.

Palavras de Kuklinski: "Temos o mesmo pai." Foram suas palavras em relação ao seu irmão Joseph ter se tornado um pedófilo.

Curiosidade: Durante uma entrevista, também revelou que jamais mataria uma criança e muito menos uma mulher. Confessou que além de quando estava “em serviço”, se distraia matando homens que se parecessem com seu pai.

Theresa Knorr: Matou o marido, torturou seus filhos e matou duas filhas.

Onde: Sacramento, Califórnia, USA.

Crimes: Em 1964 matou o marido com um tiro, mas foi absolvida nos tribunais por alegar legítima defesa. Torturou todos seus filhos por anos, queimando-os com cigarro e os espancando, treinou os meninos para agredirem as duas filhas a quem dedicou seu maior ódio.

Atirou no peito de sua filha Suesan, ela a amarra em uma banheira e retirou a bala, uma vez que a filha sobreviveu ao tiro, ao remover a bala sem nenhum cuidado médico ou higiênico, uma infecção tomou conta de seu corpo, ela disse aos demais filhos que o corpo da irmã infeccionou por estar possuída pelo demônio e que a única maneira de “libertá-la”, seria atirando fogo em seu corpo, coagiu seus filhos Robert e Will a ajudá-la, levando Suesan a Sierra Nevada, lá despejaram gasolina em seu corpo, a queimaram e a enterraram ainda viva.

Concentrou então toda a tortura em sua outra filha Sheila, a obrigando a se prostituir e depois a acusando de lhe transmitir uma doença sexualmente transmissível através de um assento sanitário, trancou a filha em um armário

para não mais abrir, esperou que a filha morresse de fome e desidratação e despejou seu corpo em uma estrada.

Curiosidade: Uma das torturas aplicadas as meninas era comer em excesso, ela não aceitava a juventude e beleza das filhas. Theresa também acreditava que suas filhas eram feiticeiras que lançavam feitiços para que ela ganhasse peso e tornar-se feia.

Tommy Lynn Sells: Responsável por mais de 70 assassinatos em vários lugares nos Estados Unidos, conviveu aos 8 anos com Willis Clark, que mais tarde foi suspeito de abuso infantil.

Onde: Del Rio Texas, USA.

Crimes: Confessou que seu primeiro assassinato foi aos 16 anos, matando ao longo dos anos mais de 70 pessoas, especialmente adolescentes, os corpos Ena Cordt e seu filho de quatro anos foram encontrados após convidá-la a sua casa, três dias depois. Em um de seus crimes ele apunhala por 16 vezes a adolescente de treze anos Kaylene Harris e corta a garganta de Krystal Surles de dez anos, a última sobrevive, após pedir ajuda aos vizinhos e descreveu Sells para um retrato falado.

Palavras de Sell: "Gosto de ver a vida deixando os olhos, as pupilas se fechando, é como se eu estivesse libertando suas almas." Quando questionado por matar também crianças ele alegou "Eu não queria que eles vivessem para passar pelo o que eu passei".

Westley Allan Dodd: Assassino em série, sequestrou, torturou, estuprou e matou somente meninos. Proveniente de uma família rica ele alega nunca ter ouvido "eu te amo" de seus pais e também não se lembra de algum dia ter dito.

Onde: Washington, USA.

Crimes: Os abusos começaram ainda na adolescência, sendo as primeiras vítimas seus próprios primos, acredita-se que ele fez mais de 50 vítimas ao longo da vida. Todas suas vítimas eram do sexo masculino e menores que 12 anos, sendo o mais jovem com dois anos de idade. Ele ainda escreveu sobre o desejo de comer os genitais das vítimas.

Foi condenado apenas pelo crime dos irmãos Neer de 10 e 11 anos e um menino de quatro anos Lee Iseli, foi pego ao tentar sequestrar um outro

menino em um cinema, quando o padrasto da criança o perseguiu e o atacou; Em sua casa foi encontrada um rack de tortura ainda sem uso, o qual ele usaria em seu próximo ataque. As mortes se deram através de sufocamento e esfaqueamento.

Palavras de Dodd: “Certa vez me perguntaram, não me lembro quem, se havia alguma maneira de parar criminosos sexuais. Eu disse que não. Eu estava errado. Eu estava errado quando eu disse que não havia esperança, não havia paz. Há esperança. Há paz. Encontrei no Senhor, Jesus Cristo. Olhai para o Senhor, e você vai encontrar a paz.”

Curiosidades: Se negou a apelar contra a sentença de morte recebida, alegando que deveria ser executado. Pois se tivesse oportunidade, mataria os guardas, e os estupraria, “vou aproveitar cada minuto”, e assim que conseguisse sair da prisão voltaria a estuprar e matar crianças imediatamente.

Embora todos assassinos na escala 22 abordados neste livro estejam em ordem alfabética, George Hodel, foi separado dos demais por se tratar de um caso extremamente complexo, tendo intrigados os policiais por várias décadas.

George Hill Hodel?

Onde: Los Angeles, USA.

Crime: O mesmo tema abordado no filme Dália Negra, creio que seja difícil para as pessoas terem um entendimento satisfatório do filme, sem antes estudar um pouco o caso. Primeiramente esclarecemos que o caso ocorreu na década de 40 e devido sua brutalidade, onde muitos considerariam automaticamente doentio, desperta curiosos em todo o mundo.

O corpo foi encontrado por uma mulher que avisou a polícia, a vítima, uma moça jovem tinha seu tronco e membros separados, cortados ao meio, a parte inferior um pouco distante da superior para que fosse identificado imediatamente a separação quando encontrado, além de outras mutilações, como a extirpação de um dos mamilos e dois cortes, um em cada bochecha, alargando um sorriso macabro que chegava quase ao alcance das orelhas. Se não tiver coragem de buscar mais informações sobre esse caso e ver fotos reais da cena do crime espalhadas pela internet, pense no personagem “Coringa” do filme Batman, ou Jeff the Killer das creepypastas.

A cena contava com um capricho ainda mais macabro por parte do assassino, ele “modelou” o corpo como se estivesse posando para uma foto,

os braços foram colocados acima da cabeça, o rosto levemente inclinado, como a perícia não encontrou sangue razoável no local, deu-se por lógica que o local de morte havia sido outro.

Sacos de cimento vazios também foram encontrados, tendo assumido assim que serviram de transporte para as partes. O laudo acusou a causa da morte como hemorragia e trauma devido contusão cerebral e lacerações na face, 24 horas antes de ser encontrado, que foram realizados por um profissional da saúde com especialidade em cirurgia, durante a autópsia foi encontrado fezes humanas na cavidade oral, no interior da vagina e nos tecidos da cavidade pélvica.

Foi identificada como Elizabeth Ann Short de 22 anos, aspirante a atriz em Hollywood, não tinha um nome artístico, após o crime a apelidaram de Dália Negra.

Incrivelmente mais de 50 pessoas se apresentaram à delegacia alegando ser o assassino, fazendo com que as investigações fossem obstruídas, os investigadores agora trabalhavam para provar a inocência de quem alegava ser culpado ao invés de buscar o verdadeiro criminoso. Em posse de vários homens interessados em “serem acusados” a polícia resolveu então escolher um deles e declarar o caso como encerrado, motivando assim o ego do verdadeiro assassino a se entregar, o que resultou em outra terrível tragédia.

Jeanne French, também aspirante a atriz foi assassinada com golpes na cabeça, tórax, teve o coração perfurado por uma das costelas quebradas resultada pelas agressões, sua boca também havia sido alargada em um sorriso como o de Dália, fora encontrado próximo ao local do corpo anterior, em seu corpo fora escrito com um batom vermelho, FUCK YOU e assinado B.D. (Black Dahlia). Sem evidências suficientes, a polícia não teve como provar se tratar do mesmo assassino de Dália ou mais alguém em busca de fama.

Décadas depois, com uma ironia cruel do destino, um dos filhos de Hodel, Steve, então detetive aposentado, encontrou algumas fotos em um álbum guardado por seu pai, em uma das fotos estava Elizabeth, dias antes de ser assassinada. Steve, que não fazia ideia de um possível fato que ligasse seu pai a jovem, começou uma investigação árdua para tentar esclarecer o crime.

Concluindo que seu pai poderia ser o autor do crime devido os diversos caminhos que o ligavam ao assassinato, embora tais provas seriam classificadas com circunstanciais, seu pai possuía um QI de 186, sendo este um ponto acima de Albert Einstein, formou-se em medicina e nutria intensa

paixão por fotografia, o que o fez conhecer o artista surrealista Man Ray, este por sua vez, também entrou no questionamento sobre o possível crime de Dália ou sua participação, pois em uma de suas fotografias, podia se observar de maneira gritante a semelhança como o corpo de Elizabeth foi depositado ao solo, em um episódio típico de sadismo, dois homens estão curvados em cima de uma mulher, algo é colocado em sua barriga, lembrando a separação dos membros, seus pulsos estão amarrados por cordas, assim como o corpo de Elizabeth apresentou marcas em seus pulsos, inclusive as mesmas marcas do mamilo e aréola arrancados, assim como mutilações na vagina, constavam na foto artística.

Dois anos após o assassinato da Dália Negra, Hodel foi preso por estuprar sua filha de 14 anos, ela alegou que seu pai a drogou e a fez ter relações sexuais com Fred Sexton (amigo de Hodel) e que após isso, seu pai também a violentou, depôs ainda que já havia feito um aborto pago pelo pai, situação a qual, mais tarde foi confirmada pela filha de Fred, alegando que foi diversas vezes violentada por ele por período de 6 anos, iniciado aos seus 8 anos de idade. Fred Sexton admitiu que fez sexo com a filha de Hodel, mas em seu depoimento, Hodel convenceu a todos que a filha estava mentindo e precisava de tratamentos médicos por ser uma mentirosa compulsiva, Hodel foi absolvido.

Como puderam constatar, o caso se tornou impossível de ter uma solução 100% palpável, Talvez Hodel tenha realmente assassinado Dália, inspirado pela foto sádica de Man Ray, talvez ambos, ou somente Man Ray (Ray se mudou para a França por definitivo após o julgamento) O crime pode ter sido cometido ainda por Fred Sexton, ou até mesmo pelos três.

BLOCO VI

ALGUNS ASSASSINOS BRASILEIROS

André Luiz Cassimiro – O Estrangulador de Juiz de Fora: O “assassino da melhor idade”, confessou ter violentado e matado cinco senhoras entre 58 a 77 anos, todas foram torturadas, violentadas e estranguladas, as mulheres eram presas a suas camas e amordaçadas, uma vítima foi encontrada com a cabeça esmagada, após o crime, ele ainda procurava pela casa da vítimas, pertences que pudessem ser roubados.

Adriano da Silva – O Monstro de Passo Fundo: Pedófilo, necrófilo e assassino em série, suas vítimas variavam de 10 a 13 anos, todos meninos. Foram atribuídas 12 mortes, mas já havia sido condenado antes pela morte de um taxista, vivendo com nomes falsos e trabalhos aleatórios, chegou a ser preso, mas foi solto por falta de provas. Sempre cuidadoso, carregava luvas e um lenço, para não deixar impressões digitais. Segundo ele, somente estuprava os corpos depois de serem espancados e estrangulados.

Palavras de Adriano: “Uma vontade íntima, de um vício.”

Anestor Bezerra da Silva – O matador de taxistas: Fichado anteriormente como ladrão e golpista, iniciou um novo “currículo” matando taxistas, contratava uma corrida de táxi de Minas Gerais para São Paulo e os taxistas que o levavam acabaram desaparecendo.

Em uma postura desafiado, chegou a ligar cinco vezes para o delegado, e passava informações falsas através de telefonema para os familiares das vítimas. Quando questionado se usava de alguma substância para que suas vítimas adormecessem, ele respondeu que o único sonífero era um tiro na cabeça.

Benedito Moreira de Carvalho “O Monstro de Guaianazes.”

Embora casado, não tinha vida sexual ativa com a esposa por vários

problemas de saúde, suas vítimas eram meninas japonesas, mantinha um diário de todos seus crimes, chegando a atacar cinco meninas em um só dia. Os ataques consistiam em estupros e tentativas de violência sexual, cometeu 29 abusos, sendo que 10 das vítimas foram mortas, se a vítima fosse uma criança, ele cobria o corpo com as roupas da mesma, se fosse uma mulher, ele as abandonava nuas.

Douglas Baptista – O Maníaco de Santos: Um caminhoneiro de 52 anos, confessou ter torturado e matado oito crianças com idades de cinco a doze anos, com os pés e mãos amarrados, eram jogadas em rios para morrerem afogadas, o assassino diz não se arrepender e nem sentir remorso pela morte de nenhuma delas. Alegou ainda que fora jogado em uma piscina em sua infância e com isso desenvolveu um prazer incontrolável de ver crianças morrendo afogadas.

Uma das crianças era de uma mulher, a qual teve um relacionamento de 11 anos, a mãe mostrou sua indignação por Douglas ajudá-la a procurar, quando ele próprio fora o causador do desaparecimento e morte.

Edson Izidoro Guimarães – o Enfermeiro da Morte: Acredita-se que seu número de vítimas seja superior a cem, além de desligar os aparelhos de pacientes terminais, em sua ficha conta ainda com o uso de seus conhecimentos na área da saúde para auxílio nos crimes (torpe, asfixia e veneno) foram empregados as vítimas. Estas tanto podiam ser mulheres como homens, um paciente em particular teve cloreto de sódio injetado pelo assassino, morrendo assim de embolia pulmonar.

Algo valioso com essa série de assassinatos é que foi confirmado um esquema no Hospital, onde as empresas funerárias pagavam comissões a quem indicasse seus serviços, o Enfermeiro da Morte chegou a lucrar de cem a mil reais, dependendo do tipo de morte, as naturais rendiam menos, e a máfia não se limitava ao Rio de Janeiro. Uma vez preso, desfrutava de regalias pelo bom comportamento, sua cela é equipada com televisão, fogão, colchão e geladeira.

Eudócio Donizeti Bento (Maníaco do Interior): Assassino foragido da penitenciária de Presidente Venceslau, com 39 anos, estuprava, estrangulava e decepava a cabeça das vítimas, incluindo uma menina de 9 anos, e um menino de 5, a polícia totalizou 9 homicídios em seu nome, ossadas foram

encontradas sem a cabeça.

Os crimes e restos mortais foram encontrados em Birigui, Álvares Machado, Presidente Prudente e o Distrito de Coronel Goulart.

Febrônio Índio do Brasil – O Filho da Luz: Estuprador, torturador e assassino, ele ainda tatuava no corpo das vítimas DCVXVI, que para ele significava “Deus Vivo”, uma luta que estava travando contra o demônio, confessou ainda que seu objetivo era matar dez meninos com idades entre 8 a 14 anos. Todas as vítimas eram enganadas, torturadas, estupradas, marcadas e finalmente estranguladas.

Fortunato Botton Neto – O Maníaco do Trianon: Assassino de homossexuais e profissionais bem-sucedidos, que tivessem de 30 a 60 anos e vivessem sozinhos. Uma vez combinado com a vítima um valor para o programa, os embebedava, os tornozelos eram amarrados, pulsos, uma vez amordaçados, eram mortos por estrangulamento, facadas ou chaves de fenda.

Houve casos que o assassino pisoteou as vítimas ao ponto dos órgãos internos saíssem pela boca, nariz e ânus.

Palavras de Fortunato: “Matar é como tomar sorvete: quando acaba o primeiro, dá vontade de tomar mais, e a coisa não pára nunca.”

Francisco Costa Rocha – Chico Picadinho: Torturador e assassino, atacava as vítimas com mordidas, socos e depois as estrangulava, desmembrava os corpos, partes sendo jogados no vaso sanitários, partes em sacolas, foi condenado pelo assassinato de uma bailarina austríaca, após a denúncia de seu colega de quarto, mas como teve bom comportamento, foi liberado na metade de sua pena.

De volta à ativa matou e picou, chegando a moer parte do corpo e dividi-los em sacolas plásticas, novamente denunciado à polícia, desta vez após o cumprimento da pena, foi internado em um estabelecimento psiquiátrico.

Francisco das Chagas Rodrigues Brito: Pai de duas filhas, com 45 anos foi condenado por matar duas crianças em São Luís MA, ele já havia sido condenado previamente pelo assassinato de um garoto de 15 anos, acredita-se que tenha matado mais de 40 meninos, em seus crimes, ele arrancava os órgãos sexuais, sempre abusando sexualmente deles antes da mutilação, ossadas foram encontradas enterradas em sua casa, suas vítimas eram todas

do sexo masculino com idade variando de 10 a 14 anos, com uma exceção de um garoto de 4 anos, parente de uma ex-mulher.

Três vítimas sobreviveram, mas foram mutiladas. A negligência das investigações gerou ao Brasil e ao Maranhão um processo na OEA (Organização dos Estados Americanos). Por intermédio da OEA, as famílias das vítimas passaram a receber uma pensão.

Palavras de Chagas: “Desejo que o povo brasileiro pudesse dar atenção a seus filhos.”

“Eu não sou homossexual. Eu me sinto muito revoltado quando me chamam disso. Eu gosto é de mulher.”

Francisco de Assis Pereira – Maníaco do Parque: Estuprou, torturou e matou o total de nove mulheres aspirantes a modelo fotográfico, ele ludibriava as vítimas, levando-as ao Parque do Estado, todas foram espancadas, apresentavam marcas de mordidas, estupro e estrangulamento. Mais cinco vítimas foram levadas ao parque, mas conseguiram fugir após o estupro e espancamento.

Segundo o Maníaco do Parque ele praticava esses crimes por ter sido molestado por uma tia quando era criança e mais tarde ter sido violentado por um patrão na adolescência.

José Paz Bezerra (Estrangulador do Morumbi): Foi condenado pelo assassinato de 7 mulheres, cumpriu pena de 30 anos e foi libertado. Todas as vítimas tinham algum tipo de envolvimento amoroso com ele. Chegou a atacar 5 mulheres em apenas 9 dias, todas por estrangulamento. Após o crime, Bezerra levava peças íntimas das vítimas como lembrança, especialista relataram que o ódio que ele sentia das mulheres era o mesmo ódio que ele sentia da própria mãe, em sua infância, ela manteve relações sexuais com vários homens na frente do filho ainda pequeno.

Embora tenha sido condenado apenas por sete crimes, ele afirmou que havia um número ainda maior, mas a polícia não encontrou provas para julgá-lo.

Palavras de Bezerra: “Pelas minhas contas foram 24 mulheres.”

José Ramos “O linguiçeiro da rua do Arvoredo.” Juntamente com sua esposa e um ajudante fez um número impreciso de vítimas, todas eram mortas com requintes de crueldade, desmembradas eram guardadas em um

baú, para mais tarde serem moídas e transformadas em linguiça, que eram vendidas a população. As vítimas eram atraídas por sua esposa, enquanto Ramos os atacava com uma machadinha, incluindo seu ajudante que também virou linguiça.

Marcelo Costa de Andrade – O Vampiro de Niterói: Considerado um psicopata religioso, frequentava regularmente a igreja enquanto em paralelo, estuprava, torturava e matava meninos. Aos 10 anos foi abusado sexualmente, aos 14 começou a se prostituir, aos 17 anos tentou estuprar seu irmão de 10 anos.

Começou os assassinatos aos 24, foram registradas 14 mortes no período de 9 meses, estuprando, estrangulando, guardando seus dedos na cueca (para que ratos não roessem) e em algumas ocasiões bebendo o sangue de suas vítimas, segundo ele, o sangue servia para que se tornasse tão bonito quanto os meninos, confessou ainda que preferia meninos pois tinham a pele macia – disse ainda que matou porque gostava dos meninos e não queria que eles fossem para o inferno, afirmou não matar nenhuma garota porque nunca gostou de garotas e que matar não adiantava, porque elas não iriam para o céu de maneira nenhuma.

Palavras de Marcelo: Seu pastor disse que as crianças que morressem antes dos 13 anos iriam diretamente para o céu. “Então eu sei que eu fiz um favor os enviando para o céu”.

Paulo Sérgio Guimarães da Silva – Maníaco de Novo Hamburgo: Acusado pela morte de 7 pessoas, alega ter cometido os crimes para imitar o “Maníaco do Parque”, ele atacava casais de namorados a tiros. Ao ser preso, tentou simular que precisava de cuidados mentais e que estava sobre o efeito de um surto psicótico, o que foi descartado pelos especialistas, ele atacou 4 casais, onde sete terminaram morrendo e uma adolescente de 14 anos ficou tetraplégica.

Preto Amaral: Ex-escravo, liberto pela Lei Áurea, foi acusado de estuprar e matar três jovens do sexo masculino, incluindo um menino de 10 anos, ele confessou que os seduzia, asfixiava e somente fazia sexo depois de mortos. O corpo de uma das vítimas foi encontrado sem os membros superiores, ele foi preso quando um garoto de 9 anos que conseguiu fugir e acionou a polícia.

Wanderley Antônio dos Santos – O Mestre Cão: Professor de capoeira

de 41 anos foi condenado por assalto, estupro e assassinato, além de uma adolescente, a qual agrediu com golpes de capoeira, confessou ainda outros três estrangulamentos. Acredita-se que o número de vítimas passe de sete.

BLOCO VII

DEPOIMENTOS REAIS DE SOBREVIVENTES

Todos os depoimentos a seguir foram colhidos de vítimas reais, por e-mail, Facebook, mensagens no Wattpad ou entrevistas feitas pessoalmente, onde tive a oportunidade de fazer perguntas, ou a vítima simplesmente me entregou um depoimento escrito, provavelmente, vão achar que os relatos apresentam faltas, ou seja, precisariam de mais informações, mas eu permiti que narrassem apenas o que sentissem vontade, eu não tenho como oferecer garantias que receberão justiça e muito menos prometer que nenhuma criança mais irá ser abusada, por esse motivo, não vi razão para “forçar” a dor das lembranças nesses heróis.

As palavras substituídas por xxx foram propositalmente retiradas, não quero fazer menção a nenhuma religião específica, para não causar possível polêmica, como a responsável pelo “equilíbrio” ou “desequilíbrio” da vítima, assim, nomes de locais específicos de trabalhos, como lojas, bancos e supermercados também serão removidos.

Depoimento 1 – Sérgio (MG)

Eu: Como gostaria de ser chamado? Não há necessidade de me passar seu nome verdadeiro.

Sobrevivente: Sérgio.

Eu: Sérgio, preciso saber qual o estado em que aconteceram os abusos, sua idade quando começaram e sua idade atual.

Sérgio: Minas Gerais, eu tinha 8 anos e hoje tenho 35.

Eu: Você, conhecia seu agressor? Como ele chegou até você?

Sérgio: Ele era meu pai.

Eu: Seu pai biológico ou alguém que o criou como filho?

Sérgio: Biológico.

Eu: Como começaram os abusos, poderia me contar se consegue lembrar sobre a primeira vez que aconteceu?

Sérgio: Meu pai estava com o braço quebrado, aí me disse que estava com uma coceira na coxa, perguntou se eu podia ajudar, e ele começou a puxar minha mão mais pra frente.

Eu: Vocês estavam sozinhos em casa? Sua mãe vivia com vocês?

Sérgio: Vivia sim, mas não estava em casa na hora.

Eu: E você, quer me contar o que aconteceu depois?

Sérgio: Meu pai ficou apertando minha mão ali e depois puxou minha cabeça para o meio das pernas dele. Eu saí correndo, sabia que aquilo não estava certo, ele veio atrás de mim e disse que se eu falasse alguma coisa, ele ia quebrar minhas duas pernas.

Eu: E você contou para alguém?

Sérgio: Não.

Eu: Foi a primeira vez que aconteceu, e antes, seu pai te tratava bem, tinha percebido alguma coisa estranha?

Sérgio: Talvez, eu não consigo me lembrar, às vezes eu sonho com ele lambendo minha barriga, não sei se aconteceu de verdade.

Eu: Hoje, ainda, você sonha com isso... Você quer me dizer o que faz hoje? Como está sua vida?

Sérgio: Sou casado, tenho 2 filhos, não quero falar sobre minha profissão.

Eu: Não há problema algum. Por quanto tempo seu pai continuou com os abusos?

Sérgio: 3 anos

Eu: O que aconteceu para ele parar?

Sérgio: Ele morreu, sofreu um acidente de moto.

Eu: Se teu pai não tivesse morrido, acredita que teria contado a alguém?

Sérgio: Não. Ele batia muito em minha mãe, uma vez, o dente dela foi arrancado, eu sabia que se falasse, ele acabaria matando nós dois.

Eu: Seu pai tomava algum tipo de bebida alcoólica, fumava ou usava algum tipo de drogas?

Sérgio: Não.

Eu: Após a morte do seu pai, você contou a alguém? Fez algum tipo de tratamento psicológico?

Sérgio: Não, eu nunca contei a ninguém o que aconteceu.

Eu: Você me mandou uma mensagem querendo dar seu depoimento, quando soube que eu estava escrevendo esse livro, se nunca contou a ninguém, por que resolveu falar comigo?

Sérgio: Eu não sei.

Eu: Tudo bem, eu tenho conversado com algumas vítimas e a maioria me disse acreditar em Deus, você tem alguma religião?

Sérgio: Não.

Eu: Uma das sobreviventes me disse que atiraram em sua direção e a arma travou e que foi Deus que a salvou, o que acha desse pensamento?

Sérgio: Cada um acredita no que quiser, mas quero saber onde estava esse Deus, enquanto eu estava colocado de quatro, pelo meu próprio pai.

Eu: Você disse que tem dois filhos, alguma vez durante ou logo após a época dos abusos, você sentiu algum tipo de atração por outro homem?

Sérgio: Não.

Eu: Tem mais alguma coisa que você queira acrescentar nesse depoimento?

Sérgio: Espero que as pessoas que possam ler isso, entendam o perigo que existe e o quanto a vida de uma criança pode ser destruída, isso não vai ajudar esses desgraçados, eles não vão parar de fazer porque você está escrevendo, mas outras pessoas podem evitar que eles se aproximem dos seus filhos.

Eu: Sérgio, uma das vítimas me disse que sofreu abuso por vários pedófilos e eles preferiam crianças brancas e bonitas, você concorda com isso?

Sérgio: Não sei, meus pais eram morenos, nem brancos nem pretos, acho que ele me abusaria de qualquer jeito.

Eu: Você teve mais irmãos?

Sérgio: Tenho uma irmã.

Eu: Sua irmã também era abusada?

Sérgio: Não.

Eu: Não que você saiba ou não era?

Sérgio: Ela não era, nunca foi, meu pai dizia que boceta por boceta, tinha da minha mãe.

Eu: Eu lamento tudo o que viveu, agradeço muito por ter me procurado, fico feliz que tenha hoje uma família, que ame seus filhos e esteja dando esse depoimento para evitar que outras pessoas passem por isso, minha última pergunta, independente da morte do teu pai, qual punição gostaria que ele tivesse? Ou a qualquer outra pessoa que pratique pedofilia?

Sérgio: Pena de morte.

Eu: Obrigada, mais uma vez, Sérgio.

Sérgio: De nada.

Depoimento 2 – Douglas (SP)

Eu: Qual nome gostaria de ser chamado?

Vítima: Douglas.

Eu: Douglas, quantos anos tem agora, qual a idade quando era abusado e em qual estado isso aconteceu?

Douglas: Tenho 55 hoje, eu tinha 5 e foi em São Paulo.

Eu: Você conhecia seu agressor? Como ele chegou até você?

Douglas: Ele era meu avô.

Eu: Por parte de mãe ou de pai?

Douglas: Parte de mãe.

Eu: Sua mãe também foi abusada por ele?

Douglas: Não.

Eu: Sua avó morava com seu avô quando isso aconteceu?

Douglas: Não, ela tinha morrido há algum tempo.

Eu: Pode me contar como foi a primeira vez que isso aconteceu?

Douglas: Só aconteceu uma vez, felizmente, eu estava na casa dele em um final de semana, estava jogando bola na rua com os vizinhos e caí em uma poça de água, a rua era de terra ainda.

Eu: E o que aconteceu depois?

Douglas: Ele mandou os meninos embora e disse que ia me dar banho.

Eu: Ele já tinha lhe dado banho outras vezes?

Douglas: Já.

Eu: E o que foi diferente dessa vez?

Douglas: Ele passava sempre a mão em mim, mas eu era muito pequeno, não entendia o que ele estava fazendo, mas nesse dia, ele colocou um dedo em mim.

Eu: Douglas, eu preciso que seja específico, seu avô colocou o dedo no seu ânus, correto?

Douglas: Sim.

Douglas: E depois, ele tirou a calça e me mandou colocar no dele, mas eu disse que não, então ele enfiou o dedo na minha boca e ficou segurando minha cabeça, até que ele me mandou fazer sexo oral nele.

Eu: E você fez?

Douglas: Ele apertou meu pescoço e disse que ia me matar se eu não fizesse.

Eu: Entendo, e você contou aos seus pais, você tinha pai e mãe?

Douglas: Tinha, contei, mas meu pai me bateu, disse que eu estava mentindo.

Eu: E sua mãe?

Douglas: Ela acreditou em mim, nunca mais me levou na casa do meu avô e nem ele nunca mais foi na minha casa.

Eu: Sua mãe denunciou à polícia?

Douglas: Não.

Eu: Seu pai a impediu?

Douglas: Não, meu avô era advogado, disse que ela não tinha provas e que iria arrancar até o último centavo dela, se ela falasse alguma coisa.

Eu: Seus pais tinham uma vida financeira estável?

Douglas: Meu pai trabalhava no banco xxx e minha mãe não fazia nada, ficava em casa com a gente.

Eu: Você tinha mais irmãos?

Douglas: Tinha uma menina de 3 anos quando aconteceu e ela estava grávida do meu irmão caçula.

Eu: E seu pai, nunca acreditou em você, mesmo depois que sua mãe cortou contato com seu avô?

Douglas: Hoje, eu sou psicólogo, e consigo ver a situação através da mente dele, imagino que ele preferia não acreditar, pois se acreditasse, teria que tomar uma providência, esperariam dele que matasse o agressor do seu filho e como ficaria minha mãe e meus irmãos?

Eu: Eu não perguntaria sua profissão, mas como falou, fico feliz que tenha tido tratamento e se formado em psicologia, você trabalha com crianças que sofreram abuso?

Douglas: Não, pode parecer estranho, mas eu prefiro acreditar que eu fui a única pessoa no mundo, que não acontece isso por aí, entende?

Eu: Entendo sim, mas tem consciência que acontece e em grande

frequência, certo?

Douglas: Sim, eu sei, eu atendo crianças e adolescentes, mas não que foram abusadas, nesse caso, encaminho para outro colega de consultório.

Eu: Douglas, pode me dizer como você se classifica em etnia? Independentemente do que está em sua identidade, você se considera branco? Negro? Pardo?

Douglas: Sou moreno, pardo pra mim é mulato, sou moreno como a maioria dos brasileiros.

Eu: Pela sua idade, imagino que seu avô não seja mais vivo, estou certa?

Douglas: Ele morreu uns 15 anos depois do que aconteceu, teve um enfarte.

Eu: Qual a pena você gostaria para pessoas como seu avô tivessem?

Douglas: Pena de morte, sei que sou um profissional que busca compreensão, mas eu diria que sim, seria hipocrisia minha, dizer outra coisa.

Eu: Você é casado? Tem filhos? Netos?

Douglas: Tive 4 filhos e uma só menina do meu segundo casamento.

Eu: Você é religioso? Acredita em Deus?

Douglas: Acredito sim, mas não frequento nenhuma igreja, minha esposa e meus filhos sempre frequentaram a xxx.

Eu: Obrigada, Douglas pelo seu depoimento, fico muito feliz em encontrar um sobrevivente como você.

Douglas: Disponha.

Depoimento 3 – Maria (BA)

Eu: Como gostaria de ser chamada?

Vítima: Maria.

Eu: Você me disse em seu e-mail, que uma amiga sua estava lendo meu livro e comentou com você, por isso decidiu dar seu depoimento, correto?

Maria: Sim.

Eu: Me diga, por favor, em que estado ocorreu o abuso, quantos anos você tinha e quantos anos tem atualmente.

Maria: Foi na Bahia, eu tinha 7 anos, hoje tenho 38, mas não fui eu quem sofreu o abuso, eu fui testemunha, te interessa?

Eu: Claro que sim, agradeço por compartilhar, você viu outra criança sendo abusada, é isso?

Maria: Eu vi várias.

Eu: Pelo mesmo agressor?

Maria: Sim.

Eu: Então, tinha contato com ele? Era parente teu?

Maria: Era namorado da minha mãe.

Eu: Ele morava com vocês?

Maria: Não.

Eu: Você tem mais irmãos?

Maria: Tive, mas minha mãe deu tudo, eu fui a única que ela ficou.

Eu: Entendo, e o namorado da sua mãe abusava de quais crianças? Suas amigas?

Maria: Não, eu não sei de onde ele conseguia, mas só trazia meninos.

Eu: Trazia para onde? Para sua casa?

Maria: Sim.

Eu: Com sua mãe presente?

Maria: Não, ela estava trabalhando.

Eu: Então, ele passava o dia na sua casa? Não trabalhava?

Maria: Não sei, às vezes ele sumia, às vezes passava semanas em casa.

Eu: Eu preciso entender isso melhor, Maria, ele trazia garotos para sua casa, eram garotos de programa?

Maria: Alguns sim, outros eram pequenos, eu não sei onde ele arrumava.

Eu: Pequenos, quanto? Tem uma idade aproximada?

Maria: Uns 8, mas trouxe outros homens também.

Eu: Esses pequenos, gritavam, pediam por socorro?

Maria: Não.

Eu: Acha que eles estavam lá por vontade própria?

Maria: Acho que sim, eram sempre mal vestidos, acho que viviam nas ruas.

Eu: O namorado da tua mãe dava algo a eles? Dinheiro? Comida?

Maria: Dava.

Eu: E quando ele levava essas crianças, era sempre durante o dia?

Maria: Era sempre quando eu voltava da escola, ele queria que eu visse.

Eu: Ele te disse isso?

Maria: Disse.

Eu: Como foi a primeira vez que aconteceu?

Maria: Ele trouxe um garoto de uns 15 anos talvez e eu estava na sala vendo tv e ele me mandou ir até o quarto.

Eu: E o que ele fez?

Maria: Ele puxou meu cabelo, me mostrou um canivete e disse que se eu não olhasse, ele ia cortar minha língua.

Eu: E o que aconteceu depois?

Maria: O garoto fez um boquete nele, aí ele me mandou tirar a roupa e continuou com o garoto.

Eu: Ele ou o garoto tocaram em você?

Maria: Não, mas todas as vezes, ele me mandava tirar a roupa e ficar olhando.

Eu: E o que acontecia quando eles terminavam?

Maria: Ele dizia que se eu falasse pra alguém, ele ia me matar e ia matar minha mãe.

Eu: Tem uma ideia de quantas vezes isso aconteceu?

Maria: Não, acho que mais de dez.

Eu: Você nunca contou à sua mãe?

Maria: contei uma vez pra uma professora e ela contou pra minha mãe.

Eu: E o que sua mãe fez?

Maria: Foi falar com ele e ele bateu nela com uma cadeira, ela quebrou o maxilar.

Eu: Ele foi preso?

Maria: Foi, mas soltaram no dia seguinte.

Eu: Ele voltou a procurar vocês?

Maria: Não.

Eu: Teve medo que ele voltasse?

Maria: Minha mãe achou que ele voltaria, ficamos um tempo na casa da minha vó, mas ele nunca voltou.

Eu: Depois que ele foi preso, vocês não o viram mais, como sabe que ele foi solto no dia seguinte?

Maria: Minha mãe ligou na delegacia e disseram que tiveram que soltar, pois era primário e como não tinham prova dos abusos, ficou registrado só como violência doméstica.

Eu: Você é casada, hoje?

Maria: Sou lésbica.

Eu: Você acha que se tornou lésbica por causa do que se passou?

Maria: Não, eu já namorei homens e engravidei uma vez, mas perdi o bebê no terceiro mês. Mas eu descobri que gosto mesmo de mulher.

Eu: Está com uma mulher em um relacionamento estável nesse momento?

Maria: Estou.

Eu: Você é religiosa, acredita em Deus?

Maria: Acredito, mas não vou na igreja, minha namorada as vezes vai na xxx, mas eu não sinto vontade.

Eu: Você lembra como eram esses meninos? Brancos? Negros?

Maria: Tudo misturado, já teve loiro, preto, moreno, até um japonês, uma vez, acho que ele não tinha preferência não.

Eu: Tem algo que queira acrescentar?

Maria: As pessoas podem achar que não é sério, por eu ter só assistido, mas ainda hoje, eu fecho os olhos e vejo isso, eu acho que também é um tipo de abuso.

Eu: Com certeza foi um abuso, Maria, qual a pena gostaria para esse tipo de pessoa?

Maria: Pena de morte, se aqui fosse um país sério, mas não é, e sei que muita gente ainda vai ser abusada, não existe justiça, nem lei que se cumpra nesse país.

Eu: Obrigada, Maria, boa noite!

Maria: Por nada, boa noite!

Depoimento 4 – Codinome Larissa (GO)

“Quando eu era criança morava no interior do estado de Goiás. Uma cidade pequena. Meu vizinho ficou viúvo e tinha 4 filhas de 16, 13, 8 e 5 anos. Ele abusava sexualmente das suas duas filhas mais velhas. Mas só foi descoberto quando a filha mais velha ficou grávida. Sei que ela criou o bebê quando o pai dela foi preso. Depois eu mudei para a capital e perdi contato com as moças. O pior é que ele vivia me dando balinhas... e era meu vizinho... aterrorizante porque eu gostava do tio...”

“Quando eu era recém-casada, acabei morando em um apartamento no primeiro andar. Minha vizinha morava no 4º andar, tinha um filhinho de 2 anos e casou de novo. Um dia encontrei ela chorando no elevador e o

menininho dela estava todo machucado. Como eu tinha carro e ela estava muito abalada ofereci para levá-los no hospital...o menininho tinha sido estuprado pelo padrasto. Foi uma dó, ele estava todo machucado e quase perdeu o pênis, estava todo esfolado. Não sei o que o padrasto fez... foi horrível. A mãe denunciou o padrasto.”

“Quando eu tive meu filho, ficava neurótica, sempre tirava a roupa dele para ver se havia qualquer machucado... sempre falei para ele me contar tudo, se precisar de algo ficarei feliz de ajudá-la. Gostaria de ficar anônima, pode colocar Larissa, mas preferiria que omitisse o meu sobrenome. Eu estava pensando que meus pais nunca conversaram sobre sexo comigo o que foi extremamente difícil quando eu era jovem, passando pelas transformações da adolescência. Espero que consigamos ser mães mais comunicativas e ajudar a evitar e superar as dificuldades que aparecerem, um abraço. ”

Depoimento 5 – Codinome Laura (SP)

“Teve 2 situações diferentes em minha vida.”

“Eu deveria ter uns 5 anos, talvez até menos, pois não me lembro nada de escola nessa época, tinha um homem, uns 30 anos talvez, ele ficava na esquina da minha casa, sempre que eu estava na calçada ele piscava e me mandava beijo. Uns meses depois todos na rua ficaram sabendo que ele foi preso por ter estuprado um garoto na mesma esquina que ele me olhava, vale lembrar que naquela época era tudo cercado por muito mato e as ruas eram de terra. Depois disso nunca mais o vi e não me causou nenhum trauma, mas poderia ter sido eu naquela esquina, minha mãe nunca se preocupava se eu estivesse sozinha na calçada ou não.”

“Quando eu tinha uns 10 anos meu padrasto começou a me assediar, tentava me beijar, deitava na cama de shorts sem cueca para deixar o pinto a mostra, ele sabia o que estava fazendo, vivia me perguntando se eu já tinha menstruado, não fui estuprada, mas acho que somente porque ainda não tinha tido minha primeira menstruação, porque isso seria importante para ele?”

“Ele também insistia em me falar de sexo, e mesmo quando eu dizia que não me interessava, ele fazia questão de dizer como funcionava, ele colocava filmes pornô e saía de casa, ele fazia isso para que eu visse, eu não sei o que aquele demônio tinha em mente, talvez eu tenha escapado por sorte, não sei, embora seu livro se concentre em meninos, se meu depoimento servir para algo pode usar. De tudo que meu padrasto fazia, o mais bizarro foi quando

ele me perguntou e mais de uma vez se eu já havia bebido sangue humano, eu era pequena demais pra entender a gravidade da coisa, mas sabia que algo estava errado e não era normal aquela pergunta e muito menos beber sangue.”

“Nunca contei a ninguém, primeiro porque odeio minha mãe ainda hoje, e mesmo que eu tivesse sido violentada ou morta, ela não teria feito nada, como não fez quando ouviu ele me falando pornografias, por anos dormi com uma faca embaixo do travesseiro caso ele tentasse algo.”

“Hoje tenho uma filha, mas sou casada com uma mulher, no início achei que seria melhor se relacionar com mulheres devido a força física, eu achava que se alguma delas surtasse como meu padrasto eu teria forças pra lutar, já que vi minha mãe sendo espancada várias vezes, mas isso foi no início, já me relacionei com homens, não tenho trauma, só aconteceu de hoje eu estar com uma mulher, talvez um dia volte a me relacionar com homens de novo, pode parecer pouco comparado a outros depoimentos, mas não se pode perguntar a uma criança se ela gostaria de beber sangue e esperar que ela cresça de uma maneira saudável.”

“E não, eu não gostaria de pena de morte a ele nem aos outros pedófilos, eu gostaria de amputações dos membros, braços e pernas, isso seria uma punição justa. ”

Depoimentos 6 – Codinome Camila (SP)

“Não fui abusada, mas vi meus vizinhos sendo, eu era vizinha de um homem que vivia com a mãe, uma filha e três sobrinhos, minha casa era do lado da dele e tinha alguns buracos no muro, ele sempre usava droga e batia na mãe, na irmã, nos sobrinhos, muitas vezes eles fugiam e vinham se esconder na minha casa, eu sempre espiava o quintal deles pelo muro, um dia eu vi ele tirando as calças e mostrando o pênis pra um dos sobrinhos, ele estava sentado em uma cadeira e mandou o menino sentar no colo dele.”

“Nunca contei a ninguém, já tinha visto a polícia ir lá várias vezes e nada acontecia, porque algo diferente seria feito com meu depoimento? Isso faz muitos anos, eles não moram mais lá e nem eu, antes de eu me mudar daquela casa eles já tinham saído, não sei se o menino contou alguma coisa, provável que não, eles viviam sendo ameaçados de morte”.

“Se tenho trauma? Não, eu tenho nojo da humanidade, tenho uma filha, não sou casada mas duvido que teria coragem de colocar um homem dentro de casa e correr algum risco.”

“Outra coisa que me aconteceu foi quando eu tinha uns 11 anos o filho de uma vizinha tentou me tocar, ele tinha uns 17, ele também já tinha tentado tocar outras meninas e também meninos da rua, foi na casa dele, eu estava encostada num tanque, e ele chegou perto e colocou a mão embaixo, eu só me afastei, não me causou traumas não, mas poderia ter causado, hoje ele deve ser um pedófilo, de novo não disse nada, pois já tinham contado o que ele fez a outras crianças e nunca nenhuma providência foi tomada. Gostaria sim que tivesse pena de morte para pedófilos.”

Depoimento 7 – Codinome Valter (PR)

“Eu passei quase toda minha infância na antiga FEBEM. Por roubos e até alguns assaltos que deram errado e acabamos matando as vítimas.”

“Na época, a tv mostrava como pobres coitados os carcereiros sendo feito de reféns e tal, mas só quem viveu lá sabe do inferno que era e que demônios eram alguns dos carcereiros, éramos estuprados todos os dias, todos! Pelos próprios agentes, éramos espancados e nunca ninguém falava nada, afinal éramos nós os bandidos, e era mesmo, tá ligado, mas você rouba uma pessoa, aí vão lá e te estupram e pronto, você está salvo?”

“Hoje eu sou policial, engraçado né? Pois é, acho que fui um dos poucos a querer fazer diferente, mas confesso que não é fácil não, e não posso culpar aqueles meninos que saem de lá com mais ódio do mundo do que entraram.”

“Sou homossexual assumido e já era antes de sofrer a violência, então isso não influenciou em nada minha condição, mas poderia ter me tornado um assassino em série, ainda hoje, as vezes eu sonho querendo matar esse tipo de gente...”

“Eu acho que deveria sim ter pena de morte a pedófilos ou deixar que a própria população matasse (risos) ainda bem que vai sair um codinome ou eu seria desligado da polícia por falar isso, mas antes de ser policial e seguir a lei, antes disso, sou um sobrevivente.”

Depoimento 8 – Codinome Renato (MT)

“Vou tentar ser breve, não gosto de falar sobre isso e estou escrevendo apenas porque minha irmã pediu que contribuísse com nossa história.”

“Eu tinha uns 8 anos, minha irmã 10 e nós dois éramos violentados pelo meu padrasto, minha mãe sabia, deixava e até nos segurava para que ele

abusasse, desde que ele trouxesse drogas pra ela, sempre foi uma viciada.”

“Estou com 40 anos hoje e sou casado, pai de 2 meninas e minha esposa está grávida do nosso primeiro filho, minha irmã é lésbica assumida e mora com uma companheira há 5 anos.”

“Nós 2 acreditamos em Deus e vamos sempre na igreja xxx, moramos perto um do outro até hoje. Nossa mãe morreu de overdose e nosso padrasto sumiu, nunca mais tivemos notícias.”

“Falo por mim e pela minha irmã, sim nós queremos pena de morte, não só aos pedófilos, mas os que facilitam o acesso a eles.”

Depoimento 9 – Codinome Vitória (PA)

“Aconteceu há muitos anos, umas 5 décadas, não chegou ao estupro, ninguém soube e ninguém pode saber, um tio começou por tirar fotos de nós despidas, eu tinha 8 anos numa câmara escura de fotos, eu em minha inocência pensava que as fotos não saiam bem.”

“Mas as fotos serviam de chantagem para mostrar aos pais, nós, eu e outras primas, tínhamos medo e assim ele ia se aproveitando. Tínhamos que deixar ele se masturbar em nós, ainda hoje sinto nojo, o cheiro, ficou presente, ele ficava por trás, ia se esfregando, nos tocava até se satisfazer, tudo acontecia no escuro. Durou um tempo, até que uma das meninas teve a primeira menstruação e então ele não quis mais nada com ela.”

“Minha 1 vez foi um drama, meu namorado pensava ser pavor da primeira vez, mas os anos foram passando e eu não conseguia ter um orgasmo. Meu marido não nunca soube, quando tive meu 1 orgasmo em cópula, ele me disse que afinal não era tão difícil, assim, era só preciso relaxar, mas ele não sabe o que me custou.”

“Por isso hoje me considero uma pessoa feliz, meus fantasmas voltaram ao ler seu livro, pensei que estavam esquecidos, eu consegui Caroline, e comparado com o que li em outros depoimentos isso não é nada. Ainda hoje encontro parentes desse pedófilo, ele já morreu, eles não têm nada a ver com que aconteceu, ninguém sabe a não ser eu. Se colocar isto no seu livro, eu ainda não sei, nunca meu nome pode ser escrito. Tenho outras primas que viveram o mesmo e não quero que me identifiquem, nunca falamos sobre isso, acho que cada uma prefere esquecer, por vergonha, por trauma, apenas nunca tocamos no assunto.”

Depoimento 10 – Codinome Augusto (RS)

“Primeiro gostaria de dizer que escolhi esse sobrenome por ser o nome do meu filho, como é um nome comum, mesmo que um dia ele venha a ler esse livro, jamais irá acreditar que é de seu pai que está falando.”

“Eu tinha 5 anos e meu irmão 7, nós 2 éramos abusados por meu tio, irmão do meu pai.”

“Ele não trabalhava na época, tinha uns 18 anos, meus pais saiam para trabalhar e deixavam a gente com ele, ele nos mandava colocar roupas íntimas da minha mãe, às vezes ele trazia alguns vestidos, fazia a gente andar nas pontas dos pés, dizia que éramos suas bailarinas, ele nos beijava, nos tocava e se masturbava em nossos rostos.”

“Nunca contamos nada, ele sempre dizia que iria nos matar e matar nossos pais, se falássemos alguma coisa, eu nunca fui estuprado literalmente, embora creio que tudo que passei deva ser considerado estupro, mas meu irmão foi e ele me amarrou numa cadeira e me fez assistir.”

“Ele estava com uma faca no pescoço do meu irmão e dizia pra ele gemer ou ele iria tirar os gemidos enfiando a faca no pescoço dele, eu nunca vou esquecer esse dia.”

“Meu irmão se matou algum tempo depois, se jogou embaixo de um caminhão, meus pais nunca souberam o motivo, depois da morte dele, meus pais ficaram traumatizados e mudamos de cidade, o que foi bom, pois eu sabia que seria o próximo, depois de uns 3 anos que mudamos de casa, soubemos que meu tio estava com aids, não demorou muito e ele morreu, eu fico feliz e não lamento toda a dor e sofrimento que ele passou, cheguei a ver os últimos dias de vida dele, e sempre que lembro da cara dele me alegra muito, não me preocupo se sou uma pessoa ruim, mas não sou hipócrita de dizer que lamento a morte dele ou de qualquer outro pedófilo.”

“Isso aconteceu no Rio Grande do Sul, hoje tenho 45 anos.”

Depoimento 11 – Codinomes - Carlos e Simone (SE)

Carlos narrando:

“Somos irmãos e fomos abusados por um professor na escola, começou com minha irmã, na época as meninas usavam aquelas saias com pregas e ele sempre dizia que a saia dela estava amassada e se ajoelhava no chão para arrumar e com isso a ficava tocando.”

“Um dia ele começou a se esfregar nela por trás, a escola estava vazia, foi logo que começou as férias e ela foi chamada para entregar as notas, foi dentro da sala de aula mesmo, ele trancou a porta e estava lá com ela quando eu bati na porta, ele abriu a porta e quando me viu deu um sorriso enorme, eu senti que tinha algo errado, ele me puxou pra dentro e trancou a porta, pegou um cortador de papel e colocou no pescoço da minha irmã, disse que se eu não fizesse o que ele queria ia cortar a garganta dela na minha frente. Ele abriu a calça e mandou eu engolir tudo. Depois disso ele fez o mesmo com ela, colocando o cortador no meu pescoço. Saímos de lá e ele nos acompanhou até o portão, como se nada tivesse acontecido e desejou boas férias.”

Simone narrando:

“Depois que chegamos em casa concordamos em nunca dizer nada pra ninguém, nós tínhamos 10 anos, somos gêmeos. Mas à medida que o tempo passava e as férias estavam acabando meu irmão começou a surtar, tentou se matar e cortou os pulsos e eu não aguentei e contei o que tinha acontecido, meus pais denunciaram, mas naquela semana o professor já tinha sido preso por molestar um sobrinho.”

“Hoje somos casados, mas temos muita dificuldade em colocar nossos filhos em escolas, eu tive que tomar tranquilizantes muitos anos, pois imaginava que o mesmo aconteceria com meus filhos, meu irmão chegou uma época que nem trabalhava, pois ele ficava plantado na porta da escola e só saía quando batesse o sinal.”

“Isso acabou com nossa vida, não confiamos em ninguém, é muito engraçado, os recursos humanos defender os pedófilos, mas até hoje, recursos humanos nenhum veio à minha porta, perguntar se eu preciso de alguma coisa. ”

Depoimento 12 – Codinome Stella (RJ)

“Fui abusada desde os 4 anos pelo meu pai e pela minha mãe, ele me tocava na frente dela e ela não se importava, vivia drogada, ele também, depois não sei o que aconteceu, meu pai foi embora de casa, aí minha mãe começou a me vender, trazia homens pra casa e me oferecia, ela engravidou um tempo depois e teve um menino. Eu estava com uns 12 anos e meu irmão com uns 6, um dia um dos clientes dela disse que pagava mais se ela

colocasse o menino junto.”

“Fomos os 2 violentados nesse dia. Apanhamos muito também.”

“Um vizinho chamou a polícia e fomos levamos para um abrigo, não sei o que aconteceu com minha mãe, espero que esteja morta, mesma coisa com meu pai.”

“Meu irmão morreu por causa de drogas, hoje tenho 40 anos, sou casada e tenho 2 filhos, mas já usei drogas, fui prostituta, era tudo que eu tinha aprendido. Mas sei lá, acho que tive sorte, conheci alguém que me fez largar a vida e hoje posso dizer que sou quase feliz, quase, pois não acredito que ninguém consiga ser realmente feliz sabendo o que viveu em sua infância.”

“Isso aconteceu no Rio de Janeiro.”

Depoimento 13 – Eduarda (TO)

Vítima: Posso dar meu depoimento sim, mas é bem pesado e não gostaria que dissesse meu nome, vivi em cativado e hoje fui adotada.

Eu: Como gostaria de ser chamada?

Vítima: Eduarda.

Eu: Fique à vontade e fale só o que gostaria que as pessoas soubessem, preciso saber sua idade atual, e a idade quando aconteceu.

Eduarda: Tenho 17, tinha 5 quando começou.

Eu: O agressor foi preso? O que ele era seu? Há quanto tempo está longe de qualquer agressão?

Eduarda: Dois sim, o resto não e não eram nada meus, estou há cinco anos sem sofrer nada.

Eu: Que resto? Quantos? Como os conheceu?

Eduarda: Ah, é longa a história, é complicado...

Eu: Todos os agressores se conheciam ou foram casos isolados?

Eduarda: É como dividir em dois grupos... o primeiro tinha seus amigos e o segundo também.

Eu: Entendo, sabe a idade deles?

Eduarda: Variados.

Eu: A idade mínima e a máxima?

Eduarda: 14 e a máxima nem sei... acho que uns 50.

Eu: Você tem namorado?

Eduarda: Não.

Eu: Pelo que viveu, acha que afetou seus relacionamentos? Já teve namorados?

Eduarda: Com certeza, já beijei um menino quando tinha uns 15 anos. Meu pai é psicólogo, ele disse que é normal. Ele é o único homem que confio e meu avô... pai dele.

Eduarda: A última vez que passei por abuso fui parar no hospital, minha mãe trabalhava lá.

Eu: Sua mãe biológica? Ou a atual?

Eduarda: Atual, era médica e já tinha 2 filhos adotivos... aí quando fui para o orfanato, ela fez de tudo pra me adotar.

Eu: Você pediu ajuda durante algum dos abusos?

Eduarda: Não tinha como, eu era mantida em cativeiro.

Eu: As duas vezes estive em um cativeiro? Ou era no orfanato?

Eduarda: No orfanato não aconteceu nada, na verdade, eu até gostava de lá. Mas fui adotada uma vez por um casal, depois de um ano, eles se separaram... mas continuei com eles, um dia, fui passar o fim de semana na casa dele e ele me abusou... não dormia na casa dele, apenas passeava, mas foi o suficiente.

Eu: Como saiu desse cativeiro?

Eduarda: O primeiro foi denunciado, mas muitas crianças foram tiradas de lá, antes da polícia chegar, eu fui uma delas. E no outro, um menino conseguiu fugir e ajudou. Passei 4 anos no primeiro e 6 no segundo.

Eu: 10 anos de abuso, no total?

Eduarda: Mas no primeiro, não tinha abusos contra mim, eu fui tirada da maternidade e uma família me comprou, fiquei lá até 4 anos e pouco, quase 5. Mas me levaram para outro e lá sim, era horrível.

Eu: Esse menino que fugiu, ele também era abusado?

Eduarda: Sim, todas as crianças eram, algumas eram obrigadas a ir para a rua pedir esmola e eram vigiadas pelos homens, eu nunca fui.

Eu: Qual estado foi isso?

Eduarda: Tocantins.

Eu: Outras crianças te viam sendo abusada e você via os delas?

Eduarda: Algumas vezes sim.

Eu: Fora abusos de exploração de trabalho infantil, tanto meninas como meninos sofriam abuso sexual, correto?

Eduarda: Sim.

Eu: Tem alguma coisa a mais que queira acrescentar?

Eduarda: Tenho uma irmã que foi adotada há pouco tempo... ela também sofria abusos, era numa cidade vizinha e também quero falar que padrões de beleza, são bem contados para eles. Tenho olhos azuis e sou loira de cabelos cacheados... e eu era uma das que mais era explorada lá.

Eu: Explorada para trabalho físico ou sexual?

Eduarda: Sexual. E ajudava as meninas maiores com o serviço, fazer comida e outras tarefas.

Eu: Tinha afrodescendentes nesse lugar? Crianças?

Eduarda: Não. Tinha uma que era morena, mas não negra.

Eu: Os abusadores eram afrodescendentes?

Eduarda: Alguns sim.

Eu: Você acredita que todos abusadores, independentes da etnia, tinham preferência por crianças brancas e bonitas?

Eduarda: Sim, era horrível lá...

Eu: Nos cativos, todos tinham preferências pelas crianças brancas?

Eduarda: Sim, a maioria era branca e a idade contava também, entre 3 e 7 anos. A maioria preferia mais novas.

Eu: Nesse primeiro, você não foi abusada, certo?

Eduarda: No primeiro, era meio que uma família, era estranho, mas como eu nunca havia tido uma família tradicional, eu não sabia o que acontecia, nesse lugar, fiquei até uns 4 anos e pouco. Eu era muito pequena, na verdade, nem sei se houve relação no primeiro, nos pegaram de um, nos colocaram em uma vã e andamos por muito tempo.

Eduarda: No segundo, depois que moveram as crianças pra fugir da polícia, me lembro que tinha uma menina, que na época eu não sabia, mas que era doente mental, ela não sobreviveu, alguns meninos tiveram que enterrar ela.

Eu: Tinha mulheres que ajudavam os pedófilos no segundo?

Eduarda: Sim. Eram enfermeiras, coisas do tipo. E no primeiro também, tanto é que fui sequestrada na maternidade.

Eu: Acredita que foi uma enfermeira que facilitou a sua venda no hospital?

Eduarda: Com certeza.

Eu: Como saíram do segundo?

Eduarda: Um menino fugiu, pediu ajuda e a polícia chegou e nos levou ao hospital, onde conheci minha mãe adotiva atual.

Eu: Você acredita em Deus?

Eduarda: Acredito...tanto é que tentaram me matar com uma espingarda...mas a bala não saiu e foram ver as balas sumiram acho que alguém roubou, mas foi Deus quem me salvou. Agradeça a Deus por não ter passado por isso.

Eu: Os pedófilos foram presos quando a polícia chegou?

Eduarda: Alguns dos pedófilos fugiram e outros foram presos.

Eu: Eu imagino o quanto difícil é para você falar sobre isso, e agradeço imensamente, só tenho mais uma pergunta, o que você espera da justiça contra pedófilos?

Eduarda: Eu espero pena de morte, no mínimo prisão perpétua, mas acho que sustentar pedófilos na cadeia não é justo, deveriam morrer de fome no mínimo. Qualquer coisa é só pedir, não sofro mais tanto em falar do passado, é algo que não gostaria de mudar, já que conheci minha família gigante, somos em 8 hoje.

Eu: Agradeço demais pelo seu tempo e fico feliz que esteja em uma boa família.

Eduarda: Gosto de falar mais do presente, mas quero que outras meninas que passam por isso e ainda não falaram que não tenham medo de contar, por isso que estou contando, porque a culpa não é delas, não precisam ter vergonha ou nojo do próprio corpo.

Eu: Obrigada e uma ótima noite!

Eduarda: Pra você também, e faça um ótimo trabalho! Com certeza, você irá mudar a vida de alguém.

Depoimento 14 – Codinome Aline (RS)

“Gostaria que colocasse meu nome como Aline, se já tiver alguém com esse codinome pode ser Alessandra ou qualquer coisa com A.”

“Eu gostaria de agradecer, não fui vítima, mas quase fui, eu já tinha começado a ler seu livro quando meu filho pediu pra ir em uma excursão da escola e passar um final de semana fora, ele já tinha ido antes, mas dessa vez, depois de ler tudo que li, disse que não, ele ficou doido, pois já tinha deixado outras vezes, mas eu fui firme e não deixei.”

“Acontece que uma semana depois desse passeio, um professor que foi nessa excursão, foi preso por pedofilia, até saiu na televisão local daqui, na hora eu senti minha alma saindo do corpo, poderia ter sido meu filho, ele foi preso por abusar de um sobrinho, ainda não sei se aconteceu algo no tal passeio, mas poderia acontecer. Agradeço muito viu, depois desse livro, minha vida nunca mais vai ser a mesma, e graças a Deus, nunca vou saber se meu filho poderia ter sido violentado, tudo por ter lido e dito não!”

“Muito sucesso e espero que muitas outras mães também repensem seus atos e muitos outros casos sejam evitados. Aline, RS.”

Depoimento 15 – Codinome Fernanda (SC)

“Fui abusada em minha infância, meu irmão e eu, tínhamos 9 e 10 anos, até hoje eu não consigo imaginar minha vida dia-a-dia com um homem, tenho uma filha e tenho relacionamentos, mas nunca em minha casa e nem deixo que a conheçam, sei que nem todo homem é pedófilo, mas não será com minha filha de cobaia que irei descobrir em quem devo confiar. Acho que quando se escolhe ter um filho, você perde o direito de ter um novo relacionamento, imagino que muitas pessoas irão ficar revoltadas, mas se você tem o direito a um novo relacionamento, seus filhos também têm direito a nunca serem violentados e isso você não pode garantir, a criança não tem nenhum poder de escolha, fica sujeita a escolha da mãe. Eu NUNCA vou colocar um homem dentro da minha casa, ao menos não, até que minha filha seja maior de idade e se mude. Eu não quero que ela viva o que eu e meu irmão vivemos, e se eu tivesse um filho pensaria da mesma forma, não ia achar que por ser menino poderia me casar de novo, eu vi e vivi horrores com meu irmão, então sim, me deixou trauma, e não tem psicólogo ou psiquiatra que me faça confiar em alguém novamente, por mais que a pessoa pareça legal.”

BLOCO VIII

O QUE VOCÊ PRECISA ENTENDER

Todo psicopata é um assassino em série ou mesmo um assassino.

Mentira. A professora de psicologia e comportamento social Jennifer Skeem (Universidade da Califórnia) diz que nem todos psicopatas demonstram agressividade ou mesmo cometem crimes, ela estima que **uma a cada trinta pessoas** possam ser psicopatas, onde nos daria em média cinco milhões de psicopatas vivendo atualmente só no Brasil. Uma vez a psicopatia associada a alguma outra patologia, como esquizofrenia, Transtorno Esquizofreniforme, Transtorno Esquizoafetivo, Transtorno Delirante, etc. Ou ainda associada ao uso de entorpecentes, exige-se ainda mais cautela no convívio com esses indivíduos. Maioria dos psicopatas têm consciência sobre o que é certo e o que é errado, fazendo com que evitem cometer crimes, exatamente para não sofrerem a punição legal, no entanto, nada impede que eles invadam suas vidas, assim como colegas de trabalho que sem nenhum escrúpulo passam por cima de quem estiver em seu caminho para conquistar o cargo que lhes interessa, ou ainda os que invadem sua vida amorosa por um capricho, desmanchando milhares de famílias.

O psicopata não tem sentimentos.

Mentira. Uma pessoa que não tem sentimentos é alguém em estado vegetativo, e não oferece nenhum perigo, o mito que psicopata não tem sentimento ficou impregnado na população e dificilmente pessoas refletem sobre isso, e essa reflexão é fundamental para se proteger contra uma possível convivência com um psicopata, seja ele um potencial assassino ou não. Entenda que o psicopata tem sim sentimentos, no entanto os sentimentos giram em torno somente dele próprio, por exemplo, um psicopata pode sofrer, chorar, sentir ódio, raiva e tristeza por perder aquele emprego que ele gostava, ele JAMAIS vai sentir quaisquer desses sentimentos por um colega de trabalho ou mesmo membro da família que esteja sofrendo.

Com isso, fica bem claro que eles não sentem empatia, a partir de hoje, não

diga que um psicopata não tem sentimentos, diga que um psicopata não tem sentimentos pelo próximo. Se um psicopata não tivesse sentimentos, ele não seria uma ameaça, pois ele não sentiria o desejo de possuir sexualmente uma pessoa, não teria inveja do seu carro novo, não procuraria se destacar na vida profissional, conseguem perceber a diferença? Por isso, antes de colocar seu novo amigo ou sua amiga para conviver com seus filhos, procure observar se ele/ela tem sentimentos para com outras pessoas.

Três em cada 10 adultos (homens e mulheres) já sofreram algum tipo de abuso sexual durante a infância.

É importante ressaltar que é mais raro (não impossível) seu filho/filha sofrer abuso sexual de uma pessoa completamente desconhecida, ser vítima de um predador sexual, que por uma infeliz coincidência cruze seu caminho. Geralmente os pedófilos estão dentro da própria casa e são parentes da criança. Uma reportagem feita pela TV Vilhena (afiliada da Rede Globo) junto ao Programa Sentinela, mantido pela prefeitura, aponta que 90% dos casos de abusos ocorreram dentro da própria residência da vítima, pais, avós, tios, primos, padrastos são os mais recorrentes.

Dados apresentados pelo deputado Luiz Eduardo Greenhalgh (PT), à embaixada norte-americana em Brasília dão conta que 52% desses sites tratam de crimes contra crianças com idades que variam de 9 a 13 anos e 12% deles expõem até crianças de zero a três meses. (Diário de Pernambuco)

Não é necessário se aprofundar nas camadas da *Deep web*, a qual tem sido monitorada constantemente pela polícia federal e FBI, em busca de atividades ilegais como a pedofilia, infelizmente temos acessos a pornografia infantil aqui mesmo, onde chamam de *Surface*, embora existam equipes treinadas e dedicadas para acabarem com a pornografia na internet, aparentemente os números de sites ilegais se multiplicam muito mais rápido do que são descobertos, logo, não deixe de checar o que seus filhos andam fazendo, pedófilos estão em toda a parte e não é porque você se certificou que não existe um dentro de sua própria casa que pode esquecer seu filho a noite toda navegando.

Segundo dados da PF (Polícia Federal), a cada dez pedófilos, um é mulher. (Fonte R7 notícias)

Parece absurdo, mas sim, existem mulheres pedófilas, que podem procurar por meninos ou meninas, inclusive em uma reportagem do R7 é narrada um caso de uma menina que foi abusada por uma babá.

O número de violência doméstica contra crianças e adolescentes tem crescido de forma assustadora.

Não, apenas, agora temos mais acessos as informações, se buscarmos por exemplo a Idade Média, crianças eram consideradas apenas as que estavam na fase de amamentação, após esse período eram diferenciadas dos adultos apenas pela inexperiência e incapacidade de executar as mesmas tarefas, consideradas como adultos em miniatura, trabalhavam nos mesmos locais e eram tratadas da mesma forma. (Portal educação em um artigo psicológico).

A culpa é sempre da vítima.

É o que a maioria dos pedófilos irão afirmar, que foram seduzidos, aliciados, vemos nessa frase ainda o pensamento medieval, onde as crianças tinham as mesmas capacidades dos adultos, em momento algum era considerado as necessidades psicológicas e complexas da infância.

Pedófilos não costumam tratar a criança como criança, mas sim como um adulto, muitos alegam que foram seduzidos, ou seja, sentem desejos sexuais por crianças e basta ser criança para “atraí-lo”. Dificilmente teu filho/filha será violentado em um primeiro contato com o pedófilo, pedófilos levam anos até se manifestarem, eles conquistam a confiança da criança, e muitas vezes elas acabam cometendo atos que não fazem a menor ideia que seja uma contribuição a pedofilia, como por exemplo, tirar fotos sem roupas em um dos depoimentos que tivemos.

Crianças são inocentes e se ela for criada vendo os pais nus dentro de casa, elas não irão achar essa postura anormal, ela vai achar anormal a partir do momento que um dos pais começar a se exhibir sem roupas à sua frente enquanto o outro não.

Cuidado com o que ensinamos a nossas crianças, a maldição do “jeitinho brasileiro” é o maior contribuinte para a pedofilia, coisas como, “isso não tem

problema”, acabam criando algo maior, se aquele tio foi preso traficando drogas, mas ele é uma “boa pessoa” e “não tem nada demais”. Por que a criança acharia “algo demais” quando esse tio dissesse que estava com muito calor e resolvesse ficar nu?

Conseguem entender meu ponto de vista? As crianças precisam estar cientes do que pode ou o que não pode, elas serão seus maiores ajudantes em detectar um agressor camuflado, supondo que você seja um pai ou mãe responsável, que já checkou antecedentes criminais do seu parceiro/sua parceira, já observou como ele/ela olha e trata a criança, investigou sua família e amigos e acredita que seja uma pessoa confiável, ainda assim seus filhos devem ser informados sobre condutas que são inapropriadas, não tem outra maneira, não se pode poupar a criança, é exatamente com essa de “poupar” que os pedófilos encontram as brechas para realizarem seus desejos mais sombrios.

A criança precisa saber que não é normal um parente pedir para acompanhá-los ao chuveiro, por exemplo, não é normal trocar um doce por uma foto sem roupa, não é normal pedir a criança para tocar as partes íntimas, a criança precisa saber desses exemplos.

Eles também precisam estar cientes sobre a abordagem de intimidação, eles precisam saber que serão ameaçados ou suas famílias, é natural para as crianças terem medo, elas são criadas a base de ameaças, “se fizer isso de novo, você vai apanhar”, “se você não obedecer, vou contar a teu pai”, “se você não se comportar, vai ficar de castigo”, esses são apenas alguns exemplos, um pedófilo irá dizer que se elas contarem, irão apanhar, serão torturadas, mortas ou ainda perder os pais, obviamente as crianças ficarão caladas e nesse ponto você terá que observar o comportamento das vítimas, que costumam ficar agressivas ou silenciosas e isoladas, aparentam medo próximo ao abusador, etc. Mas não queremos chegar a esse ponto.

Queremos que as crianças nos ajudem a identificar esse comportamento inadequado, não custa nada perguntar a seus filhos, de uma maneira natural, sem traumas e sem escândalos, como aquele professor/a trata os alunos. “O tio/tia” é legal? Eles são carinhosos? Abraçam? Beijam? Pedem pra você sentar no colo?

“Sim, eu já sentei no colo.” (Acenda o sinal de alerta)

“Não, eles apenas colocam a mão na minha cabeça.” (Por enquanto, desligue o sinal)

Nunca teu cuidado será demais, não é porque alguém não mostra

comportamento impróprio que será sempre assim.

Alguns pedófilos gostam de crianças (bebês) antes mesmo “do corpo tomar forma”, como crescimento dos seios, pênis e saco escrotal, existem pedófilos que preferem as crianças que estão começando a desabrochar, na altura dos 10 anos, existem ainda os que preferem as “ninfetas”, garotas de 13, 14, 15 anos e não importa que temos crianças de 9 anos se prostituindo, isso ainda é um crime e seu filho não precisa ser tratado como um profissional do sexo.

Em qualquer idade, nossos filhos estão em risco, sabe aquele ditado que depois de ser mãe você nunca mais será capaz de dormir? É exatamente assim que funciona, mãe e pai, pois existem pais que valem mais que muitas mães, existem homens melhores que muitas mulheres, então se você é um pai/mãe consciente e responsável, você nunca mais irá dormir.

Pare com essa mania de “Não aceite doces de estranhos”, você precisa cuidar dos conhecidos também, use exemplos com os quais os pedófilos irão tentar enganar seus filhos, animais são inúmeras vezes usados, um cachorrinho é uma ótima isca para levar uma criança para dentro da casa de um pedófilo, pedófilos não são mentalmente incapazes, não pensem que eles não sabem o que agrada as crianças ou mesmo os pais das crianças, eles irão se aproximar de forma gentil, conquistadora. (Assista o filme “O quarto de Jack”, Oscar 2015 de melhor atriz, a personagem é sequestrada e estuprada por vários anos em um cativeiro por ter sido ludibriada por um criminoso que usou a desculpa de um cachorro).

Uma cabeleireira uma vez me disse não confiar seu filho de 6 anos nem com o próprio irmão. O irmão dela era pedófilo? Já tinha dados sinais? Tinha um histórico de crime? Não, não e não. Mas com essa postura ela protegeu seu filho, caso isso um dia viesse a acontecer, desconfiar de todos, absolutamente todos é o que precisamos, só assim deixaremos de contribuir para a facilitação ao acesso que os pedófilos têm às nossas crianças.

Sem paranóia, sem tornar tua vida um inferno, mesmo antes de um abuso acontecer, não é tão difícil checar, observar, buscar histórico e familiares das pessoas que convivem com seus filhos e sempre, sempre, mantenha a criança informada, faça uso do diálogo, façam com que sejam seus informantes.

Concluimos que a pedofilia é um círculo vicioso, lembrando que um pedófilo sente atração por crianças, mas não é necessariamente um molestatador, o pedófilo não consegue evitar seu desejo e algumas vezes chega a sofrer com isso, já o molestatador não, ele escolhe tocar, estuprar, torturar e em alguns casos até assassinar a vítima.

Uma vez que uma criança passe por uma infância traumática e seu estado psíquico evolua para a pedofilia e ou psicopatia, ela fará mais vítimas e essas vítimas também irão fazer mais e mais vítimas, se uma vítima fizer cinco outras vítimas ao longo de sua vida (o que seria um número extremamente baixo) e cada uma das cinco fizer mais cinco, teremos então 31 pedófilos a solta, psicopatas a solta, quanto mais molestadores, mais futuros criminosos teremos e se pensarmos em dados reais, seria realmente assustador.

Nem toda criança se transforma em pedófilo ou psicopata após ser violentado, principalmente dependendo das circunstâncias que acontecerem, sendo de um estranho, tendo sido criado com amor e dedicação pelos pais, dificilmente essa criança desenvolverá a psicopatia, embora não fique indiferente ao trauma, mas **O QUE VOCÊ PRECISA ENTENDER**, é que se o trauma acontecer dentro de sua casa, no local onde essa criança deveria se sentir segura, através de um dos pais ou familiares que deveria guiá-la e cuidá-la com amor e carinho, teremos 90% de chance de ter um ser humano perdido para a psicopatia.

Este livro não foi feito para você que é vítima, pois não posso te oferecer nada, não se cura um trauma com livros, nada do que você ler vai apagar sua dor ou a situação a qual foi subjugada. Muito menos escrevi para molestadores, que não deixarão de abusar por ter lido, caso venham a ler.

Este livro foi escrito para você que é pai, mãe, responsável, para que não deixe seu filho acessível à pedófilos, que crie uma criança de forma correta, para que ela não seja um pedófilo ou psicopata no futuro, se você não tem capacidade de amar, não tenha filhos, pobreza não é desculpa, necessidades básicas não é desculpa, e no entanto, o mais difícil em se criar uma criança, a alimentação, educação e outras necessidades básicas são completamente insignificantes, quando comparadas a dificuldade que os pais têm em criar uma criança com a mente sadia.

Leve seus filhos aos psicólogos, não vejam esses profissionais como uma instituição para doentes mentais, esses profissionais são facilitadores e organizadores de emoções e sentimentos, eu não conheço nenhum caso de uma criança ter ficado mentalmente abalada por ter sido levada a um psicólogo, muito pelo contrário, muitas se tornam incapazes de ter sentimento por não ter tido a oportunidade de escoar certos acontecimentos, não espere seu filho “precisar” de um psicólogo. Não estou falando em levar teu filho/filha para a terapia toda semana ou todos os meses, durante anos, isso seria como dizem por aí: “procurar cabelo em ovo”, leve a criança uma vez e veja

o que o profissional tem a dizer, caso nada seja necessário, ele ou ela irá dispensar seus cuidados, particularmente, minha filha foi levada aos cinco anos de idade, ficou apenas um mês com a psicóloga e foi dispensada, não deixem seus filhos pensarem que uma das poucas fontes de ajuda é algo pejorativo, isso desencadeia uma enxurrada de emoções e o acúmulo das mesmas só irá prejudicar seu crescimento e desenvolvimento.

Não existe desculpa para criar um psicopata, se você não é mentalmente capaz de criar uma criança com tudo que ela necessita, evite ter filhos, caso aconteça, ainda existe a opção de colocá-la para adoção, uma criança doada e criada por pais que as amem, tem menos chance de se tornar um psicopata, do que uma criada em uma família que não a quer e que toma sua presença como um incômodo.

Eu nunca quis ter filhos e minha filha foi realmente um incrível “acidente”, isso não quer dizer que não a ame e que não mudei meu estilo de vida por ela, uma comparação talvez banal, mas será acessível a todas as pessoas que chegaram até aqui: “Não é porque não tem o emprego de seus sonhos, que não possa executar o seu atual de forma honesta, justa e satisfatória”.

Enquanto você não for atestado como mentalmente incapaz de tomar decisões, a culpa dos próximos psicopatas que venham a se formar, é exclusivamente sua!

FIM

AGRADECIMENTOS:

Agradeço imensamente aos meus leitores que me apoiaram e acompanharam essa jornada, mesmo eu tendo mudado de forma tão drástica minha linha de escrita. Os que já acompanham e compram meus livros, sabem que Ciclos Eternos é uma série classificada na Literatura Fantástica e passando para uma linha totalmente oposta e real, assim, estaria colocando em risco meu público. Fui muito bem recebida e com elogios incríveis.

Não teria como agradecer cada pessoa separadamente, mas sintam-se cada um de vocês, abraçados e agradecidos por mim.

Agradeço à cada uma das vítimas que se colocaram à disposição para contar suas histórias.

Agradeço ao apoio do **Marcos** (Perito Criminal Federal) que me auxiliou nas montagens das cenas e relatos do dia-a-dia em sua carreira.

Agradeço aos doutores em Direito, **Deivid Willian dos Prazeres** e **Alexandre Moraes Rosa**, que foram extremamente gentis e solícitos a colaborarem com esse livro.

Agradeço a **Dra. Ieda Benedetti** pela gentileza em me receber em seu consultório e dividir comigo um pouco do seu conhecimento. E agradeço principalmente a você que está lendo esse livro e não irá permitir que nenhuma criança mais seja abusada.

Links para denúncia:

Safernet: <http://www.safernet.org.br>

Polícia Federal: <http://www.dpf.gov.br>

E-mail: crime.internet@dpf.gov.br

Ministério Público Federal: <http://www.prsp.mpf.gov.br/aplicativos/digi-denuncia>

Disque 100: <http://www.disque100.gov.br/>

Disque-denúncia (SP): Telefone: 181

Todos contra a pedofilia: www.todoscontraapedofilia.com.br



EMPODERAR

OBRAS DE CAROLINE FACTUM

Ciclos Eternos – Submundo (Fantasia)

Ciclos Eternos – Superfície (Fantasia)

Ciclos Eternos Vol. 3 – Corredor – Sombras & Alucinações (Fantasia)

Como Fazer Dieta (humor)

Como Amam os Deuses (Fantasia)

Carpe Noctem (romance policial)

Colecionador de Almas (Policial) (nota 4.8 em uma escala de 0 a 5 no prêmio Mark Wertz).

Deixe seu comentário no Amazon, SKOOB, e outras redes sociais. Marque a autora e ela terá o maior prazer em te responder nos comentários para agradecer.

Fale Conosco:

Instagram/Facebook/E-mail/Site

@CarolineFactum

@EmpoderarEditora

empoderareditora@gmail.com

www.empoderareditora.com.br

<http://cicloseternos.com/Livraria/>

<https://www.facebook.com/seriecicloseternos/>

<https://www.wattpad.com/user/carolinefactum>

REFERENCIAS:

https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndice_da_Maldade
<http://www.nazafm.com/noticias/policia-federal-aponta-que-76-dos-pedofilos-do-mundo-estao-no-brasil/>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Adolfo_Constanzo
<http://murderpedia.org/male.C/c/constanzo-adolfo.htm>
<http://oaprendizverde.com.br/2016/02/13/narco-satanicos-adolfo-de-jesus-constanzo-o-padrinho-da-morte/>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Andrei_Chikatilo
<http://www.biography.com/people/andrei-chikatilo-17169648>
<http://www.issoebizarro.com/blog/serial-killers/andrei-chikatilo-alexander-pichushkin/>
https://en.wikipedia.org/wiki/Leonard_Lake
<http://noitesinistra.blogspot.com.br/2013/05/leonard-lake-e-charles-ng-assassinose.html#.V7MBZVsrLIU>
http://www.liveleak.com/view?i=fb0_1350665291
https://en.wikipedia.org/wiki/David_Parker_Ray
<http://modernnotion.com/the-toy-box-killer-the-horri-fying-murders-of-david-parker-ray/>
<http://thinkingaboutphilosophy.blogspot.com.br/2012/10/david-parker-rays-audio-tape-transcript.html>
<http://medob.blogspot.com.br/2012/05/david-parker-ray-o-assassino-da-caixa.html>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Dennis_Rader
<http://dennisraderbtk.blogspot.com.br/>
<http://www.issoebizarro.com/blog/serial-killers/dennis-rader-assassino-btk/>
<http://www.biography.com/people/edmund-kemper-403254>
<http://murderpedia.org/male.K/k/kemper-edmund.htm>
<http://www.dailymail.co.uk/news/article-3442742/American-Psycho-inspiration-Edmund-Kemper-killed-dismembered-six-young-women-murdering-grandparents-mother-happy-jail-never-wants-released.html>
https://en.wikipedia.org/wiki/Ed_Gein
<http://www.biography.com/people/ed-gein-11291338>
<http://www.issoebizarro.com/blog/serial-killers/ed-gein/>
<http://oaprendizverde.com.br/2011/05/04/serial-killers-o-pai-do-terror/>
https://en.wikipedia.org/wiki/Gary_M._Heidnik
<http://noitesinistra.blogspot.com.br/2014/05/gary-heidnik-o-maniaco-da-casa-dos.html#.V6nOZVsrLIW>
<http://murderpedia.org/male.H/h1/heidnik-gary.htm>

<http://www.biography.com/people/hh-holmes-307622>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/H. H. Holmes](https://pt.wikipedia.org/wiki/H._H._Holmes)
<http://www.history.com/this-day-in-history/a-serial-killer-is-hanged>
<http://noitesinistra.blogspot.com.br/2014/10/ian-brady-e-myra-hindley-moors-murders.html#.V6tgoFsrLIU>
https://en.wikipedia.org/wiki/Moors_murders
[http://criminalminds.wikia.com/wiki/Ian Brady and Myra Hindley](http://criminalminds.wikia.com/wiki/Ian_Brady_and_Myra_Hindley)
<http://www.biography.com/people/ian-brady-17169718>
[https://en.wikipedia.org/wiki/Jim Jones](https://en.wikipedia.org/wiki/Jim_Jones)
<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/por-que-mais-de-900-pessoas-se-mataram-por-causa-deste-homem.html>
<http://www.pbs.org/wgbh/americanexperience/features/biography/jonestown-bio-jones/>
https://en.wikipedia.org/wiki/Jeffrey_Dahmer
<http://www.biography.com/people/jeffrey-dahmer-9264755>
<http://www.history.com/this-day-in-history/cannibal-and-serial-killer-jeffrey-dahmer-is-caught>
<http://www.issoebizarro.com/blog/serial-killers/jeffrey-dahmer/>
[https://en.wikipedia.org/wiki/Jeffrey Lundgren](https://en.wikipedia.org/wiki/Jeffrey_Lundgren)
<http://www.biography.com/people/jeffrey-lundgren-14467539>
<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1323105-5602,00-EXPASTOR+EXECUTADO+PELO+ASSASSINATO+DE+UMA+FAMILIA+EM.html>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/John Edward Robinson](https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Edward_Robinson)
<http://www.vanityfair.com/news/2001/06/jr-robinson-serial-killer>
<https://www.serialkillerquarterly.com/skq-review/welcome>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/John Wayne Gacy](https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Wayne_Gacy)
<http://www.prairieghosts.com/gacy.html>
<http://noitesinistra.blogspot.com.br/2013/07/john-wayne-gacy-o-palhaco-assassino.html#.V7MV2lsrLIU>
<http://murderpedia.org/female.N/n/neelley-judith.htm>
[https://en.wikipedia.org/wiki/Alvin and Judith Neelley](https://en.wikipedia.org/wiki/Alvin_and_Judith_Neelley)
<http://unknownmisandry.blogspot.com.br/2014/06/judith-neelley-sadistic-pervert-serial.html>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul Bernardo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Bernardo)
<https://darkerinthelight.wordpress.com/>
<http://murderpedia.org/male.B/b/bernardo-paul.htm>
<http://www.biography.com/people/richard-the-iceman-kuklinski-21360091>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Richard Kuklinski](https://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Kuklinski)
<http://noitesinistra.blogspot.com.br/2014/02/assassino-da-mafia-richard-iceman.html>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Theresa Knorr](https://pt.wikipedia.org/wiki/Theresa_Knorr)
<http://murderpedia.org/female.K/k/knorr-theresa.htm>
<http://noticias.r7.com/hora-7/fotos/familia-assassina-mae-tortura-e-mata-as-duas-filhas-e-transforma-os-garotos-em-verdadeiros-monstros-04122014>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tommy Lynn Sells](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tommy_Lynn_Sells)

<http://abcnews.go.com/US/convicted-serial-killer-tommy-lynn-sells-executed-texas/story?id=23184667>

<http://abcnews.go.com/US/convicted-serial-killer-tommy-lynn-sells-executed-texas/story?id=23184667>

<http://themurderersworld.blogspot.com.br/2013/07/westley-allan-dodd.html>

<http://bloodyserialkiller.blogspot.com.br/2008/08/westley-allen-dodd-child-serial-killer.html>

http://articles.chicagotribune.com/1993-01-07/news/9303151248_1_westley-allan-dodd-walla-walla-state-penitentiary-pamphlet

<https://www.theguardian.com/us-news/2016/may/26/black-dahlia-murder-steve-hodel-elizabeth-short>

<http://www.crimemagazine.com/murder-black-dahlia-ultimate-cold-case>

<http://www.nbcnews.com/news/us-news/ex-cop-cites-new-evidence-his-dad-was-black-dahlia-n119861>

<http://www.issoebizarro.com/blog/serial-killers/os-maiores-serial-killers-brasileiros/>

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG75627-5856-441,00-OS+SERIAL+KILLERS+BRASILEIROS.html>

<http://murderpedia.org/male.C/c/cassimiro-andre.htm>

<http://noitesinistra.blogspot.com.br/2014/05/adriano-da-silva-o-monstro-de-passo.html#.V626U1srLIU>

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR62111-6061,00.html>

<http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL895503-16021,00-PRESO+PRINCIPAL+SUSPEITO.html>

<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,com-frieza-matador-de-taxistas-diz-que-nao-sabe-total-de-crimes,20040912p15314>

<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/nosso-primeiro-serial-killer-434239.shtml>

<http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2013/3261-estudantes-de-direito-da-ufc-realizam-segunda-feira-mais-um-juri-simulado>

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u91648.shtml>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Edson_Izidoro_Guimar%C3%A3es

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI185962-15223,00-O+ENFERMEIRO+DA+MORTE.html>

<https://78vitimas.wordpress.com/2011/11/29/eudoxio-donizeti-bento/>

http://www.jcnet.com.br/editorias_noticias.php?codigo=21262&ano=2000&p=

https://pt.wikipedia.org/wiki/Febr%C3%B4nio_%C3%8Dndio_do_Brasil

<http://redeglobo.globo.com/Linhadireta/0,26665,GIJ0-5257-215960,00.html>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Man%C3%ADaco_do_Trianon

<http://revistaladoa.com.br/2011/02/noticias/caso-maniaco-trianon-sobre-miche-que-matava-clientes-investigado-por-documentario>

<http://redeglobo.globo.com/Linhadireta/0,26665,GIJ0-5257-215805,00.html>

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/12/relembre-9-casos-de-assassinos-que-chocaram-o-pais-com-seus-crimes.html>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_das_Chagas_Rodrigues_de_Brito
<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2014/03/assassino-dos-emascuados-e-condenado-mais-108-anos-de-prisao.html>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Man%C3%ADaco_do_Parque
<http://noitesinistra.blogspot.com.br/2015/10/francisco-de-assis-pereira-o-maniaco-do.html>
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u41012.shtml>
<http://www.fatosdesconhecidos.com.br/a-historia-assustadora-do-lucifer-brasileiro-o-serial-killer-que-tatuava-suas-vitimas/>
<http://csinatal.blogspot.com.br/2012/09/jose-da-paz-bezerra-o-monstro-do-morumbi.html>
<http://misteriosdomundo.org/o-acougueiro-que-fazia-linguica-com-carne-humana/>
<http://www.megacurioso.com.br/historias-macabras/40045-terror-tupiniquim-5-serial-killers-brasileiros.htm>
<http://f5.folha.uol.com.br/saiunonp/2014/08/1502957-vampiro-e-playboy-de-45-anos-encerram-a-serie-crimes-do-seculo.shtml>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcelo_Costa_de_Andrade
<http://www.mprs.mp.br/imprensa/noticias/id12042.htm>
http://srv-net.diariopopular.com.br/28_02_02/ag270201.html
https://pt.wikipedia.org/wiki/Preto_Amaral
<http://www.museudeimagens.com.br/preto-amaral-primeiro-assassino-serie/>
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u71573.shtml>
<http://lizzabathory.blogspot.com.br/2012/12/wanderley-antonio-dos-santos-o-mestre.html?view=mosaic&m=1#!>
<http://hypescience.com/psicopatas-sao-perigosos/>
<http://www.psychologicalscience.org/index.php/news/releases/psychopathy-a-misunderstood-personality-disorder.html>
<https://www.abcdasaude.com.br/psiquiatria/esquizofrenia-e-outros-transtornos-psicoticos>
http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/08/17/interna_vidaurbana,592228/brasil-o-pais-da-pedofilia.shtml
<http://noticias.r7.com/cidade-alerta/videos/baba-e-acusada-de-abusar-de-menina-de-dez-anos-em-manaus-am-18052016>
<http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/26666/historico-do-desenvolvimento-da-infancia-desde-a-idade-media-ate-os-dias-de-hoje>

^[1] Sigla para "*Bind, Torture, Kill*", amarrar, torturar e matar, o assassino em série estadunidense Dennis Lynn Rader matou 10 pessoas entre 1974 e 1991, suas vítimas eram aleatórias, homens, mulheres e crianças, todas estranguladas. Desafiou a polícia mandando fotos e interagindo sobre seus crimes, ao ser capturado, não mostrou arrependimento e demonstrou orgulho dos seus feitos.

^[2] Fgf Traduzido como assassino do rio verde, confessou matar 48 mulheres e desovar seus corpos em um rio de mesmo nome. Gary Leon Ridgway atacava somente prostitutas e levou 19 anos para ser condenado, durante o julgamento, mostrou arrependimento ao ouvir os familiares das vítimas.